

BUTTONS: BOOK ONE



BUTTONS & LACE

HER DEBT. HIS DESIRE.



PENELOPE SKY

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

BUTTONS: BOOK ONE



BUTTONS & LACE

HER DEBT. HIS DESIRE.



PENELOPE SKY



Disponibilização: Flor de Lótus

Tradução: Asli

Revisão: Angel

Revisão Final: Maura

Leitura Final: Mara

Formatação: Flor

Buttons & Lace

Buttons #1

Penelope Sky

Eu tenho uma dívida.

Uma grande.

O pagamento não pode ser liquidado com dinheiro ou favores.

Ele só quer uma coisa.

Eu.

Toda ação recebe uma recompensa. Um botão. Depois de encher seu pote com trezentos e sessenta e cinco botões, ele me libertará.

Ele vai me deixar ir embora.

Mas tenho que ganhar cada um.

Ao me submeter ao homem mais sombrio, cruel e bonito que já conheci.

**** ALERTA DE GATILHO ** Existem algumas cenas sombrias e perturbadoras de abuso e punição.**

A Kris Kendall,

Eu vim aqui à procura de uma editora e em vez disso, encontrei um amigo para a vida. Não estaria aqui sem você, e eu nunca poderei agradecer todo o seu apoio.

Capítulo 1

Pearl

O inverno não dava moleza para cidade de New YORK. A neve, força colossal da natureza, aderiu aos arranha-céus e pulverizava as ruas com seus beijos gelados. A árvore de natal do Rockefeller Center ainda estava de pé e orgulhosa, mas rapidamente foi sendo coberta por um lençol branco.

A árvore de Natal estava na sala de estar, com uma sequência de luzes brancas enroladas. Sempre insisti em decorar o apartamento com uma árvore de verdade. O cheiro de pinho e natureza ao ar livre dava vida de verdade as festividades. Espalhava galhos de pinheiro no chão e era difícil de mexer, mas ainda valia a pena.

Segurei o enfeite na mão enquanto tentava encontrar um lugar para pendurá-lo. Estava pintado grosseiramente de vermelho e tinha uma foto colada no centro. Foi feito pelo Jacob quando ele tinha oito anos. Ele fez para um trabalho de escola e trouxe quando saiu da casa dos seus pais.

Foi difícil para eu entender o significado do Natal, porque nunca havia celebrado de verdade. Eu cresci em um orfanato e a única vez que fui adotada, meus pais adotivos, me devolveram em seguida, quando perceberam que ter outro filho era um peso financeiro excessivo. Isso aconteceu poucos dias antes do Natal.

Alguém bateu à porta e eu quase deixei o enfeite cair no chão. Se tivesse caído no chão e quebrado, eu nunca seria capaz de me perdoar. Jacob lembrava da sua infância com carinho. Ele tinha dois pais carinhosos que o adorava e uma irmã com quem ele sempre brigava quando tinha a oportunidade.

Coloquei o enfeite de volta na caixa antes de abrir a porta. Do lado de fora da porta estava parado um homem, vestindo uma jaqueta de couro preta. Ele tinha cabelos negros e liso devido a gordura, e as sobrancelhas cheias lhe davam uma aparência temível. O couro de suas botas brilhava por causa da neve derretida na calçada.

Ele entrou em casa como se fosse o dono do lugar.

— Onde está o Jacob?

—Escuta, espere um minuto. — Coloquei a mão no seu peito e o empurrei de volta para fora. — Não te convidei para entrar. Então,

mantenha sua bunda do outro lado da linha. —Ao empurrá-lo os meus pés ficaram sobre a tira de metal que separava a entrada da saída, do meu apartamento. Suas sobranceiras franziram ainda mais.

—Bem, como posso ajudá-lo? —Não o conhecia, mas estava claro que ele conhecia o Jacob.

—Quero ver o Jacob.

— O Jacob não está aqui agora. Quem é você?

— Uma merda que ele não está aqui. — O homem tinha um sotaque forte, italiano talvez —. Eu sei que ele está lá dentro. Diga a ele para sair, ou eu vou obrigá-lo a sair.

—É verdade, ele não está —eu falei irritada—. Ele está no trabalho. O que está acontecendo?

—Não é assunto seu. —O homem me lançou um olhar ameaçador antes de se afastar. — É melhor ele pagar. Ele não poderá fugir para sempre.

— Pagar o quê? —Coloquei a cabeça para fora para vê-lo ir embora.

—Simplesmente avisa para ele pagar o que deve, caso contrário ele pagará com a vida. É simples assim. —O homem continuou andando, sem diminuir o ritmo.

Entrei no apartamento e fechei o trinco da porta atrás de mim. Jacob lhe devia dinheiro? Por quê? Empréstimos por causa dos estudos? Ele me disse que já havia pago a mais ou menos um ano.

A menos que fosse uma mentira.

JACOB voltou para casa uma hora mais tarde do que ele costumava voltar do trabalho. Olhou rapidamente para a árvore de natal, mas não elogiou as luzes ou enfeites. Ele jogou a mochila sobre a bancada e imediatamente pegou uma cerveja da geladeira. Ele não parecia notar a minha existência.

—Eh... Alô?

Ele abriu a tampa e bebeu meia cerveja em um gole só.

Fazia semanas que o Jacob e eu não éramos mais os mesmos. Ele não me beijava mais quando chegava em casa do trabalho. O sexo era escasso, e quando fazíamos, terminava rápido e ele se afastava de

mim. Embora nós morássemos juntos, ele nunca estava realmente presente em todos os momentos. Sempre que eu perguntava o que estava acontecendo, ele me respondia que tudo estava indo perfeitamente bem.

—Olá.

Estava começando a ficar farta das suas atitudes. Não tinha muita paciência para suportar atitudes ruins . As pessoas precisavam aprender a superar os seus problemas e a continuarem com as suas vidas. Por mais que ele tivesse passado por tempos ruins , os meus haviam sido piores.

—Jacob, o que está acontecendo?

Em resposta, ele deu outro gole na sua cerveja.

—Você parece um zumbi quando está aqui. Não fazemos amor, e...

—Eu fui demitido. —Ele terminou de tomar a cerveja e jogou a garrafa vazia na pia. Fez um barulho forte até dar voltas e parar no cano. Ele se apoiou na borda da pia, sua jaqueta grossa estava coberta de neve.

Fiquei calada, porque suas palavras me deixaram intrigada. A demissão explicava o seu comportamento evasivo ao entrar pela porta, mas não explicava o porquê ele estava retraído durante o mês todo. Mas, aquele não era o momento para fazer perguntas.

Ele pegou outra cerveja da geladeira e girou a tampa.

— Vou tomar um banho. — Ele bebeu toda a cerveja antes de jogá-la na pia. Desta vez a garrafa explodiu, deixando cacos de vidro em todos os lugares. Ele saiu da cozinha e foi em direção ao corredor.

— Você gostaria de falar sobre isso? — O mau humor do Jacob me fez esquecer o homem estranho que veio ao apartamento. Aquilo Já não pareceu importante. E falar sobre assunto me faria parecer insensível.

Ele não virou. Me deu as costas, seus ombros eram largos e poderosos. Mesmo de costas, o Jacob tinha a aparência de um homem que não tinha nada em que acreditar. O desespero exalava dele como ondas radioativas, afetando tudo ao seu redor.

—Não.

Passou uma semana e o Jacob ficou em casa todos os dias.

Não tentou encontrar outro emprego. Ficava sentado em frente à televisão, bebendo cerveja o dia todo. O seu físico flexível em breve iria adquirir uma barriga de cerveja se continuasse daquele jeito.

Eu trabalhava como engenheira para a prefeitura da cidade. Meu trabalho era organizar as construções aos arredores da cidade . Fazia apenas seis meses que eu estava trabalhando, eu já havia feito um projeto de manutenção de algumas pontes. A maior parte do tempo eu trabalhava de dia, mas às vezes eu precisava ir trabalhar a noite.

Quando cheguei em casa naquele dia, precisei esconder a minha irritação. Jacob tinha transformado o apartamento em um chiqueiro. A pilha de garrafas de cerveja estava alta , e a lixeira estava transbordando. Ele não notou a minha presença quando entrei. Ele nunca notava quando eu entrava.

—Não sei se você sabe, mas, a pia não é uma lixeira. —Limpei a bagunça dele após um longo dia de trabalho e engoli as duras palavras que eu gostaria de falar.

—Sinto muito... Eu pretendia levar o lixo para fora. Retirei o saco de lixo e o joguei pela lixeira que ficava no final do corredor. Quando voltei, o Jacob ainda não tinha levantado a bunda para me dizer "oi". Em vez de esperar pelas boas vindas, abri a geladeira e procurei algo para comer. No Tupperware marcado tinha comida preparada para o Jacob... por sua mãe. Às vezes eu realmente a odiava.

Ele seria perfeitamente capaz de cozinhar para si mesmo, se ele quisesse sair do sofá. Quando ele estava passando por um momento ruim, ela o apoiava, tornando-o ainda mais vagabundo do que ele já era.

Isto já durou o tempo suficiente.

—Jacob, um cara estranho veio ao apartamento no outro dia. Disse que você devia dinheiro a ele, ou algo assim.

Jacob não reagiu. O único movimento que fez foi um desvio rápido dos olhos. Eles voltaram para a televisão quase imediatamente, como se aquela informação não significasse muito.

—Joguei poker uma noite dessas e não levei dinheiro comigo.

— Então você já o pagou?

—Sim, eu já resolvi isso.

Minha intuição dizia que ele estava mentindo. Ter vivido na rua durante a minha juventude e sobreviver em um orfanato me ensinou a ler as pessoas com uma precisão incrível.

—Porque ele deu a entender que você devia um monte de dinheiro. Aquele cara, media quase um e noventa e parecia perigoso. O homem não passou a impressão de ser o tipo de pessoa que se envolve com um “tipo “ como o Jacob .

Ele suspirou, e manteve os olhos grudados na televisão.

— Eu já te disse que eu resolvi isso.

Coloquei as mãos no quadril enquanto entrava na sala.

— Você está me contando tudo?

Jacob se sentou endireitando a postura e com um olhar inexpressivo.

— Quando você vai parar de me atormentar? Perdi meu emprego e você está me sufocando. Odeio quando você faz isso. —Jacob jogou o controle remoto e saiu pela a porta como um ciclone.

—Não estou te atormentando. —Fui atrás dele— Mas, você me passou a impressão de que não está me contando tudo.

Ele pegou o casaco e saiu.

—Já te contei tudo. Você está, ficando paranoica.

Passaram-se semanas e nada mudou.

O Jacob continuou com a sua depressão, isolado da realidade. Continuou deixando o apartamento feito um chiqueiro, pilha de pratos na pia e o mau cheiro das sobras de comida na lixeira.

Apesar da minha raiva, mordi a língua.

Em todo esse tempo que não fizemos amor, nos levou a uma abstinência sexual de dois meses. Eu não era viciada em sexo, mas precisava transar com regularidade. Caso contrário, ficava muito rabugenta. O fato do Jacob não me desejar simplesmente me irritava. Dormíamos na mesma cama, mas ele ficava em seu lado e eu ficava no meu.

Um dia, chegando do trabalho, alguma coisa tinha mudado. O apartamento estava limpo e a TV não estava ligada. O Jacob não estava sentado na frente da TV com uma cerveja na mão.

— Jacob?

Ele apareceu na sala com uma mochila pendurado no ombro.

— Tudo bem, querida?. —ele estava com um sorriso no rosto, o primeiro que eu via em muito tempo.

"E me chamou de querida."

Ele me envolveu com um braço e me beijou na bochecha. —Um momento, o que está acontecendo?.

— Por que está de bom humor?

— Consegui um emprego.

— Oh! Aquilo era maravilhoso. —Graças a Deus, porra.

Eu estava farta dele não parar de reclamar e engordar. Isso me fazia ter que limpar mais a casa, e o lugar foi rapidamente se tornando um ambiente hostil.

—Estou muito feliz por você. Qual é o trabalho?

—Sou o novo diretor de contas de uma empresa de investimentos. —Uau... isso soa muito bem.

—Começo na segunda-feira.

— Que maravilha. Você merece.

—O salário é fantástico, e inclui benefícios.

— Melhor ainda. —Olhei para a mochila que estava na mão dele —. O que é isso?

—Então é que eu estava pensando que poderíamos tirar umas férias, até que eu comece a trabalhar.

—Umas férias? —Nossa, adorei essa ideia dele.

—Nunca digo não para umas férias.

— O que acha das Bahamas? O clima é excelente no inverno e os voos são muito mais baratos.

Umas férias para qualquer lugar soava perfeito. Fazia um ano que nós não saíamos para lugar nenhum. Nossas últimas férias foram na Flórida, mas parecia ter acontecido há séculos.

— Nas Bahamas? —Não pude conter minha emoção— É

sério?

—Claro. —Seus olhos finalmente pareciam ter vida. Eu estava feliz e animada. Ele estava muito diferente do homem triste que vagava pelo apartamento nas últimas semanas.— Vamos parar em algumas ilhas. A primeira é St.Thomas.

Eu me joguei em seus braços e enrolei meu corpo ao seu redor.

—Nós iremos nos divertir muito.

Imediatamente o Jacob colocou os braços em volta do meu corpo e me aproximou dele. Seu corpo reagiu instantaneamente ao meu , e lentamente os seus lábios encontraram os meus. Foi o primeiro beijo que eu recebi em semanas. E foi maravilhoso, como costumava ser.

Ele me pegou pelos braços, levantando-me do chão e fomos para o pequeno quarto que compartilhávamos. As roupas caíram e nossos corpos nus estavam entrelaçados. Um segundo depois, ele estava dentro de mim e movíamos uníssimos na cama. Passei um tempo tão longo sem um pouco de ação, que sabia que eu iria gozar imediatamente. Não tinha nada a ver com as habilidades do Jacob. Eu simplesmente estava tensa. E estava certa. Finalmente tive um orgasmo que me inundou e me limpou. Era só o que eu precisava, depois daquelas semanas infernais.

Era só o que eu precisava.

Capítulo 2

Pearl

O complexo turístico era lindo. Sempre testávamos com os copos cheios. A areia parecia perfeita sob nossos pés descalços. O pôr-do-sol era ainda mais bonito do que o amanhecer. Tínhamos tudo o que alguém poderia pedir.

Era uma grande oportunidade para o Jacob eu reaviváramos nossa relação moribunda. No início, quando fomos viver juntos, estávamos loucamente apaixonados. Éramos um desses casais que não se desgrudava para nada . Mas ao longo do tempo, o romance havia morrido... e nos tornamos colegas de quarto. O sexo se tornou medíocre, na melhor das hipóteses. Eu peguei o Jacob várias vezes se masturbando no banheiro. Eu fingia estar apenas parcialmente ofendida. Mas talvez nossas férias mudasse tudo.

O sexo nunca foi comparado ao que eu lia nos livros. Quando o cara sabia exatamente o que fazer e como conseguir que uma hora do sexo fosse bem aproveitada. Eu não iria reclamar porque ele, por conta própria, não foi capaz de me dar um orgasmo . Pelo menos fazíamos sexo de vez em quando.

Ficamos no resort quase o tempo todo porque era "all inclusive"¹. Cocktails e comidas liberados e claro acesso ilimitado ao sol .

—Fiz uma reserva em um restaurante perto do cais. Ouvi dizer que é muito bom.

— Fora do resort? —Perguntei.

—Sim. Jacob fechou o colarinho da camisa, apesar da umidade e os vinte e sete graus que estava fazendo do lado de fora. —. Tem uma vista fantástica. Fica perto das baías onde os navios dos cruzeiros atracam . Nunca vi um pessoalmente. Deve ser legal.

Sempre ouvi coisas ruins sobre as região do cais. O cais sempre foi o lugar onde os turistas desembarcavam e se aventuravam pelo continente. Também era onde os mendigos e os ladrões encurralavam as pessoas desavisadas para pedir moedas ou roubar carteiras. Basicamente, é considerado uma armadilha para turistas.

—Estou animado. — Ele sorri para mim antes de se examinar no espelho.

Como o Jacob queria conhecer o cais , eu decidi engolir os meus protestos. Estaríamos juntos e tudo ficaria bem. Deixaria o passaporte e a carta de habilitação no hotel para que ninguém pudesse roubá-los.

Se alguém estivesse determinado a ficar com meu dinheiro, que ficasse. Também não era nada a mais do que dinheiro... — Eu também.

O JACOB não queria gastar dinheiro com táxi, então fomos caminhando para o restaurante. Me pareceu uma ideia estúpida, mas ele insistiu que não aconteceria nada. Nunca era ruim queimar algumas calorias extras, mas eu preferia gastar alguns dólares a mais em troca da conveniência.

De mãos dadas, chegamos ao restaurante sem incidentes e apreciámos um bom jantar. Eles nos deram uma mesa perto da janela, para que pudéssemos observar os barcos na baía. As palmeiras balançavam ao vento, e a água brilhava a luz da lua.

O restaurante era especializado em peixes e frutos do mar, e frutos do mar era uma das coisas que eu mais gostava. Pedi um Dourado acompanhado de um copo de vinho que o garçom recomendou. Jacob pediu uma bandeja de peixes e frutos do mar e é claro, lulas, sua comida favorita. Independente do restaurante ele sempre pedia lulas .

A vela no centro da mesa estava piscando, criando uma atmosfera romântica no restaurante mal iluminado. Estávamos cercados por outros casais, também de férias. Nosso relacionamento tinha mudado nos últimos dias, era algo que dava para sentir no ar. Estávamos mais perto um do outro, e nossa amizade estava mais forte. Durante um tempo eu tinha perdido a fé no nosso relacionamento, mas naquele eu comecei novamente a acreditar nele.

De repente o Jacob já não estava mais descontraído . Ele começou a se mexer sem parar na cadeira, mexia no cabelo e verificava o relógio. Olhou para o relógio umas cinco vezes em dois minutos.

— Esperam por você em algum lugar? —brinquei — Como? —ele respondeu surpreso.

—Você não para de olhar para o relógio... —Apontei para o pulso dele que estava apoiado sobre a mesa.

—Ah. —Ele colocou a mão debaixo da mesa, onde eu não poderia vê-la.— Estamos de férias, então eu não sei muito bem por que eu trouxe isso. —Jacob soltou uma risada forçada, que se transformou em uma tosse, pegou sua taça de vinho e bebeu como se fosse água.

Eu levantei uma sobrancelha, não sabia por que ele

estava agindo de uma forma tão peculiar.

— Tem certeza que você está bem?

—Claro. —ele tossiu e depois olhou para o final do restaurante.

Ele iria se declarar? Aquilo seria possível? Ele estava tão distante ultimamente que eu não tinha certeza se poderia acreditar. Nossa relação estava atravessando uma grande crise. Sim eu notei e ele também. Mas, qual outra razão ele poderia ter para se comportar de uma maneira tão rara?

Quando terminamos de jantar já estava completamente escuro lá fora. Os tons claros de azuis tinham desaparecido completamente da linha do horizonte. As nuvens com tons de laranja e avermelhadas tinham desaparecido sob um manto de escuridão. A água parecia uma piscina preta infinita, que se estendia muito além do que se podia ver.

O Jacob pagou a conta, e saímos de mãos dadas. Eu estava ansiosa para chegar ao hotel e pensei em chamar um táxi. Caminhar pela escuridão era simplesmente estúpido, até estando juntos.

—Vou chamar um táxi. —Peguei o telefone.

—Espera. — ele me puxou para as docas, onde gigantescos navios balançavam no píer—. Vamos dar uma olhada.

—Não acho que seja permitido ir até lá.

—Não vamos entrar nos barcos —ele disse rindo.—Vamos só olhar.

—EH... Mesmo assim, não acho que devemos ir a nenhum lugar que não seja permitido. —Voltei a olhar para o meu telefone.— Me deixa chamar um táxi e pronto.

Ele puxou minha mão, impedindo-me de ver a tela.

— Depois você chama. Venha, eu quero ver isso. — Ele pegou na minha mão novamente e me puxou, me arrastando com ele.

Como eu percebi o seu bom humor e não queria estragar o progresso que fizemos, deixei ele fazer o que queria.

—Não sabia que você se interessava por barcos. Em Nova York, temos um cais, caso você não saiba.

—Sim, mas o cheiro é horrível. Cheira a peixe podre. Este aqui é limpo e sempre tem cheiro de palmeiras. —ele parou na frente dos barcos, olhando para o lado para ver o nome de cada um.— Talvez um dia pudéssemos comprar um barco.

—Talvez. —Ou um jet-ski. Eles são mais práticos.

O Jacob me obrigou a ir mais para a área das docas, longe das luzes das ruas que iluminavam o caminho. Estávamos totalmente cercados pelas sombras, e senti um calafrio que subia pela minha coluna. O calafrio não tinha nada a ver com o tempo, porque estava um calor infernal.

—Jacob, acho que devíamos voltar.

—Uau. Olha esse barco militar aí na frente. Você acha que pode ser um navio dos Estados Unidos?

—Em... —Nem mesmo forçando os olhos poderia distinguir.— Provavelmente. Agora vamos embora.

—Venha... ele me puxou—. Não há nenhuma razão para entrar em pânico. Eu estou com você. —Sim. — Mas, isso será suficiente se aparecer um mendigo armado com uma faca? — Estar com ele não significava que deveria entrar às cegas em um lugar perigoso, como se fosse invencível.

—Relaxe, Pearl. —Sua mão agarrou a minha em um aperto firme, pressionando-a até anestesiá-la . Chegamos no barco militar enorme e contemplamos com espanto.

—Uau. Isto é incrível.

—Olha, podemos retornar de dia, e você pode vê-lo melhor. —Eu Não conseguia distinguir o que estava vendo, porque estava muito paranoica. Dei uma olhada por cima do ombro, temendo que alguém se aproximasse silenciosamente por atrás. Era um medo absurdo, mas não podia me livrar do sentimento de alguém nos vigiando.

—Me pergunto se é um barco ativo, ou se ele já se aposentou.

Escutei um barulho nas minhas costas, como se fosse uma bota pesada pisando sobre o plástico. Podia jurar que tinha ouvido alguma coisa . Talvez minha mente estivesse me pregando peças e a paranoia tivesse tomado conta dos meus pensamentos.

—Jacob, você ouviu isso?

— Ouviu o quê? —perguntou.

Olhei por cima do ombro, mas não vi nada além da escuridão.

—Vamos. Eu não gosto... —um saco preto cobriu minha cabeça e apertou dolorosamente em volta do meu pescoço. Eu não podia ver nada e entrei em pânico imediatamente—. Ah! —Movi meu braços ao meu redor, tentando afastar o meu agressor desconhecido . Senti um enorme braço ao redor dos meus ombros me segurando firme enquanto amarravam um saco em torno da minha garganta.— Fique longe de mim!

— Pearl! — A voz frenética do Jacob parecia estar a uma certa distância. Ele gemeu quando alguém o golpeou, e ouvi o som de um corpo pesado em colapso no chão das tábuas de madeira do cais.

— Jacob! —A apesar dos meus próprios problemas, temia pela segurança dele —. Jacob!

Uma voz estrangeira e aterrorizante, chegou até meus ouvidos.

—Faça essa cadela calar a boca.

Eu chutei com mais força, esmagando meu calcanhar no sapato masculino.

— Merda! — Meu agressor me sacudiu violentamente e depois me jogou no chão com força.

—Puta estúpida.

Fiquei de pé rapidamente e corri, mas um corpo pesado me parou....

— Me solta bastardo! —De repente, enfiaram uma agulha no meu pescoço com força e injetaram algo.

Instantaneamente, eu fiquei incapaz de pensar. Tentei mover os meus braços, mas eles não respondiam. Minha cabeça descansou no cais e senti os meus olhos cada vez mais pesados. Minhas pernas estavam paralisadas enquanto meu corpo se preparava para mergulhar em um sono profundo.

—Não... Jacob. —Lutei contra o nevoeiro o máximo que pude, mas ele me arrastou, levando-me para um lugar que eu não queria ir.

Capítulo 3

Pearl

Meu corpo balançava devido ao movimento constante . Fui dobrada sobre o estômago e fui jogada para trás, ritmicamente. Eu conseguia escutar até o ruído da água batendo em uma superfície sólida.

Estava de volta no hotel, ouvindo as ondas batendo contra a costa debaixo da minha janela. O sol me cumprimentou, me incentivando a levantar e me preparar para o dia glorioso. Eu quase podia sentir o sabor da margarita na língua, sem sequer dar um gole .

Mas então, voltei para a dura realidade .

A última coisa que eu lembrava era de estar de bruços no cais, com o corpo imóvel do Jacob jogado em algum lugar perto de mim. Haviam colocado um saco na minha cabeça, me deixando na mais completa escuridão. Então eles enfiaram a seringa no meu pescoço, sedando-me e me tornei uma carga indefesa no chão.

—Por favor, que seja um pesadelo.

Não abri os olhos, porque eu não estava pronta para aceitar a realidade. Se aquilo realmente aconteceu o meu destino seria pior do que a morte. Devia ser um pesadelo ou o resultado de tomar muito sol e muitas bebidas.

Mas eu continuei sem abrir os olhos.

O que aconteceria se eu estivesse errada?

Finalmente eu fiz. Abri meus olhos e o que vi foi uma janela no casco de aço de um barco. Água cobria o buraco, e quando surgiu um espaço, eu vi o céu. A visão do azul parecia se estender pela eternidade, até que voltou a mergulhar na água. Que porra é essa?

Me Sentei em um salto e olhei ao meu redor. Meu corpo respondeu entrando no modo de sobrevivência. Eu estava em um barco no meio do mar, e ninguém iria vir me procurar. Eu só tinha a mim mesma. E precisava encontrar uma maneira de sair da porra do barco. Então me lembrei do Jacob.

—Merda, que ele não esteja morto, por favor.

Ele estava preso no barco comigo? Ele estava preso em algum lugar?

O que as pessoas queriam de mim? Eu tinha algum dinheiro, mas

não era muito. Não poderia ser um sequestro, porque eu não tinha família, para pagar o resgate. A única pessoa que se preocupava comigo era o Jacob. E eu não tinha ideia do que aconteceu com ele.

"Fique calma

—Você pode sair daqui.

—Use o cérebro que você tem para encontrar uma solução. "Existe sempre uma solução para qualquer problema".

O lugar era uma cabine para uma pessoa. Só tinha uma cama no canto e mais nada. A porta estava trancada, com certeza. Fui em sua direção, grata por continuar usando as mesmas roupas que usava na noite anterior e tentei abrir a porta.

A maçaneta não se mexia. Ela estava fortemente fechada. Eu tentei movê-la, mas não cedeu um milímetro.

—tudo bem , eu só preciso encontrar alguma coisa para abrir a porta.

Eu vasculhei o quarto, mas não encontrei nada que servia. Minha cama era um colchão no chão com alguns cobertores. Não havia nenhum guarda-roupa, ou até mesmo um banheiro privado. Eu estava em um cômodo formado por quatro paredes.

Desapontada, eu dei uma olhada na janela. Embora eu pudesse abri-la aos golpes, eu não caberia nela. Tudo o que eu poderia esperar era me afogar. Eu não fazia ideia do que o futuro me reservava, então talvez aquela era uma boa escolha.

Antes de eu ter a oportunidade de continuar pensando, alguém abriu a porta.

Entrou um homem totalmente vestido de preto, com uma pistola na cintura. Ele tinha a barba negra e espessa e olhos impiedosos. De relance, eu vi tudo que eu precisava saber sobre ele. Ele era frio e implacável. Nada iria apelar para a sua boa vontade, porque ele não possuía uma. Ele me encarou com uma expressão impenetrável, não me deixando decifrar seus pensamentos.

—Deixe-me ir antes que arrebite sua cara. —Eu não era perita em artes marciais, mas conhecia alguns truques. Não me importava em quebrar o seu nariz e encher suas roupas com sangue.

Um sorriso se formou em seus lábios, embora parecesse mais com uma careta.

—Você é das lutadoras. —Ele respondeu com um sotaque. Não fui capaz de adivinhar imediatamente, mas parecia ser italiano. Não tinha muita experiência com estrangeiros. E tinha vergonha de admitir que nunca havia cruzado o oceano.

—Não, eu sou das violentas.

Ele deu uma risada, como se a conversa fosse divertida.

—Oh, eu te ensinarei a ser violenta. — Ele entrou mais no quarto, com botas pesadas, fazendo um baque a cada passo. Eu resisti até aquele momento. O homem me apavorava, e meu corpo reagiu automaticamente. Eu recuei até encostar na cama, batendo as minhas costas contra a parede.

Ele agarrou a minha garganta e me jogou no chão com brutalidade.

Eu bati contra o aço, sentindo todos os ossos do meu corpo gritar de dor. Foi como se eu colidisse com um trem e o meu corpo não conseguisse se recuperar . Eu vi estrelas, mesmo que os seus empurrões não fossem tão forte quanto parecesse.

Talvez eu não fosse tão forte quanto pensava.

Ele desamarrou o cinto e começou a tirar as calças.

As contusões foram o melhor analgésico que poderiam ter me dado, elas não eram nada em comparação com a repulsa que surgiu dentro de mim. Aquele idiota iria me estuprar. Bem, ele tentaria me estuprar.

Dei uma olhada na fivela do seu cinto, que balançava livremente uma vez que estava aberto. Meu captor me observava cuidadosamente, com aquele sorriso novamente no rosto.

— Vou meter na sua bunda. E depois eu vou foder sua boceta.

—Boa sorte. —Agarrei rapidamente a fivela e tirei a sua calça de uma vez só . Imediatamente, sua calça caiu até as coxas, e eu me afastei agarrando com firmeza o cinto. Apertando-o em torno das minhas mãos pulei sobre ele, usando todas as minhas forças para matar aquele bastardo. Eu consegui enrolar o cinto no pescoço dele e em seguida saltei para trás , puxando o máximo que pude. Chutei os joelhos dele obrigando-o a se ajoelhar no chão.

Ele agarrou o cinto de couro e tentou se soltar, mas não

consegui. O cinto estava bem preso e meu ódio era incontrollável. Eu puxei mais forte, sem um único remorso por matar aquele estuprador. A porta abriu de repente e mais dois caras entraram às pressas. Eles viram que o homem estava com as calça ao redor dos tornozelos e que o seu rosto estava com um tom azulado.

O cara da esquerda me apontou uma arma.

—Solte-o.

Eu puxei o cinto com mais força.

—Deixe-me ir ou ele morre.

O homem manteve a arma apontada para mim.

—Tudo bem .

Eu apertei mais o cinto e me recusei a libertá-lo.

—Se você quiser que seu amigo sobreviva, sugiro que me diga onde é a saída mais próxima. Ele apontou a arma em direção ao meu captor e puxou o gatilho.

Ouvi o tiro e senti como o seu corpo afrouxava em meus braços, tudo ao mesmo tempo. Minhas mãos soltaram o cinto instantaneamente, enquanto eu arfava sentindo o sangue respingando no meu rosto.

O cara abaixou a arma e entrou no quarto.

— Levanta.

O outro pegou o cadáver e o arrastou para fora do meu quarto.

Fiquei olhando para o cadáver enquanto ele estava sendo arrastado pelo chão, espalhando sangue por todo lado. Nunca tinha visto ninguém morrer. Eu nunca tinha visto alguém atirar em outra pessoa . Eu estava em choque, quase não conseguia respirar.

—Levanta. — O homem me deu um tapa no rosto com força, me trazendo de volta à realidade. Fiquei de pé, sentindo uma fraqueza súbita. A minha atitude não tinha repercutido em nada.

—Ele não importa. Você não importa. Ninguém importa. —O cara me agarrou com força pelo cotovelo e me arrastou para fora da cabine. Ele me arrastou para um corredor estreito, depois de dar algumas voltas.

Não prestei atenção, porque ainda estava em choque.

Entramos em um banheiro com vários chuveiros abertos. Os chuveiros estavam pendurados no teto, e a água caía no chão. Já havia outras mulheres completamente nuas, para que todos pudessem vê-las. Elas estavam cheias de hematomas por causa do tratamento que vinham recebendo. Algumas já tinham cortes secos no rosto. O que é isso?

—Tire a roupa. —Colocaram a arma entre os meus ombros—. Agora.

Ao ouvir o sua ordem, o meu estado de choque passou . Eu não tinha a intenção de me despir na frente de ninguém, preferia ficar vestida com a roupa repleta de sangue de um criminoso do que obedecê-lo.

— Foda-se. — Cuspi na cara dele , acertando diretamente nos olhos.

Longos segundos se passaram, e o homem não limpou a saliva do rosto. Ela deslizou a saliva lentamente pela sua bochecha, apertou a mandíbula e franziu o lábio em um rosnado. Com a velocidade de um raio, ele me bateu com a arma em um lado da minha cabeça.

Doeu tanto que soltei um grito. Caí no chão, experimentando a pior enxaqueca da minha vida. A arma era sólida e pesada e quase quebrou meu crânio. Se isso não bastasse, o homem colocou o sapato no meu estômago pressionado com força. Eu tossi e tentei respirar.

— Tire a roupa. —Ele levantou a perna e me deu um chute forte nas costelas—. Agora.

Rolei para o lado e comecei a vomitar no chão. Eu enrolei meus braços em torno do meu estômago, mas o estrago já estava feito.

Ele agarrou meu cabelo e me puxou para que eu ficasse de pé.

Doeu ainda mais após o golpe na cabeça com a arma.

— Está bem—Afastei o braço. Não obedeci a sua ordem, mas também não queria que ele me matasse a pancadas. Tirei lentamente a roupa, sentindo como meu vestido caía no chão.

O homem não parava de olhar para mim em nenhum momento, com um desejo ardente nos olhos que se tornava mais intenso a cada peça de roupa que eu tirava, parecia que ele estava a anos sem ver uma mulher nua. Nos chuveiros haviam muitas mulheres nuas, mas ele estava obcecado por mim.

Tirei meu sutiã e calcinha, revoltada por ter que fazer o que ele pediu. Eu deviria ter lutado mais, mas minha cabeça já reclamava pela dor agonizante. E eu não tinha certeza se aguentaria suportar mais.

— Lave-se . — Ele fez um gesto com a cabeça em direção aos chuveiros.

Virei, mesmo sabendo que ele iria olhar para minha bunda. Entrei debaixo d'água e tentei encontrar consolo em seu calor. As outras mulheres não me olhavam, cada uma delas focadas em fazer as suas coisas, e em silêncio.

Eu podia sentir os olhos do homem no meu corpo. Ele me olhava com uma intensidade enorme, e suas intenções estavam claras como água. Sempre senti uma certa timidez para ficar nua. E ter um estranho me olhando daquela maneira tornava a situação mil vezes pior

Coloquei meus pensamentos em ordem e me concentrei na água e no sabão. Consciente que a possibilidade de voltar a tomar um banho seria quase nula. Eu resolvi aproveitar o privilégio.

Quando estava passando o condicionador no cabelo, ouvi uma das mulheres chorando. Ela estava parada em um canto, com os braços ao redor dos seios. Os soluços dela eram tom fortes que sacudiam seus peitos, os sons que ela fazia estavam encharcados de medo.

Ouvi-la , me encheu de desespero. Não havia saída.

Exceto a morte.

Jantei com outras meninas em uma pequena sala com duas mesas. Estávamos em vinte, mas não podíamos conversar entre nós. Não deixaram nem que comêssemos com talheres. Havia três guardas nos observando, armados com fuzis e pistolas.

Eu não estava com fome, mas me forcei a comer de qualquer jeito. Talvez precisasse de forças para lutar contra alguém, e por isso deveria me alimentar. O homem que havia me observado enquanto tomava banho estava lá. Não tirou os olhos de mim em nenhum momento. Eles ainda brilharam de luxúria. Ele me fodia com os olhos enquanto eu jantava, acredito que seja porque ele estava pensando nas coisas monstruosas que poderia fazer comigo. Aqueles pensamentos me davam náuseas.

Eu tentei fazer contato visual com algumas das outras garotas. Talvez elas soubessem onde estávamos indo. Talvez conhecessem

alguma rota de fuga. Talvez soubessem o motivo daqueles homens nos querer.

Com base nas outras prisioneiras, havia apenas uma conclusão possível. Eles eram traficantes.

Nos venderiam pelo melhor lance, e nos colocariam em lugares decadentes para fazer coisas abomináveis.

Eu preferia morrer um milhão de vezes.

Depois do jantar, voltamos para nossas celas. Não sabia se era a única com um quarto privado. Alguns poderiam pensar que era um privilégio. Mas eu via aquilo como uma fraqueza. Sempre temos mais poder quando estamos em conjunto. Naquele momento, eu estava completamente sozinha.

E sabia que aquele homem viria até mim.

Tentaria me estuprar, igual ao outro. Mas ele não conseguiria.

Passou-se uma semana inteira e o barco continuou avançando a todo vapor. Eu sentia como ele balançava sobre as ondas. Às vezes passávamos por regiões mais intensas e o navio tremia violentamente. De repente, o navio afundava agressivamente e a nossa comida deslizava pela mesa enquanto comíamos. As vezes era tão intenso que eu não conseguia dormir, apesar de estar exausta e ferida.

Quando eu estava sozinha, pensava no Jacob. Sentia pena dele, ainda que meu destino provavelmente fosse pior do que o seu. Era provável que ele estivesse morto em algum lugar, flutuando no oceano. Ou teria fugido e estava morrendo de preocupação por mim. Eu estava em um país estrangeiro e não conhecia do protocolo exato para entrar em contato com as autoridades. Poderia ligar para casa, mas em que aquilo ajudaria?

Não saber o que tinha me acontecido era o pior de tudo. Provavelmente o Jacob não sabia que eu estava em um barco. E mesmo que ele soubesse, ele não teria informações sobre o navio ou como identificá-lo. Desta forma, como a polícia poderia procurar pelo navio? O Jacob não viria me salvar.

Quando chegou ao oitavo dia, eu entrei em pânico. Eu estava cansada de ficar presa dentro do barco. Os enjoos por causa do movimento começaram a me afetar e eu vomitei várias vezes.

Ninguém me dava qualquer informação, não importava quantas vezes eu perguntasse.

Naquela noite não consegui dormir. O pânico começou a tomar conta de mim. Eu estava presa, longe de casa e não tinham nenhum plano para escapar. Todos os homens a bordo tinham armas, e as mulheres estavam com medo de lutar. Se eu pudesse me comunicar com elas, seria possível que eu conseguisse organizar uma rebelião. Estávamos em maior número, por isso era possível. Eu preferia morrer tentando, do que encarar o que iria acontecer quando nós atracássemos. Preferia morrer a me transformar em uma escrava sexual.

Meus olhos se moveram para a janela que estava um pouco acima. Olhar como a água batia na janela enquanto o barco balançava me transmitia algum conforto. O bater suave das ondas contra o casco do navio era como se fosse uma canção. Me concentrar em alguma coisa me ajudava a relaxar. Eu parava de pensar e entrava em estado de calma. Tudo deixava de existir.

A Porta chiou e abriu nas minhas costas. O som era tão sutil que ninguém exceto eu teria notado. Desde que tinha sido capturada, confiava muito mais nos meus sentidos. A audição se tornou o mais importante de todos. Permitia-me antecipar eventos, antes que eles ocorressem. Eu podia ouvir as vozes se aproximando. Eu era capaz de detectar o perigo com tempo suficiente para me preparar.

Eu sabia exatamente quem vinha me visitar no meio da noite. Já estava esperando por ele. Ele pensava que eu estava dormindo, sem saber que o caçador vinha me ver. Pensava que eu era uma ingênua estúpida e ignorante.

Ele rapidamente desabotoou os jeans e os deixou cair no chão. Também tirou a cueca. Eu estava esperando o momento certo.

Ele ajoelhou-se cuidadosamente no colchão colocando as mãos em ambos os lados, pronto para me agarrar.

Abri um pouco os olhos, só para poder vê-lo.

E foi nesse momento que vi a seringa que estava na sua mão.

Aquele filho da mãe queria me drogar.

Eu agarrei seu pulso e o torci dolorosamente, forçando-o a largar a seringa, que voou até o colchão e depois caiu no chão. Lhe dei uma

cabeçada, empurrando-o de volta, ele ficou perplexo com a velocidade dos meus movimentos.

Ele ainda estava com o pau duro, em pé orgulhoso e com a cabeça brilhando com o lubrificante.

Fechei meu punho e o atingi com um soco usando toda a força que eu podia.

— Aah! —Ele Caiu de costas, imediatamente, colocando as mãos na virilha, com o rosto contorcido em uma careta e os dentes pressionando os lábios—. Maldita filha da...

Eu bati o pé na cara dele, quebrando o seu nariz com um barulho forte.

Suas mãos voaram para rosto, deixando a sua ereção exposta.

Dei-lhe um pontapé com todas as minhas forças, alcançando-lhe tanto o seu pau como as suas bolas.

— Puta! — Ele agarrou uma das minhas pernas e me puxou para baixo.

Eu não parei. Seus insultos fizeram muito mais do que me deixar nervosa . Eu estava gostando de bater naquele desgraçado. Eu não estava só me vingando. Eu estava vingando também todas as mulheres que não conseguiram escapar.

Eu agarrei os seus cabelos e bati sua cabeça contra o chão, uma e outra vez. Bati nele da mesma forma que ele bateu a arma na minha cabeça.

— Você gosta disso, idiota? O que você acha disso ? Bati sua cabeça de novo contra o chão, dando-lhe ao mesmo tempo um pontapé nas bolas.

— Aah!

Os guardas ouviram seus gritos e vieram correndo. Eles entraram no quarto como um furacão me arrastando para longe dele. Eles não me bateram, como eu imaginei que fariam, na verdade, eles me trataram suavemente, como se não quisessem me machucar.

Os guardas não ajudaram meu invasor a se levantar. Eles apenas me mantiveram longe dele, para que o homem pudesse subir as calças. Meu invasor mal podia andar por causa da dor na virilha. Com uma das mãos sobre a virilha para mantê-la protegida ele lentamente saiu

da cabine. Eu estava sorrindo, vitoriosa sem remorso algum pela maneira que havia lhe derrubado. — Boa sorte mijão.

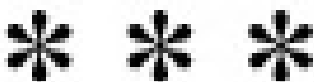
—Cala a boca. — O homem que estava me segurando, sacudiu meu braço, mas sem a agressividade de costume—Volte para a cama.

—Fale para seus homens me deixarem em paz, e eu irei.

O guarda soltou o meu braço e se afastou. Saíram da minha cabine e fecharam a porta ao sair. Suas vozes foram se afastando, eles falavam em italiano. Quando quase já não dava para ouvi-los, eles sorriram.

E eu sabia por que eles estavam sorrindo. Uma mulher deu uma surra de morte no seu colega.

E eu estava muito orgulhosa.



Soube que algo havia mudado quando o barco parou de balançar. Já não estávamos em alto-mar. As ondas se tornaram dóceis, quase inexistentes. Eu estava em um barco grande e pelo que notei deveríamos estar longe da costa, mas não mais no meio do Atlântico.

Se eu conseguisse escapar, poderia tentar chegar a terra a nado. Eu não era uma grande nadadora, mas sendo uma questão de vida ou morte, eu poderia tentar. Olhei através da janela e tive um vislumbre distante de terra. Sempre que eu tentava olhar mais de perto, a janela ficava coberta com água novamente.

Eu só precisava pensar em um plano.

Um guarda foi morto e outro estava gravemente ferido. Aquilo significava duas armas a menos para me preocupar. Se eu jogasse bem com as minhas cartas, seria possível fugir. Eu tirei meus lençóis, rasguei uma tira de um deles, e guardei em um dos bolsos traseiros da minha calça. Eu poderia usá-lo para estrangular alguém, caso fosse necessário.

Quando eu puxei o cobertor, vi a seringa. Ela rolou no chão fazendo um pequeno barulho. A agulha se destacava, e a base ainda continha um líquido claro.

O guarda tinha deixado lá na noite anterior. E naquele momento era minha.

Segurei a injeção entre minhas mãos e comecei a hiperventilar. Finalmente eu tinha uma arma que poderia ser usada. Ela poderia deixar qualquer um fora de combate, e então eu seria livre. A sorte estava do meu lado, e nunca pensei que ficaria agradecida àquele homem por tentar me estuprar.

Ele me deu um presente.

Eu a guardei cuidadosamente no bolso de trás, com a base para cima, assim eu seria capaz de agarrá-la quando precisasse. Em breve viriam por mim. Eles estavam prestes a anunciar a hora do café da manhã.

Olhei para porta e esperei pacientemente.

Minha hora tinha chegado.

Eu iria escapar. Faltava pouco.

A porta abriu e um guarda entrou. Ele me olhou com indiferença, não com luxúria como os outros.

Ele me achava sem graça ou irritante, provavelmente as duas coisas. —Levanta.

Eu levantei e mantive meus braços um a cada lado do meu corpo. Quando ele estivesse perto o suficiente, eu atacaria.

—Hoje é o seu dia especial. O que ele queria dizer? — E isso significa?

—Você irá a leilão. E você não tem nenhuma ideia da sorte que tem.

Leilão? Nem de brincadeira, eu não iria. Eu não era um animal da fazenda.

— Para que é o leilão? — Queria que ele continuasse falando para atacá-lo quando ele menos esperasse. Eu precisava mirá-lo bem e acertá-lo na artéria para introduzir a droga no seu organismo o mais rápido possível.

—É onde eles vendem as belezas. O resto vai para os bordéis. Elas irão ser drogadas pelo resto de suas vidas. —Ele sorriu como se fosse um conto de fadas.

Me senti doente. Não podia esperar nem por mais um segundo, então eu ataquei. Eu enfiei a agulha e pressionei o êmbolo com o polegar, liberando a droga imediatamente.

Ele tentou pegar a arma, mas eu fui mais rápida. Seus olhos nublaram e fecharam , confusos. Ele foi ajoelhando lentamente, segurando a agulha que estava no pescoço. Ele caiu de costas, com os olhos fechados. Seu corpo relaxou ao desmaiar.

Eu realmente fiz aquilo.

Tirei a arma do coldre e senti seu peso em minhas mãos. Eu estava com uma arma. E não sabia porra nenhuma sobre armas, exceto pelo fato de que elas poderiam me manter segura. Certifiquei-me de que a arma estava desbloqueada antes de entrar no corredor. Tudo o que eu precisava fazer era puxar o gatilho, e seus cérebros estariam espalhados pela parede.

Eu tremia de emoção.

"Seria possível escapar".

Eu atravessei o corredor na ponta dos pés, tentando não fazer barulho. Seria a melhor maneira de sair do barco. Se conseguisse chegar à superfície, poderia saltar na água. Preferia nadar com os tubarões a enfrentam aqueles lunáticos.

Por um golpe de sorte, não encontrei ninguém no corredor. Havia uma escada à minha esquerda, que me levou ao andar superior. Cheguei a uma porta com uma janela no centro e vi dois homens no interior da torre onde ficava o leme. Eles estavam conversando mas não me viram. Eu percebi que minha cabine estava localizado na parte da frente do barco, onde as ondas eram maiores.

Naquele momento, a única coisa que eu precisava a fazer era esperar. Quando virassem ou abandonassem sua posição, eu iria direto para a água. A única coisa a fazer era saltar e permanecer submersa por mais ou menos um minuto. Então eu estaria livre.

Mantive a arma preparada, caso eu precisasse. Então esperei, contando as batidas do meu coração para calcular o tempo. Quanto mais nós chegávamos até à costa mais fácil e seguro seria nadar. Mas quanto mais o tempo passava , mais provável seria que alguém me encontrasse na escada.

E então me dei conta de outra coisa.

O que aconteceria com as outras? Poderia abandoná-las?

Elas seriam vendidas a um bordel, onde seriam drogadas e violentadas constantemente, em seguida, seriam descartadas quando seus corpos não aguentassem mais. Seus entes queridos, nunca saberiam o que havia acontecido. Eu não podia ir assim.

Voltei a esgueirar-me escadas abaixo e sai pelo o corredor. Não havia ninguém, então entrei por uma porta que se parecia com a minha. Quando olhei lá dentro, eu vi uma loira sentada na cama. Ela parecia perdida, como se não tivesse esperança.

Eu tentei girar maçaneta e fiquei aliviada quando ela cedeu. Abri a porta e fiz sinal com a mão para chamar a sua atenção.

Ela virou para mim, com os olhos semicerrados pelo espanto.

Movi minha cabeça para que se aproximasse.

Ele ficou de pé em um salto, sedenta pela sua liberdade. Quando ela se aproximou de mim, viu a arma que eu estava carregando. Em vez de pânico, ela pareceu ganhar energia.

—Vamos buscar as outras —sussurrei— Você sabe onde elas estão?

Ela assentiu com a cabeça e fez um gesto para que eu a seguisse. Chegamos a uma porta no corredor, onde havia outra cabine. Quando olhamos pela janela, vimos que não havia apenas uma mulher, mas dezoito. Elas estavam amontoadas em pequenas camas.

Por que todas estavam juntas, mas eu estava sozinha? Por que a outra mulher que me acompanhava estava sozinha também?

A loira entrou e pressionou o dedo nos lábios, indicando para todas ficarem em silêncio. E então disse que elas deveriam nos seguir. Não haveria maneira de escaparmos sem sermos notadas. Mas algumas de nós conseguiríamos. Era melhor do que nenhuma.

— Que porra vocês estão fazendo? — Um homem agarrou meu ombro e sacudiu com força.

Claramente, ele não sabia que eu tinha uma arma, porque eu disparei diretamente no seu estômago. Nem hesitei. Sempre pensei que era o tipo de pessoa que nunca poderia matar outra, ainda que fosse a minha vida ou a dele. Mas aquilo mudou rapidamente quando eu me vi em uma situação de vida ou morte. Não tive tempo para pensar. Não tive tempo de reagir. Fiz o que tinha de fazer para sobreviver.

E eu não iria me desculpar por isso.

Ele agarrou o estômago e caiu no chão, sangue saia pela sua boca.

— Solta arma! — Gritou o outro guarda que estava no final do corredor apontando uma arma para mim .— Agora.

Um homem apareceu em nossa volta, com um rifle nas mãos. Estávamos cercadas.

Eu deveria ter fugido quando tive a oportunidade. Não deveria ter voltado.

O homem que estava atrás de mim pegou minha arma, enquanto o outro avançava. O homem levantou a arma para bater na minha cabeça, não com a intenção de me matar mas de me fazer perder os sentidos.

—Para. —O outro guarda o agarrou pelo braço e o deteve. Então ele falou rapidamente em italiano.

O homem largou a arma e se afastou. O que quer que seja que o guarda falou, foi suficiente para detê-lo.

O que ele havia dito?

Por que não eles não me bateram? O que estava acontecendo?

Eles agruparam as meninas e as trancaram na cabine, antes de me agarrar e me arrastar pelo corredor. Eu fui escoltada até a minha cabine, para esperar pelo leilão, ou qualquer porcaria do tipo.

Porque eu não disparei contra a minha cabeça e pronto, quando tive a oportunidade? Passamos em frente da minha porta e continuamos caminhando.

— Onde estão me levando? — Tentei me libertar, mas me agarram com mais força— Me respondam. —Tentei dar um pontapé para a esquerda, mas só conseguir me machucar. Eu bati o dedo do pé nas suas botas pesadas e inalei o ar com força.

Fui escoltada até uma sala branca com uma poltrona de couro. Tinha estribos para abrir minhas coxas. Era o mesmo tipo de cadeira que sentei quando fui à minha consulta com o ginecologista. Aquilo não era um bom sinal.

Fui colocada em uma poltrona e imobilizada até que todas as correias fossem atadas . Me imobilizaram até a cabeça.

— Que merda vocês estão fazendo?

—Exame —respondeu o guarda— Depois você poderá ir.

— Que tipo de exame? —Forcei as correias de couro, mas foi inútil.

Você já verá— Os guardas saíram fechando a porta e me deixaram esperando pelo desconhecido.

Um minuto depois entrou um médico vestindo um jaleco branco, apesar de não estarmos em uma consulta médica. Ele era bem mais velho do que os outros. Seu rosto demonstrava indiferença, ele usava óculos com lentes grossas, o óculos estava apoiado no nariz. Ele pegou uma ficha e deu uma olhada.

— Quem é você?

— Dr. Wayne. —Ele respondeu com um sotaque americano.

Ele estava no barco o tempo todo? Eu nunca o tinha visto.

— De Onde você veio ?

—Da costa. O barco atracou há dez minutos. Você é a minha primeira paciente.

— Atracou onde? Aquele cara não fazia parte da tripulação. Até aí, fui capaz de deduzir. Talvez ele tivesse informações e fosse me ajudar. ---Na costa, como já falei.

— Que costa? —Perguntei.— Onde estamos?

— Realmente importa? — Ele pegou um par de luvas brancas. Aquilo não importava? Não era nada fora do comum?

— Que merda aconteceu com você? Eu fui sequestrada. Eu sou uma escrava. E isso não importa?

Ele pegou um par de tesouras e cortou a minha calça . Depois cortou a minha calcinha. Eu sacudi as correias com tanta força que quase rasgaram a minha pele.

—Não. — ele finalmente respondeu. — Eu não me importo. Agora vamos terminar com isto.

— Vamos terminar com o que?

—Vou verificar como está a sua saúde sexual. Isso é uma informação importante para o leilão.

— Minha saúde sexual? ---Sim. Você é virgem?

Lhe dei um olhar desafiador. Como se eu fosse responder.

—Vamos fazer o seguinte. Quanto mais você me contar, menos invasivo eu terei que ser. — Ele manteve dois dedos levantados. Eu sabia o que ele queria dizer.

—Não.

— Quantos parceiros?

—Dois. —Me odiei por responder.

— Anal?

— Anal o que?

— Já praticou sexo anal? Quem fazia aquilo?

—Não.

Ele escreveu algumas notas.

— Alguma DST?

—Não.

— Está tomando pílula?

—Estava, até ser sequestrada. —Minha voz soou mais venenosa do que o veneno de uma cobra. Ele abaixou o relatório e em seguida colocou em frente à minha abertura. —Só vai levar alguns minutos.

—Nem pense que pode me tocar, seu filho da...

Ele enfiou dois dedos dentro de mim, se certificando de examinar o canal e os ovários. Ele esfregou um cotonete de algodão por dentro e depois depositou em um saco plástico. Então ele tirou as luvas.

—Terminamos.

Ele me tocou contra a minha vontade, e eu odiava. Odiava o fato dele não ter o direito. Eu estava cansada de tentarem me violentar o tempo todo. Odiava o fato de ter ficado tão perto da liberdade e ter cometido o erro de voltar. Eu via tudo vermelho, um vermelho sangue. Eu queria matar todos e cada um dos homens no barco. "Se eu tivesse uma arma, era o que eu faria".



Eles me drogaram antes de me transportar para terra. Eu não tinha ideia de onde me levaram nem de como cheguei onde estava . Assumi que havia sido de carro, mas não me lembrava de sentir a vibração de um motor ou ouvir o som de um rádio. Eu usava um saco escuro na cabeça, então não fui capaz de ver nada , embora eu teria gostado.

Quando recuperei a consciência, estava em um quarto. A cama tinha até um dossel e estava arrumada com lençóis de qualidade. Havia uma janela com as cortinas de cor marfim que estavam fechadas. Também tinha um camarim que ficava de canto , com o mesmo design e cor.

Onde eu estava?

Pulei da cama e fui imediatamente para a janela. Abri as cortinas de uma vez e me preparei para pular. Embora eu tivesse que pular seis metros de altura, eu faria de qualquer maneira. Poderia descer caminhando pela lateral, segurando em alguns canos, se fosse necessário.

Mas ao abrir as cortinas, não vi nada a mais do que algumas barras de metal. Eu estava presa. Mais uma vez.

A porta abriu e entrou uma mulher muito bonita. Ela tinha um cabelo preto sedutor, estava perfeitamente maquiada e tinha um corpão que faria qualquer mulher sentir inveja.

—Me perguntava quando você iria acordar.

Eu a contemplava surpreendida. As palavras sarcásticas não iriam ajudar. Nem ameaças vazias. Eu não fazia ideia do que estava enfrentando. Durante minha viagem pela metade do mundo, não encontrei qualquer mulher livre. Até agora. — Quem é você?

—Serei sua estilista. Eu vou arrumar tudo... —Ela fez um gesto apontando para o meu cabelo e minha roupa— isso. — Como?

—O leilão é hoje à noite, e nós temos muito a fazer. Então me deixe trabalhar.

— O leilão? — Era isso que os homens tinham me dito?

—Sim. Eles irão te comprar... junto com as outras.

—É, mas suponho que não vai ser bem assim . — Eu pretendia sair de lá correndo. Ela suspirou, como se esperasse aquela resposta.

—Olha, eu só estou fazendo o meu trabalho. Não o torne mais difícil, que eu não torno as coisas mais difícil para você.

Como ela podia falar daquele jeito? Aquela era uma traição ainda maior do que ser sequestrada.

—Fui sequestrada, e vou ser vendida para que eles possam me violentar. E para você parece normal? Mesmo sendo mulher?

Nos olhos dela não apareceu nem um pinga de compaixão.

—As vezes somos o inseto. Outras vezes, somos o para-brisa.

—Então, por que você não é a porra do inseto? —gritei.

Ela levantou a mão para me mostrar algum tipo de controle remoto e moveu o polegar.

—Não me faça usar isto.

— O que é isso?

Ela apertou o botão, e instantaneamente, eu senti um choque elétrico ao redor da minha perna. Estava tão quente que queimou minha pele. Meu coração bateu com força, e eu pensei que iria ter um ataque cardíaco e morrer. Deitei no chão, sentindo uma crescente fraqueza nos joelhos. Ela soltou o botão.

—Não me obrigue a usá-lo de novo. Eu não sou como aqueles animais. Não quero te machucar. Ela era um monstro, igual a todos os outros.

—Simplesmente faça o que eu digo e me deixa trabalhar. — Ela estava perto de mim, me olhando de cima com seu vestido de marca— Não teremos nenhum problema se você me ouvir. Quanto mais linda você estiver, maior é a possibilidade de atrair um bom amo.

— Um bom amo?

---Sim. Um do tipo que te cobre de presentes, te leva para fazer viagens caras, permite que você tenha tudo o que quiser... — Em troca você abre as pernas. Ela encolheu os ombros.

—Existe coisas piores, se você quer saber.

—Então, você nunca foi uma escrava —espetei.

—Na verdade, sim. — Ela me olhou nos olhos, com nenhum vestígio de dor ou fraqueza.— Continuo sendo uma escrava. E ele é um homem maravilhoso. Posso dizer sinceramente que eu o amo.

Quando eu pensei que tinha conhecido uma pessoa normal, percebi que ela também era uma psicopata. Ninguém em sã consciência iria amar o seu Amo. Ninguém poderia perdoá-lo por lhe fazer de escrava. Ninguém que estava em seu juízo perfeito poderia se sentir agradecida. Ela estava sofrendo de um grave caso de síndrome de Estocolmo.

—Agora vamos começar a trabalhar.

Capítulo 4

Pearl

Aquela noite dez mulheres seriam leiloadas.

O salão estava transbordando de mesas iluminadas com velas. Havia homens com seus ternos de marca, rostos ocultos atrás de máscaras de carnaval, escondendo suas caras dos outros concorrentes. Estava tão escuro naquele lugar que as máscaras eram desnecessárias.

As garçonetes caminhavam entre as mesas e serviam bebidas, com nada mais do que um fio dental preto. Homens introduziam notas nas calcinhas e lhes davam um delicado tapinha na bunda enquanto elas saíam.

Como fui parar naquela merda?

As outras mulheres possuíam a uma beleza espetacular. Pareciam modelos, o tipo de garotas que só eram vistas na televisão. Muitas delas estavam com medo, mexiam os dedos sem parar e tremiam os joelhos. Só uma mulher parecia muito animada, como se aquele fosse o momento que ela esteve planejando por toda a vida.

Ali havia incontáveis graus de doença.

Eu estava usando um vestido de cor rosa Champanhe. Era um vestido sem alças, decotado e marcava a minha cintura. Eu estava usando também um colar de pérolas em volta do pescoço e o meu cabelo estava arrumado em cachos elegantes. A última vez que eu me arrumei tanto foi para a festa de graduação.

As mulheres foram leiloadas, uma por uma. Cada uma por um milhão de dólares ou mais. Um milhão.

Aquilo era uma loucura.

As escravas valiam tanto assim?

Será que alguém realmente pagaria aquela quantidade de dinheiro por mim? Alguém iria desembolsar um milhão de dólares pela minha vida? Mas que loucura era aquela?

Quando chegou minha vez, subi ao palco e esperei meu destino. O apresentador listou minhas qualidades, assim como fez com as outras. Eu estava interessada em saber o que ele diria, porque eu não tinha nenhuma.

Não seria uma submissa. Lutaria todos os dias, até que fosse livre,

ou estivesse morta. Nunca aceitaria oferecer favores sexuais. Todos os dias eu daria mais trabalho do que o dia anterior. Seria a pior escrava que alguém poderia ter. Dormir com um olho aberto seria a única maneira de sobreviver, enquanto eu estivesse dentro da casa.

—Hostil, inquebrável, lutadora. — Ele continuou falando meus defeitos. —Sua pontuação de luta é um 10 redondo.

Um som coletivo de apreciação encheu a sala. Houve até alguns assobios.

O que aquilo queria dizer? Era uma coisa ruim? Era uma coisa boa?

Se ninguém me comprasse, me deixariam ir embora? Ou eles apenas me matariam?

—Dois parceiros sexuais. — O apresentador lia um pedaço de papel que tinha a mão. — Engenheira. Limitada experiência sexual.

Eu não era virgem, então não, minha experiência sexual não era limitada. Mas eu não tinha a intenção de discutir, porque não importava.

—O leilão está aberto. —Ele retornou ao pódio e conduziu o leilão. Ele marcou o preço inicial e foi subindo lentamente quanto mais homens ofereciam lances por mim. - Fiquei com nojo de assistir o mesmo homem que havia comprado uma das mulheres também dando lances por mim. Ele realmente precisava de duas escravas?

A cifra continuou subindo até chegar a 1 milhão. Porra.

E ao invés de estabilizar continuou subindo, Os lances se tornaram cada vez mais altos, e a testosterona podia ser sentida no salão. Havia alguém que iria fazer uma fortuna com meu sofrimento. Ele teria mais dinheiro do que precisava, e eu estaria pagando essa dívida até minha morte.

—Vocês todos são doentes. —Não pude evitar do desprezo transbordar dos meus lábios. Não me importava em levar um tapa na cara ali mesmo. Eu era um ser humano, e estava sendo tratada como um animal.

Um dos homens que estava dando lances por mim se levantou. Ele levantou a placa de número e disse:

—Três milhões.

Que merda ele tinha acabado de fazer?

Todo mundo virou para ele, abrindo um espaço no salão.

Ninguém cobriu a sua oferta. Os outros homens deixaram suas placas em cima da mesa. O homem que tinha acabado de ganhar sorriu.

—Três milhões de dólares pela boceta briguenta. O palestrante deixou cair o martelo.

—Três milhões para o cavalheiro do fundo. Parabéns. Esta beleza é sua.

Como se eu fosse uma suspeita de uma investigação criminoso, me algemaram e fui colocada no banco de trás de um carro preto com janelas escuras. Eu ainda estava com o vestido e as pérolas, o salto alto rosa combinando que estava machucando os meus pés, mas suspeitava que em breve eu ficaria muito mais desconfortável.

O motorista estava sentado atrás do volante a espera de seu cliente.

Eu não tinha visto o rosto do meu comprador, mas não precisava ver. Quando ele deu o lance com tanta arrogância, eu sabia que era uma besta sem piedade. Se eu pedisse para me deixar ir embora, ele recusaria. Ou se suplicasse para que ele não me machucasse, ele não me ouviria. Se eu tivesse sorte, poderia estar equivocada.

Ele não parecia o tipo de homem que estava à procura de uma linda mulher para fazer carinho. Também não parecia ser alguém que queria se gabar de mim em um jantar, ou comprar vestidos caros e joias. Ele me passava a impressão que exalava maldade. Pura maldade.

Finalmente ele sentou no banco de trás, sem cinto de segurança. Ainda com a máscara que cobria quase todo o rosto.

Olhei para a frente, com as mãos atrás das costas. Se eu pudesse jogar os braços para a frente, poderia sufocar o motorista que estava na frente. Era possível que ele batesse o carro e que todos morrêssemos. Ou melhor ainda, eles morressem, e eu saísse ilesa.

Aquela era uma fantasia bonita.

O carro afastou do prédio e entrou no tráfego. Nós estávamos do mesmo lado da estrada que eu estava acostumada. As ruas eram estreitas e o carro pequeno. Eu não tinha certeza de onde estávamos,

mas definitivamente estávamos na Europa.

Quando estávamos a um quilómetro e meio do nosso destino, meu captor removeu a máscara. Seus olhos eram brilhantes e azuis, do tipo que brilhava à luz das estrelas. Por um momento, eles pareciam inocentes. Mas depois de um simples piscar de olhos, a maldade de sua alma brilhou através deles. Ele me encarou, como se fosse uma presa e ele o caçador. O ar estava saturado de tensão , e meu coração estava cheio de medo.

Ele tinha cabelos louros que estavam penteados para trás, deixando claro seu rosto redondo. Seus lábios eram finos, quase não se via. O seu rosto estava coberto com uma camada grossa de pelos, que me lembrava o rosto de um lenhador no inverno.

Ele me olhou friamente, pronto para atacar.

Eu sustentei o olhar, jurando naquele momento que se ele tentasse me tocar , eu iria matá-lo.

— Seu nome? —Sua voz soou tão cruel como durante o leilão. Ele tinha uma voz rouca, parecia com uma lixa sendo esfregada contra o concreto. A voz arranhava os meus tímpanos enquanto entrava dentro do corpo. Mesmo aquelas palavras simples pareciam grotescas. Meu ódio se multiplicou por dez... algo que pensei que não seria possível.

Recusei a responder. Recusei a obedecer. Se ele queria fazer algo, deveria se esforçar e não receberia qualquer recompensa.

Ele deu uma risada e encostou no o banco de couro.

—Como eu irei me divertir com você. Eu adoro.

Se divertir ? No instante em que ele colocasse o pau na minha boca, eu iria arrancá-lo com uma mordida.

—Seu nome será "bucetinha". — Ele olhou através das janelas escuras, vendo as luzes dos edifícios que passavam. Ele usava um terno preto e uma camisa preta por baixo, sua aparência era tão assustadora quanto sua voz.— A menos que me mostre o contrário. Entre nós, eu espero que você não faça.

Aquilo era ruim. Muito ruim.

Ele virou a cabeça na minha direção, observando minha reação. Ele Queria ver o medo. Queria ver o terror.

Mas eu me recusava a dar o que ele queria.

—Não podia acreditar na minha sorte quando o apresentador

anunciou a sua pontuação de lutadora. Parecia bom demais para ser verdade. É algo que quase nunca acontece.

Eu ainda não sabia o que significava uma pontuação de luta. Foi porque eu tinha matado alguém? Eu não era muito perigosa. Mas se eu precisasse lutar pela minha vida, eu faria qualquer coisa para sobreviver.

—E, então, você falou no salão que todos nós éramos doentes. Ele riu para si mesmo.— Meu pau nunca havia ficado tão duro. Eu queria gritar.

—Nunca meu pau ficou animado tão rápido. Mas lá estava você, uma mulher linda de feições perfeitas com um vestido deslumbrante. E então essa boca ficou suja, e você disse exatamente o que pensava. —Suas calças ficaram apertadas enquanto seu pau endurecia. Ele esticou a mão até a minha coxa e deu um aperto suave.

Enojada, eu afastei a coxa para o lado para tirar a sua mão.

Ele deve ter esperado por algo parecido, porque se afastou, escondendo um sorriso.

—Eu irei me divertir muito te domesticando. Você é como um garanhão que ninguém consegue selar . É como um touro que não pode ser montado.

O medo que se iniciou pelas minhas veias começou a circular através do meu sangue. Quando ele alcançou o meu coração, fiquei paralisada momentaneamente. Ser mantida prisioneira por aquele homem seria um teste de força completo. Eu seria submetida a tanta crueldade que seria possível que não sáísse de lá, não com a minha mente intacta. Mas eu não podia ceder ao temor. Precisava continuar lutando. Todo problema tinha uma solução, e eu iria encontrar uma.

—Assim que chegarmos em casa, vou meter meu pau na sua bunda tão forte, que você não será capaz de sentar por uma semana. Considere esse como meu presente boas vindas —Comecei a olhar pela janela, como se suas palavras não fossem tão assustadoras como tinham soado.

— Quando chegarmos em casa, eu vou te matar. Considere isso como um presente de despedida.

Ele virou para mim ao me ouvir falar. Em vez de me dar um tapa na cara pela resposta, ou me dar uma bronca, ele sorriu. Foi uma visão grotesca, como se minha insolência o encorajasse mais a me torturar.

— Eu amo desafios.

Capítulo 5

Crow

Estávamos em um beco, com um único poste de luz bem afastado. A hora era incerta, entre o anoitecer e amanhecer. Não havia carros nas ruas. Nem pessoas nas calçadas. Quando não havia luz, os monstros saíam.

Cane estava ao meu lado, com o saco de dinheiro a seus pés. Ele olhou para seu relógio preto e olhou a hora.

—Chegou tarde.

—Você sabia que eu viria mais tarde. —Sempre gostava de fazer uma entrada triunfal, fazer as pessoas esperar com expectativa. Era só assim que eu conseguia ganhar o respeito: pela força.

Meu coração estava batendo com uma lentidão perigosa. Justo antes do perigo, eu sempre mantinha a calma. Estava escrito no meu sangue desde antes do meu nascimento. Situações de vida ou morte foram as do tipo que eu cresci. Mas ficar sozinho na minha mansão era o que me fazia sentir medo. A paranoia, vinha me assombrar e eu não conseguia me livrar dela. Eu precisava quebrar alguma coisa para conseguir relaxar. Eu precisava infligir dor só para me sentir bem.

Meus homens chegaram mais perto, formando uma camada protetora. A norma da reunião era ir sozinho. Mas ninguém nunca ia sozinho. Não sabia muito bem o porquê se davam o trabalho de dar esta ordem .

Cane voltou a olhar para o relógio, com uma profunda irritação nos olhos.

—Está morta.

—Não diga isso. —Não fazia sentido duelar por alguém, a menos que fosse um fato comprovado que estava morta. Eu me recusava a passar pelas etapas do luto quando era desnecessário. Para mim já era difícil o suficiente me preocupar com algo, ou como estavam as coisas. Meu corpo já estava congelado há muito tempo. E nunca havia descongelado.

—Ela está morta e nós sabemos disso. — Quando ele olhou para mim o seu rosto refletia resignação. — Os perversos e doentes como ele não permitem que as pessoas vão embora por bem. Ele está brincando com a gente. Eu sei.

—Não somos o tipo de pessoas com quem convém

brincar.

—E essa é exatamente a razão pela qual ele está fazendo.

Finalmente, houve algum movimento. Vários homens vestidos de preto apareceram no final do beco. Ninguém saiu dos carros até desligarem os faróis. Dentro dos carros saíram soldados, carregando fuzis de assalto.

Um dos homens abriu a porta traseira de um veículo e ela saiu. Vanessa.

Mesmo dali e no meio da escuridão, eu podia ver as inúmeras contusões cobrindo seu corpo. Ela estava com os braços cobertos de hematomas roxos, com cicatrizes sobre outras cicatrizes. O canto da sua boca estava coberta de sangue seco, pela quantidade de tapas que eles lhe deram. Os dois olhos, estavam roxos após receber socos. Ela mal podia se manter em pé porque os músculos estavam atrofiados e ela parecia mais fraca como eu nunca havia visto. Comecei a ver tudo vermelho.

Eu não era capaz de pensar no que ele tinha feito. Eu não conseguia pensar nos meses de tormento que ele a fez sofrer. Todas as noites enquanto eu dormia, ela estava sendo chicoteada e espancada.

Ele estava constantemente em movimento e era praticamente impossível de seguir seu rastro. Eu trabalhei incansavelmente para recuperá-la. Saí do trabalho para isso. Embora não sobrasse nenhuma esperança, não me rendi.

Porque ela não teria se rendido se fosse comigo. O cruel magnata saiu do veículo por trás dela.

Coloquei a mão imediatamente na minha arma. Tive que apelar para toda a minha força de vontade para não agarrá-la e colocar uma bala na cabeça dele. Imaginei com prazer o seu sangue espirrando no soldado que estava atrás. Imaginei o seu corpo caindo na calçada fria. Eu guardei essas imagens como se um sonho se tornasse realidade.

—Crow. —Cane me trouxe de volta à realidade com uma única palavra—. Pensa em nossa irmã. Minha mão deu um aperto na arma antes de liberar.

Ele agarrou o cabelo da Vanessa enquanto a fazia caminhar. Ela estava usando um fino sutiã velho, coberto de sujeira e lama. Não parecia a mesma pessoa que eu lembrava. Ele poderia estar devolvendo uma mulher completamente diferente, que eu e o Cane nem perceberíamos.

—Está aqui. —Ele lhe deu um empurrão, e a jogou no chão.

Ela soltou um gemido ao cair no chão com os joelhos nus. Era ela. Reconheci sua voz.

A raiva me enrijeceu a coluna. Eu estava tão furioso que poderia ter exalado fogo. Eu queria jogar uma bomba nuclear que matasse a todos. Seria apenas a morte, mesmo assim, apreciei a ideia.

—Eu cumpri minha parte no trato. Ele usava um terno preto com uma camisa preta por baixo— E a sua?

Eu acenei para um dos meus homens.

Eles colocaram o saco de dinheiro em uma mala com rodas e então lhe deram um forte impulso.

A mala percorreu a distância que nos separava, até chegar ao final do beco.

Um dos seus homens abriu a mochila e contou cada nota, verificando se recebeu cada centavo acordado. Ele usava uma máquina para contar rapidamente e para se certificar de que as notas não eram falsas.

O tempo parecia durar para sempre.

A Vanessa levantou lentamente, com os joelhos vermelhos por terem batido no chão. A mulher forte e orgulhosa, que eu conhecia tinha desaparecido completamente. Ela foi quebrada em mil pedaços. Embora a tivéssemos recuperado, ela nunca seria a mesma. Ela jamais se recuperaria após as coisas terríveis que tinha vivido. Ela olhou para mim e para o Cane e começou a chorar. Minha irmã nunca chorou.

Ela foi feita da mesma massa que nós dois. Ela era dura como aço e implacável como um demônio. Você poderia lhe quebrar todos os dedos e mesmo assim ela jamais cederia. Mas havia acontecido coisas o suficiente para quebrá-la... um milhão de vezes.

—Você já tem seu dinheiro. —Agarrei minha arma— Agora deixe-a. — Quando ela estivesse a salvo, eu tentaria. A essas alturas já não me importava. Meu sangue fervia, ansioso por matar. Eu precisava matá-lo. Eu tinha que destruí-lo.

—Você já ouviu, querida. —Ele voltou a empurrá-la— Vá embora.

Ela cambaleou antes de conseguir se equilibrar. Então começou a caminhar lentamente, o que parecia durar uma eternidade. As vezes ela olhava para trás para ter a certeza que não era de um jogo cruel.

—Vanessa. —Minha voz saiu com firmeza. Ela precisa voltar a realidade. Eu precisava que ela atravessasse aquela distância que nos separava, antes que aquele bastardo doente mudasse de opinião. Peguei a arma do coldre, só para caso precisasse. Ela se virou para mim, com os olhos cheios de lágrimas.

—Vem aqui, agora mesmo. —Mais tarde nos preocuparíamos com os seus problemas. Naquele momento não havia tempo para se preocupar com seu abuso emocional— Anda.

Ela acelerou o passo, chegando a metade do caminho. Colocou os braços envolta da cintura para combater os calafrios. Ela estava caminhando com pés descalços nas poças de água, mas isso não importava. Seu corpo estava todo insensível.

Ela estava quase chegando, mas novamente se deparou com a mesma batalha. Nós a levaríamos ao hospital para fazer e testes no centro psiquiátrico. Eu não precisava ouvir uma única palavra, para saber que ela não era a mesma pessoa. A mulher que eu conhecia como minha irmã estava morta. A única coisa que eu tinha era o seu cadáver.

—Ela está demorando muito. —Cane sacou a arma do bolso.

— Dispara! —O Cane reagiu mais rápido do que eu e apontou sua arma. Eu estava concentrado nela caminhando e não percebi o seu movimento.

Ele apontou a arma diretamente para minha irmã e atirou.

Eu tive um nano segundo para responder. A única coisa que poderia fazer era carregá-la. Corri até ela o mais rápido que pude, com os músculos das pernas gritando pelo esforço. Minhas mãos agarraram seu corpo frágil e eu a joguei no chão. Mas era tarde demais.

Sua cabeça deu um salto para a frente enquanto a bala estava sendo introduzida na parte de trás do crânio, pulverizando uma nuvem de sangue na frente. Molhando o meu rosto e a minha jaqueta. Ela fixou os olhos no meu antes de afundar na escuridão. Um momento depois que ela se foi, morreu antes de cair no chão.

Eu sabia que ela estava morta, mas não conseguia acreditar. Eu

sacudia seu corpo , na esperança de que ela pudesse só estar desmaiada. Eu pressionei a minha orelha contra o seu peito à procura de seus batimentos cardíacos. Procurando sua respiração. Em busca de qualquer coisa que me dissesse que ela ainda estava viva. Não encontrei nada.

O tiroteio aumentou ao meu redor enquanto batalha começava. Por um momento, esqueci da guerra. Esqueci de tudo e de todos ao ver minha irmã mais nova morta sobre o concreto.

Os Homens saíram do beco e partiram, levando com eles seu líder. Ainda sentia o eco do tiroteio nos meus ouvidos, e alguns dos soldados estavam caídos. Perdemos alguns dos nossos também.

Seria possível que alguns estivessem a salvo se eu não houvesse perdido a concentração.

Cane correu até mim quando o perigo passou. Ajoelhou-se ao meu lado e viu nossa irmã morta. Ela parecia uma prostituta maltratada que foi eliminada após o uso. Ele respirava com força e olhava para ela , sem derramar uma única lágrima.

Eu também não chorei. Uma vida inteira neste negócio tinha me feito desistir de emoções humanas. Eu não entendia a tristeza ou desespero. Tampouco entendia a felicidade ou alegria. Tudo o que eu entendia era a raiva.

E a raiva era o que eu sentia naquele momento.

Meu irmão falou uma única palavra. E essa palavra foi o suficiente para contar uma história completa. Ele me disse o que faríamos com o homem que tinha massacrado a nossa família. Ele me informou qual seria o nosso próximo passo.

—Bones.

Bones tinha acabado com tudo. E agora era nossa vez de foder com ele.

Capítulo 6

Pearl

Ele honrou a sua promessa e me fodeu tal e como eu pensava que ele faria. Eu resisti o quanto pude, mas ele me amarrou e enfiou sua ereção até o fundo. Doía.

Eu não podia fazer nada além de ficar lá deitada e aguentar.

Sentia nojo de mim mesma. Me sentia suja.

Eu queria chorar, mas me recusei a fazer. Me Recusei a dar-lhe aquela satisfação. Ela não merecia meus gritos nem minhas lágrimas. Ele queria me quebrar, porque sabia que eu seria um desafio.

Mas eu não iria dar meu braço a torcer.

Quando ele terminou, voltou a tomar-me, uma e outra vez. Passei a noite em agonia, e pensei que ele me dividiria em duas. Quando ele estava satisfeito, eu estava quase inconsciente. Só podia deitar de bruços , porque eu sentia uma dor horrível na bunda. E eu sabia que não podia sequer imaginar ir ao banheiro novamente.

Ele se inclinou sobre mim e apertou seus lábios contra minha orelha.

—Irei fazer isso todos os dias até fazer você chorar. E cá entre nós, eu espero que você não chore. —Ele me deu um tapa na bunda antes de sair.

Quando eu estava finalmente em paz, fui ao banheiro e me limpei. Estava coberta com seu sêmen, e ele tinha me penetrado tantas vezes que estava sangrando. Entrei no chuveiro e fiquei debaixo da água quente, porque era o único lugar seguro dentro do meu alcance. Eu tinha um quarto, mas não tinha nenhuma porta. Ele poderia entrar quando quisesse. Mas quando eu estava no banheiro, ele não se metia comigo.

Ser estuprada era muito mais doloroso do que eu pensava. Finalmente entendi o que queriam dizer quando afirmavam que não era um crime de paixão, mas de violência. Meu captor não gostava de estar dentro de mim. O que ele gostava era de saber que estava me causando um dano enorme.

Eu sabia que o cativeiro poderia ser degradante, doloroso e traumático. Mas não fazia ideia que seria tão horrível. Meu captor era um psicopata e me fazia coisas muito pior quando mais tempo eu

ficasse ali.

Só havia passado alguns dias, e eu já queria desistir.

Eu queria chorar como uma louca e rezar por um milagre.

Eu queria deitar em posição fetal e morrer.

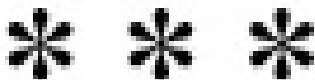
Eu queria esquecer quem ele era e viajar para outro lugar, ir a um reino em que não havia pensamentos. Só queria estar lá, flutuando em um nível de semiconsciência.

Mas eu precisava permanecer forte. Eu precisava seguir o plano que eu havia preparado. Eu precisava encontrar uma arma e matá-lo. Aquilo era tudo o que eu precisava fazer e então poderia correr dali e ir para casa. Eu poderia voltar para o Jacob e para o meu trabalho. E eu poderia mais uma vez dormir tranquilamente à noite, sabendo que nunca me fariam mal.

—Você pode fazer isso, Pearl.

—Você só precisa manter o foco.

—Ele pode possuir seu corpo, mas não sua mente. —Mantenha seus olhos fixos na linha de chegada.



Meu captor gostava de me espancar. Acho que gostava mais que me foder.

Ele adorava brincar de esconde-esconde. Eu corria pela sua mansão intrincada tentando encontrar um lugar em que ele não poderia me encontrar. E ele vinha me procurar, com um bastão nas mãos.

Quando me encontrava, como sempre fazia, ele me batia até eu desmaiar.

Ele adorava me amarrar e me bater, submeter-me a chicotadas. Gostava de me fazer sangrar, e quando ele percebia que estava brotando sangue da minha pele, ele me fazia sangrar ainda mais. Ele se excitava com um monte de coisas doentias.

Eu era o seu brinquedo. Para ele eu não era humana. Era como uma boneca de pano que poderia ser jogada fora.

Alguém tinha ganhado três milhões de dólares com isso.

Provavelmente a pessoa tinha um iate no Mediterrâneo, uma casa de praia na Sardenha e um Lamborghini na garagem.

Enquanto ele não paravam de me bater.

Quando eu saísse dali, iria em sua busca dessa pessoa . Iria encontrá-lo e levaria os três milhões de dólares. Não me importava com dinheiro. Mas ele era meu. Era meu. Ninguém além de mim mesma não deveria tirar proveito da minha escravidão. Eu só tinha que sair dali.

Eu não tinha certeza de como o meu captor ganhava a vida, mas deveria se dedicar a algo importante para ser dono de uma mansão. A mansão estava localizada no centro de uma cidade, mas não conseguia decifrar a localização. As barras nas janelas impediam minha fuga, mas eu podia olhar para fora . Eu estava na Europa, definitivamente. Eu não tinha qualquer ponto de referência a vista não podia determinar onde exatamente eu estava. França, talvez. Poderia ser Itália. Não importava. Em ambos lugares, havia uma embaixada dos Estados Unidos. Tudo o que eu tinha a fazer era chegar até lá e dizer que fui sequestrada. Então eles me colocariam no primeiro avião de volta para os Estados Unidos. E quando eu chegasse lá, eu nunca sairia outra vez.

Meu torturador saía durante o dia, ou pelo menos ia a algum lugar o qual eu não tinha acesso. Havia guardas patrulhando o interior da casa, vigiando todas as saídas e janelas. Havia câmeras em todos os cômodos, incluindo o quarto. Eu não tinha um pinga de privacidade. Ele assistia até o menor dos meus movimentos, como se eu fosse um cachorro.

Passava o tempo no meu quarto, saboreando as doces horas até que ele voltava da porra do que fazia. Todos os dias, ele me tomava brutalmente. A única exceção era quando ele estava doente. Até esse aquele momento, isso só havia acontecido uma vez.

Não havia relógios ou dispositivos eletrônicos em casa, além de um sistema de som incorporado nas paredes. Eu não tinha noção de quanto tempo estava ali. Parecia uma eternidade, mas seria possível que fossem apenas algumas semanas. Talvez um mês.

Mas a sensação era de ser uma vida inteira.

Durante o dia, não havia nada para fazer, eu aproveitava para dormir. Passava meu tempo livre, me recuperando das feridas que o Bones me infligia. Minhas costelas doíam por todas as partes que ele

havam me chutado e as minhas costas estava cheia de vergões . Ele tirava o cinto e me açoitava, dando uma atenção especial para a minha bunda.

Eu notava que ele nunca me bati no rosto, pelo menos não com força suficiente para me machucar. E nunca me machucava dos joelhos para baixo. Também, não machuca os meus ombros e meus braços. O castigo pior ficava para as minhas costas e para a minha bunda.

Talvez ele não queria que ninguém soubesse o que estava fazendo.

Isso me dava alguma esperança. Se algum visitante viesse à casa, poderia contar que estava ali contra a minha vontade. Poderia mostrar todas as minhas marcas e contusões. Então eles chamariam a polícia para mim. Ninguém podia saber de tudo e não fazer nada.

Eu sabia que ele tinha chegado quando eu ouvi sua voz pela casa.

— Onde está minha bocetinha? —Que apelido tão encantador.

Um segundo depois, ele entrou no meu quarto, vestido com uma roupa nova, como se tivesse acabado de chegar de uma reunião de negócios honrada. Ele deveria ganhar seu dinheiro com atividades criminosas. Era a hipótese mais provável. Ninguém tinha uma quantidade de riquezas, a menos que eles estivessem infringindo a lei.

Ele veio até a cama e me pegou pelo tornozelo, arrastando-me com força até a ponta, me arrastando para baixo dele.

Eu odiava o quão forte ele era. — Senti saudades de mim?

—Ainda que estivesse morto, eu não sentiria saudades. — dei um pontapé na sua mão e retrocedi.

Sempre que o desafiava, ele gostava.

—Depois açoitarei você por isso. Mas por enquanto, há algo que temos que falar. Isso deve ser bom.

—Francine. — Ele estalou os dedos como se estivesse chamando um cachorro.

Uma mulher jovem e obedientemente, entrou na sala. Ela usava roupas de grife e tinha um cabelo sedosa. Lembrei da estilista que

tinha me arrumado antes do leilão.

—Estou preparada, senhor.

—Minha querida bocetinha, essa mulher irá te arrumar para esta noite. Eu darei um jantar e gostaria de tê-la como convidada.

Um jantar? Isso queria dizer que teria mais pessoas? Parecia bom demais para ser verdade.

—Coopera —ordenou—. Se você fizer algo errado, será asfixiada até desmaiar . Nada novo até agora. E não era divertido.

— Entendeu?

— Vá se foder. —Aquela era a minha resposta habitual. E não sentia nenhuma vontade de mudá-la.

Ele virou para a mulher, divertido. —Ela é um bom pedaço.

—Estou vendo — ela disse com um sorriso. Eu a fuzilei com o olhar.

— Você sabe que eu sou uma escrava e continua a trabalhar para ele? Você percebe que poderia ter terminado no meu lugar? Você está mais doente que ele.

A Francine engoliu minhas palavras sem expressar a menor reação. Elas bateram contra o seu rosto inexpressivo, e evaporaram no ar.

—Você precisa de um colar.

Como?

— Caso contrário não trabalharei com ela. —Francine cruzou os braços sobre o peito e me olhou como se eu fosse um incômodo. Ela não recebia o suficiente para lidar comigo. Senti pena por ela... ou não.

—Você tem razão— ele disse — Tudo bem. —ele Tirou um anel de metal do bolso. Tinha a mesma aparência de um bracelete de prata, simples e sem adornos. Ele o colocou no meu pulso e então acionou um comando sobre ele .

Eu sabia o que era aquilo. Já tinham me colocado uma daquelas coisas antes .

"Filho da puta".

Ele passou o controle para Francine.

—Ela não deve apresentar mais nenhum problema. Mas, não deixe de vigiá-la Se você está planejando um corte de cabelo, amarre-a. Do contrário ela tentará agarrar alguma coisa.

Se ela fosse uma pessoa inocente ou não, eu a mataria se fosse preciso. Ela estava lá por vontade própria, o que a colocava diretamente no meu caminho. E eu precisa matar quem se metesse no meu caminho.

—Entendido. — Francine possuía uma voz lírica, do tipo que você ouve em uma música.

Por que meu captor não a queria, ao invés de mim? Ela era mais bonita. Possuía os seios maiores. O que ele gostava tanto em mim? Por que ele não a amarrava e ficava como ela para transformá-la em um brinquedo novo?

Naquele momento, percebi que eu ainda não sabia o nome do meu torturador. Eu nunca perguntei, e ele nunca me disse. Não me interessava em conhecê-lo. Mas talvez depois me serviria de utilidade. Quando eu chegasse na embaixada, meu primeiro objetivo seria ficar livre. Mas meu segundo objetivo seria matá-lo.

E para isso, eu precisava de um nome.

FRANCINE me arrumou dos pés à cabeça. Mudou meu corte de cabelo, eliminando as mechas longas e sem brilho. Aplicou uma série interminável de produtos nutritivos por camadas, dando-lhe brilho deixando cheio de vida. Meu cabelo estava com um brilho saudável, igual ao dela. Ela enrolou as pontas, virando o cabelo para dentro para dar forma ao meu rosto. Depois me maquiou. Alongando meus cílios com o rímel. Camada após camada e logo me transformei em uma pessoa diferente. Meus olhos estavam grandes e marcados. Ela pintou os meus lábios de vermelhos rubi, em contraste com minha pele pálida. A base que ela usou foi capaz de esconder até o menor dos meus defeitos. Se alguém me olhasse, nunca descobriria que eu estava sendo violada e espancada diariamente. Não se dariam conta de que eu sofria constantemente. Naquele momento eu parecia uma pessoa normal.

—Entendo sua obsessão por você. —Francine passou os dedos

pelo meu cabelo castanho escuro. Você é realmente linda. Você sabe, do tipo natural. Não precisa de maquiagem e roupas bonitas para ser incrível. Mas claro, isso sempre ajuda. Eu a fulminei com o olhar pelo espelho.

—Nossa, agora eu me sinto muito melhor.

Ela ignorou o meu sarcasmo.

—Agora só falta colocarmos o vestido, e você estará pronta para o jantar.

Aquela era a única coisa boa no meu cativeiro. Eu não passava fome. Eu poderia comer o quando quisesse e tudo que quisesse. Seu objetivo era esconder o abuso das minhas circunstâncias mantendo meu peso em um nível saudável. Se eu fosse mais esperta, passaria fome, até morrer. Mas a comida sempre foi a minha fraqueza. Eu amava comer.

Francine voltou com um longo vestido de noite prateado. Ele tinha uma profundo decote à frente, deixando meu busto exposto. Não tinha o nome do designer em qualquer lugar, mas eu sabia que era um vestido exclusivo. Quem vinha jantar, era importante.

—Eu não irei usar isso.

—Vamos... —ela tentou lembrar meu nome, mas percebeu que não sabia. O único nome que ela sabia era — 'bocetinha'. Não quero ter que usar o taser, mas se precisar, usarei. Só porque sou uma mulher não quer dizer que não vou te machucar.

Olhei para o vestido que tinha nas mãos antes de olhar para ela com ódio.

--Quando eu sair daqui, te encontrarei e te matarei por me dizer isso.

Seus lábios permaneceram firmemente apertados e seus olhos não se alterou. Aquelas palavras não a afetaram, em nada.

— Você quer ser tratada melhor? Não é difícil conseguir.
— Escapando?

—Não... quer que o Bones te trate melhor? Então lhe dê uma razão para fazer isso.

Bones? Aquele era o nome dele? Aquele nome era a coisa mais estúpida que eu havia escutado em toda a minha vida.

—Porra, ele não poderia ter escolhido um nome pior? — eu sorri

realmente pela primeira vez desde que haviam me sequestrado.

—O chamam de Bones por uma razão. —Ela continuou segurando o vestido, mas já estava ficando sem paciência. —Ele guarda um osso de cada uma das suas vítimas. Ele tem toda uma coleção em casa; um lembrete do que acontece com quem o deixa zangado.

Eu engoli para desfazer o nó que tinha se formado na minha garganta por imaginar aquela cena .Eu quase podia ver os fêmures e tíbias coladas às paredes. Eu imaginei as mãos e os pés em caixas pretas. O pensamento era tão insano que um calafrio percorreu minha coluna.

—Não seja sua próxima vítima. Você acha que ele te trata mal? Ainda não viu todo seu potencial. Como ele poderia ser pior?

—Um dia, ele vai quebrar sua perna, só para fazer você gritar. Ele vai fazer você mancar pela casa por uma semana, lhe forçando trazer-lhe um copo de whisky escocês ou o controle da televisão, só para te ver sofrer. Só quando se cansar disso chamará um médico.

Agora sim eu estava arrepiada.

---Sim, ele pode ser muito pior. Agradeça.

Como eu poderia estar agradecida? Meu captor estava ainda mais doente do que eu pensava. Era só uma questão de tempo para ele ficar entediado de seus tormentos habituais e resolver me fazer sentir um novo nível de dor.

Apesar do quanto feriu meu orgulho, eu fiz a pergunta que talvez salvasse a minha vida.

— Como faço para que ele me trate melhor? Ela sorriu, vitoriosa.

—Você é uma mulher esperta. Eu sabia disso, apesar dessa língua que você tem. — Você vai responder, ou não?

Ela fez um gesto indicando que eu me levantasse da cadeira e colocou o vestido em mim, passando pela minha cabeça. Me virou e subiu o zíper nas costas, ajustando o vestido na minha cintura. Ela alisou as dobras de tecido. Encaixava tão bem que parecia que foi feito sob medida.

Depois colocou um colar de prata em volta do meu pescoço, dando-lhe o toque perfeito.

Não me reconheci no espelho. Aquela foi a primeira vez que eu estava limpa em tanto tempo. Eu tomava banho todos os dias, mas eu não tinha nenhum produto para o cabelo. Eu não podia ter nada que nem de longe pudesse ser usado como uma arma. Até o secador era proibido, eu secava meu cabelo com a toalha. As roupas que eu usava eram velhas e de segunda mão, eram as mesmas roupas que foram usadas por outra escrava. A transformação foi muito significativa, foi como uma lagarta que se transformou em borboleta. Eu parecia uma pessoa diferente.

Ela colocou as mãos sobre os meus ombros e olhou para mim através do espelho.

—É muito simples. Faça que ele se apaixone por você.



Bones mandou me chamar, para que me juntasse a eles no andar de baixo para o jantar. Eu estava usando o vestido prateado e as joias caras, além dos saltos que me deixavam oito centímetros mais alta.

Francine me disse que eu tinha que conseguir que ele se apaixonasse por mim. Mas um vilão, um psicopata, sentia algo remotamente semelhante ao amor? Se importava? Ele me via como um ser humano? Seria bom não ser espancada e violentada todos os dias. Se conseguisse que ele se apaixonasse por mim, ele me deixaria ir? Seria possível?

Desci a imponente escada e mantive a mão sobre o corrimão para não tropeçar. Não estava acostumada a usar salto altos, nem descer escadas igual aquela. —Ah... aqui está. —Bones se levantou do seu assento que estava localizado na ponta da mesa. Havia quatro homens sentados com ele, bebendo uísque e Bourbon. Eles usavam ternos escuros semelhantes ao que ele usava. Eles ficaram de pé, observando cada passo que eu dava. Os homens eram aterrorizantes.

Cheguei no final da escada e fiquei a seu lado, sendo obediente pela primeira vez.

Ele sorriu e então me olhou de cima para baixo, apreciando o trabalho que Francine tinha feito comigo. Ela começou do zero e me tornou alguém menos repulsiva. Ele pegou minha mão e pela primeira vez, a levou aos lábios e beijou meus dedos. Tive vontade de vomitar.

—Deixe-me lhe apresentar aos meus amigos. — Ele me aproximou da cadeira que estava ao lado dele e me ajudou a sentar.

Eu não sabia que ele tinha boas maneiras.

—Estes são Afonso, Ricardo, Jermaine e Simon.

Cada homem inclinou sua cabeça em uma saudação ao ser apresentado.

—Vocês poderão chamá-la de Escrava. —Bones me serviu um copo de vinho. — Porque é exatamente o que ela é.

A cor da meu rosto se esvaiu quando percebi o que ele falou . Ele me apresentou como uma escrava, o que significava que aqueles homens sabiam exatamente o que eu era. Eles não se importavam que eu fui sequestrada ou que haviam roubado a minha vida. Eles nem pestanejaram ao ouvir as palavras do Bones.

Que tipo de mundo eu estava vivendo?

— Essa escrava se juntou a mim — Bones falou — meses atrás. Ela se adaptou muito bem. É feroz e combativa. É a primeira vez que vejo uma escrava com coragem. Foi desta forma que descobri que ela deveria ser minha.

Afonso estava sentado à minha frente e deu um longo gole no seu uísque, enquanto me encarava. Ele me fodia com os olhos assim como tinha feito aquele homem no barco ... momentos antes de eu quebrar o seu pau.

—Ela matou um dos homens que a sequestrou —Bones declarou com orgulho. —Roubou uma pistola e atirou no seu estômago.

Ricardo assentiu com a cabeça, impressionado.

—Ela é uma lutadora.

Havia uma faca ao lado do meu prato. Não era uma faca de carne, mas ainda tinha serra. Eu poderia esfaquear algum deles na jugular e fazê-lo sangrar até a morte. Claro, o Bones seria a minha primeira vítima. Mas os outros homens provavelmente estavam armados e acabariam comigo imediatamente.

É um belo presente—Simon falou. —Muito obrigado.

—É desta forma que fazemos negócios, pessoal. —Bones levantou o copo para fazer um brinde e em seguida bebeu.

Um belo presente? O que ele quis dizer?

Um garçom trouxe nossos pratos e colocou na nossa frente . Foi servido fatias de vitela com arroz e legumes. Não gostava da carne, mas não havia outra opção a não ser comê-la. Caso contrário, eu ganharia um tapa na cara.

Eu não conseguia parar de pensar no que o homem havia dito. Eu era um presente. Ele me compartilharia durante a noite? A ideia era ainda mais repugnante do que ficar sozinha com o Bones. Aqueles homens não possuíam limites. Eles poderiam me usar até quase a morte, e sairiam ilesos depois.

Foi por isso que o Bones pagou três milhões de dólares por mim, para me compartilhar?

—Você os servirá igual a mim. —Ele aproximou o copo de vinho, exigindo que eu tomasse um gole.

Estava confirmado.

---Se algum desses homens me tocar , eu arrancarei suas partes com uma mordida.

O Bones não levou a sério a minha ameaça. Ele riu, na verdade.

—Que doce, ela não quer estar com mais ninguém além de mim.

Todos os homens riram juntos.

Aquilo era qualquer coisa menos engraçado.

—Estou falando sério —falei.— Quem me tocar, eu mato.

—Já que você estará pendurada no teto, eu gostaria de ver você tentar —O Afonso retrucou . Olhei dentro dos seus profundos olhos castanhos e meu estômago embrulhou. Eu estava passando pela mesma situação do navio. Eu não iria ser estuprada por um homem, mas por quatro. Eu me virei para Bones, e o odiei ainda mais .

—Você gastou tanto dinheiro comigo, só para me compartilhar? Isso não é fazer um bom investimento.

—Minhas escravas duram apenas alguns anos. — Ele falou de uma forma tão natural como se estivéssemos fazendo planos para as férias.— Geralmente elas morrem de doença ou de lesões internas.

Minha mão agarrou a faca na velocidade da luz. Eu não me importava em morrer naquela noite.

Preferia morrer de um tiro na cabeça do que de uma lesão interna.

O Bones imobilizou o meu pulso como se já estivesse esperando aquela reação.

— Que pena. Eu pensei que você estava aprendendo. —Ele não soltou o meu pulso. Continuou me segurando me ameaçando em silêncio.

A antecipação era pior do que a própria dor .

Ele torceu o meu pulso brutalmente, até que os meus olhos se encheram de lágrimas pela dor. Eu me inclinei sobre a mesa, tentando não chorar enquanto ele deslocava o meu pulso .

—Você irá chupar o pau deles até que seus lábios estejam vermelhos e enrugados. E eles meterão na sua bunda e na sua boceta. Te espancarão até quase a morte. Então aproveite o jantar, enquanto ainda pode. — Ele soltou meu pulso de uma vez, obrigando-me a encostar na cadeira.

Os homens continuaram comendo como se nada tivesse acontecido. A forma violento que o Bones me tratou não significava nada para eles. Aquilo não lhes tiravam o apetite. Na verdade, eles pareciam ainda mais famintos .

Meu pulso doía tanto que eu não seria capaz de usá-lo.

Bones apontou para o meu prato. —Agora Come.

Eu não o desafiei novamente. Usei a mão esquerda para comer, mesmo não tendo nenhum pouco de apetite. Tentei conter as lágrimas enquanto a terrível verdade me consumia . Eu estava prestes a ser estuprada, por quatro estranhos ao mesmo tempo.

Capítulo 7

Crow

Sentei em frente à lareira do meu estúdio e observei como as chamas bailavam. Elas estalavam estourando, enviando faíscas ao fundo da lareira. O campo estava coberto de neblina devido ao inverno persistente. Raramente saía o sol.

Minha garrafa de brandy descansava na mesa ao meu lado e me servi de outra dose, aumentando minha dormência a cada gole. O conhaque era envelhecido e de boa qualidade, o melhor que havia provado. Cada garrafa custava uma fortuna, mas eu me recusei a beber outra coisa. O conhaque era o meu único amigo.

Estava olhando os quadros na parede, os originais que ela havia pintado exclusivamente para mim. Eles mostravam os campos exuberantes, colinas de vinhedos, chegando até onde o sol surgia no horizonte. Havia casas de paralelepípedos a distância, antigas como o próprio tempo.

As fotos que me faziam feliz.

Agora só me traziam tristeza.

Escutei um suave golpe na porta.

— Sim? — Meus empregados nunca abriam a porta sem a minha permissão.

— Cane quer vê-lo. — A voz da Patrícia ressoou através da porta.

Não queria ver meu irmão. Não queria ver ninguém. A última vez que ele veio, o coloquei para fora, me recusando a olhar na sua cara. Eu preferia disfrutar da dor sozinho.

A única coisa que eu queria era ficar sozinho.

— Avisa que eu estou ocupado.

Ela não se mexeu da porta, e ficou esperando.

— O que está acontecendo, Patrícia?

— Ele me falou que você diria isso... ele também falou que não vai embora até que você o receba.

Cane estava colocando minha paciência à prova, igual ele fazia quando éramos crianças.

Tudo bem— Pode deixar ele entrar.

---Sim, senhor. — Seus passos anunciaram sua partida.

Servi outra bebida e meus olhos voltaram a pousar nas chamas. Eu estava sentado na minha poltrona de luxo , meu lugar favorito quando a depressão me consumia. Ninguém nunca sentava na outra poltrona. Nem sei por que que haviam duas.

Cane entrou alguns segundos depois. Ele estava com uma barba cheia devido à falta de barbear e em seus olhos ainda queimava uma raiva que nunca morreria. Ele viu o conhaque sobre a mesa e se serviu de uma dose, igual ele fazia com todas as minhas coisas.

Ele sentou na outra poltrona e ficou diante do fogo.

Por um tempo, um confortável silêncio encheu a sala. Nossa camaradagem fraterna lutava contra a dor que ambos sentíamos. Mas então a realidade nos foi imposta. Nossa família começou com cinco membros, que logo se tornou quatro.

Depois passou para três.

Agora nós dois éramos os únicos que restavam . Ele interrompeu o silêncio.

— Faz tempo que não te vejo .

---Sim. Também faz tempo que não te vejo.

—Ficaria surpreso se você tivesse me visto, porque você está evitando a todos.

—Não estou evitando ninguém. — virei minha taça. —Simplesmente, não quero ver ninguém. Não me agrado pela companhia de ninguém . Há uma diferença.

—Mas você não foi ao funeral da Vanessa.

— Fazia sentido? —Perguntei friamente.— Eu disse adeus quando seu cérebro espirrava sobre a porra da minha jaqueta. Eu disse adeus, quando seus olhos fixaram nos meus antes de se apagarem. Cane, eu já havia me despedido. — Levei a taça aos lábios, confortando-me com o líquido que estava me queimando por dentro.

—Nossa mãe não teria gostado.

—Bom, ela também está morta. Nós nunca saberemos os seus verdadeiros sentimentos sobre este assunto.

—Simplesmente, me pareceu frio.

—Eu sou uma pessoa fria. Então o ocorrido não deveria te surpreender tanto.

Os olhos dele subiram para a parede com as fotos, as obras de arte originais cobriam a maioria das paredes da minha casa. Elas estavam expostos com orgulho, que representava a beleza do mundo.

—Como você quiser, cara. —Ele voltou a se concentrar nas chamas, seus dedos batiam incessantemente sobre a taça que ele segurava —Parece que já gastamos tempo suficiente lamentando sua morte.

Eu não tinha nem começado a fazer isso.

— Estou pronto para a vingança desde a noite que ela morreu. Eu só estou te esperando.

— Você tem algum plano?

Passei a maior parte do tempo calibrando as possibilidades. Eu não me limitava a me vingar das pessoas que me enfrentavam. Os mutilava, humilhava para que todo mundo visse. Preparava estas coisas minuciosamente, tomando meu tempo, até que chegasse a oportunidade perfeita.

—Quero fazer exatamente o que ele nos fez; fazer o mesmo com ele.

— E o que isso quer dizer, exatamente?

—Quero pegar uma pessoa que ele ame para torturá-la sem piedade. Quero que ele tente dormir todas as noites, sabendo que a temos. Que ela está sendo estrangulada, estuprada e espancada até perder a consciência. E então, quando ele achar que irá recuperá-la, será o momento que puxaremos o gatilho.

—Soa justo. Mas há um problema. Eu já sabia qual era o problema.

—Ele não tem ninguém, família, amigos, mulher e filhos.

—Todo mundo tem alguém.

Até eu tinha em um determinado momento.

Ele balançou a cabeça.

—Ele é implacável por uma razão. Ele não ama nada nem ninguém, exceto o poder. —Acontecerá. Só temos que esperar.

— Esperar por quanto tempo? —Ele perguntou.

Eu esperaria por toda a minha vida se fosse necessário. A vingança funciona como uma carreira de longa distância, não de velocidade. É necessário tempo e planejamento. Exige uma paciência inabalável. Precisa ser justa e adequada. Tem que ser perfeita.

—Todo tempo que seja necessário.

Capítulo 8

Pearl

Eu não conseguia me mexer.

Tudo doía. Eles haviam quebrado algumas coisas. Eu estava coberta de sangue. E agonia.

Desmaiei várias vezes, e eles injetaram um estimulante no meu organismo, obrigando-me a acordar com um sobressalto. Meu coração batia com tanta força que quase tive um ataque cardíaco.

Eles foram muito piores do que o Bones . Se revezaram para me torturar, bateram minha cabeça contra a parede antes de meter seus paus cabeludos na minha boca. Foi a pior noite da minha vida.

As sessões habituais com o Bones não era quase nada comparado com aquilo .

Eu não aguentava mais. Eu pensei que era forte. Pensei que era. Mas rapidamente percebi quão fraca eu era. Fui cedendo à pressão, me rendendo. Meus sonhos estavam cheios de pesadelos, e até mesmo dormindo eu não encontrava uma saída. Cada minuto que eu estava viva era uma tortura. O suicídio seria a minha única opção.

A menos que eu conseguisse persuadir o Bones a me amar . Se eu conseguisse fazer ele gostar de mim, ou até mesmo me amar, ele ficaria tão ciumento que jamais deixaria outro homem me tocar. Ele se sentiria mal ao me machucar. Talvez ele conseguisse me ver como igual ou pelo menos me desse carinho, em vez de me esbofetear. Talvez tudo fosse diferente.

Bones me deu cinco dias para me recuperar. Ele não foi ao meu quarto, exigindo sexo. Não meteu seu pau na minha boca, ordenando que eu chupasse. Ele me deixou em paz. Pela primeira vez.

Eu sabia que deviria tirar proveito da sua clemência e aproveitar o máximo. Eu precisava fazer minha jogada e manipulá-lo, fazê-lo acreditar que eu era algo que valia a pena proteger, e não machucar. Mas o que um homem como ele esperava ?

Ele amava o meu espírito de combate. Adorava a minha resistência. Eu precisava manter os dois para fazê-lo feliz. Mas eu precisava mudar alguma coisa. Talvez tratá-lo de forma diferente. Eu precisava provar que eu o desejava, mesmo eu o odiando.

Uma noite desci para jantar com um vestido bonito que encontrei no armário. Alguém estava incumbido de lavar as

minhas roupas e colocá-las limpas no lugar. Todas as noites , pegavam minha roupa suja, e devolviam limpa, pela manhã .

O vestido era vinho, a cor ficava bem na minha pele e realçava a cor do com meu cabelo. Me maquiei e arrumei meu cabelo sozinha, tentei fazer algo tão lindo igual a Francine havia feito. Esperava que aquilo fosse suficiente.

Bones estava sentado à mesa com o telefone na mão . Ele estava olhando para a tela, e pela forma como a movia, parecia que ele estava lendo um e-mail.

Sentei ao lado dele , intencionalmente, permitindo que o meu joelho tocasse o dele.

Ele notou a minha presença. Me olhou de cima abaixo, incapaz de esconder sua surpresa.

—Parece que você está melhor.

—Eu só precisava de alguns dias para me recuperar. —Serviram a minha refeição , e eu comi com os modos de uma rainha. Ele não olhava para mim.

—Meus amigos disseram que se divertiram muito.

— Suspeito que sim. Mas, eu não. Ele deu uma risada.

—Não me espanta.

—Não me diverti, porque eles não eram você. — Tentei soar tão convincente quanto pude.

-Oh?, é sério —ele perguntou.— Isso porque eu te dou o mesmo nojo .

—Sim.-- Mas eu precisava que ele acreditasse na minha história. Caso contrário, meu plano nunca funcionaria.— Mas eles não fizeram as coisas da maneira certa. Eles não me possuíram como você faz. Eles pareciam crianças que não sabiam o que fazer com o pau quando ele fica duro.

—Mantive a minha farsa comendo, fingindo que tudo estava perfeitamente normal.

Quando ele ficou em silêncio, eu sabia que estava considerando a ideia.

—Quando você me machuca, eu não gosto. Na verdade, eu odeio. Mas às vezes... —Levei a taça de vinho aos lábios. —Não me importo.

—Dei um longo gole, o álcool estava ajudando a acalmar os meus nervos.

—Não —ele sussurrou. — O que?

—A vezes... eu gosto. — Eu consegui dizer aquelas palavras só porque eu estava determinada a sobreviver. Eu precisava fazer aquilo para me proteger. Eu precisava fazer, se quisesse qualquer tipo de futuro que não incluísse me espancar.

Os olhos do Bones se escureceram de luxúria.

Cortei a carne e comi em silêncio.

—Eles não são homens de verdade. Não o tipo que eu estou acostumada.

Sua mão pousou na minha coxa debaixo da mesa.

Eu me virei para ele com um olhar de raiva nos olhos.

—Você não vai me deixar terminar de comer? Você é tão cruel assim ?

Ele sorriu antes de retirar a mão. —Conte-me coisas sobre você.

— Sobre mim? — Anteriormente ele nunca havia feito perguntas. A única vez, foi quando ele perguntou o meu nome. Exceto que, daquela vez ele não mostrou nenhum interesse pessoal sobre mim.

--Sim.

—Não tem muito o que dizer. Desde que me tornei uma escrava, minhas atividades extracurriculares já sofreram o suficiente. Ele ri baixo, divertido.

— Como era a sua vida na América?

—Trabalhava como engenheira mecânica para o estado de Nova York. Ajudava com diagramas de edifícios e pontes. Eu me formei na Universidade de Nova York, desde o ano passado morava com meu namorado. Eu não tenho família porque o serviço de proteção à criança me separou dos meus pais quando eu tinha dez anos. Eu cresci em uma casa de adoção até me tornar adulta.

— Que vida tão interessante.

—Suponho que sim. Embora algumas pessoas possam achar patética.

— Patética? —Ele perguntou.

Eu olhei ao redor da sala de jantar. No teto estava pendurada um lustre feito de cristal puro. Os copos que estávamos utilizando tinham a borda de ouro. Os talheres e pratos eram dignos de um rei.

—Nunca conheci um luxo como este. Nunca conheci pessoas ricas, ou tive coisas boas. A minha vida deve parecer chata em comparação a sua.

—Provavelmente —Ele afirmou. —Idiota.

—Mas eu acho que você é interessante.

—Porque eu tenho peitos e bunda--- Eu respondi secamente.

Ele sorriu.

--Sim. Mas também por outras razões.

— Como por exemplo? —Continuei comendo e tentei esconder a minha excitação. O plano estava dando certo. Estávamos criando um vínculo, ele estava sentindo um certo carinho por mim . Eu podia sentir.

—Você é a primeira escrava que eu tenho que resiste. Todas as outras se renderam quando elas entraram pela porta. Você tem um fogo interior que me mantém aquecido. Seus olhos transmitem uma inteligência que te torna especial. Definitivamente você não seria traficada se não tivessem te enganado.

Se não tivessem me enganado? O que ele quis dizer com isso? Eu segurei a pergunta porque eu não queria sair pela tangente. Aquela conversa estava indo muito bem e eu não queria estragar tudo.

Não valia a pena.

— Você acredita em destino?

—Acredito que criamos nosso próprio destino. —Ele tomou um gole do seu whisky.

—Às vezes eu acho que estou no lugar errado na hora errada. Mas, por que algo aconteceria se não estava destinado a acontecer?

—Considerando esta premissa, isso quer dizer que você estava destinado a ser uma escrava. E eu sei o quanto você odeia ser escrava . Não parece que sua fé no destino lhe trouxe algum benefício.

— Mas o que aconteceria se eu conseguisse alguma coisa

com isso?

— Como, por exemplo? —Ele perguntou incrédulo.

— Eu sei que faz coisas ilegais. — Olhei diretamente nos seus olhos. —Eu sei que você ganha a vida fazendo coisas desonestas . Que coisas ilegais você faz?

Ele se inclinou para a frente, intrigado.

— Por que você está perguntando isso?

—Viver aqui me faz desejar o poder. Eu odeio ser a vítima. Odeio ser a escrava. Tudo que eu queria era machucar a Francine. Não porque ela me fez alguma coisa, mas porque eu pensei que ela era melhor do que eu. Todas essas coisas me fez perceber que eu não sou diferente de você. Simplesmente, estou do lado errado.

Eu o estudei cuidadosamente. Os olhos dele analisavam meu rosto, procurando por algo que eu não fui capaz de adivinhar.

Eu estava torcendo para ele não descobrir a minha gigantesca mentira e me dar uma surra de morte. Meu corpo ainda estava se recuperando do trauma que aqueles homem me fizeram passar.

Eu não suportaria mais tortura. Eu ficaria louca. Mas , ele não me acusou de nada.

— Você gosta de poder?

Eu estava chegando a algum lugar e deveria continuar pressionando. Em vez de responder, eu acenei.

— Você quer o que eu tenho? Eu acenei mais uma vez.

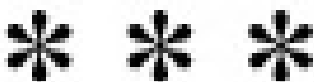
— Por quê?

Eu não tinha uma resposta, pelo menos não um que fazia sentido.

—Não há uma nenhuma razão. O poder é um estado de espírito. O poder é a capacidade de controlar as pessoas. É uma corrida que nunca acaba. É uma medalha que deve constantemente ser conquistada. É um título que pode ser perdido. É simplesmente... fascinante. Eu sei que estou presa onde estou, e não tenho como escapar. Mas às vezes... me imagino batendo em alguém. Às vezes me imagino escravizando alguém. Às vezes... fico excitada só de pensar.

Seus olhos não desviavam dos meus, ele mal piscava. Alguma coisa estava acontecendo lá no fundo do seu interior. Sua opinião

sobre mim havia mudado, mas eu ainda não sabia o que era . Ele terminou o whisky antes de deixar o copo vazio ao lado da outra mão. — Amanhã tem uma coisa que eu quero te mostrar. — O que? — É uma sala de tortura? —Você verá.



Bones não veio ao meu quarto depois do jantar. Foi para o estúdio e ficou fazendo suas coisas. Ele me deixou tranquila, dormindo sozinha no meu quarto. Foi agradável.

Tive a impressão de que algo bom havia acontecido naquela noite. Acho que eu disse a coisa certa e ele me viu de forma diferente. Talvez a minha fome de poder e meu falso respeito por ele tinham mudado sua opinião sobre mim.

Ou talvez ele estivesse ainda mais zangado.

Pode ser que ele tenha planejado me levar para algum lugar horrível no dia seguinte. Ou ele pode ter planejado me levar ao seu trabalho para transar comigo na frente de seus empregados no meio da sala.

Talvez ele fosse me matar e deixar meu corpo por aí.

E depois pegaria um dos meus ossos para sua coleção. — Uf. Que nojo '.

Na manhã seguinte, um dos seus muitos empregados veio até a porta do meu quarto com um conjunto. Era uma vestido preto de manga longa, sapatos de salto altos e um casaco grosso de inverno.

—A sua excelência deseja que você esteja pronta para sair em uma hora. Sua excelência? Ele realmente chamou o Bones daquela forma?

—Está bem. Obrigada. O criado saiu.

Contemplei o conjunto que o Bones comprou e tentei imaginar o que ele faria. Ele veio com um casaco, o que significava que iríamos sair. Eu estaria do lado de fora.

Eu tinha uma chance de escapar. Se surgisse a oportunidade, eu não iria desperdiçar, de jeito nenhum. Mesmo se ele metesse uma bala na minha cabeça, eu não me arrependeria. Preferia morrer tentando escapar a ficar sentada neste buraco do inferno.

O vestido era elegante e o tecido grosso o suficiente para me manter aquecida, apesar do frio. Os saltos não eram adequados para sair ao ar livre. Talvez nós não saíssemos, afinal das contas. Talvez nós simplesmente iríamos de um prédio para outro.

Eu me arrumei, tentando ficar o mais atraente possível. Não queria parecer sexy, e sim bonita. Ele poderia chegar a me respeitar, se eu conseguisse aproveitar a oportunidade. Poderia até ser que ele me visse como uma parceira, ao invés de uma boceta de bolso.

Eu o esperei no andar de baixo, perto da entrada, embrulhada no calor do casaco de pele, apesar que a casa estava aquecida. Ele desceu as escadas um pouco mais tarde, usando exatamente o mesmo terno que ele usava todos os dias. Ele nunca mudou o terno. Sempre era um terno preto com uma camisa preta por baixo. Uma gravata cinza que servia apenas como contraste do seu conjunto habitual.

Eu tentei colocar no meu rosto uma expressão entre o ódio e o respeito. Se o adulasse, ele saberia que estava tentando enganá-lo.

Ele chegou perto de mim e tirou o casaco do cabide. Ele era jovem para ter tanto dinheiro, provavelmente estava na casa dos quarenta. Ele não parecia ter uma mulher ou filhos. Mas aquilo era bom? Quem iria querer ser parte daquilo voluntariamente?

— Você está pronta?

O Bones nunca me fazia perguntas. Ele só me dizia o que eu tinha que fazer.

—Estou.

De repente, ele pegou o meu queixo e virou meu rosto em direção a seus olhos frios. Os dedos dele me agarraram com força, lembrando-me o quanto ele era brutal. Nos últimos seis dias, eu havia desfrutado do descanso de suas maldades. Mas naquele momento voltei a ter em mente que ele ainda era imponente.

--Se você fugir, irei te foder tão forte que desejará a morte.

A ameaça enviou um calafrio pela minha coluna e gelou o meu corpo. Eu tentava não ter medo de nada, mas aquela afirmação me apavorou. Eu sabia o que era ser fodida tão cruelmente até chegar ao ponto de sangrar. Eu sabia muito bem.

Eu concordei, e os dedos dele foram até o meu rosto.
—Eu não fugirei.

Ele levou meu rosto em sua direção e me deu um beijo duro na boca. Foi violento o suficiente para me machucar. Ele virou rapidamente e depois saiu pela porta da entrada.

Ele nunca tinha me beijado, nem sequer de forma violenta. Com um pouco de sorte, aquilo queria dizer alguma coisa.



Sentamos em lados opostos do carro.

Bones não colocava o cinto de segurança do carro para poder ir de um lado para outro. Foi um hábito que eu também adquiri. Ele também pensava que era invencível, ou que deveria estar preparado para sair rápido do carro a qualquer momento.

Eu olhava os edifícios passando enquanto estávamos seguindo em direção ao interior da cidade. Eu tentei ler os sinais dos cartazes que estavam espalhados por todos os lados, na tentativa de descobrir onde estava. Não achei que haveria problema em perguntar. Ele me deixou sair de casa, desta forma deduzi que as circunstâncias pareciam permitir.

— Onde vivemos? — Escolhi as palavras com cuidado, no intuito alimentar o ego dele ao invés de abalar.

— Alexandria. — Ele mantinha olhos colados em direção à estrada. Isso não me ajudava.

— Na França?

— Itália. Mas, estamos perto da França.

Gostaria de ter um mapa para ver o ponto onde estávamos. Eu nem sabia onde ficava a embaixada. Duvidava que havia várias. Provavelmente existia apenas uma, em uma área turística principal.

---Quando eu estava no navio, vindo da América para cá, matei um homem com uma arma. Eu não me senti mal. Não senti culpa ou remorso. E quando percebi que eu desfrutei do ato, me dei conta de que havia algo errado comigo.

Ele virou a cabeça em minha direção, intrigado pela minha confissão.

— Tirar a vida de alguém é o maior sinal de poder.

---Um dos homens tentou me estuprar. Então, eu dei um chute no seu pau, eu tenho certeza que o quebrei.

Eu duvido que ele consiga urinar algum dia sem sentir dor.

Ele riu suavemente e colocou sua mão sobre a minha coxa.

—É por isso que eu gosto tanto de você . Você é forte. Não é idiota como todas as outras mulheres patéticas.

Só porque estavam com medo não queria dizer que elas eram patéticas. Me irritou ouvir ele falar do meu próprio sexo daquela forma. As mulheres continuam sem ser tratadas como iguais, desde que o tempo é tempo. Mas escondi minha raiva e fingi que suas palavras não significavam nada para mim. Eu precisava focar no que era importante. A minha prioridade era escapar. Isso Já serviria de justiça.

— O que você faz da vida?

— Como faço para ganhar dinheiro? —Ele perguntou. ---
Sim.

—Sou traficante de armas.

Eu não entendi o que ele queria dizer. Ele traficava armas?

Não me surpreenderia.

Embora ele estivesse olhando pela janela, ele percebeu a minha confusão.

— Fabrico armas e vendo para quem me paga mais. Cada arma é exclusiva, então qualquer um quer comprá-la porque será a única que haverá em todo o mundo. Aquilo era um giro doentio de moralidade.

—As pessoas pagam mais para ter exclusividade.

Eu estava realmente na presença de um maníaco. Ele era um partidário da guerra e das drogas. Ele era o tipo de homem que os Estados Unidos sempre perseguia . E ele estava bem debaixo do meu nariz. Se tratava do homem que me violentava. Aquilo era repugnante.

—Impressionante. —Mantive a farsa —Não sei nem como começar a construir um império assim. —Leva tempo —ele explicou.— E dinheiro.

Eu olhei pela janela e senti a minha nostalgia crescer . Eu não saia

nas ruas fazia meses. Eu gostaria de sentir a brisa no cabelo enquanto caminhava na calçada. Eu precisava que a luz do sol tocasse a minha pele. Gostaria de sentir o cheiro de café ao entrar em uma cafeteria. Eu coloquei a minha mão contra o vidro, só para sentir o frescor do inverno. A mansão em que vivia possuía aquecimento central. Mas eu queria sentir o frio. Sentia saudades da neve.

Após vinte minutos de viagem, paramos em um mar de armazéns. Estavam fechados e inacessíveis, a menos que você passasse na frente do guarda que estava parado e lhe desse o código. O guarda praticamente se curvou para o Bones quando ele forneceu seus dados de acesso.

Como um louco, retorcido como ele conseguiu tanto poder? Seria verdade que dinheiro trazia tudo o que você queria? As pessoas mudariam de lado por um preço? O mundo tinha se reduzido a isso? A dinheiro?

Nós seguimos com o carro no complexo até parar em um dos armazéns. O armazém tinha uma cor azul profunda e não havia guardas a vista. Não havia sinais ou direções em lugar nenhum. Todos os edifícios eram idênticos. Como conseguiam diferenciá-los?

—Vem comigo. —Bones me ofereceu seu braço.

Olhei para ele, não tinha certeza do que fazer.

Ele se aproximou mais, me olhando com desaprovação.

---Se me desobedecer vou te dar uma surra aqui mesmo.

Agarrei em seu braço, mantendo os olhos baixos em um gesto de submissão. Minhas dúvidas não eram devido a uma atitude desafiadora. Eu simplesmente não entendia o que ele queria. Ela nunca agiu daquela forma comigo. Eu só tinha permissão para tocá-lo se fosse para lhe chupar.

Fomos para o prédio e eu vi a fábrica em pleno funcionamento. Uma esteira rolante transportava as peças de metal antes de serem pintadas e forjadas sob um fogo intenso. Passando para a próxima fase, na qual os trabalhadores montavam as peças. Eles trabalhavam em silêncio, igual as formigas em um formigueiro.

Tentei esconder meu espanto, mas minha expressão não colaborou. Eu não podia acreditar no que estava vendo. Era impossível aquilo ser legal. Como as autoridades italianas não sabiam o que estava acontecendo? Como não o prendia? A única explicação, era o suborno. Ele deveria ter pagado o silêncio deles.

Bones me levou pela fábrica, sem notar a presença de seus funcionários, enquanto se movia. Eles também não olhavam para ele , embora soubessem exatamente quem ele era. Passamos por diferentes áreas de montagem, serpenteando através de diferentes seções. O calor da fábrica era desconfortável. O meu casaco ficou muito pesado quando comecei a suar . Havia cinzas no ar, e meus pulmões queimavam toda vez que eu respirava. Os trabalhadores estavam nas piores condições possíveis.

Viramos a esquina e chegamos a uma sala onde haviam homens sentados em uma mesa. Eles possuíam pincéis pequenos e pintavam cada pequeno detalhe no metal das armas montadas, retocavam as imperfeições e as preparavam para distribuição. Eles tinham os rostos cobertos por máscaras para não inalarem o vapor da tinta. Mas com toda a sujeira que estava no ar, que diferença fazia ?

Um homem estava sentado com a cabeça apoiada na mesa. Ele não parecia só cansado, mas completamente exausto. Ele estava com o pincel em uma mão, e a outra repousava sobre uma tigela de tinta preta.

Ele estava bem?

Bones o viu, e a falta de alegria em seus olhos foi o suficiente para capturar a atenção de todos. Os homens olharam de solavanco para ele, mas continuaram trabalhando, fazendo todo o possível para manter a cabeça baixa e não chamar a atenção.

Bones saiu do meu lado e se aproximou do homem desmaiado em cima da mesa. Ele o agarrou pelo ombro e o sacudiu violentamente.

Ele começou a gritar na cara do homem em italiano .

Eu não falava italiano, então não entendi uma única palavra. Mas não precisava entender a língua para saber o que ele estava dizendo. O rosto dele foi ficando vermelho enquanto ele gritava na cara do homem. Lembrei das vezes que ele gritou comigo, antes de bater na minha cara.

O Bones agarrou o homem pelo colarinho e o arrastou para o chão. Ele pressionou a bota suja contra a cabeça do homem, forçando-o a ficar contra o cimento.

Os outros homens continuariam trabalhando, como se não estivesse acontecendo nada. O som das máquinas em operação não pararam. Os pistões continuariam comprimindo o ar, e as esteiras ainda estavam zumbindo. Não havia nada fora do comum.

Bones pegou uma arma e apontou para a cabeça do homem, ainda gritando em italiano.

Minha primeira reação foi de intervir e proteger o pobre homem deitado no chão. Mas aquilo iria arruinar a minha farsa e provavelmente também custaria a minha vida. Eu não podia fazer nada além de ficar do lado e rezar para que aquilo terminasse de uma forma não-violenta. Mas isso não aconteceu.

O Bones atirou nele direto na cabeça. Uma poça de sangue instantaneamente foi formada sob o corpo, e os olhos do homem permaneceram rigidamente abertos.

Eu me assustei um pouco quando o som ecoou nas paredes. Meu estômago embrulhou. Náuseas queimaram a minha garganta e eu queria desmaiar. Minha mente ficou transtornada, eu estava mais transtornada pelo assassinato do que por todas as coisas assustadoras que ele fez para mim. Mas eu precisava manter uma expressão serena. Precisava seguir em frente. Caso contrário, eu nunca sairia dali. Eu precisava me concentrar em sobreviver.

Ele soprou a arma antes de colocá-la na parte de trás da cintura. Passou sobre o corpo como se ele não estivesse lá e ficou ao meu lado, procurando alguma reação no meu rosto.

Segurei seu olhar e permaneci tão neutra como pude, não tinha certeza do tipo de reação que ele esperava.

—Isso é poder. — Ele falou, sua voz sobressaindo aos sons da fábrica, sem se importar que os trabalhadores estavam ouvindo que ele estava dizendo.— Eu não senti remorso ou culpa. Apertei o gatilho e me senti bem fazendo isso. —Ele repetiu as minhas palavras, mas sem levar em conta o contexto de tudo.

E u tinha atirado em alguém para sobreviver, para não ser uma fodida filha da puta.

Ele fez um sinal aos trabalhadores com a cabeça, eles não deixaram o trabalho em nenhum momento durante a confusão. Eles se concentraram em suas tarefa, ignorando o corpo ensanguentado.

— Eles continuam trabalhando, porque sabem o que acontece quando cruzam a linha.

Aquilo não era poder. Era governar infringindo medo. Que era uma coisa bem diferente.

— O caminho para chegar ao poder absoluto não é fácil. Mas quando você chega, o mundo se curva para você.

Eu nunca me inclinaria diante dele .

Ele agarrou o meu braço e me levou para fora da sala.

Eu deixei ele me levar, porque queria me afastar do cadáver. Queria me afastar do cheiro de morte. Aquele cativado estava me fazendo perceber o quão idiota eu realmente era . Sempre pensei que fosse dura como aço, mas naquele momento entendi a verdade.

Nunca tinha sido colocada à prova até então .

Quando voltamos à mansão, Bones me seguiu até o meu quarto. Cada passo que dávamos em direção a mansão , eu temia pelo que poderia acontecer. Fazia quase uma semana, que ele havia me deixado em paz. Estava com uma falsa sensação de segurança, só porque ele ficou alguns dias sem me maltratar?

Ele entrou depois de mim e tirou a roupa deixando cair todas as peças, uma a uma no chão. O medo voltou ao meu corpo.

Talvez o meu plano não tivesse funcionado. Talvez eu só tenha conseguido que ele ficasse mais obcecado por mim . Talvez ele quisesse me ferir ainda mais.

Ele se aproximou de mim por trás e tirou meu casaco, jogando-o no chão ao lado das suas coisas. Depois abriu o zíper do meu vestido e puxou violentamente, ele não se importava se custou caro ou não. O dinheiro não significava nada quando já se tinha o bastante.

Ele me pegou pelo pescoço me jogou com força na cama. Tínhamos voltado ao normal.

Subiu em cima do meu corpo e me deu um tapa violento na bunda. Mas não foi doloroso como os outros. Ardeu, mas não era insuportável. Sua mão enorme rasgou a minha calcinha de uma vez, e em seguida ele me penetrou com um violento empurrão .

Fiquei deitada de bruços e tentei manter a calma. Quanto mais eu resistisse, mais doeria.

Bones me penetrava , mas não com a violência das outras vezes. Seus movimentos eram suaves. Ele se movia sobre mim, como as ondas na beira do mar . Ele pressionou o seu peito contra as minhas costas e descansou o rosto na curva do meu pescoço. Ele cheirava o meu perfume e gemia enquanto me penetrava até o fundo. Foi o sexo mais delicado que tivemos.

Eu continuava sem desejá-lo. E estava claro pelo fato de eu estar seca. Eu não conseguia esconder a minha repulsa por estar sendo penetrada contra a minha vontade. Ele tinha sua longa ereção dentro de mim e eu odiava cada segundo daquela intrusão. Mas de alguma forma, alguma coisa havia mudado.

Ficou suportável.

Ele não estava me chicoteando com um cinto ou dando socos na minha cara. Não estava metendo seu pau na minha boca ou na minha bunda. Ele estava me penetrando com suavidade, com delicadeza. Eu fui um corpo quente para ele gozar, não um saco de pancadas. Ele nunca tinha me tratado tão bem.

Eu consegui? Tinha conseguido que ele me visse de maneira diferente? Será que ele me maltrataria menos? Será que a minha vida seria mais tolerável? Se eu esperasse tempo suficiente, poderia convencê-lo a me deixar ir embora?

Aqueles pensamentos rondavam a minha cabeça e me distraíram da minha verdadeira posição. Eu nem notei a forma como ele rosnava cada vez que se enterrava dentro de mim. Não prestei atenção no suor de seu peito que se esfregava nas minhas costas. Tudo o que eu pensava era na liberdade, e de quão perto eu estava.

Capítulo 9

Crow

Sai do caminho entre as oliveiras e entrei para o caminho de terra, que levava até a casa. Meu peito quase explodiu pelo esforço e os músculos das minhas pernas formigavam pelo fluxo de sangue.

Minha corrida pela manhã era sempre exatamente a mesma. Eu esperava até o sol aparecer depois da colina, cobrindo o vale com os raios de luz. As uvas dos vinhedo estavam brilhando por causa do suco e o orvalho brilhava sobre as folhas. O ar tinha uma pitada de frio matinal, que ardia cada vez que entrava nos meus pulmões.

Tirei o capuz e desacelerei, para continuar andando. A casa possuía três andares, era feita de pedra e tinha uma vista gloriosa sob o sol da Toscana. As janelas antigas nos faziam lembrar de tempos diferentes, e a hera que se estendia desde o chão ao telhado da fachada oriental da casa, tornou-se uma obra-prima no meio do nada.

O único momento em que eu abandonava a minha casa era para ir trabalhar. Simplesmente, não existia nenhum outro lugar onde eu gostaria de estar.

Cheguei até a entrada principal e depois subi os degraus que levavam até as portas duplas. Um dos meus guardas apareceu do nada e me ofereceu uma garrafa de água fria. Eu peguei, assenti brevemente e depois entrei em casa.

— Como foi a corrida, senhor? —Lars, meu mordomo me cumprimentou assim que passei pela porta.

—Bem. —Bebi uma boa quantidade da água antes de esticar as pernas. — O senhor Cane veio vê-lo. Ele está no salão de chá. Aquilo imediatamente, me irritou.

— O que é o que ele quer?

—Ele disse que é um assunto pessoal. Isso era o que ele sempre dizia.

—Eu o verei depois do banho.

—Claro, senhor. Gostaria de tomar café da manhã? —Meu mordomo me seguiu subindo as escadas e pegou a garrafa de água vazia da minha mão.

—Apenas café. Claras de ovos. — Todo dia eu pedia a mesma coisa, mas ele sempre insistia em perguntar.

—Estará pronto quando você retornar. —Ele saiu com a garrafa de plástico na mão.

—Obrigado, Lars.

—É um prazer, senhor.

Demorei muito tempo para me arrumar, só para evitá-lo. Minha fúria estava pior do que o normal aquela semana. Os pesadelos chegavam assim que eu fechava os olhos e o rosto da Vanessa morta sempre era o protagonista.

Lars sugeriu que eu permanecesse ativo, me disse que ficar esgotado me faria para de sonhar. Mas não fazia diferença se eu lutasse, corresse ou nadasse. Meus sonhos sempre permaneciam os mesmos: minha irmã morrendo em meus braços.

Minha diversão era planejar como eu iria matar o Bones. Tudo devia ser executado com perfeição. Homens como nós eram difíceis de subjugar, mas eu acharia uma forma de fazê-lo se render como todos os outros. Talvez o esfolasse vivo. Ou cravaria agulhas nos seus olhos até ele ficar completamente cego. Eu também poderia fatiar o seu pau e ficar olhando uma matilha de cães devorá-lo, isso se tivesse o suficiente para todos.

Nenhuma das minhas ações aconteciam sem ser cuidadosamente planejadas. Eu não era impulsivo nem impaciente. Eu esperava até estar absolutamente certo do meu décimo movimento antes de fazer o primeiro.

Eu sou um pouco controlador.

Entrei na sala de chá e vi meu irmão sentado na poltrona junto à lareira. Naquele exato momento, Lars trouxe o café da manhã para nós, silenciosamente, pôs a mesa com graça e agilidade. E saiu fechando as portas.

Eu sentei em outra cadeira, mas não toquei em nada do que estava na mesa. Ambos esperamos Lars sair antes de falar alguma palavra. Eu tinha certeza que meus empregados levaria meus segredos para o túmulo, mas isso não queria dizer que eu dava informações por nada.

— O que você quer?

Cane se serviu de café e descansou o tornozelo sobre o joelho oposto. Ele estava usando terno e gravata, porque havia acabado de sair do armazém. Apesar da nossa ligação genética, não parecíamos em nada um com outro. Ele não tinha os traços tão marcados como os

meus, e seus músculos lhe davam uma aparência corpulenta. Eu era o oposto. Tinha os traços definidos e diferenciados e o corpo musculoso e tonificado. Preferia minha aparência esbelta e forte. Me deixava mais rápido, mais ágil e eu conseguia concentrar uma grande quantidade de força em um único soco. Se perguntassem a minha opinião, diria que o corpo do meu irmão o tornava mais lento, aumentando o seu tempo de resposta ... e por isso eu sempre ganhava a luta.

— Você é sempre tão rabugento logo de manhã? Sinto pena do Lars —Ele bebeu o café, segurando a xícara pela alça como se ele fosse da realeza.

—Sempre fico rabugento quando olho para você. —coloquei meu café e bebi puro, igual a ele. Aquela era a única maneira de saborear os preciosos grãos. Eu disse que queria ficar sozinho... várias vezes. A única pessoa que eu suportava era o Lars. Ele não fazia nenhuma pergunta. Não tinha o direito de pedir explicações. Ele fazia seu trabalho, sem ter juízos de valor. Ele se limitava a ficar do meu lado, quando eu precisava, e saía quando não era bem-vindo.

— Como foi sua corrida?

Eu odiava uma conversa à toa.

— Tem alguma coisa sobre a qual você queira falar?

—Sempre direto ao ponto... —Cane tirou um pedaço de papel dobrado do bolso no interior da sua jaqueta. —Tenho algumas informações sobre o Bones.

— Algo útil? — Talvez ele tenha uma relação especial com um dos seus empregados. Não era impossível que ele sentisse alguma coisa por algum funcionário. Se houvesse alguém que ele se importasse, eu acabaria sabendo.

— Na verdade, sim. Parece que o Bones comprou outra escrava logo depois de... —Ele não terminou a frase, porque nenhum de nós dois precisava ouvir. Nós não nos deixávamos levar pelo coração porque nenhum de nós possuía um. — Ela é americana.

— O que você quer dizer? —Não me importava quem era a próxima vítima do Bones. Com sorte, ela teria uma morte rápida e indolor.

—Um dos nossos infiltrados disse que ele a levou para a sua fábrica no norte da Itália. Eu estava prestes a beber um gole de café, mas rapidamente mudei de ideia.

— E ele mostrou tudo? Cane assentiu.

—Ao que parece, ele executou um homem que tinha desmaiado devido a um ataque epiléptico.

Aquele arrogante. —Cane riu entre os dentes e olhou para o papel.— Mas isso não é o mais interessante. Ele tem ingressos para a ópera neste sábado. E adivinha quem vai acompanhá-lo.

Eu não precisava da resposta. Bones tinha escravas ao longo de toda sua carreira. Elas ficavam em casa, ninguém nunca as via, nem haviam testemunhas. Ele fazia o que queria e depois as descartava. Elas nunca eram exibidas publicamente, e ele as tratava pior que os cachorros. Aquela era diferente.

—O que você acha que isso significa?

—Não, tenho certeza —Cane respondeu. —Mas só posso supor que ele sente um carinho especial por ela.

Eu estava chegando à mesma conclusão.

— Você nunca adivinharia quanto ele pagou por ela.

Eu nunca tinha ouvido falar em um valor maior do que um milhão.

—Um milhão e meio.

Cane olhou para o papel com um sorriso nos lábios.

—Três.

Eu estava com a xícara na mão, mas não consegui beber. O vapor subiu pelo meu rosto, mas eu não me dei conta. A única coisa que eu conseguia me concentrar era no som da voz do meu irmão.

— Três milhões de dólares? Ele assentiu.

—Por essa ele perdeu o controle .

Eu não conseguia acreditar. Aquele era o lance mais alto que eu tinha ouvido falar, pelo menos para uma escrava. Não fazia sentido gastar tanto dinheiro com uma escrava que morreria dentro de alguns anos.

—Minhas fontes dizem que ela é algo fora do comum.

— Como fora do comum?

—Ela é requintada. Divina. Espetacular. Algo fora deste mundo.

Um dos rapazes me disse que ela é a mulher mais bonita que ele já viu. Cabelos castanhos e longos, olhos azuis e pernas que se estendem por dias. — Assobie. — Agora tenho que ver para crer.

Belas mulheres iam e vinham. Eu já vi várias delas. Havia fodido muitas. Não existia uma mulher tão bonita que valesse essa quantidade de dinheiro. Talvez eu fosse um homem difícil de impressionar, não me enfeitava facilmente. Tinha um coração de pedra que batia só para manter o sangue circulando. Mesmo no auge da paixão, meu coração batia perigosamente lento. Meu corpo não estava interessado em amor. Ele estava apenas interessado em sexo. A única coisa que me interessava era a destruição.

—Estou convencido de que não seja nada muito especial.

—Bom alguma coisa especial ela deve ter —Cane disse.— Mesmo um homem rico como o Bones, cuida bem do seu dinheiro. Ele não desembolsaria uma fortuna, a menos que tenha uma boa razão pra isso.

—A beleza está nos olhos de quem vê. — Não me importo com a opinião do Bones. Nós dois éramos maus, mas de maneiras muito diferentes. Só porque ele pensava que aquela mulher valia alguma coisa, não queria dizer que eu concordava .

—Acho que devíamos verificar isso por nós mesmos.

O fascínio que o meu irmão sentia pelas mulheres belas era irritante. Ele era constantemente guiado pela sua ereção dentro de sua calça. Eu guardava meus pensamentos para mim, mantendo a minha privacidade, como se fosse um baú cheio de ouro. No meu ramo de negócios, não havia lugar para sentimentos ou apegos. Quando eu gostava de alguém, geralmente a pessoa terminava morta.

—Não me importo nem um pouco com a aparência dessa mulher. — Se é bonita ou feia não faz nenhuma diferença para mim.

—Quero vê-los juntos —Cane disse — Ver como o Bones a trata. Isso nos dará uma pista sobre o que ele sente por ela.

Aquilo não era má ideia, na verdade. Se ela fosse simplesmente uma escrava, não estaria lá, para começar. Será que ela sentará ao lado dele, como uma pessoa normal? Ou estará de joelhos o tempo todo, provando sua submissão? Ela ficará a noite toda lhe servindo bebidas? Porque a levaria, se ele tinha a opção de ser servido por qualquer um dos seus muitos empregados? As perguntas corroíam meu interior.

— Onde eles sentarão?

—Do lado esquerdo do palco . — Cane leu o papel que estava segurando— É um camarote privado, então será ainda melhor.

— Deve estar registrado sob um pseudônimo?

—Sim.

—Então não suspeitará sobre nós. —Podíamos enviar um dos nossos homens para cuidar disso, mas Cane e eu tínhamos um interesse pessoal naquele caso. Precisávamos ver o Bones em ação com nossos próprios olhos. Precisávamos ver tudo. Éramos os únicos que poderiam tomar a decisão certa.

—Não. Aquele maldito bastardo não terá nenhuma ideia.

Capítulo 10

Pearl

Esta noite vamos à Ópera. —Bones abriu o armário para revelar um vestido impressionante que eu deveria usar. Iremos depois do jantar. É uma das minhas obras favoritas.

Eu iria sair outra vez.

Eu não podia acreditar na minha sorte.

Poderia sair daquela mansão sufocante, com aquelas paredes pálidas sem graça e sem decoração. O tapete não tinha um toque macio sob meus pés descalços. Ele era fino e barato. Eu estaria com outras pessoas, ouviria elas falarem em italiano, uma das línguas mais belas que já ouvi. Talvez fosse possível dizer a alguém que eu fui sequestrada. Talvez eu poderia pedir ajuda. E se houvesse polícia? Poderia tentar fugir?

—Nunca fui à ópera.

— Você vai ficar encantada. É muito elegante. —Apesar da sua natureza áspera e de seus hábitos pouco saudáveis, Bones tinha um lado culto. Na semana passada ele deu um tiro na cabeça de alguém e agora queria ouvir uma mulher cantando.

—Obrigada por me convidar. — Eu queria manter as aparências, fingindo tolerá-lo, mas sem abandonar toda minha combatividade. Ele adorava o fogo que queimava dentro de mim. Adorava ser quem apagava a minha chama.

—Quero me gabar de você na frente de todo mundo. Você fará que as mulheres italianas pareçam normais.

Aquela foi a primeira vez que ele me deu um elogio que não estava relacionado com minha vagina ou meus peitos. Foi quase doce, de uma forma distorcida. Ele desejava expor sua escrava na frente de outros aristocratas da sociedade. Mas provavelmente queria fingir que eu era um compromisso, não uma prisioneira.

—Disso não tenho tanta certeza... mas obrigada.

—Se arruma e vamos. —Ele saiu do meu quarto, que ainda estava sem uma porta.

—Tudo bem. —Foi um sacrifício falar aquelas palavras de total aceitação, apesar dele não ter ordenado nada. Mas me destroçava

atuar como seu brinquedo, cumprir seus desejos , embora fosse parte do meu plano.

Eu tive que engolir a minha irritação e seguir em frente. Quando chegasse à ópera, encontraria uma maneira de escapar. Acharia uma maneira de sair correndo. A única coisa que eu precisava fazer era manter a concentração e morder a língua. Dizer o que ele queria ouvir e fingir que eu o respeitava, seria o que salvaria a minha vida.

E aquilo eu era capaz de continuar fazendo.

Chegamos à opera e nos levaram a um camarote privado. Não havia ninguém lá , exceto nós dois, e um mordomo de pé na parte de trás, preparado para trazer qualquer coisa que o Bones pedisse.

Examinei as pessoas do público, observando todas as mulheres com seus vestidos de noite e os homens com seus ternos. As conversas enchiam o auditório, e alguns risos ecoavam contra as paredes. Me concentrei no som de suas vozes, no sotaque de suas palavras em italiano. Eu nunca tinha ouvido uma língua tão bonita. A língua estrangeira que eu já havia escutado nos Estados Unidos era o espanhol. Embora o italiano fosse parecido , ele possuía qualidades únicas.

Bones virou para mim, observando a minha expressão. Eu estava usando um colar de diamantes que ele me deu, além de um vestido azul-petróleo que fazia um belo contraste com a minha pele clara e o cabelo escuro. O vestido era longo e de cetim, e proporcionava um toque macio contra as minhas pernas.

— Em que você está pensando?

Eu mantive os olhos fixos na sala, olhando para o mar de gente.

— Eu estou ouvindo as pessoas.

— Por quê?

—Adoro como soa o sotaque delas. Gosto de ouvir o idioma.

Ele passou do inglês para o italiano, me dizendo algo que eu não entendia.

Eu olhei para ele fixamente, não tinha certeza do que estava tentando me dizer.

Quando ele viu a confusão nos meus olhos, ele voltou a falar inglês. —Posso te ensinar, se quiser.

Era difícil acreditar que ele poderia ser tão delicado depois das coisas terríveis que ele me fez. Durante toda a semana ele me violentava à noite. Ele ainda batia na minha bunda até ficar excitado, mas não me fazia sangrar como de costume. Ele ainda me penetrava por trás... porque sabia que eu odiava. Aquelas eram coisas imperdoáveis, mas não eram tão horríveis como haviam sido anteriormente. E, quando Alfonso voltou à casa do Bones para efetuar transações comerciais, ele se recusou a me compartilhar.

Eu fiquei muito agradecida por isso.

Meu plano estava funcionando. Embora eu não conseguisse escapar, pelo menos minha situação era melhor do que antes.

Ele continuou me olhando, esperando por uma resposta.

Finalmente encontrei as palavras.

— Eu adoraria. Gostaria de poder entender o que as pessoas estão dizendo.

— O idioma é ainda mais bonito quando não se entende o que as pessoas estão falando —ele disse—. Inglês, italiano, francês... não faz diferença. Todo mundo está falando sobre as mesmas coisas.

Elas são todas más pessoas.

"Olha quem está falando".

Um mordomo se aproximou de nós com uma mão atrás das costas.

— Vinho? Champagne?

Ele nunca permitiu que eu pedisse nada por conta própria. Bones tomava conta de tudo.

—Tomaremos duas taças de vinho. Não quero nenhum que seja dos vinhedos Barsetti. —Sua voz foi cruel ao pronunciar aquelas últimas palavras.— Tinto.

—Sim, senhor — O mordomo desapareceu atrás da cortina e foi buscar as bebidas. Ele voltou um pouco mais tarde com uma garrafa de vinho italiano para compartilharmos.— Mais alguma coisa, senhor?

—Não. —Bones o dispensou com um aceno de mão.

O mordomo foi embora sem pronunciar nem mais uma

palavra.

Peguei a taça e dei um gole, eu necessitava do álcool para acalmar os meus nervos. Eu precisava achar um jeito de sair de lá. Se eu pudesse me afastar do lado dele por um momento, talvez fosse possível encontrar uma maneira de escapar. Mas eu não podia me precipitar. Precisava ser paciente.

— Por que você não gosta dos vinhedos Barsetti?

—Porque o que eles parecem urina de cavalo. — Ele me ameaçou apenas com o tom da sua voz, terminando o assunto.— Agora cala a boca e bebe o vinho.

Tentei não me assustar diante de sua hostilidade e mantive a olhar abaixado. Eu toquei em um assunto sobre o qual ele não queria falar, e manteria aquela informação para outra ocasião. Poderia ser útil para mim.

Capítulo 11

Crow

As luzes já estavam apagadas e as cortinas foram abertas. CANE espiava, pela pequena rachadura que tinha no teto. Já podemos sair. Eu puxei a tampa e deslizei pelo tubo de ventilação, abrindo um espaço de um palmo e meio. Observamos o público diretamente de cima, do lado esquerdo do palco. A poderosa voz da cantora de ópera subia e ecoava pelo tubo, fazendo um zumbido nos nossos ouvidos.

Esse som é horrível — Cane disse— Eu não entendo de ópera. Eu gostava. Se não fosse o meu ódio pelas pessoas iria mais vezes.

—Cala a boca e vamos começar.

Ele tirou um extensor e apoiou a câmera na sua extremidade. Deixando-a ficar para fora da cortina sobre a multidão mas, próxima do teto, para que ninguém percebesse.

Eu peguei meu telefone e verifiquei a tela, que estava exibindo a imagem da câmera em tempo real.

—Mais para sua direita.

Cane apertou os botões do extensor, ajustando a câmera.

— Focalize a lente para a imagem ficar mais próxima.

Ele focalizou a lente da câmera, capturando o camarote onde estavam sentados o Bones e sua convidada.

—Um pouco mais para direita.

Ele rosnou baixo e fez alguns ajustes.

— Está bom agora?

Mudei a configuração de exposição de luz para obter uma melhor qualidade de imagem. Quando consegui ver os dois nitidamente fiquei paralisado. Eu não via o Bones desde aquela noite e quando olhei para ele, a raiva que estava guardada dentro de mim veio à tona. Lembrei dele retirando a arma da jaqueta e atirando na Vanessa direto na cabeça .

Minhas mãos tremiam. — Está bom? Cane repetiu.

Meus olhos foram para a mulher que estava ao seu lado. Ela usava um vestido azul petróleo, feito a mão por um designer

específico, que ajustava ao seu corpo esbelto como se o vestido fosse feito exclusivamente para ela. Ela tinha ombros estreitos e arredondados, braços finos e tonificados. Ela praticava algum tipo de esporte em seu tempo livre, tiro ao alvo ou escalada. O balcão do camarote escondia a maior parte inferior do seu corpo da vista.

Meus olhos foram para o seu pescoço fino. Na sua garganta descansava um diamante enorme em um colar de ouro branco. Era muito caro e luxuoso para ser algo que ela mesma havia comprado. Era um presente. E Bones não dava presentes as suas escravas, ele os tirava.

Eu olhei para o seu rosto, vi olhos azuis que não demonstravam interesse pelo que estava vendo. Ela estava com os pensamentos em outro lugar, estava em outro mundo. Os lábios brilharam com um vermelho rubi por causa do batom, e seus olhos brilhavam por causa da maquiagem. Seus cabelos estavam com cachos brilhantes, emoldurando o contorno expressivo do seu rosto. Ela era tão linda como haviam me falado.

Mas continuava sem me impressionar.

— Crow!

— O que? — virei para ele, incomodado com a interrupção.— Cala a boca, ou alguém vai ouvir.

— Está bom a câmera ou o não? Já perguntei isso duas vezes.

—Está perfeito. Olhe. — Passei meu celular.

Ele segurou o extensor com uma mão e pegou meu celular com o outra. Ele assobiou para si mesmo, igual eu tinha feito na semana passada.

Eu olhei para ele sem demonstrar nenhuma emoção.

—Porra, ela é muito gostosa.

Olhei para o palco e observei a cantora emitir suas notas musicais em voz alta, alargando o peito com cada nota que cantava. A música era triste. E eu entendia cada palavra que ela falava, a canção expressava a dor por um amor e a perda. E eu sabia perfeitamente o que eram aqueles sentimentos.

—Vou me divertir muito com ela. Ela chupará meu pau até se asfixiar. Eu virei para pegar meu telefone.

—Pensaremos sobre isso depois. Nós ainda não decidimos se ela realmente significa algo para o Bones.

— Não está vendo a porra do diamante que ela carrega no pescoço?

—Cane perguntou.— Aquela merda estava no Titanic antes dele afundar.

—Mas eles não se tocam.

— E quem se importa? —perguntou.— Eles estão em um encontro. Nós sabemos o que ele faz com as suas escravas. Não as leva para passear à noite na cidade. E é claro que ele não tem medo que ela fuja.

Eu vi o peito dela subir e descer como se carregasse um peso invisível. Os olhos dela estavam colados no palco, mas parecia que ela não estava enxergando nada. Sem conhecê-la, eu poderia adivinhar o que ela estava pensando. Ela estava com os lábios entreabertos por uma razão.

— Neste exato momento ela está pensando em como fugir.

— Por que você diz isso?

Eu bati meus dedos na tela do telefone.

Ela está com uma expressão sufocada e sua respiração está superficial. Aí estão todos os sinais. Ela está nervosa. Está com medo.

—Pode ser que ela só está com medo porque tem um psicopata sentado ao lado dela. —Não. Ela vai tentar.

—Essa não seria uma boa ideia... Tem guardas na entrada. Se eles a pegarem poderiam matá-la. Eu a aconselharia ficar sentada em silêncio, até que a gente a tirar de lá.

—Como se ela fosse ficar melhor com a gente. Ele encolheu os ombros.

—Pelo menos nós somos bonitos. É provável que ela não se importe em chupar nossos paus. Eu verifiquei as horas no meu relógio.

—Vou até o lobby, para verificar caso ela tente algo.

— E o que você vai falar? — Ele perguntou em descrença.

—Não sei. Vou pensar em algo. Fique aqui e me avise quando ela começar a agir.

— Como você tem tanta certeza que vai fazer alguma coisa? Eu rastejei pelo tubo de ventilação. — Sou bom em ler as pessoas. — É por isso que você as odeia tanto? Por que você consegue ler a mente delas? — Cane riu como se tivesse contado uma piada.

Na verdade, ele acertou no ponto.

—Limite-se a manter-me informado.

Capítulo 12

Pearl

Comtemplava o cenário brilhante, vendo os dançarinos se movendo por ele, fazendo um espetáculo que eu nunca pensei que teria o privilégio de ver. O auditório era a antigo, como toda a Itália, ele estava cheio de histórias antigas. Os afrescos do teto só poderiam ter sido criados por um gênio, e o padrão do tapete me fez me sentir honrada por poder andar sobre ele.

Mas tudo o que eu queria era escapar.

O show estava na metade, e eu tinha desperdiçado muito tempo sentada. Se eu conseguisse inventar uma desculpa, como ter que ir ao banheiro, poderia subir e escapulir pela janela. Não podia escapar pela porta de entrada, já que o mais provável era que haviam guardas vigiando. Mas se eu conseguisse fugir pelo outro lado, provavelmente eu conseguiria correr até algum lugar. Eu era rápida.

Mas eu estava apavorada. Estava com medo de arriscar nossa nova e tranquila relação, se eu falhasse. Bones viraria contra mim e seria mais cruel do que nunca. Talvez ele até me matasse, de raiva por ter relativamente confiado em mim e eu ter lhe traído. A mera possibilidade realmente valia a pena? O que aconteceria se ele estivesse me colocando à prova? Será que ela imaginava que eu tentaria escapar?

Eu não conseguia tomar uma decisão. Não sabia o que fazer.

O meu coração pulava no meu peito e minhas mãos estavam suadas. Minha garganta estava seca e estava dolorosa para engolir. Nem tomei o vinho, porque era incapaz de manter algo no estômago. Bones estava absorto no show, ignorando minha luta comigo mesma.

Se eu voltasse com ele para casa, teria que aguentá-lo em cima de mim. Ele colocaria um vibrador na minha bunda e depois penetraria minha boceta. Provavelmente ele me amordaçaria para abafar meus gritos. Ele não utilizaria lubrificante, só para me machucar. A única maneira de evitar a dor era esfregar meu clitóris e tentar pensar em coisas excitantes, pensar no Jacob, quando o sexo era bom. Só assim seu pau não me causaria muito dano, mas, fazer isso faria o Bones pensar que eu estava excitada por causa dele, quando a única coisa que ela me dava era nojo.

Eu não conseguia mais fazer aquilo.

Eu não queria mais.

Eu precisava sair dali, naquela noite.

—Por favor, eu preciso ir ao banheiro. — Fiquei de pé e esperei que ele negasse. Assumi que ele seguraria o meu pulso, me obrigando a sentar. Mas ele me deixou ir.

Me afastei e senti como os músculos das minhas costas estavam tensos enquanto eu caminhava até as escadas. Me perguntava se ele iria me observar, olhar como minha bunda balançava sob o vestido. Me perguntava se ele realmente confiava em mim.

Não tive a chance de pensar duas vezes. Continuei caminhando.

Cheguei ao final da escada e dei uma olhada rápida ao meu redor. Ninguém me observava. Ninguém estava prestando atenção em mim. Não parecia ter nenhum guarda por perto, pelo menos não do tipo que trabalhava para o Bones.

E então eu vi um homem no bar.

Ele estava com um elegante terno escuro, estava encostado no bar, com uma mão no bolso. Ele usava uma camisa cinza sob o terno e uma gravata verde -azulada. A gravata tinha uma estampa, mas a estampa era muito complexa para identificá-la. Seu traje preto me fez lembrar dos homens quem visitavam o Bones. Mas aquela gravata era algo que nenhum daqueles homens usaria.

Ele era um homem alto, devia ter mais de um metro e oitenta. Tinha as pernas longas, suas coxas eram musculosas, e seus ombros eram tão amplos quanto as asas de uma águia. Seus dedos eram longos, fortes e masculinos. Ele tinha o corpo esbelto e tonificado, a base dos músculos era compactada. Ele parecia atlético, parecia ser o tipo de homem que não engordava por mais whisky que bebesse.

Fui subindo o meu olhar até seu pescoço, procurando o perigo em seus olhos. Ele tinha a mandíbula forte, rígida e robusta. A barba de um dia parecia curta. Se passasse a mão por ela, dava para sentir a fricção. Ele tinha lábios interessantes. Eles eram finos e estavam apertados, dando impressão de estar claramente insatisfeito com alguma coisa.

Quando examinei seu rosto, percebi que ele estava me olhando. Seus olhos cor de avelã estavam fixos em mim, me olhando como se soubesse exatamente quem eu era. Seu cabelo era castanho escuro,

curto e estava penteado cuidadosamente para lhe dar uma aparência elegante e arejada.

Apesar da calma e seus modos finos, seus olhos eram implacáveis.

Ele era lindo.

E assustador.

Virei a cabeça, apesar de ser tarde demais para eu agir como se não tivesse lhe visto. Ele não passava a impressão de trabalhar para o Bones. Mas isso não queria dizer que ele não tinha seus próprios planos maldosos.

Havia alguma boa pessoa naquele país?

Eu fui ao banheiro e senti a porta fechar nas minhas costas. Não existiam pés debaixo das portas, então percebi que estava sozinha. Sozinha.

Eu fiz. Havia conseguido. Minhas mãos tremiam de emoção. Eu tinha me esquecido de como era a sensação de poder respirar, porque eu podia sentir a liberdade na boca. Meu plano de enganar o Bones foi um sucesso e eu conseguiria escapar.

Eu iria conseguir.

Tinha uma janela acima dos lavatórios. Não era muito larga, mas era comprida. Se eu conseguisse subir até ela e abri-la, poderia sair para o outro lado. Provavelmente, ela me levaria para um andar acima do auditório. E tudo o que eu teria que fazer era tirar os sapatos e correr. Sem pensar duas vezes, tirei os sapatos com um chute.

—Não faça isso.

Quase morri de susto ao ouvir a voz. Ele fechou o trinco da porta antes de entrar no banheiro. A gravata verde combinava com o meu vestido. Se nos conhecêssemos, pareceria que estávamos em um encontro. Ele apenas proferiu aquelas três palavras, mas os olhos dele diziam muito mais.

— Você trabalha para o Bones? O homem não respondeu.

--- Este plano é uma estupidez. Assim que você passar por aquela janela, você encontrará os homens do Bones. E ele vai te matar.

Como ele sabia que eu estava fazendo? Como ele sabia sobre os homens do Bones? Por que ele veio me dar esse aviso?

— Quem merda é você?

— Faz o que você tiver que fazer e depois volta.

— Por que eu deveria confiar em você? — Não posso voltar para ficar com aquele homem assustador. Simplesmente, não posso.

— Não pedi para confiar em mim. Você nunca deveria confiar em ninguém. Como você entrou nesse problema, para início de questão?

— Como? — perguntei. — Você vai me ajudar, ou me insultar?

— Não estava te ajudando. Só te insultando. Agora faça o que eu falei ou vai se arrepender. — E o que isso te importa?

— Não me importa. — Ele me deu um olhar mais frio do que o gelo e depois saiu. A porta fechou firmemente atrás dele, batendo com força.

Fiquei na frente do lavabo, olhando o meu reflexo. Não fazia ideia de que porra acabava de acontecer. E não tinha certeza do que realmente aconteceu. Será que eu tinha imaginado o episódio todo? Eu estava procurando uma desculpa para não escapar?

Olhei para a janela que estava próxima do teto e soltei um suspiro. Eu não fazia ideia de quem era aquele cara mas, ele não trabalhava para o Bones. Por que ele veio falar comigo? Como ele sabia que eu pretendia fugir? Era provável que ele conhecesse o Bones de alguma situação. Talvez ele o odiasse tanto quanto eu. Mas se ele realmente quisesse ajudar, não teria chamado a polícia?

Não teria me dado o número do seu telefone celular? Eu estava completamente confusa.

Eu agarrei a pia, tentando decidir o que fazer. Aquele homem sabia exatamente o que eu pensava em fazer, e eu nem sabia disso. Se era óbvio para ele, provavelmente também era óbvio para o Bones.

Eu precisava voltar.

Eu não queria voltar. Meu sangue gritava em protesto contra a ideia. Eu estava tão perto da liberdade, à apenas uma janela.

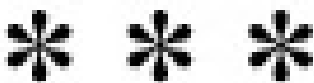
Mas eu sabia que nunca iria conseguir.

Os soluços queriam sair do meu peito, mas eu não os deixei sair. Mantive tudo bem trancado, me recusando a ceder a minha dor. Não havia tempo para me lamentar ou me afundar em auto piedade. Talvez meu plano tenha falhado, mas haveria outro. E se também não

funcionasse, então haveria outro. Eu não desistiria. De uma maneira ou de outra, eu encontraria uma forma de sair de lá.

Voltei para o Bones como uma escrava obediente que era. Eu subi as escadas e voltei para o meu lugar, fingindo que não tentei fugir de suas mãos gordurosas. A única coisa que eu fiz foi ir ao banheiro e retocar minha maquiagem. Eu não encontrei um estranho que me disse para voltar ao camarote. Os últimos dez minutos da minha vida passaram sem incidentes.

Bones virou ligeiramente a cabeça em minha direção, me avaliando. Seu olhar era sinistro, como se estivesse perguntado se aconteceu algo mais interessante. Talvez aquilo fosse um teste. Um teste que eu tinha passado.



A semana passou e foi repetitiva.

Bones ia do trabalho para casa, me amarrava e me fodia, só depois retornava ao seu escritório e ficava sozinho. Eu só voltava a vê-lo no jantar, ele também me fodia antes de dormir. Aquela era a minha vida.

Eu passei muito tempo perdida nos meus pensamentos. Quem era aquele cara que entrou no banheiro, como se fosse o dono do lugar? Ele falou comigo como se eu o estivesse incomodando, quando foi ele que decidiu falar comigo.

Aquilo não fazia sentido. Por que ele me avisou?

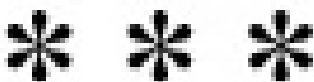
Ele sabia o que iria acontecer. Quando voltei para o meu lugar, o Bones me olhou de uma forma diferente. Ele esperava que eu tentasse escapar. Provavelmente era o que ele queria para poder me dar uma surra de morte.

Mas o senhor misterioso e sua gravata verde azulada me avisou.

Eu estava ficando louca. Aquele era outro problema que não tinha nenhuma solução. O que levou ele a me ajudar? Que recompensa ele teria? Nenhuma que eu fosse capaz de adivinhar. Quando vinham homens na casa, eu os observava, procurando a gravata azul esverdeada. Mas ela nunca apareceu.

Eu não iria descansar até saber a verdade. Eu precisava saber se

ele era um aliado ou um inimigo. Não poderia ser um amigo, porque se fosse teria chamado a polícia. Mas também não poderia ser um inimigo, porque se fosse ele teria me deixado escapar pela janela. Eu estava perdendo alguma coisa?



Estávamos comendo em silêncio na mesa de jantar. Estava sendo servido o seu prato preferido, lasanha com pão de alho. Eu odiava aquela vida, e o homem que me violentava todos os dias, mas, eu não podia negar que a comida era boa. Pelo menos pela comida eu estava agradecida.

—Pensei que você tentaria escapar.

A frase veio do nada, e eu não pude evitar que minha mão tremesse ligeiramente. Eu estava com os olhos fixos no prato e não queria olhar para ele. Não tínhamos falado muito desde a noite da ópera. A única vez que ele pronunciava algumas palavras era quando me chamava de —bocetinha suja : sua bocetinha suja.

— Como?

--Na ópera. Eu pensei que você tentaria fugir. — Ele continuou comendo como se a conversa não fosse um confronto. Em muitos aspectos, realmente não era. Se fosse, ele teria batido minha cabeça contra a mesa.

— Por que eu faria isso? —Desde quando eu comecei a viver naquela casa, me tornei uma mentirosa consumada. Quando minha vida estava em jogo, eu fazia loucuras para sobreviver— Eu entendo como você é poderoso. Você me mostrou. Onde eu iria? Até onde eu conseguiria chegar antes de você ir me buscar?

Aquela foi a resposta certa, porque seus olhos brilhavam de prazer. Ele gostava de me ouvir afagar seu ego, mesmo que os elogios não fossem sinceros. Ele gostava de saber que tinha total controle sobre mim, não importava aonde eu estivesse. Eu não neguei que eu queria fugir. Eu simplesmente dei a resposta que ele queria ouvir e funcionou.

—Boa bocetinha.

Eu continuava odiando aquele apelido.

— Você é mais inteligente do que eu pensava. O fogo ainda está

queimando em seus olhos, ele está mais tênue, mas, ainda é brilhante. Mas sua cabeça toma boas decisões. Você entende quando alguém te vence e sabe quando desistir. Isso é o que fazem as escravas inteligentes. As outras nunca foram tão inteligentes.

Eu queria enfiar a minha faca na sua garganta. Queria perfurar a sua carótida e observá-lo sangrar até a morte. Quando ele me desrespeitava daquela forma, eu tinha vontade de matá-lo. Quando ele falava das suas antigas escravas, do quão fracas elas foram, eu ficava completamente furiosa. O fato dele tê-las matado tão facilmente, e as descartado como um preservativo usado, realmente me irritava. Eu não só queria me vingar pelo que ele havia feito para mim. Queria vingança pelo que ele fez para todas as outras mulheres.

Eu sabia que precisava responder, porque ele estava me olhando com expectativa.

—Talvez algum dia você poderia me dar algum poder.

— E por que eu faria isso? —Ele riu, como se a ideia fosse engraçada .

—Bom, você ficará solteiro para sempre? Você nunca terá uma mulher? Filhos? —Quanto mais eu o odiava, mais difícil era manipulá-lo. Assim que eu pronunciei aquelas palavras, elas queimaram na minha garganta. — Mulher? — Ele perguntou.— Que poder poderia ter essa posição?

— A Esposa do Bones? —Perguntei —Ser casada com o homem mais rico do mundo do crime? Acho que é um título que automaticamente concede poder. Respeito. Grandes privilégios. Ela poderia abordar qualquer um e lhe dar um tiro na cabeça sem ter nenhuma consequência. Ela poderia criar seus filhos, para que os respeitasse e temesse. Acho que é uma posição pela qual qualquer mulher mataria para ter .

O seu jantar ainda estava pela metade, mas ele já não prestava mais atenção. Ele me observava com interesse, repetindo as minhas palavras na sua cabeça.

—Acho que agora eu entendi.

Entendeu o quê? Será que ele descobriu o que eu estava fazendo? —Você chegou aqui me odiando. Mas agora está com inveja da minha riqueza. Do meu poder. Você quer algum poder, mesmo que isso signifique se casar comigo.

—farei o que for preciso para evitar que você enfie um

vibrador na minha bunda > > .

—No final das contas, suponho eu não sou tão repulsivo. Acredito que você entendeu como funciona o mundo real. — Ele bebeu um gole do seu vinho — Admiro sua ambição. Não são muitas mulheres que têm.

— Eu tenho uma grande ambição: te matar.

— Eu já pensei em me casar, mas eu ainda não tinha conhecido nenhuma mulher digna da posição. É possível que eu tenha encontrado. — Ele bateu sua taça na minha fazendo um brinde.

Bebi o vinho, desejando que aquilo fosse levar a algum lugar que me favorecesse. Se eu fosse sua mulher, eu continuaria sendo uma escrava? Ele me deixaria sair de casa sozinha? Porque se ele deixasse , com certeza eu tentaria escapar.

--Sem dúvida.

Capítulo 13

Crow

—Agora já sabemos onde ele vive. — Cane colocou marcadores no mapa.— Duas entradas. Uma na frente e outra atrás. Devemos explodir a porta da frente com granadas o mais forte que der.

— Você não acha que as granadas são um pouco óbvias?
— Tem outra maneira de entrar?

— O que você acha de escalar, bundão? —Meu irmão nunca pensava direito nas coisas. Sempre ia pela a rota mais fácil e mais destrutiva.

— E você acha que trinta homens vão escalar o portão, sem que que ninguém perceba? —Ele perguntou com incredulidade.— Não. Explodiremos a porta, entraremos com os carros e deixaremos todos os homens entrarem na frente. Tudo acontecerá tão rápido que o Bones nem saberá de onde veio o golpe que o atingiu.

—Isso dará ao Bones uma chance de escapar.

—Não se entramos imediatamente.

Encostei no sofá e coloquei a ponta dos dedos na boca.

— E o que aconteceria se arrombássemos a entrada, como você disse? Nossos homens entrarão e se encargarão dos guardas da frente. E nós subiremos pela cerca lateral e entraremos na casa ao mesmo tempo.

— Como uma distração?

—Exato.

—Nada mal.

—Pegamos a mulher e saímos correndo.

— E o Bones?

Eu olhei para ele em silêncio, esperando que ele continuasse.

— Vamos matá-lo?

A ideia era tentadora. Após o que tinha feito com a minha família, eu não tinha certeza se poderia perder aquela possibilidade. Mas se ele morresse, seria muito fácil. Ele não sofreria. Só receberia um tiro na nuca. Isso seria bom demais para ele.

— Não.

— É sério?

Eu balancei a cabeça.

—Quero que ele se preocupe com a sua escrava todo o santo dia. Quero que ele vomite só de pensar sobre as coisas terríveis que estamos fazendo com ela, as mesmas coisas que ele fez com a Vanessa. Quero estragar o seu investimento, machucá-la tanto que ele não vai querê-la de volta. Cane assentiu com a cabeça, enquanto um sorriso se formava em seus lábios.

— Gosto disso. Eu gosto muito.

—Vamos preparar este plano. Eu quero executá-lo o quanto antes .

—Sim.—Eu quero foder a escrava do Bones o quanto antes.

Capítulo 14

Pearl

Eu não queria ser a Senhora Bones.

Merda, que nome horrível.

Quando a polícia me perguntasse por que eu havia feito , eu explicaria que eu não tive outra escolha. Eu precisava que ele confiasse em mim. Uma vez ganhasse essa confiança, escaparia. E correria como uma louca.

Minha vida na mansão se tornou ainda mais chata. Eu não tinha nada para fazer enquanto o Bones estava no trabalho. Não havia internet, jogos ou mesmo livros. A única coisa que eu tinha para fazer era ficar deitada na cama e esperar o tempo passar.

Observava o sol atravessar o céu, tentando descobrir se realmente eu poderia vê-lo se mover ou não. Tentei medir o progresso com o polegar e um olho fechado, mas não estava funcionando. Eu sentia saudades da minha vida nos Estados Unidos.

Sentia falta do trabalho. Sentia falta da cidade. Sentia saudades do Jacob. Eu esperava que ele estivesse bem. Aqueles homens só queriam me sequestrar, então eu duvidava que eles tinham feito algo pior com o Jacob. Ele provavelmente conseguiu voltar para casa, saudável. Eu só desejava que ele não estivesse perdendo seu tempo se preocupando comigo. Não havia nada que poderia ser feito, então era melhor nem pensar sobre isso.

Naquela noite, o Bones e eu jantamos juntos, como sempre fazíamos. Não tínhamos o costume de conversar, então eu não sabia o porquê ele fazia questão de eu estar presente. Ele não falava sobre o seu trabalho. A única informação que ele me deu foi aquele dia que fomos a fábrica. Eu sabia que ele fabricava armas e as vendia para as pessoas. Mas não me traria benefício saber mais do que aquilo.

Até aonde eu sabia, ele não tinha amigos ou família. Não existiam fotos nas paredes ou álbuns de fotos armazenados em prateleiras . Havia apenas sinais de vida naquela casa.

Eu não conseguia parar de pensar como ele havia terminado daquela forma . Ele era um monstro, mas ele sempre foi um monstro? Será que alguma vez ele foi uma pessoa normal? Aquela era uma resposta que eu nunca teria . De qualquer forma, não mudaria nada, por isso era inútil perguntar.

Bones cortou o frango e comeu lentamente, sem tirar os olhos do prato, em nenhum momento. Ele tomava vinho em todas as refeições, bebia geralmente três ou quatro taças todas as noites. Quando ele estava bêbado, demorava para gozar, o que prolongava ainda mais a minha dor.

Eu olhava minha faca e considerava seriamente me esfaquear com ela. Quem sabe quanto tempo passaria antes de eu ter uma chance de escapar. O que aconteceria se eu nunca conseguisse? O que seria de mim se eu morasse lá pelo resto da minha vida? Definitivamente eu preferia morrer.

Eu peguei a faca pelo cabo e a segurei firmemente, pensando como seria morrer. As pessoas diziam que era doloroso e que dava medo, deslizar pela escuridão por toda a eternidade. Para mim, parecia que seria muito tranquilo.

Bones olhou para a minha mão, observando meus movimentos. Ele continuava sem confiar em mim. Talvez ele nunca confiaria.

— O que você está...?

Uma explosão arrebentou absolutamente todas as janelas e a terra tremeu debaixo dos nossos pés. Pratos e talheres caíram no chão, e vela caiu ateando fogo no forro de mesa.

— Mas que merda? —Bones se levantou com um salto e estendeu a mão para pegar a arma no bolso.

Eu nunca estive antes no meio de um tiroteio, mas eu sabia que o precisava a fazer. Virei a mesa e a usei como escudo para me proteger das balas voando ao redor da sala. Os homens grunhiam e gritavam quando o tiroteio se intensificou. Não sei se veio de dentro ou de fora da casa. Tudo explodia ao meu redor, me engolindo completamente. Mantinha meus ouvidos tampado com as mãos, porque os tiros eram ensurdecedores.

Houve uma nova onda de tiros e gritos. Bones dava ordens a seus homens, e outro homem reunia seus soldados. Sem olhar por cima da mesa, eu sabia que lá fora devia estar organizado um campo de batalha sangrento.

—Por favor, matem o Bones. —Por favor.

— Onde merda está a mulher? —Gritou um homem.

— Você acha que eu sei? —respondeu o outro. Eles estavam procurando por mim? Alguém veio me salvar?

Jacob tinha contatado as autoridades, eles encontraram meu rastro e haviam me seguido até aqui? Eu estava sendo libertada? Este era o fim de meu cativeiro? Era bom demais para ser verdade.

Um homem apareceu ao meu lado, atrás da mesa com uma arma na mão. Ele tinha cabelo castanho escuro e olhos castanhos. Possuía uma estrutura óssea predominante e uma mandíbula rígida. O reconheci em um segundo. Era ele.

—Vamos. — Ele gritou sobre o tiroteio.— Agora.

Eu não pensei duas vezes. O homem estava lá para me salvar. Ele tinha me observado na Opera para obter informações sobre meu captor. Ele trabalhava para as autoridades italianas. Ou talvez trabalhasse para a CIA. Não me importava. Eu iria sair dali merda, e aquilo era a única coisa que me importa.

Fiquei ao seu lado, e ele me pegou pela mão. Foi um sentimento maravilhoso , ser tocada de uma forma normal, não de uma forma sexual ou forçado. Aquela era uma mão amiga. Ele estava lá para me ajudar, para me libertar.

Eu queria chorar.

Ele olhou por cima da mesa e conferiu se estava tudo limpo.

—Venha. Vamos. — Ele me arrastou com ele, a arma estava preparada caso fosse necessário matar alguém. A maioria dos homens do Bones haviam sido exterminados, mas aquele homem ainda estava com pressa de sair dali.

Sáímos pela porta lateral da casa e depois ele abriu a porta da parte traseira de uma SUV.

—Sobe.

Eu pulei dentro e contive minhas lágrimas. Eu estava indo para casa. Eu estaria com o Jacob. Estaria novamente com os meus amigos. Tudo ficaria bem. Vivi com o demônio e foi uma tortura, mas de alguma forma eu sobrevivi.

— Pisa fundo — Ele ordenou.

O motorista arrancou a SUV e virou a esquina. Fazendo uma volta rápida, ele derrapou na estrada pisando no acelerador.

Eu não conseguia mais ver a casa do Bones. Estava fora do meu campo de visão, ela não era nada mais do que uma memória distante e

dolorosa. Eu poderia voltar a respirar. Nunca mais teria aquela coisa nojenta em cima de mim. Nunca mais teria o seu pau na minha boca. Era uma mulher livre. Estava livre. — Muito obrigada. — Estava tão feliz que me inclinei e abracei meu salvador. Precisava ser muito corajoso para entrar naquela casa, só para me salvar. Aquele tipo de heroísmo não era comum. Eu estava mais agradecida do que poderia expressar com palavras.

— Tire a porra dessas mãos de mim. — Ele disse me empurrando para o lado, com nojo do meu toque.

—Sinto muito —Eu não queria irritar o cara que tinha acabado de arriscar sua bunda para salvar a minha.

—Não me agradeça.

Pelo menos ele era humilde.

—Vocês me salvaram. Não posso agradecer?

Ele Tirou um par de algemas do bolso de trás e me algemou no mesmo instante.

—Não te salvei.

O pânico voltou a explodir no meu coração. Olhei para o metal que ele tinha nas mãos, incapaz de entender o que ele estava contemplando. Que merda estava acontecendo?

— Você só se livrou de um monstro, para encontrar outro.

Tentei tirar as algemas com a ajuda do meu próprio suor. Eu comecei a gritar hiperventilado. Que porra era aquilo? Por que as pessoas não paravam de me tratar como uma mula? Por que todo mundo achava que tinha o direito de fazer o que quisesse comigo?

— Me solta agora.— Dei um chute na perna dele usando toda a força que pude.— Eu vou quebrar seu pau assim que tiver a oportunidade.

Ele tirou uma seringa do bolso e abriu a tampa com os dentes.

Não. Eu odiava quando me drogavam. Odiava não poder saber o que estava acontecendo comigo. Odiava perder todo o senso de controle.

—Para. Para. — Fui em direção a janela oposta.— Eu vou ficar quieta. Mas não faço isso. Ele tampou a seringa e

colocou no seu bolso.

— Um ruído, e eu cravo a seringa em você . — Ele estava olhando pela janela com os ombros relaxados. Depois do caos na casa do Bones o homem parecia estar entediado.

Primeiro, ele me avisava sobre o Bones, mas depois me liberta para só para me sequestrar . Como era possível que aqueles criminosos fizessem aquelas coisas e ficassem impunes? Eu tinha tantas perguntas, mas não podia fazer nenhuma, não sem o medo dele cravar aquela agulha no meu pescoço.

Olhei pela janela e tentei manter a calma. Lágrimas queimavam os meus olhos, mas eu me recusei a deixá-las sair. Esse homem não poderia ser pior do que aquele que eu tinha abandonado. Não era possível. Qualquer lugar que eu fosse, seria um lugar melhor do que eu estava .

Eu só precisava continuar repetindo aquilo. E tentar acreditar.

Capítulo 15

Crow

Ela pensava que havíamos lhe salvado. Idiota.

Ela achava que o Bones era mau? Ela iria ver depois de passar um bom tempo comigo e com o Cane. Iriamos lhe mostrar que era um pesadelo. Ela conheceria o mau em sua forma mais pura.

Provavelmente ela mudaria de opinião sobre a seringa.

Ela ficou do lado do carro e não emitiu um som único, quieta como um rato. Os pulsos algemados repousavam sobre suas pernas, e ela estava com os olhos fixos na janela. Leves tremores sacudiam o seu corpo. Ela estava com medo, mas estava tentando esconder.

Se ela pensava que estava com medo naquele momento, iria ter uma boa surpresa.

Chegamos na base, uma hora depois e entramos no complexo, a salvo dos olhares curiosos. Aquele foi um golpe severo para os Bones e os seus homens. Eles estavam muito desorientados para vir atrás de nós. Matamos a maioria dos homens que estavam na casa, então ele teria que chamar mais reforços.

Estávamos a salvo. Por enquanto.

Estacionamos o SUV, e saímos do carro. Dei a volta para pegar nossa nova prisioneira. Abri a porta e a puxei de uma vez.

Ela quase caiu no chão de concreto por não conseguir seguir os meus passos. Assobiou entre os dentes devido a minha ferocidade, mas continuou sem falar.

Agarrei-a pelo pescoço e a escoltei até o interior. Os homens removiam os coletes à prova de balas e deixavam os rifles, o perigo já havia passado. Cane e o resto dos rapazes vinham atrás de nós, com muita energia devido a vitória.

—O desgraçado nem se deu conta. —Cane entrou e imediatamente serviu um Bourbon— Filho da puta. Eu acertei um tiro no seu braço só para fazê-lo gritar. Foi incrível.

A mulher estava de pé no meio da sala com as mãos algemadas na frente do corpo. Ela observava a todos com cuidado, tentando encontrar uma rota de fuga. Ela mantinha uma expressão fria no rosto, se recusando a mostrar qualquer medo.

Removi suas algemas porque não havia nenhuma razão para

mantê-la presa. Não tinha nenhum lugar para onde ela pudesse fugir. Se ela tentasse escapar, seria um espetáculo interessante.

Quando eu me aproximei, ela me enviou um olhar venenoso. Se ela tivesse a chance de me matar, teria feito. Não havia nenhuma apreensão nos seus olhos. A mulher me odiava, provavelmente mais do que o seu antigo amo.

Como se isso importasse alguma coisa.

Cane terminou a sua taça com um único gole, e depois secou a boca com as costas do braço.

Ele ficou observando a mulher com desejo, seus pensamentos haviam se perdido dentro de suas calças. Os outros homens também a olhavam fixamente, como se ela fosse o prato principal de um banquete.

Cane pressionou o dedo indicador contra a bochecha da mulher, descendo lentamente para baixo.

—Buf. Até que você é bonita.

Ela afastou sua mão com um tapa instantaneamente.

—Mantenha suas mãos longe de mim.

—Merda — Cane respondeu surpreso.— Esta sim é uma fera. Depois de um golpe, eu geralmente preciso relaxar. Vamos dar uma volta. — Cane lhe agarrou apertado, colocando seu pulso atrás das costas. — Quero ver por que o Bones estava tão obcecado.

— Divirtam-se . —Me servi uma taça de Bourbon—
Deixe o rapazes provar também mais tarde.

— Não sei— Cane disse apertando-a. — Pode demorar um pouco.
— Ele se virou em direção ao quarto.

Sua respiração acelerou e ela entrou em pânico. Ela pisou com força no pé do Cane, o fazendo-o gritar de dor e liberá-la imediatamente .

Em seguida ela pegou uma faca que estava presa no cinto do Cane, e agarrou um soldado que estava próximo atravessando a faca no peito dele com uma ferocidade de uma mercenária.

Os homens agarraram as suas pistolas, percebendo a necessidade de colocar um fim naquela confusão, antes que ela causasse danos mais graves.

Um dos homens pulou em cima dela por trás e lhe agarrou pelo pulso, mas ela deu uma cabeçada nele e em seguida, puxou o braço dele com força quebrando o seu cotovelo. Ela cortou o homem com a faca, fazendo-o sangrar.

Espetacular.

Ela correu a toda velocidade na direção da porta. Cane agarrou a arma.

—Maldita puta. Agarrem-na!

Os homens saíram correndo atrás dela, desaparecendo no corredor. Seus gritos vieram até a sala principal onde estávamos. Até aquele momento, ela estava sendo um osso duro de roer.

—Isso é um maldito circo. —Virei meu copo de uma vez, e me juntei aos homens, com a necessidade de domar a égua selvagem. Eu atravessei o corredor correndo, seguindo o som das vozes. Me deparei com um guarda morto no chão com uma facada no peito. Continuei até chegar ao hall de entrada.

A mulher tentou abrir a janela, mas estava fechada. Todas elas estavam fechadas. A porta da frente estava trancada. Os homens tentavam atacá-la quando ela se aproximava. Eles não usaram suas armas porque não podíamos matá-la... ainda não.

Abri caminho empurrando entre os homens e chegando à frente do grupo.

—Já é suficiente.

Os olhos da mulher investigavam o quarto, procurando por algo que não encontrava. O desespero estava pintado no seu rosto. Ela precisava sair dali, mas não podia encontrar uma saída. Os olhos dela rapidamente voltaram para a faca, e eu sabia qual seria o seu próximo pensamento.

—Para —ordenei.

Ela agarrou o cabo da faca e apontou diretamente ao seu coração.

—Nenhum desses homens te tocará. Dou a minha palavra. Pare.

Ela apertou a faca contra o colarinho do vestido. Não demonstrava a menor dúvida. Ela aceitava sua morte como se fosse uma velha

amiga. Ela queria ir embora. Preferia sangrar até a morte. Provavelmente era a melhor alternativa.

—Como se sua palavra significasse algo para mim.

—Significa tudo.

—Você mesmo disse que nunca confiasse em ninguém. —Não estou pedindo para confiar. —Estendi a mão e depois abaixei lentamente.—Me dê a faca. Vamos.

—Prefiro morrer a ser uma escrava. Prefiro morrer a viver um minuto neste inferno. — O lábio inferior dela tremia por causa da excitação, e da destruição que devastava sua vida. Os seus olhos ainda ardiam pelo fogo, pelo ódio. Mas ela já estava cansada. Ela foi muito pressionada, e agora estava desmoronando. Ela estendeu a mão, pronta para dar o golpe, pronta para dizer adeus ao mundo.

Minhas pernas robustas impulsionaram-me para frente e me permitiu chegar a tempo. Abaixei seu pulso e tirei a faca da sua mão. Ela bateu contra a janela mais próxima e em seguida caiu no chão.

— Não! — Seus joelhos foram afrouxando enquanto a angústia lhe inundava— Por favor, me deixe morrer. Será que você não tem compaixão?

Eu a segurei enquanto o seu o corpo amolecia e se desmoronava. Ela caiu sobre meu peito, o que a impediu de cair direto no chão. Coloquei meus braços ao seu redor, e então a levantei.

Ela se deixou cair no chão como um cadáver sem uma gota de sangue, não importava o que acontecesse naquele momento. Não importava nada nem ninguém. Eu poderia colocar uma faca na sua garganta que ela não se importaria. Eu a levei para o salão principal.

— Já nocauteou essa puta? —Cane estava colocando vodca no corte antes de cobri-lo .

Fui para o quarto e lhe coloquei no colchão. O quarto tinha uma janela, mas estava bloqueado com barras de metal. No quarto também não havia nenhuma decorações ou móveis. A cama não era mais do que um colchão no chão. Possuía um banheiro, mas era simples. Era uma cela para presos, com um pouco de privacidade.

No momento em que a deixei sobre o colchão, seu corpo voltou à vida e ela arrastou para longe de mim, sentando o mais longe possível. Cruzou os braços no peito em forma de proteção e se recusou a me olhar. Observava a janela com desespero. Ela não estava chorando, mas eu sabia que tinha os olhos cheios de lágrimas.

—Não sou uma escrava. —Sua voz forte ecoou pelas paredes, soando ainda mais forte em meu ouvido.— Posso ser uma prisioneira, mas eu não sou uma escrava. Você pode tentar fazer o que quiser comigo, mas eu me rebelarei contra as suas ordens, todas as vezes. Quando você menos esperar, te matarei. Merda, isso é uma promessa. —Finalmente ela olhou para mim, e seus olhos estavam mais frios do que o inverno do Ártico. Sua promessa brilhava igual a intensidade de uma estrela. Ela não tinha medo de mim. Não tinha medo dos meus homens. De uma maneira ou de outra, ela iria se vingar.

—Sou um homem de palavra.

—Você é um criminoso. Um sequestrador. Um estuprador. Sua palavra não vale uma merda.

Meu corpo ficou tenso com sua resposta. Meu pulso acelerou, e eu senti um ardor correr pelas minhas veias. Sua luta, sua ferocidade, brilhava como um farol iluminando no fundo da minha alma.

Acendia o meu corpo, endurecia meu pau, fazendo minhas mãos ficarem desesperadas para tocá-la. Eu tirei a seringa.

Ela deu uma olhada, esfriando instantaneamente.

--Se você acha que vou permitir que você coloque isso, em mim você está enganado. ---Estou te pedindo.

— Está me pedindo? —perguntou com incredulidade. — Como se jamais fosse aceitar.

--Se eu te deixar aqui, que era o meu plano original, eles irão te foder sem parar. Os homens se revezarão e não te deixarão respirar. Nem te deixarão dormir. Se você acha que o Bones é ruim, você não sabe o que está falando. Nós somos feitos dos terrores da noite, não dos pesadelos. Nós somos os homens que dão a maldade uma definição.

Ela apertou mais seus braços em resposta, me levando a sério.

—Eu posso ser mau, mas tenho algumas regras. A primeira delas é que eu sempre cumprio minha palavra. E se eu disser algo, isso se cumpre. Entendido?

Ela apertou a mandíbula, recusando a concordar comigo. Ela precisava parecer desafiadora, se opor a mim em todas as ocasiões.

—Vou injetar a seringa porque preciso transportá-la. Eu não posso

fazer isso se você estiver consciente.

— Foda-Se.

Seus insultos me excitavam, ao invés de me ofender.

--Se não cooperar, vou ter que te deixar aqui. E se você ficar aqui, desejará ter ficado com o Bones.

Ela tremeu visivelmente.

— E onde quer me levar?

—A minha casa.

— Por que não posso ver?

—Não quero que saiba como chegar. Nem como sair. Mantive a seringa levantada.— Temos um acordo?

Ela olhou a seringa, com os lábios apertados.

—Acho que você quer me drogar, só para me foder sem resistência. Sorri, porque ela não poderia estar mais errada.

— Eu quero te foder, e quero que resista. É assim que eu gosto. Ela empalideceu.

— Então, o que você decide? — Girei a seringa entre meus dedos. ---Se eu vou com você, irá me machucar. Você irá me violar.

Eu mantive o seu olhar, sem negar qualquer uma das suas afirmações.

—Também pode ficar aqui e deixar que enfiem seus paus na sua boca, na sua bunda e na sua boceta, tudo ao mesmo tempo. A escolha é sua. —Dos males, eu era o menor e ambos sabíamos. Ela escondeu sua reação, mas estava sentindo um turbilhão de emoções.

— Coloque vendas nos meus olhos. Não me drogue.

—Não.

Ela fechou os olhos ao não conseguir o que queria.

—Eu já vi o que você é capaz de fazer. Sairá correndo na menor oportunidade. Você agarrara o volante e nos jogará pelo penhasco. E eu não faça concessões. Como eu disse antes, minha palavra é a lei.

Ela Levou os joelhos ao peito.

—Estou começando a perder a paciência. —Levantei e coloquei a seringa no bolso.— Se você quer ficar aqui, por mim perfeito. Mas não repetirei minha oferta. Se você decidir ficar, permanecerá aqui por muito tempo.

Seus olhos iam de um lado a outro freneticamente, insegura sobre o que escolher. Qualquer decisão levaria a dor. Mas qual delas causaria menos dor?

Fui em direção à porta porque não tinha tempo para aquilo.

Se queria ser uma estúpida, poderia ser uma estúpida.

— Tudo bem. Eu vou.

Parei na porta e virei lentamente. — Você me dá a sua palavra que não colocará suas mãos em mim quando eu estiver... drogada?

Naquele momento eu entendi seu medo mais profundo. Ela odiava a falta de controle. Odiava a incapacidade de decidir parte do seu destino. A maioria das mulheres prefeririam estar drogadas. Elas seriam torturadas e estupradas, mas elas não saberiam. Só teriam que lidar com a dor no dia seguinte. Mas isso não era o que ela queria. --- Sim.

Ela pesou minhas palavras antes de ir para a ponta da cama e afastar o cabelo.

--Se você mentir, farei com que se arrependa. — Ela Expôs seu pescoço, em forma de rendição .

Me excitei ainda mais com o pensamento de dominá-la. Ela era uma rival digna, uma mulher que não poderia ser domesticada facilmente. Não era como as outras que eu conheci. Ela não se inclinava a meus pés e se comportava como um cão obediente. Era corajosa e lutava sem piedade. O fato de fazer uma ameaça sincera quando não tinha como cumpri-la foi estranhamente encantador.

Eu sentei ao seu lado na cama e rodeei o pescoço com a mão, sentindo o seu ritmo cardíaco forte, com as pontas dos meus dedos. Um calafrio percorreu minha coluna ao tocá-la. Ela estava me permitindo me aproximar. Ela me permitiu fazer algo. A partir daquele momento eu não conseguia pensar em mais nada além de foder aquela mulher naquela mesma cama.

Mas se fizesse aquilo , faltaria com a minha palavra. Espetei a seringa e injetei a droga.

Imediatamente, suas pestanas começaram a bater, e então suas pálpebras começaram a cair. Ela se deitou lentamente no colchão, incapaz de lutar contra o feitiço que começava a mergulhá-la na escuridão. Ela lutava para manter os olhos abertos, mas foi uma luta que perdeu rapidamente. As pálpebras fecharam e ela adormeceu.

Eu a observei por um minuto. Contemplei o seu peito subindo e descendo suavemente. Ela abriu seus lábios enquanto mergulhava em um sono profundo. Quando estava inconsciente, ficava impotente. A mulher agressiva, que eu conheci não estava lá. Eu a peguei em meus braços saímos do quarto.

— O que você está fazendo? — Cane me perguntou.

Ela não pesava nada , estava leve como uma pluma. Seus braços pendiam inertes para ambos os lados, enquanto ainda estava dormindo.

—Ela vem comigo.

— Como? — Cane perguntou. —Por quê?

—Porque eu sou o único que pode dominá-la. Você já viu o que aconteceu. Um dos nossos guardas está morto, dois feridos e você ainda está sangrando.

— Continuo esperando minha vez com ela. — Hoje não, Cane.

— Bom, terei minha oportunidade. Mesmo que seja na sua cama.

Se não tivesse com alguém nos braços, havia lhe dado um soco na cara.

— Continue me tratando desse jeito e você ficará sem sua oportunidade.

Capítulo 16

Pearl

Quando eu acordei estava em um novo lugar. A luz do sol entrava pela janela aberta, e o som dos pássaros enchiam os meus ouvidos. Vários deles falavam entre si, comunicando-se em um idioma que eu nunca entenderia.

A luz aquecia minha pele, me fazendo esquecer o frio do inverno. Atravessava minhas pálpebras, me pedindo para levantar, mesmo eu ainda estando exausta.

Finalmente abri meus olhos e olhei ao meu redor.

As janelas estavam abertas, permitindo que a brisa entrasse no quarto. Havia cortinas bege dos lados, em contraste com as paredes pintadas de marrom. A parte superior da janela era curva oval, me fazendo lembrar de uma antiga forma de arco.

Estudei o resto do quarto. Havia um sofá circular marrom que estava ao redor de uma mesa redonda. Os móveis eram brancos, acentuados com almofadas douradas. Também tinha uma televisão que estava pendurada na parede com uma lareira de pedra. Uma cômoda branca que estava encostada a parede, sobre ela tinha várias escovas antigas e caixas de maquiagem. O quarto era grande o suficiente e poderia ser considerado uma casa. A porta que ficava no canto com certeza se tratava de um banheiro privado.

Foi a primeira vez que acordei em paz desde que tinha sido sequestrada. Foi a primeira vez que o som delicioso dos pássaros me ajudou a acordar. Eu não tinha visto uma janela aberta em meses e não tinha percebido como era maravilhoso .

Saí da cama, usando o mesmo vestido da noite anterior e fui até a janela. As cortinas estavam bem abertas, e eu podia ver as linhas dos vinhedos intermináveis estendendo-se até as colinas. Não existia uma única casa a vista. Eu estava isolada, longe da cidade mais próxima.

O sol brilhava alto no céu e iluminava cada pedaço de terra onde meus olhos alcançavam. Eu estava no segundo andar e via a grama debaixo da minha janela. Ela era grosso e escura, mais escura do que as folhas dos vinhedos.

Meus dedos descansavam na beira da janela, e eu sentia uma sensação de liberdade. Poderia pular pela janela e correr o mais rápido possível, me escondendo entre as fileiras de uvas. A ideia

simples, parecia fácil e tentadora.

Mas por que estava tão fácil?

Virei e examinei o conteúdo do meu quarto. Havia prateleiras cheias de livros clássicos e um monte de revistas na prateleira que estava debaixo da mesa. Eu vi o vaso com uma única rosa vermelha. Estava fresca, foi colhida naquela manhã. Abaixo havia um bilhete escrito à mão.

"Não fuja".

O bilhete não estava assinado, mas eu sabia quem tinha deixado.

Examinei o banheiro. Os azulejos estavam impecáveis, e a decoração vibrante me fazia lembrar da cultura italiana. Embora fosse uma prisão chique, era maravilhosa. Só nos meus sonhos eu poderia viver em um lugar assim.

Saí do banheiro e me aproximei das portas que separava meu quarto do resto da casa. Se a janela do quarto estava aberta, eu assumi que ele quis dizer que eu poderia andar pela casa.

Abri a porta e saí pelo corredor. Tinha uma imponente escadaria aberta à minha direita, com continuação para o corredor à esquerda.

Escutei uma voz que surgiu de repente.

— Bom dia, senhorita. — Um mordomo apareceu completamente uniformizado. Ele caminhava com elegância, apesar de sua idade avançada, e seus olhos brilharam de uma forma amigável. Ele parecia inofensivo e gentil.

— Quem é você? — perguntei.

—Lars. Prazer em conhecê-la.

Ele não respondeu à minha pergunta.

—Vossa excelência está prestes a sentar para tomar café da manhã. Gostaria de acompanhá-lo? Eu tinha outra opção? Eu estava com fome. E é claro que queria respostas.

— Tudo bem.

— Tudo bem? — me perguntou.— Minha pergunta requer um sim ou um não. Lhe dei um olhar irritado.

—Claro. — É o suficiente. Siga-me. —O mordomo abriu caminho, descendo as escadas para o andar de baixo. O arco da janela do meu

quarto era igual aos das portas e os das outras das janelas. Os azulejos brilhavam o suficiente para serem considerados completamente novos, e a área era espaçosa e luxuosa. Meu captor não vivia apenas em uma mansão. Ele vivia com elegância. A casa do Bones era feia e sem graça: igual a ele. Mas o lugar em que eu estava naquele momento era de bom gosto.

Lars me acompanhou até a sala. Uma grande janela ocupava uma das paredes, expondo as vinhas do lado oposto da casa. A mesa de mogno era grande o suficiente para sentar dezesseis pessoas. Será que ele geralmente convidava dezesseis pessoas para jantar? Lars tirou a cadeira e a aproximou da mesa quando eu me sentei.

— Vossa excelência chegará em alguns instantes. — Ele saiu pelas portas duplas à esquerda que estavam abertas. O som dos pratos faziam um eco na cozinha enquanto ele preparava o café da manhã.

Sentei imóvel, admirando a visão gloriosa que estava a minha frente. Apesar do meu medo, eu não podia negar a beleza radiante daquela paisagem. Nunca tinha visto nada parecido na minha vida e suspeitava que nunca voltaria a ver.

Um segundo depois, ele atravessou a porta vestido com um terno azul marinho e uma gravata roxa. Ele estava tão lindo como a primeira vez que o vi sentado naquele bar. Caminhava com confiança, os ombros largos e poderosos. Apesar de estar em silêncio, dominava a sala só com a sua presença. Ele era assustador, mas fascinante ao mesmo tempo.

Assim que meu captor se sentou, Lars entrou no salão, como se estivesse esperando sua chegada. Colocou uma tortilha de claras de ovos com cogumelos, tomate e espinafre na sua frente, uma xícara de café e o jornal matinal.

O homem agradeceu em italiano. Pelo menos, era o que eu achava que ele disse .

Lars trouxe a mesma comida para mim, juntamente com um jornal em inglês. Depois ele saiu, fechando as portas atrás dele.

Meu captor tomou um gole de seu café e abriu o jornal, agindo como se eu não estivesse lá. Nem sequer olhou para mim. Seu comportamento passava a impressão que já havíamos feito aquilo várias vezes.

Eu comi em silêncio, e adorei o sabor. Tudo estava fresco, parecia que foi colhido naquela manhã. Não tinha sabor de vegetais de supermercado. Os alimentos com certeza eram orgânicos. O café era

muito melhor do que me davam na minha prisão. Tudo era melhor, na verdade. Uma cópia do New York Times estava a minha frente, que continha manchetes escritas com palavras que eu era capaz de entender.

Ele continuou sem notar a minha presença. Virou a página e continuou a leitura.

—Então... o que eu tenho que fazer....?

—Você pode falar comigo quando eu terminar a leitura. —Seu olhar não desviou a atenção da sua leitura. Ele deu algumas garfadas na sua comida e tomou um gole de café. — Que idiota.

Trinta minutos mais tarde, ele terminou de ler o jornal do começo ao fim. Dobrou e colocou em cima da mesa.

— Sim?

Naquele momento era eu estava lendo meu jornal, ignorando-o como ele fez comigo. Meu captor tomou um gole do seu café e me olhou.

—Você é vingativa, não é?

—Não, eu só não gosto que me tratem como um cão. Que está sendo algo bastante comum. —Bom, espero que suas preferências mudem em breve. Ele pegou o meu jornal e colocou junto com o dele.

Aquele homem era irritante. Eu queria enfiar o garfo no seu olho, mas sabia que iria falhar.

— Você leu minha nota esta manhã.

Eu odiava quando me faziam uma pergunta em forma de afirmação. Ele era arrogante. Ele agia como se fosse o dono de tudo, incluindo a mim.

—Não fazia sentido fugir.

Eu queria saber o porquê , mas me recusei a perguntar por teimosia.

— Coloquei um rastreador no seu tornozelo. Eu vou saber onde você vai e o que está fazendo. A cidade mais próxima é a quase cinquenta quilômetros. Você não chegaria a tempo, mesmo que fosse de carro.

Automaticamente coloquei as mãos nos meus tornozelos e notei um caroço do lado direito.

— Você é doente.

—Se quiser eu posso retirar. —Então retire agora .

—Mas você ficará trancada em seu quarto, o tempo todo . Eu teria que colocar barras de ferro na sua janela, e levariam suas refeições. Se isso é o que você prefere, farei isso por você. — Um pequeno sorriso dançava em seus lábios. —Desgraçado.

— O que você escolhe?

Não olhei para ele, não queria dar a minha resposta verbalmente.

— Foi o que eu pensei. — Ele estava sentado perfeitamente na cadeira, como se aquilo fosse uma reunião de negócios. Ele parecia confortável em seu terno, não parecia estar desconfortável. Toda a vez que ele se mexia, era com elegância. Ele era um assassino quando se fazia necessário e um diplomata no restante do tempo.

— Por que estou aqui? Quando eu acordei de manhã não notei qualquer desconforto. Meu captor parecia ter mantido sua palavra e não me tocou contra a minha vontade. Ele também não permitiu que ninguém mais me tocasse.. Eu não queria confiar nele e sentir gratidão pelo seu momento de compaixão. Ele continuava sendo uma má pessoa. Ainda era meu inimigo. Quando eu tivesse uma oportunidade, o mataria. E eu desfrutaria da sua morte.

—Porque eu quero que seja assim .

— Por que você impediu que aqueles homens fizessem o que quisessem comigo?

—Era a única maneira de conseguir te controlar.

— Mas você me tinha. Você chegou até mim, antes que eu conseguisse colocar um fim na minha miserável existência.

Ele voltou a beber seu café.

Eu esperei por uma resposta.

Mas ele não me respondeu..

—Eh, Olá? — falei.— Só mas, uma pergunta.

—Você pode perguntar tudo o que quiser. Mas isso não significa que receberá uma resposta.

Desejei dar uns tapas naquele rosto tão atraente Queria que aquele rosto perfeito ficasse vermelha sob meu toque.

— Por que você me roubou do Bones?

—Bones é meu inimigo.

—Tudo bem... mas o que isso tem a ver comigo?

— Porque você tem um valor para ele. Ele gosta de você. É muito mais fácil ferir alguém causando danos à aqueles quem a pessoa ama. Eu poderia cortar cada um dos membros do Bones, e ainda assim não causaria tanto dano como o que tenho pensando em fazer com você.

Meu sangue gelou. Fui uma estúpida ao pensar que meu novo captor era menos perigoso que os outros homens. Talvez eu tivesse tomado a decisão errada. A casa em que estava era bonita, mas não passava de um disfarce para o pátio do diabo, que realmente era.

— Você está errado. O Bones não se importa comigo. Minha ausência não vai tirar o sono do Bones.

—Aí é onde você se engana. Eu vi vocês juntos. Ele nunca levou uma escrava a sua fábrica. Tampouco levou a Ópera. E ele nunca recusou compartilhar uma escrava com seus amigos. Se isso não for amor, eu não sei o que é.

Como ele sabia tudo aquilo?

De alguma forma, ele foi capaz de ler os meus pensamentos.

—Eu vi vocês dois juntos na ópera. Falei para você não escapar porque caso contrário meu plano de te tirar de lá não funcionaria. Eu não estava te ajudando. Estava me ajudando. E o mistério estava resolvido.

— E agora o que? Você vai pedir um resgate?

—Não. Não pretendo te devolver. Não existe dinheiro suficiente no mundo que me faça te devolver.

Minha situação se tornava mais sinistra a cada segundo que passava.

—Então... quer dizer que serei sua escrava para sempre?

—Não —Ele deixou a xícara de café e me olhou diretamente nos olhos.— Só até eu te matar.

Capítulo 17

Crow

Meu ódio crescia a cada dia que passava.

Eu odiava aquela mulher.

Eu a detestava.

Queria abrir seu corpo a golpes e arrancar suas tripas. Queria lhe causar tanta dor, quanto fosse possível. Queria tornar sua vida insuportável. Era o pesadelo que ela merecia. Ela merecia sentir um terror tão imenso até chegar ao ponto de não conseguir parar de tremer. Ela merecia o mais puro e absoluto inferno.

E eu faria isso acontecer.

Sabia que ela tinha ficado assustada com as últimas palavras que eu disse. Lhe contei qual era o meu plano. Ela seria usada uma e outra vez até que eu quebrasse seu pescoço. Ela sabia o que estava por vir, e o fato de eu ter falado de uma forma tão casual lhe causou mais medo. Fiquei feliz com isso. Era o que ela merecia.

Uma semana se passou e eu não a vi nem uma vez. Ela não comeu comigo e embora estivesse livre para desfrutar dos diferentes ambientes da casa nunca deixou o seu buraco. Ela ficou fora da minha vista e não atraiu atenção, na esperança que eu a esquecesse.

Mas, como eu poderia esquecer daquele pé no saco?

No meu coração não existia nada além de destruição. Lhe causar dano me excitava. Eu queria fazê-la gritar, chorar e sangrar. A mais pura agonia era meu êxtase. Tortura pura era o tipo de merda que me fazia gozar.

Depois de uma semana, meu pau desejava realizar minhas fantasias. A espera provavelmente foi a parte mais angustiante da situação. A única coisa que ela podia fazer era esperar que eu fosse lhe pegar.

E naquele momento eu estava pronto.

Já era tarde da noite, e o resto dos empregados já estavam na cama. Entrei no seu quarto sem acender a luz. A janela permanecia aberta. O calor da Toscana ainda aquecia a noite, embora o pôr do sol estivesse ocorrido há horas.

Ela sentou imediatamente na cama, assustada pela minha presença.

Fechei a janela, para que ninguém pudesse ouvi-la gritar.

Ela se arrastou de volta contra a cabeceira da cama, o mais longe possível. Seu peito subia e descia agitado, mas sua força permanecia visível em seus olhos. Ela não se renderia facilmente. Era o que eu estava querendo.

—Escrava, vem aqui.

Ela se recusou a me obedecer e se recusou a me responder.

—Faça o que eu estou falando, ou será pior. Ela cruzou os braços sobre o peito.

— Foda-se.

— Eu estava desejando que você se comportasse assim. —Naquele instante, avancei até ela e lhe arrastei pelo tornozelo até o outro lado da cama.

Ela parecia uma louca, arranhando os lençóis, tentando segurar em algo para se libertar. Ela Lutou com todas as suas forças, entrando em total modo de sobrevivência.

Coloquei suas pernas entre a minhas e a mantive deitada de bruços. Ela não podia fazer nada contra o meu peso, apesar de continuar lutando. Agarrei o seu short de pijama e o retirei de uma vez, junto com a calcinha.

— Não! —ela tentou me bater, mas não conseguia se mexer.

Eu a mantive imobilizada, enquanto tirava minha calça e a cueca.. Minha ereção estava livre, grossa e longa. Eu contemplava sua bunda perfeita, encantado com a fenda entre as duas nádegas. Eu não tinha certeza o que preferia foder primeiro, sua bunda ou a boceta.

— Para! Por favor.

Lhe virei para que ficássemos cara a cara e a segurei com meu peso. Mantive suas pernas separadas com as minhas coxas, e as minhas mãos seguravam as suas acima da cabeça. Ela estava com os mamilos empinados e os olhos úmidos.

—Por favor, não faça isso. —Seus olhos se encheram de lágrimas, as primeiras que eu tinha visto. Ela estava frustrada e no limite de sua resistência, esgotada pelo tratamento cruel. Suas lágrimas me excitavam ainda mais.

Mas elas também me fizeram me sentir um lixo.

— Me solte. Por favor. — Ela tentou me empurrar para se levantar, mas sua força era inútil contra a minha.

Meu pau estava perto de sua abertura querendo sentir o seu sexo. Eu queria esticá-la até que ela soluçasse, queria destruí-la além do reparável. Eu queria torturá-la impiedosamente.

—Por favor... —Suas lágrimas desciam pelas bochechas.

Meu corpo ficou bloqueado de repente. Meu entusiasmo já não era mais o mesmo. Aquelas eram um tipo diferente de lágrimas, não eram as que eu queria. Algo me segurou, me impedindo de realizar o ato . Eu tinha todo o direito de fazer. Após o que aconteceu comigo, eu merecia. Mas não podia. Eu não enxergava nenhuma vingança quando olhava nos olhos daquela mulher. Eu só via o meu reflexo: o de um animal..

Saí de cima dela, e vesti minha boxers e as calças.

Ela continuou lá deitada, sem ter certeza do que estava acontecendo.

Não olhei para trás antes de ir embora. Saí do quarto dela com uma tromba e segui pelo corredor. Eu estava muito alterado para dormir e já não estava mais excitado para conseguir me masturbar. Eu estava apenas com raiva. Com raiva de mim mesmo.



Ela não saiu do seu quarto por vários dias depois daquele episódio. Lars levava todas as suas refeições tomava conta das suas necessidades.

Eu mantive distância.

Me concentrei em fazer exercícios e no trabalho. Me mantive ocupado fora de casa, gerenciando os vinhedos, o centro de distribuição e lidando com os negócios. E claro, eu também tinha que tomar conta dos meus outros assuntos com o Cane.

O fato dela não se aproximar significava que ainda estava assustada, como deveria. Aquela noite poderia ter terminado de maneira bem diferente. Talvez eu tenha bebido demais e não estava com o ânimo adequado. Eu tinha me acovardado, mas eu não cometeria o mesmo erro.

Quando cheguei em casa do trabalho uma noite, Lars estava me esperando na entrada.

—Excelência, Cane veio te ver. Meu corpo ficou tenso.

— A quanto tempo ele está aqui?

—Quinze minutos. Eu pedi para ele esperar no seu estúdio.

Eu sabia que ele não estava no meu estúdio. Eu sabia exatamente onde ele estava, meu estômago embrulhou. Saí correndo, e subi as escadas, pulando os degraus de dois em dois.

— Tudo bem, Excelência? Lars falou.

Eu o ignorei, correndo tão rápido quanto meus pés eram capazes. Cheguei rápido no quarto, e bati contra a porta com o ombro, sabendo exatamente que ela estaria trancada com chave. A porta abriu de repente, e eu vi exatamente o que temia.

Cane a amarrou nua na cama. Ele estava nu, com o pênis duro e pronto para atacar. Ele estava segurando um cinto, ele tinha acabado de bater nas coxas dela com o cinto. Eu vi tudo vermelho.

—Sai. Daqui. Agora. Cane virou.

— Você quer experimentar? — Ele ofereceu o cinto para mim.

Eu peguei o cinto das suas mãos e passei pela sua garganta, asfixiando até que ele começou a convulsionar nos meus braços. Ele tentou se livrar com chutes, mas falhou. Eu apertei o cinto até fechar suas vias respiratórias, deixando que ele desmaiasse.

Eu o deixei cair no chão e fui até a cama, ignorando a minha ereção crescendo nas calças ao vê-la amarrada e pronta para ser chicoteada. Eu peguei minha faca e cortei as cordas, libertando-a. Ela imediatamente se cobriu com um cobertor, escondendo sua nudez.

— Você está bem?

Ela ainda estava com os olhos cheios de lágrimas. Eles brilhavam igual a diamantes quando são expostos ao sol, seus olhos estavam extraordinários e impecáveis. Ela se recusava a me olhar. Virou o rosto de propósito, me evitando.

Enrolei meu irmão em um cobertor e depois tirei ele do quarto. A porta do quarto ficou em péssimo estado, desta forma , não havia

como eu deixá-la em privacidade. Lars subiu as escadas, preocupado com o escândalo.

—Traz um copo de água —ordenei. Lars obedeceu imediatamente.

Quando ele voltou com a água, eu a joguei na cara do Cane, para acordá-lo imediatamente. Ele tossiu antes de se sentar, com água pingando pelo nariz. Ele passou a mão pelo cabelo, e voltou a si lentamente.

— O que aconteceu?

Como ele estava acordado, eu o agarrei pelo pescoço.

—Nunca mais toque a minha escrava. — Lhe sacudiu com força, o suficiente para quebrar seu pescoço.— Você me entendeu, porra? — bati sua cabeça contra o chão, para que ficasse bem claro. — Sua escrava? —Ele se afastou de mim, esfregando a cabeça— Que merda está acontecendo aqui? O combinado era que íamos fodê-la e torturá-la, fazer exatamente o que o Bones fez com a Vanessa. Mas eu vim aqui e a mulher não tem um arranhão. Pelo menos nenhum novo.

—Não se preocupe com isso.

—Não, eu estou preocupado com isso, — Ele gritou.— Era isso que havíamos combinado. Ela está aqui há duas semanas, e você não fez nada.

—Eu já fiz o que eu queria. — era mais fácil mentir quando eu estava nervoso.

—Isso é uma grande mentira, e ambos sabemos. Eu sei disso só de olhar para ela.

—Sai da minha casa, Cane. E não toque na minha escrava sem a minha permissão.

— Quem decidiu que ela era sua? — ele levantou com o cobertor enrolado em torno da cintura.

—Eu. — Decidi no momento que a vi lutar. Ela não é igual as outras. Que desmoronam diante de um castigo duro. Ela não se quebra feito um galho. Ela é forte. Ela é resistente. Ela despertou meu interesse e eu não mudei de opinião desde então. —Espero ter sido claro.

Cane não escondeu seu desprezo por mim. Ele parecia uma criança que não gostava de ser contrariada. Ele era rancoroso e

vingativo. Aquilo não seria o fim da discussão. Nunca era.

— E quem te nomeou rei do mundo?

—Eu. —Ele me temia, e eu sabia. Eu falava menos, mas era muito mais cruel. Ele me viu fazer coisas impossíveis de esquecer. Me viu fazer coisas que faria um homem maduro uivar. Ele gostava de me pressionar, mas apenas até um determinado ponto.— Comprarei uma puta para você se divertir. Mas fique longe da minha.

— Eu posso comprar minha própria puta. — Ele apontou o dedo em direção a porta que foi derrubada.— Da próxima vez que eu vir, é melhor que ele esteja fodida e machucada. É melhor ela ter cicatrizes novas sobre as cicatrizes velhas. É melhor que ela se curve ao meus pés quando eu entrar por aquela porta. Esse era o plano, e você deve cumpri-lo. Se você não fizer, eu farei.

—Não se preocupe com isso. Eu farei.

Ele examinou meus olhos até ver que eu estava de acordo. Quando ele enxergou o que precisava, se virou para finalmente sair.

—Cheia de hematomas, Crow. Estou falando sério. — Ele pegou suas roupas e saiu.

Eu fique no hall até ouvir a porta da frente ser fechada. Quando tive certeza que estava sozinho, finalmente voltei para o quarto, passando por cima da porta quebrada.

Ela estava justamente no lugar que eu a havia deixado, enrolada debaixo do cobertor para esconder seus seios. Sua expressão feroz estava de volta . Como se ninguém tivesse tentado lhe violentar há dez minutos, Sua cabeça estava erguida, como uma rainha.

— Você me deu a sua palavra. — O ódio transbordava em sua voz.

— Ele te violou?

Ela estava olhando pela janela que estava aberta.

—Fiz uma pergunta. —Dei a volta pela cama e fui até ela. Ela continuou sem responder.

Lhe agarrei pelos cabelos e aproximei seu rosto do meu. Ela ficou imóvel, desafiando manter o silêncio.

—Não me faça perguntar de novo. —Apertei minha boca contra a sua bochecha. Meus dentes queriam morder a sua clavícula. Eu queria chupar a pele do seu pescoço, até que ficasse machucado.

—Não.

—Então mantive a palavra que eu te dei.

Os olhos dela finalmente procuram os meus, eles estavam molhados e cheios de emoção.

— Ele te machucou?

Ela levou os joelhos até o peito, debaixo do cobertor.

— Já me fizeram coisas piores.

Eu estava prestes a fazer algo que nunca tinha feito antes, ainda mais para uma escrava.

—Eu sinto muito.

Seus olhos frios procuraram os meus com descrença, como se ela esperasse algum tipo de piada cruel.

—Não sabia que ele estava aqui. Não é bem assim que as coisas funcionam nesta casa. Prometo que não vou deixar ele se aproximar novamente. Prometo que não deixarei ninguém te tocar, exceto eu. —Minha mão escorregou até o seu pescoço. Senti seu pulso fraco sob as pontas dos meus dedos.

Ela olhou para o seu colo. Me dispensando silenciosamente, desejando ficar em paz para lambar suas feridas sozinha.

Eu não tive a oportunidade de verificar seus vergões por causa do tumulto, mas sabia que estava doendo.

— Consertarei sua porta e pedirei que o Lars traga algo para os machucados.

— Eu ouvi o que você disse. —Sua voz não era mais do que um sussurro. Mas ainda soava forte, apesar de falar tão baixo.

Eu olhei para os seus lábios, observando como eles se separaram para inalar o ar .

— Cheia de hematomas. —Ela virou lentamente, para me olhar nos olhos.— Você tem que me estuprar e me machucar. —Ela falou me suplicando com os olhos, para eu não fazer aquilo. Seus olhos me demonstravam que ela já tinha passado pelo suficiente. Tudo o que ela queria era um pouco de paz.

Eu deslizei meus dedos lentamente através de seu cabelo, apertando meu rosto contra o dela. Nossas testas se tocaram, e o calor do seu corpo aqueceu lugares distantes do meu. Foi a primeira vez que

ela não se afastou. Permitindo um contato mais prolongado.

Os meus lábios procuraram o dela e lhe dei um beijo suave. O simples contato me queimou de desejo. Quando eu a vi pela primeira vez, pensei que ela era uma mulher comum. Mas nas duas semanas em que ela esteve comigo, eu não consegui pensar em nada além dela. Eu queria tê-la debaixo de mim. Desejando que me chame aos gritos.

No início, ela respondeu ao beijo, como se fosse uma reação instintiva ao contato com minha boca. Mas depois se afastou rapidamente, afastando os lábios. Ela ainda permaneceu com a testa encostada na minha , mas o beijo tinha terminado.

---Sim. Farei todas aquelas coisas com você.

Capítulo 18

Pearl

Quando eu despertei de manhã o inchaço havia diminuído. Lars trouxe uma pomada que suavizou a dor na minha pele e alguns analgésicos. Com o Bones nunca me deixavam tomar nada para a dor. Essa era uma das vantagens de viver com o Crow.

Crow. Agora eu sabia o seu nome.

O nome era curioso. Embora no caso dele, fazia todo o sentido do mundo. Seu cabelo castanho escuro e os olhos castanhos lhe davam um olhar sinistro. Sem dúvida, ele era uma manifestação das trevas, um pesadelo que você imaginava em um cemitério. A única coisa que o fazia parecer humano eram os seus olhos. Eles eram maravilhosos.

Às vezes, quando eu olhava para eles , me esquecia quem ele era. Às vezes eu esquecia que ele era um demônio que colocou um rastreador no meu tornozelo. Às vezes eu esquecia que ele era o homem que me mantinha presa contra a minha vontade.

Eu saí da cama e caminhei em direção a janela. O melhor daquele quarto era aquela janela. Quando eu a abria todas as manhãs, podia ver um vale de vinhedos maravilhosos. Com um céu tão claro como o mar e colinas ondulantes que pareciam artificiais de tão perfeitas que eram, aquela paisagem não me dava a sensação de estar em uma prisão. Às vezes eu fingia que eu estava naquela casa por vontade e própria. Ou fingia que estava de férias e que um dia eu voltaria para casa.

Com a brisa acariciando meu rosto, sentia como a gratidão me inundava. Com o Bones, eu nunca desfrutei de tal privilégio. Eu era um simples cão enfeitada com sua coleira. Todos os meus movimentos eram controlados, até o último detalhe. Mas, naquela nova casa , eu tinha um pouco de liberdade.

Meus olhos examinaram o horizonte, e eu notei algo se movendo entre as videiras. Quando a imagem se aproximou, eu reconheci a barba por fazer ao longo do maxilar e o cabelo escuro. Ele estava sem camisa. O suor de seu peito brilhava à luz do sol, enfatizando cada linha de seus músculos. Ele tinha um peitoral forte, amplo como uma grande muralha, seus abdominais eram tonificados. Cada um deles estavam bem definidos. Eu consegui contar oito.

Seus quadril tinha um formato de V bem marcado, que eu só vi

em modelos de outdoors de cueca, em Manhattan. Com ou sem camisa, ele era muito atraente. Quando eu o vi pela primeira vez no bar, ele parecia ser uma bênção. Eu pensei que ele representava esperança, de que no mundo poderiam existir pessoas bonitas e normais. Que nem todos os homens eram maníacos criminosos que compravam e vendiam as pessoas para ficarem ricos. Eu não poderia estar mais errada.

Ele se aproximou da casa, reduzindo a sua corrida em uma caminhada. Ele estava usando shorts de correr preto, e tênis preto. Ele era magro e tonificado, seu corpo era poderoso e esbelto. Ele era totalmente o oposto do seu irmão robusto e encorpado. Eles possuíam algumas características faciais em comum. Eu soube que eles eram irmãos logo após o meu sequestro.

Ele veio para o campo deixando para trás a minha janela, caminhando para a frente da casa. Ele virou a cabeça em minha direção, talvez porque ele esperasse que eu estivesse lá, ou porque tinha suas próprias razões. Seus olhos encontraram os meus, e ele parou de repente. Ele ficou lá parado, me olhando.

Eu fui pega, mas não desviei meu olhar. Devolvi o olhar dele de lá de cima, tentando decifrar aquele homem enigmático que me mantinha prisioneira. Ameaçava me estuprar e me machucar, mas quando ele tentou cumprir a sua ameaça, não conseguiu. Ele me protegeu dos seus homens e do seu irmão, me trazendo para uma bela mansão cercada por vinhedos. E quando seu irmão me amarrou e tentou me estuprar, ele me protegeu. Ele poderia simplesmente ter feito vista grossa, e ter deixado aquilo acontecer.

Mas ele não o fez isso.

Na noite anterior ele me deu um beijo. Não foi um beijo agressivo igual o beijo do Bones, que metia a sua língua na minha boca, sem ter ideia do que deveria fazer com ela. O beijo foi inusitado, suave, quase delicado.

Meus lábios se moveram automaticamente contra os dele. Eu não pensei duas vezes. Só aconteceu. Mas quando percebi o que eu estava fazendo, me afastei. Aquele homem era um psicopata, por que diabos eu estava beijando ele ?

Ele me ameaçou , dizendo que iria cumprir a promessa que fez ao seu irmão: Me dar uma surra de morte e me encher de hematomas. Ele falou que iria me estuprar, e fazer comigo o que quisesse. Mas essas ameaças não tinham tanto significado como quando cheguei na mansão pela primeira vez.

Em três ocasiões ele tinha feito algo para me ajudar.

Talvez ele não fosse tão maldoso como eu pensava.

Ele me encarou com uma intensidade, sem piscar enquanto o sol batia diretamente nos seus olhos. A luz destacou os tons marrons dos seus olhos, que combinavam com a cor intensa das folhas, no outono.

Eu queria me afastar, mas estava presa no lugar, enfeitiçada por sua aparência. Seu corpo forte brilhava de suor. Em algum lugar na minha mente, um lugar muito escuro, eu me perguntava qual seria o sabor.

Sem dizer nada, ele continuou caminhando em direção a casa, como se não tivesse visto nada. Seu corpo poderoso tinha a pele mais bonita que eu tinha visto. Sua pele era clara, pálida igual a minha, mas sem nenhuma imperfeição. Não tinha a linha bronzeada nos braços, como a maioria das pessoas. Talvez fosse porque ele sempre usava terno quando saía de casa.

Quando ele desapareceu da minha vista, fui ao meu banheiro e me preparei para o café da manhã. Lars costumava trazer uma bandeja com café em meu quarto. Mas eu estava cansada de ficar trancada. Eu morava em uma bela mansão, mas ainda eu não tinha visto nada.



Crow havia comido a metade do seu café da manhã quando eu entrei na sala de jantar. Ele não estava mais sem camisa ou suado. Estava vestindo um terno preto e uma gravata amarela. A camisa era verde petróleo. Apesar de usar cores brilhantes, ele conseguia deixar o terno com uma aparência ainda mais masculina.

Sentei e o olhei para a mesa.

Ele ainda estava segurando o jornal com uma mão, mas os olhos dele desviaram para o meu rosto em um cumprimento silencioso. Ele me deu um olhar antes de voltar sua atenção para o jornal.

Crow ainda continuava não querendo ser incomodado enquanto tomava seu café da manhã. De qualquer forma, eu não tinha nada para falar.

Lars me trouxe café da manhã, uma delícia italiana feita a base de tomate, queijo muçarela e manjericão. Também trouxe frutas para

acompanhar, bananas e uma mistura de frutas vermelhas.

—Obrigada.

—É um prazer, Senhora. —ele me deu um sorriso antes de sair. Lars foi o primeiro homem que conheci durante aquela aventura que não parecia ser cruel. Quando me olhava, ele enxergava uma pessoa, não um objeto.

Crow deixou o jornal cair.

— Qual é o seu nome?

A pergunta indiscreta surgiu do nada.

— Tenho certeza de que o Lars gostaria de saber como se dirigir a você.

—Senhora está ótimo — respondi— Não achava que as pessoas ainda falavam assim.

—Posso pedir para ele te chame de escrava, se você preferir.

Olhei para ele com os olhos entreabertos, sentindo a minha raiva crescer.

—Estou cansada desse teatro. Eu não acredito em nada.

Agora foi sua vez de olhar para mim com os olhos entreabertos.

— Eu não sou sua escrava. E não me trate como se eu fosse. Você me deixa ir aonde eu quero como um ser humano. Não me violentou, mesmo você dizendo que faria. Quando alguém tentou me machucar, você impediu. Não acho que você é quem diz que ser. —Bobagem

—Não. Acho que você é um tolo, por pensar que eu ia engolir todo este teatro. Agora diga por que está me mantendo sua refém, se você não quer me machucar.

Ele se levantou rápido, e bateu os punhos contra a mesa. O barulho do golpe me deu um arrepio de medo que percorreu pela minha coluna. Lars não veio correndo, provavelmente ele sabia o que tinha causado aquele escândalo.

—Não há nada que eu deseje mais do que amarrar e bater em você até que fique inconsciente. Quando eu vi esses hematomas na sua coxa, eu fiquei excitado. Quando eu penso em fazer você chorar, eu quase gozo nas calças igual um adolescente. Não, você não está segura

comigo. Sim, sinto um grande desejo de te machucar. Quando terminar com você, te enterrarei entre meus vinhedos para que a minha próxima colheita seja ainda mais frutífera. — Ele Bateu mais uma vez os punhos contra a mesa.—Eu sou um monstro. E você sabe o que os monstros fazem na escuridão.

Passei a tarde toda no jardim atrás da casa. Eu tinha um livro e uma jarra de chá gelado. Lars se preocupava comigo até com as mínimas coisas, ele me levava almoço, mesmo quando eu não pedia nada, ou me levava um guarda-sol quando estava muito calor.

Eu me sentia como um membro da realeza.

Ele veio até mim, com as mãos atrás das costas.

— Sim, minha senhora?

Fechei o livro que estava lendo.

— Posso te fazer uma pergunta?

—Claro. Qualquer coisa que você precisar, é só me falar.

—Bom... Estou curiosa para saber sobre o Crow...

— O Sr. Barsetti.

Eu não sabia seu sobrenome. Ele nunca me contou.

---Sim. Eu queria saber que tipo de homem ele é. Quero dizer... você sabe o que ele quer de mim? — os empregados sempre estavam cientes de todas as fofocas de uma casa. Pelo menos, isto era de acordo com Downton Abbey².

Lars não demonstrou qualquer reação.

—Não entendi o que a senhora quis dizer.

—Quero dizer... normalmente ele tem escravas em casa? — Eu sou a primeira? Que tipo de negócios ele tem com o Cane? Por que ele é inimigo do Bones?

—Não posso responder a isso. Desculpe. — Ele saiu antes que eu pudesse fazer mais perguntas.

Eu deviria saber que o Lars seria leal ao seu patrão. Não conseguiria arrancar nada dele. A única pessoa que eu poderia fazer aquelas perguntas era ao próprio Crow. Mas duvidava que ele também respondesse. Às vezes, ele parecia ser calmo e suave como uma pétala

de rosa contra a pele. Outras vezes, como pela manhã, ele se comportava igual a um psicopata.

Passei a tarde lendo e apreciando o movimento do sol através do céu. A mansão ficava isolada do resto do mundo, e a vista era tão linda que uma parte de mim não queria nunca mais sair de lá. Se o Crow não fosse um louco, e o Cane não pudesse chegar a qualquer hora, eu até gostaria ficar lá.

Quando o sol estava prestes a se esconder atrás da colina ao longe, eu sabia que o anoitecer estava chegando. Eu jantaria e depois voltaria para o meu quarto para ler à luz do meu abajur. Eu costumava manter janela aberta, para ouvir os sons do campo.

— Ouvi dizer que você teve um dia relaxante.

Eu fechei o livro assustada. Não escutei ele se aproximando por trás. Seus passos eram silenciosos porque ele andava com uma elegância impecável. A atmosfera não se alterava ao redor dele , porque ele a dominava .

— Por que você se aproxima das pessoas sigilosamente?

— Por que você não presta mais atenção nas pessoas ao seu redor? — Ele puxou a perna da calça antes de sentar em uma cadeira ao meu lado. O terno que ele estava usando ainda tinha a mesma aparência elegante como pela manhã. O terno se ajustava perfeitamente ao seu corpo, ficava ainda melhor do que a sua própria pele nua.

Eu deixei o livro no meu colo e fiquei olhando para a colina. Era melhor do que olhar para ele. A última coisa que ele falou naquela manhã me deixou muito nervosa. Eu não tinha certeza no que acreditar. Ou no que não acreditar.

— Você teve um bom dia?

—Sim. Me recusava a olhar para ele, eu desejava que ele desaparecesse.

—Lars me disse que ultimamente você está muito curiosa. — Que traidor.

—Não teria que perguntar nada para ele se você respondesse as minhas perguntas.

Ele esfregou o pulso, bem abaixo do relógio. Suas mãos eram

grandes e seus dedos compridos. Eles aparentavam uma mistura de elegância e masculinidade, ele tinha a aparência de um modelo de capa de revista GQ.

— O que você quer saber?

—Você Já teve alguma escrava antes?

— Eu? —Ele perguntou.

— A minha pergunta não foi clara?

Um sorriso suave se formou em seus lábios, como se ele desfrutasse da minha raiva em vez de se sentir ameaçado.

—Não. Eu nunca tive uma escrava, antes de você .

—Então o que você quer de mim?

—Você sabe o que as pessoas sempre dizem. —Ele apoiou os braços sobre os joelhos e se virou para olhar para mim.—Sempre experimente coisas novas.

Eu odiava suas respostas vagas. Era pior do que não ter resposta nenhuma .

— Porque você me sequestrou, para me machucar e me matar? E como isso afetará o Bones? —Ele ficará com raiva, no mínimo.

—Você superestima o amor que ele sente. Garanto que ele já me substituiu por outra pobre garota. Me causar danos não provocará nada nele. Asseguro a você.

Ele olhou para mim com as defesas levantadas, absorvendo a minha reação, mas sem demonstrar nada.

—Três milhões de dólares. Meu pulso enfraqueceu.

—Três milhões de dólares é um investimento muito grande, mesmo para ele. —Ele estava bêbado quando me comprou. Ele deu uma risada.

—Boa tentativa. Mas, ambos sabemos que ele não estava. O máximo que ele pagou por uma escrava foi um milhão. Isso é o triplo dessa quantia.

— Talvez ele tenha tido aumento de salário.

Os seus dedos longos passaram pela sua mandíbula, acariciando a barba que estava nascendo.

— Ele te mostrou o que faz para ganhar a vida. Isso só acontece com um igual, não com uma escrava. E a levou à ópera, sabendo que as pessoas que ele conhecia os veriam juntos. Você significa muito para ele... mais que o bastante.

Ele tinha uma maneira muito estranha de demonstrar.

— E quer saber o que eu acho?

Eu já não olhava mais para ele, estava irritada pela sua arrogância.

—Eu acho que foi você que fez isso acontecer. —Suas palavras alcançaram meus ouvidos como um alfinete caindo em uma sala vazia. Elas aumentaram na minha cabeça, só porque era verdade.— Acho que você o manipulou como um mestre para melhorar a sua situação. E para encontrar uma oportunidade de escapar.

Eu não lhe daria a satisfação de concordar que ele tinha razão. Eu levaria essa verdade para o túmulo.

—E isso é realmente impressionante.

Eu não reagi ao elogio. Meus olhos queriam olhar instintivamente para os dele, mas eu não permite. — Você é uma lutadora. Não para até conseguir o que quer. Por isso eu te livre de passar pelos meus homens. No fundo, em algum lugar que eu realmente não entendo, havia respeito. Eu te respeitava. E ainda continuo te respeitando.

Ele não havia me causado danos, nem uma vez. Ele fez uma promessa de me machucar, mas ela não passava de ameaças para me manter à distância. Eu acreditava com toda a certeza que aquele homem não era tão cruel como ele dizia ser. Achava que havia uma chance dele me deixar ir embora, desde que eu usasse bem as minhas cartas.

--Se você sente isso, por que não me liberta? —Virei para ele, impedindo que a súplica aparecesse em meus olhos. Não importava se o lugar era bom, eu queria ir para casa.

—Minha necessidade de vingança é mais forte.

— Mais forte do que deixar uma mulher inocente voltar para casa? Você tem alguma ideia de como tem sido minha vida? Sendo homem, você nunca vai entender o que é ser imobilizada enquanto te violam como um objeto. Você nunca vai entender o que é ser propriedade de outra pessoa. Você não entende, e nunca entenderá.

—Claro que eu entendo.

Olhei para os seus olhos e esperei encontrar algo bom, algo puro.

Os olhos dele não se alteraram em nenhum momento durante a nossa conversa. Seus olhos estavam suaves como lençóis de cetim, mas seu maxilar estava rígido, carregado de crueldade. —Simplesmente, não me importo.

Não me juntei ao meu captor para o jantar, porque depois da nossa conversa eu não queria mais vê-lo. A última coisa que ele disse me fez ferver de raiva. Houve um tempo na minha vida em que eu acreditava que o mundo era um lugar maravilhoso. Nele havia pessoas más, mas também existiam um monte de pessoas boas.

Mas eu percebi que estava redondamente enganada.

Todos agiam de acordo com seus próprios interesses. Todo mundo era egoísta. As pessoas não se importavam com quem precisavam machucar no caminho para conseguir o que queriam. Era desprezível.

Não comi quase nada do meu jantar, apesar de estar uma delícia, deixei a bandeja com o resto de comida do lado de fora do quarto, para que o Lars a recolhesse. Pelo menos o meu quarto era um santuário. Lá, ninguém me incomodava. Ele tinha uma linda decoração e possuía algo que era o mundo para mim. Uma janela.

Às vezes, eu podia fingir que estava livre. Eu não deveria ficar agradecida pelo Crow me tratar melhor do que o Bones, mas eu estava. Embora não devesse.

Me preparei para deitar na minha cama e coloquei meu livro na mesa de cabeceira. A cama era confortável, a melhor que eu já havia dormido. Os lençóis eram italianos da melhor qualidade, e o edredom me mantinha quente e fresca ao mesmo tempo. Aliviava a dor nas minhas costas e nas minhas pernas machucadas. Passar tanto tempo longe do Bones deu ao meu corpo tempo para se curar de todas as coisas que teve que suportar. Mas eu queria saber se existia tempo suficiente para eu me curar completamente.

E dormi imersa nos meus pesadelos. Geralmente eu sonhava com o Bones fazendo coisas horríveis. Não importava o quanto eu me esforçava para tentar bloquear aquelas imagens, eu não conseguia. Faziam parte de mim, era mais uma cicatriz que haviam me deixado. Apesar de eu ter escapado, o Bones ainda estava ganhando. Mesmo eu não sendo mais a sua prisioneira, ele não saía dos meus pensamentos. Se este fato não fosse considerado uma vitória, eu não sabia o que seria.

Senti a terra sob meus pés, e a temperatura do ar caiu. Meu corpo se mexeu, e eu senti minha calcinha desaparecer. O Bones estava tirando a minha roupa, se preparando para me penetrar com força. Eu queria que ele desaparecesse. Eu desejava que os pesadelos parassem .

Eu senti que minha blusa foi tirada e meus seios ficaram expostos ao ar frio, se tornando duros e rígidos, e se encolhendo pela intromissão. Em seguida, uma boca foi pressionada contra a minha. Não era agressiva e nojenta. Não possuía uma língua sem rumo que entrava na minha boca como uma mangueira molhada. Era agradável.

Ela chupou o meu lábio inferior com suavidade, esfregando minha boca em seus lábios macios. Depois voltou a me beijar, passando a barba no meu queixo de leve. O hálito da boca inundou meus pulmões quando soprou na minha boca.

Meu sonho mudou, e quem estava me beijava era o Crow. Ele estava sem camisa e suado, exatamente como eu o tinha visto naquela manhã. Ele me beijava suavemente e enterrava a mão no meu cabelo. Mostrando seu lado gentil, aquele não era o homem temperamental que se exaltava pela menor irritação.

Alguns dedos esfregavam meu clitóris, e eu senti ele separando os meus joelhos, era uma sensação muito agradável. Fazia séculos que não me tocavam daquela maneira. Bones se limitava a me penetrar com brutalidade, sempre buscando o seu prazer, nunca me dando. Eu deveria estar me tocando sem saber, mas eu sentia as minhas mãos no colchão, eu conseguia sentir o cetim sob a minha pele.

Um alarme percorreu meu corpo e foi quando eu percebi que aquilo não era um sonho. Aquilo era real. Eu abri meus olhos e vi o rosto de Crow contra o meu, ele continuou me beijando. Estava nu, com a ereção dura pressionada contra o meu estômago.

— Sai. — Empurrei abruptamente seu peito.

Ele se afastou, mas manteve seus dedos entre as minhas pernas.

— Em menos de um segundo você estava gostando.

—Porque eu estava dormindo, idiota. —Dei um tapa na sua mão.

— Ah, sim? — ele recuou um pouco para trás, sentando sobre os calcanhares, seu corpo estava glorioso, tão atraente como eu me lembrava. Seu pau grosso estava em pé, orgulhoso e ereto.— E com quem você estava sonhando?

Será que ele sabia? Não era possível. Ele era capaz de ler as minhas expressões, mas não era capaz ler a minha mente.

—Eu não estava sonhando com ninguém. E isso não é da sua conta. Não me toque.

Um sorriso se desenhou em seus lábios, o mesmo sorriso que aparecia quando eu o desafiava. Ele subiu em cima de mim, prendendo os dois braços sobre a minha cabeça com uma mão. Ele segurou meus pulsos juntos e seu corpo se virou para o meu.

Eu lutei contra o Crow, mas ele era muito pesado. Ele era musculoso e forte, tinha o dobro do meu tamanho e era mil vezes mais forte.

--Se você resistir, vou te machucar. —Ele apertou meus pulsos com força, em forma de advertência.

— Resistirei até que você me mate.

Ele sorriu abertamente, satisfeito com a minha resposta.
— Querida, você é muito sexy.

—E você se excita com as coisas mais pervertidas. —
Levantei meus quadris contra ele.

—Neste momento, só você me excita. —Ele se inclinou e beijou a pele do meu pescoço. Sua língua percorreu a área da minha artéria, e ele a mordeu suavemente, aplicando pressão apenas para eu sentir uma pontada, mas não para sangrar.

Seus lábios foram até a minha orelha, e ele a beijou suavemente, respirando no meu ouvido. A excitação intensificava sua respiração, e eu consegui escutar um gemido distante.

Sua mão livre se moveu para o meu peito e cobriu um dos meus seios, apertando e massageando. Ele deixou escapar um gemido no meu ouvido.

— Você tem lindos peitos.

Eu estava deitada impotente, incapaz de fazer qualquer coisa a mais do que permitir que ele me tomasse. Meus mamilos endurecem sob seu toque, e senti minha respiração acelerar. Eu não estava com medo, como da última vez. Meu coração não batia violentamente como em uma situação de vida ou morte. Ele estava curiosamente relaxado, estranhamente carregado.

Crow beijou minha clavícula antes de prendê-la suavemente entre

os dentes. Em seguida, sua boca foi para o meu outro seio e ele o sugou com força, me causando uma careta de dor. Ele o

mordiscou suavemente antes de continuar sugando, enquanto as suas costas se contraíam pela excitação.

Eu Sabia que daquela vez eu não seria capaz de pará-lo. Se eu disse que não, ele simplesmente continuaria. Se tentasse lutar, talvez eu ganhasse um tapa na cara ou, provavelmente algo pior.

Ele lambeu o vinco entre meus seios , beijou minha barriga, e cada centímetro da minha pele enquanto seu pau descansava contra minha barriga. Ele pingava pré-sêmen, pronto para entrar no meu interior.

Ele voltou para o meu rosto e seus dedos retornaram ao meu clitóris. Ele o massageava em sentido circular, aplicando a pressão adequada e a velocidade apropriada, como se tivesse feito aquilo um milhão de vezes.

Era maravilhoso. E eu o odiava. Eu odiava o jeito que meus joelhos estavam se abrindo naturalmente para lhe dar espaço. Odiava o fato de eu querer que ele voltasse a chupar os meus mamilos. Eu odiava o fato de o beijo dele me fazer sentir de uma maneira incrível.

Ele olhou nos olhos e observou a minha expressão, sua expressão escurecendo pelo desejo sexual. Seus dedos trabalharam agressivamente dentro mim, enviando ondas de excitação incontroláveis para o resto do meu corpo.

—Para.

Ele deslizou dois dedos da minha entrada, deixando apenas o polegar.

—Não. — Juntei os meus joelhos para ele não conseguir empurrá-lo para o meu interior. Eu não queria que ele sentisse. Não queria que ele soubesse como estava a situação entre as pernas. Abruptamente, ele separou meus joelhos com a sua coxa e inseriu dois dedos. --Não.

Assim que seus dedos entraram em mim, ele ficou petrificado. Ele sentiu a umidade que estava acumulada. Sentiu como eu estava molhada, eu estava ensopada.

A vergonha percorria violentamente o meu corpo como ondas, e eu estava mortificada. Meu corpo havia me traído, e eu estava com vergonha por quão fácil eu tinha me vendido. Eu estava mais molhada do que já havia ficado há muito tempo. Meu corpo tinha despertado de sua hibernação e estava desesperado para obter alívio.

Crow demonstrava uma expressão vitoriosa. Sua arrogância estava multiplicada por dez. Seus dedos se moviam dentro de mim, enquanto seu polegar estava no meu clitóris. Ele curvou os dedos para alcançar o tecido sensível, provocando ondas de prazer que fez meus peitos endurecerem ainda mais.

—Você está encharcada.

—É... por causa do meu sonho... — gaguejei tentando explicar, não querendo demonstrar que ele era o responsável pelo que havia acontecido.

—Você estava sonhando comigo. — Ele disse totalmente convencido, como se não houvesse a possibilidade de uma resposta alternativa. —Você pronunciou o meu nome. —Droga.

Ele continuou empurrando e tirando os dedos de mim, concentrando-se ao mesmo tempo no meu clitóris. Ele pressionou mais e aumentou a velocidade, fazendo meu corpo me trair e ainda mais, me empurrando para o orgasmo.

"Eu nem imaginava que poderia ter um."

Ele retirou lentamente seus dedos e depois os colocou na boca. Chupando minha umidade antes de segurar a base do pênis apontando para minha entrada.

—Você não vai precisar chupar meu pau, estando tão molhada. — Ele pressionou a glândula contra a minha entrada.

A excitação me abandonou de repente quando eu percebi o que estava prestes a acontecer. Talvez eu me sentisse atraída por ele, mas não queria que me violentassem. Não queria continuar sendo uma prisioneira. Eu queria minha vida de volta.

—Não, para. Por favor.

Ele enfiou a ponta ligeiramente, me esticando.

—Para. Por favor. Eu farei o que você quiser. —As lágrimas caíam como ondas nas minhas bochechas. Eu odiava chorar porque demonstrava fraqueza, mas eu não sabia mais o que fazer.

Estava cansada de ser usada uma e outra vez. Estava cansada de não ter escolha. Eu estava cansada de tudo.— Crow, por favor.

O som do seu nome penetrou através da nuvem sexual que enchia a seus pensamentos. Ele ouviu a minha súplica e olhou para o meu rosto, ainda com a ponta do pênis parcialmente dentro de mim. A luta

estava queimado nos seus olhos. Ele queria continuar porque sua ereção queria se molhar, mas minhas lágrimas significavam algo para ele.

—Por favor... —Eu tirei minhas mãos, as libertando do seu domínio, aliviada por ter a liberdade de me mover. Apertei minhas mãos contra o seu peito e esfreguei as palmas das mãos de para cima para baixo , sentindo os músculos duros do seu corpo. Tentei convencê-lo a cooperar, tentei apelar para o seu bom coração. Ele não era ruim como seu irmão. Existia algo de bom em seu interior— Não faça isso.

A névoa se dissipou completamente e ele retirou o pênis da minha abertura.

A gratidão me inundava como ondas. Nunca havia ficado tão agradecida por algo na minha vida. Eu tinha algum controle sobre meu destino. Tinha algum controle sobre o que iria acontecer comigo. Minha boceta estava húmida por causa dele, o que era uma vergonha, mas ele não fez nada . Ele poderia ter se justificado, alegando que eu o desejava, mas ele não fez aquilo.

Ele se afastou de mim e se sentou na ponta da cama. Sua cueca e sua calça de moletom estavam no chão, ele as pegou do chão. Suas costas pareciam ser esculpidas, aquilo era algo evidente, mesmo com a baixa iluminação do quarto .

Eu não deveria sentir nada de bom por aquele homem, mas eu sentia. Eu não o enxergava da mesma forma que os outros. Ele era um pouco bruto, mas sob aquela grosseria ele tinha uma boa reputação.

Fui para ao seu lado da cama e agarrei o seu rosto com as mãos. Sua barba por fazer arranhou meus dedos enquanto eu o tocava. Eu adorava a sensação da sua mandíbula dura. Ela era rígida e forte, uma contradição direta com a suave beleza dos seus olhos.

Ele virou o rosto em minha direção, observando cada movimento. Seu peito inchava cada vez que ele respirava silenciosamente. Ele Olhou para os meus lábios de relance antes de procurar pelos meus olhos .

Sem pensar direito, eu me inclinei e lhe dei um beijo suave. Beije o canto da boca, antes de tocar seu lábio superior. Seus lábios finos tinham um gosto delicioso contra minha língua, e eu adorava o contato com a sua boca. Nunca pensei que poderia voltar a desfrutar o beijo de alguém depois do que tinha acontecido.

Mas eu adorava beijá-lo.

A área entre minhas pernas estava molhada, e ele continuava duro. Eu não queria convidá-lo a voltar para a cama, então eu interrompi nosso abraço antes que ele mudasse de ideia. Quando ele olhou para mim com seus olhos penetrantes, eu baixeí o olhar.

— Obrigada. —Ele poderia ter feito o que quisesse comigo, minha opinião não fazia diferença. Mas ele me soltou. Ele me ouviu. Me tratou como uma pessoa, mais do que qualquer um. A noite poderia ter sido bem diferente. Mas ele me deu uma escolha. Me deu liberdade. Ele me deu uma voz.

Capítulo 19

Crow

O fogo crepitava no meu escritório, embora fosse um dia quente. Eu gostava do som do fogo crepitante na lareira. Era o meu tipo de música favorita, o som natural da dança do fogo.

Eu me mantive focado no trabalho, mas aquela morena continuava encontrando o caminho até os meus pensamentos. Na noite anterior, ela estava debaixo de mim. Ela estava nua. Eu estava nu. Eu nunca havia ficado tão duro, eu queria penetrá-la como um animal em seu sexo escorregadio.

Ela gostou dos meus beijos. Gostou do meu toque. Sua boceta encharcada revelou que ela gostou dos meus dedos massageando seu clitóris. Ela gostou como eu chupei os seus mamilos até deixá-los em carne viva. Ela gostou dos meus dentes ao redor da sua clavícula, causando prazer e dor.

Sua linguagem corporal não deixava dúvida: ela gostou de tudo.

Mas, mesmo assim ela disse que não.

Eu deveria ter continuado. Não deveria ter deixado aquela pequena mulher me dizer o que fazer.

Mas, quando ela começou a suplicar, implorando para eu parar, eu obedeci automaticamente. E não podia acreditar. Realmente eu tinha obedecido alguém.

Eu queria machucá-la, porque isso me excitava muito. Mas, eu queria que ela desejasse sentir dor. Eu queria que ela gostasse. O desespero que ela me mostrou na noite anterior não era o que eu queria. Aquilo era diferente. Eu não poderia explicar o quanto.

Alguém bateu na minha porta. Eu já sabia quem era porque já tinha escutado aquele barulho muitas vezes. Por toda a minha vida, escutei aqueles dedos tamborilando.

—Entra.

Lars entrou com uma pasta preta debaixo do braço.

—Um homem deixou isso para o senhor. Ele me disse que saberia o que era. — Ele colocou a pasta em uma extremidade do meu escritório.— O Senhor, precisa de alguma coisa, já que estou aqui?

---Sim. Como ela está?

Só havia outra pessoa na casa na qual eu poderia estar me referindo.

—Não a vi, senhor. Ela tomou o café da manhã e deixou a bandeja do lado de fora. Ela comeu alguma coisa. Aquilo era tudo que eu precisava saber.

—Obrigado, Lars.

Ele assentiu com a cabeça antes de sair.

Eu abri a pasta, assim que a porta foi fechada. Contratei um sujeito para obter informações sobre minha convidada. Eu queria saber tudo sobre ela sem ter que fazer perguntas. Queria que ela soubesse que eu era um Deus, sempre sei de tudo.

Eu comecei a virar as páginas e descobri qual é era o seu nome. Pearl.

Eu gostei. Gostei como soou puro. Eu gostei porque era bonito.

Eu fiquei folheando as informações e descobri como ela foi traficada. Aconteceu em St. Thomas, ela estava acompanhada pelo namorado. A ideia dela estar com alguém antes de mim, de uma forma voluntária, me queimou de ciúmes. Continuei a leitura para dissipar a minha raiva. Acabei chegando em um pedaço de informação que piorou ainda mais a minha raiva. Reli as palavras, porque eu não conseguia acreditar no que eu li. Minhas mãos tremiam de raiva. Meu ódio era quase semelhante ao que eu sentia pelo Bones por ter mutilado a minha irmã.

Voltaram a bater na porta, interrompendo minha fúria. Não era o Lars, isso eu sabia. Então aquilo significava que só poderia ser uma pessoa: Pearl.

Ela abriu a porta sem ser autorizada e ficou lá de pé desconfortável, à espera de uma permissão que não iria conseguir.

Fechei a pasta e a coloquei na minha mesa. Ela me pegou em um mau momento. Se fosse qualquer outra pessoa, teria saído o mais rápido possível. Até o Lars teria saído, ele compreendia a minha raiva, melhor do que a maioria das pessoas.

Ela entrou no meu escritório e olhou para a chaminé que ficava na parede oposta. Estava usando um dos vestidos da Toscana que o Lars escolheu para ela. O vestido ficou perfeito, era como se ela estivesse nascido e vivido na bela costa.

— Você está ocupado?

Sua beleza não era suficiente para me distrair.

—Eu sempre estou ocupado.

Seus olhos demonstravam decepção, ela esperava encontrar o mesmo homem delicado que tinha visto na noite anterior. Aquele homem não aparecia sempre. Ele aparecia e sumia, ele passava mais tempo desaparecido do que presente.

— Pensei que poderíamos conversar. Eu posso esperar até mais tarde, se for melhor para você. — Ou podemos não conversar. Se essa for a opção mais conveniente para você . —Me odiei por ter sido compreensível com ela. Me odiei por não ter sido cruel. Eu precisava planejar uma vingança, e a estava arruinando.

Ela me olhou assustada, sem saber o que causou minha raiva.

— Eu fiz alguma coisa?

—Está falando. Isso é o que você fez.

Seus olhos ficaram tristes, sem nenhum vestígio da luta interior.

—Eu só queria te agradecer por...

—Você já agradeceu. Agora saia. — Eu só queria ela saísse do meu escritório para eu poder remoer confortavelmente a minha raiva, sozinho.

— Você é melhor do que pensa. Eu só queria que você soubesse.

—Não, isso não me interessa. — Saia de uma vez.

Ele se irritou, quando cansou da minha hostilidade.

— Mas que merda aconteceu? Eu venho aqui para te fazer um elogio e mostrar que eu o respeito, e você se comporta como um bruto.

Eu levantei as duas sobrancelhas espantado ao ouvir suas palavras.

— Um bruto?

---Sim. É exatamente como você está agindo.

Suas recriminações, só me deixaram mais excitado. Eu queria que ela batesse na minha cara e depois beijasse minha boca. Fiquei de pé e rodeei a mesa, sentindo a raiva correndo pelas minhas veias, mas era uma raiva diferente da que senti antes.

Ela não se intimidou diante do meu avanço, assumindo que depois da noite anterior, estaria a salvo comigo.

Peguei um punhado do seu cabelo e joguei agressivamente sua cabeça para trás, expondo seus lábios para levá-los a minha boca. A beijei com força, quase ferindo seus lábios. Meu braço rodeou a sua cintura e a puxei para mim, desejando que ela entendesse o quanto o meu pau queria entrar em sua pequena boceta.

No início ela não correspondeu, mas alguns minutos depois ela começou a me beijar, movendo os lábios com a mesma agressividade e hostilidade que eu. Nossos dentes se chocaram por engano, mas eu gostei. E ela também. Ela envolveu os braços ao redor do meu pescoço, raspando suas unhas na minha pele.

Eu dei um bom apertão na sua bunda antes de me afastar.

---Se você voltar a falar assim comigo , saberá o que é bom.

—Não te entendo.

—Não me importa. —Vim aqui para te dizer...

—Você veio aqui para me manipular. Você acha que pode fazer o que quiser comigo... porque eu não te espanco nem a violo. Você entendeu errado. Eu sou o tipo de homem que ainda está disposto a te enterrar nas minhas terras. Eu sou o tipo de homem que mata pessoas inocentes que entram no meu caminho. Você não pode vir aqui toda arrumada e esperar que eu caia aos seus pés de joelhos.

Você é a única pessoa que vai cair de joelhos. — Minhas mãos foram até sua cintura e a apertei com força, até que ela tentou se afastar— Eu não vou deixar você ir. Nem agora, nem nunca. Você só sairá deste lugar quando eu te matar. você entendeu?

Nos seus olhos não havia medo. Ela me olhava incrédula, não acreditando em minhas palavras. Mas afastou seu corpo do meu com um empurrão, lutando para dominar a discussão. — Você não vai me machucar. Não vai me matar.

—Você é uma estúpida, sabia? —Eu odiava quando ela me

contradizia. Mas, ao mesmo maldito tempo eu adorava.

--- Quando o Cane vier e exigir que você meta um tiro na minha cabeça, você não vai disparar. Quando ele quiser apertar o gatilho, você receberá a bala por mim. Você não engana ninguém, Crow. Você é uma pessoa boa...

Dei um tapa na cara dela. Não muito forte, porque eu sabia que minha mão batendo no seu rosto seria suficiente para fazê-la ficar calada.

—Não fale como se você me conhecesse. Você não sabe nada sobre mim. Eu te estrangularia com minhas próprias mãos e veria a luz se apagar em seus olhos. Pare de reescrever a minha história. Pare de tentar mudar quem eu sou.

Ela me deu as costas quando recebeu o tapa, levando a mão à bochecha, ainda sentindo a dor minutos depois de receber o golpe. Ela se manteve de costas para mim, se recuperando do choque que minha ação lhe causou.

— Eu farei novamente. — E eu estava falando a verdade.

Ela se virou ainda com a mão na bochecha. Em vez de lágrimas, seus os olhos demonstravam apenas surpresa. Ela realmente não esperava que eu fosse encostar um dedo em cima dela, ela era uma tonta. Com a velocidade de um víbora, ela me deu uma bofetada no rosto, com toda a força que podia.

Meu rosto virou, e eu senti minhas bochechas vermelhas. Não doía, pelo menos não igual a uma dor física. Meus nervos ficaram à flor da pele, fazendo sair o monstro que estava escondido dentro de mim. Meu pau estava como uma pedra dentro da minha calça, e minha boca queria a dela dolorosamente. Eu queria torcer os seus mamilos, até fazê-la gritar.

Eu virei , com as narinas dilatadas. A queria inclinada sobre minha mesa para fodê-la ali mesmo, naquele momento. Nenhuma mulher tinha me dado um tapa antes, a não ser a meu pedido. Aquela mulher era a lâmina de uma navalha a qual eu queria me cortar. Ela tinha mais coragem do que a maioria dos meus homens. Possuía uma ferocidade comparável a minha. Nunca em minha vida havia ficado tão excitado.

Ela colocou o dedo na minha cara.

-- Se você me tocar outra vez, vai descobrir o que é bom. Agora ela estava me provocando.

---Se não quer que te foda contra a mesa, é melhor você ir agora.
—Meus ombros estavam tensos, e minhas mãos começando a tremer. O monstro que havia dentro de mim estava rasgando suas ataduras. Meu sangue o chamava aos gritos.

Ela virou indo em direção à porta, tomando uma sábia decisão. Mas, parou ao ver as pinturas que estavam nas paredes. Havia pelo menos 20 no escritório, todas pintadas pela mesma mão. Algumas eram mais excepcionais do que as outras, em sua maioria feitas sobre botões.

Como se ela tivesse esquecido completamente da nossa discussão, olhou para elas fixamente. Seus olhos focados em uma, em particular. No fundo da tela, estavam desenhadas as colinas do vale, pintado com aquarela. Os vinhedos se afastando ao fundo, e cada linha estava composta por um conjunto de botões. Aquela era uma arte incomum, mas que prendia beleza na sua originalidade.

Ela virou se para mim, com os lábios separados para perguntar sobre os quadros. Mas quando viu a palidez do meu rosto, o desejo de sangue que ainda transpareciam nos meus olhos, pensou melhor. Saiu pela porta sem olhar para trás, se livrando de um sexo selvagem que a deixaria tão assada que ela seria incapaz de andar em uma semana.

Voltei à minha mesa, com uma ereção ainda pulsante e dura como uma rocha. Se não a fodesse logo, teria que me aliviar nem que fosse com a mão, e isso não era nem de longe divertido. Meus olhos pousaram em um pote que estava sobre a beirada da mesa. Era uma antiguidade que tinha encontrado há anos em um brechó. Estava cheio até a borda com uma coleção de botões. Alguns eram marrons com contornos dourados, outros eram marfim com rendas nos furos. Cada um era único, artesanais e importados. Foi então que tive uma ideia.

Aquela noite sentei para jantar e como eu esperava a Pearl não desceu para me acompanhar. Ela passou a me evitar depois do tapa. E talvez ela estivesse com um pouco de medo por ter revidado. Ela me colocou à prova, e me pressionou até o limite. Agora ela sabia que realmente existia um monstro escondido atrás dos meus olhos cor de avelã.

—Lars, peça a nossa convidada que venha jantar.

---Sim, Excelência. —Ele saiu da sala e subiu as escadas.

Eu fiquei na mesa com a comida a sua espera. No centro da mesa tinha uma lasanha de abobrinha, e uma salada. Ao lado havia

bruschetta caseira, a entrada favorita de qualquer italiano. Lars voltou poucos minutos depois.

— Ela recusou o convite.

Minha irritação não apareceu de imediato. Aquela era a resposta esperada.

— Então a informe que haverá consequências se desobedecer. —Aquilo era um jogo de poder. Eu estava exercendo meu domínio, e ela lutava contra ele todas as vezes. E eu adorava o desafio. Adorava o fato dela não se submeter. Aquilo só me deixava mais dominante do que antes.

Lars assentiu com a cabeça antes de deixar a sala de jantar. Ele voltou ao seu quarto e passou a minha mensagem. Então retornou sem a companhia da minha convidada. Ele não falou nada, apenas se limitou a olhar para mim .

Eu tentei não sorrir. Aquela era apenas a resposta que eu estava esperando. —Obrigado, Lars. Eu já resolvo .

Ele saiu da sala de jantar e foi para a cozinha, sabendo que tudo o que aconteceria a seguir não seria uma coisa a qual ele queria participar.

Subi pela imponente escadaria e entrei no seu quarto. Ela estava sentada no sofá lendo um livro, ainda usando o mesmo vestido. Ela não percebeu quando entrei, como se soubesse o que eu pretendia fazer.

—Não estou com fome.

Me aproximei dela com as minhas mãos nos bolsos da calça . Sem dizer uma palavra ou levantar a mão, a ameacei. Expressei todas as coisas horríveis que faria se ela não obedecesse. Toda vez que ela resistisse, eu a pressionaria com mais força. Me emocionava ter uma adversária que estivesse a minha altura. Eu adorava que ela não sentisse medo de me confrontar. Sua coragem era meu entretenimento.

Quando ela percebeu que eu estava me aproximando, não conseguiu esconder sua preocupação. Seus dedos agarraram as folhas do livro em antecipação, esperando que minha mão chegasse até o seu rosto.

Lhe agarrei pelo pescoço e a imobilizei contra as costas do sofá, ela se assustou, mesmo que estivesse esperando alguma reação minha. Me inclinei sobre ela, com o meu rosto pressionado ao seu.

— Leva essa bunda até a sala de jantar. Não me faça pedir outra vez. —Apertei sua garganta, quase impedindo a passagem de ar. Quanto mais você resistir, mais doce será a vitória. Deixei-me levar pelo desejo e lhe dei um beijo no canto da boca. Apesar da forma agressiva em que lhe agarrei, ela suspirou ao sentir meu toque. Apertando as coxas. Eu a excitava. Ela poderia tentar esconder, mas era um esforço inútil. —Tenho que pedir novamente? —Meus lábios tocaram os seus enquanto eu falava, e pude ver o medo em seus olhos.

Ela tentou falar, mas a maioria das palavras não saíram de sua boca. Somente uma saiu .

—Não.

Meu pau saltou dentro da calça por vencer a batalha. Todas as guerras que nós travávamos, ela me lançava um desafio, mas isso não fazia nada a mais do que adoçar a minha vitória. Pressionei minha boca contra a dela e lhe dei um beijo suave, um presente por sua obediência.

—Boa garota.

Pearl sentou de frente para mim e jantou em silêncio. Deixou seu cabelo castanho apoiado sobre um ombro, deixando à mostra seu pescoço que eu queria tanto morder. Sua pele era totalmente perfeita, de alguma forma, sua pele conseguiu escapar do Bones sem cicatrizes. Eu queria deixar minha marca naquela carne virgem, deixar uma cicatriz para que todos os homens soubessem que eu estive ali.

Ela manteve a cabeça baixa, sem iniciar nenhuma conversa. Ela era uma má perdedora. Tínhamos nos enfrentado cara a cara , mas, ela perdeu a batalha. Eu fui ao seu quarto, ganhei a batalha e a arrastei para baixo comigo.

O frasco com os botões estava descansando sobre a mesa, atuando como uma peça de decoração. Eu esperava que ela o notasse, e perguntasse sobre o estranho objeto decorativo que não combinava com o resto da decoração da casa. Mais cedo, pela manhã, ela parecia curiosa.

—Estou disposto a deixá-la partir. —Terminei de jantar e me concentrei no vinho, feito das uvas que minha empresa colhia e espremia. Nada superava a qualidade excelente da minha colheita. Não eramos a maior adega da Itália por nada.

Ela parou de comer ao ouvir minhas palavras. Na verdade, deixou o garfo cair no prato, emitindo um som característico. As palavras

devem ter soado boa demais para ser verdade, porque ela me perguntou:

— O que você disse?

—Estou disposto a deixá-la partir. —Repeti minha frase palavra por palavra.

Sua mão foi imediatamente em direção peito, descansando entre seus dois seios arredondados.

— Você vai me deixar partir? Vai me deixar ir para casa? — Sua voz quebrou exasperada. Seu desespero era profundo e transparecia o seu verdadeiro desejo. Ela queria sua liberdade mais do que qualquer coisa. Desejava mais do que comida ou água. Desejava mais do que ter uma boa saúde. —Deixarei você partir. Agora o que você decidir fazer com essa liberdade é escolha sua . Seus olhos se encheram de lágrimas a sua respiração ficou acelerada.

— Obrigada. Muito obrigada. Eu sabia que você era um bom homem. Eu sabia que você era... —Não terminei. —Não havia nada mais ofensivo para mim do que ser descrito como um bom homem. Eu sabia exatamente o que eu era, e a reputação não era uma das minhas qualidades.

Acariciava meu cabelo de cima para baixo, igual uma escova de dentes contra um tapete. Ela fechou a boca imediatamente, e suas lágrimas congelaram.

— Eu não vou te dar a liberdade. Você terá que ganhá-la. Ela não havia entendido, e continuou me olhando.

— Ao deixar você ir embora, eu perco algo inestimável: minha vingança. E a isso não posso colocar um preço. Não pode ser compensada. Perdi homens para capturá-la na casa do Bones.

Perderei o respeito do meu irmão se a deixar ir. Você terá que me pagar por tudo isso.

—Tenho algum dinheiro. Mas teria que...

—Não quero dinheiro. — O dinheiro não significava nada para mim. Eu tinha mais do que pudesse precisar algum dia.

— Então, o que é que você quer?

Peguei a frasco com os botões e o virei, deixando cair na mesa que nos separava até o último botão. Virei o frasco vazio e o coloquei na mesa.

—Quero você.

Ela ficou olhando os botões que estavam entre nós antes de estender a mão e pegar um. O tocou entre os entre os dedos, deslizando o polegar sobre a superfície lisa. O botão que ela estava segurando era de marfim e possuía quatro furos.

—Cada vez que você me satisfazer, um botão vai para dentro do frasco. — Peguei um da mesa e coloquei dentro do frasco. Quando estiver cheio, você terá pago sua dívida. E estará livre para ir embora.

Dentro do frasco cabia pelo menos trezentos botões. Levaria muito tempo para preenchê-lo, o suficiente para que eu perdesse o interesse nela quando conseguisse completá-lo . Ela jogou o botão que estava segurando em cima da mesa.

— E o que aconteceria se eu dissesse que não?

Ela não negaria. Ela adorava meu toque. Adorava meus beijos. Me desejava, mas se recusava a me aceitar por causa dos seus princípios. Eu estava oferecendo uma saída, dando uma justificativa aos meios. E aquilo me permitiria controlar a situação ao mesmo tempo.

—Nada vai mudar.

—O que significa...

—Você viverá aqui por tempo indeterminado. Vou colocar você para trabalhar em casa com as outras criadas. Nunca a tocarei contra a sua vontade ou deixarei alguém te tocar. Você ficara confortável e segura. Mas sua vida se reduzirá a isso. Você nunca voltará para sua casa. Você viverá o resto de seus dias nesta casa. Você morrerá aqui. Ela examinou os botões.

—Deve ter centenas...

—Trezentos e sessenta e cinco. — O número exato de dias que completam um ano. Isso nos dá um ano de servidão. — Isso era mais do que justo, na minha opinião.

—Eu não vou transar com você em troca da minha liberdade. —Ela agarrou um punhado de botões e jogou no meu peito.— Eu mereço ser livre, porque eu sou um ser humano. Eu mereço respeito pelo inferno que já passei. Eu mereço...

— Você não merece nada, a não ser que eu te dê. — Eu levantei e os botões caíram aos meu pés.— Te dei uma opção. Você pode escolher a sua única saída ou ser minha prisioneira o resto da sua vida. Viver seus dias nos meus vinhedos e esperar que o seu coração

deixe de bater. Ou pagar a sua dívida e ser livre.

—Eu não tenho nenhuma dívida.

—Você não está entendendo. — Agarrei a borda da mesa, enquanto me inclinava para frente.—Eu tenho que sacrificar mais do que você imagina. Terei que esquecer algo que me perseguirá para sempre. Desde então, você tem uma grande dívida comigo. Na verdade, você deve muito mais do que isso. —Apontei para o frasco, o recipiente que poderia conter um número infinito de unidades.

— Como eu vou saber se você realmente vai me deixar ir ?

—Porque sou um homem de palavra. — Talvez eu fosse um criminoso, mas também era regido por um código de ética. Cada organização tinha suas regras. Até mesmo os piratas tinham regras. Impunham ordem. Expulsavam o caos.— Se eu disser que vou deixar você ir, é porque vou deixar você ir.

Ela examinou meus olhos, procurando por uma mentira.

— Você me promete?

Eu não negaria. Estávamos a poucos passos de fechar o negócio. ---Sim.

Ela ficou de pé, seus os olhos passeando pelos botões espalhados na sala de jantar.

—Tenho que pensar .

Não. Eu quero agora..

Ela se afastou da mesa e indo para a porta.

—Leve todo o tempo que você precisar.

— Seja rápida, porra.

Ela saiu sem dizer uma palavra, me deixando sozinho. Com trezentos e sessenta e cinco botões.

Capítulo 20

Pearl

Trezentos e sessenta e cinco botões.

Aquilo era um monte de botões. Aquilo significava muito sexo.

Era mais sexo do que eu havia feito com o Bones, mesmo considerando que ele me tomava várias vezes ao dia. Era uma dívida enorme que eu teria que pagar. Cada vez que eu ficasse debaixo dele, me tornaria um objeto: seu objeto. Eu teria que abrir as pernas assim que ele me ordenasse para lhe dar o que ele pedia.

Eu realmente poderia fazer isso?

Me sentia atraída pelo Crow. Quando ela me beijava, eu sentia um desejo profundo nas minhas entranhas. Quando senti seu peito sob os meus dedos, sua força me impressionou. Quando ele massageou meu clitóris, me levou a beira de um orgasmo, algo que nunca pensei que seria possível, depois de tudo o que sofri.

E ele acendia uma faísca dentro de mim.

Mas ainda era errado. O que ele estava me pedindo era ilegal. Ele queria que voluntariamente eu me tornasse sua escrava, queria que eu aceitasse seus termos e renunciasse a mim mesma. Aquilo era errado em todos os sentidos. Era inaceitável.

Mas, me levaria a minha liberdade.

A cada foda, eu me aproximaria um pouco mais do momento de ir para casa. Eu estaria constantemente trabalhando por algo, afrouxando as correntes em torno dos meus pulsos. Estaria ganhando outra vez os meus direitos, estaria mais perto de voltar para América e para a minha casa. Estaria mais perto de voltar a ver o Jacob. Ele entenderia a minha decisão. Se essa era a única saída, eu teria que aceitá-la.

Crow era um criminoso, mas era sincero. Quando ele me dava sua palavra, ele cumpria. Aquilo era algo com o qual eu poderia contar. Ele falou que não permitiria que ninguém me violasse, e enfrentou o seu irmão para cumprir sua palavra. Apesar dele ter me esbofeteado, eu acreditava que ele era a melhor corja que eu havia encontrado. Além disso, ele ainda possuía outras qualidades no seu interior que o redimia. Ela ainda possuía um lampejo de bondade. Eu continuava tendo esperança.

Eu precisava confiar nele.

Se eu não confiasse, teria que me conformar em ser uma prisioneira para sempre. Embora a mansão em que eu estava fosse bonita, não era o suficiente. Eu precisava de liberdade. Eu precisava de poder. Eu precisava de mais. Eu nunca iria me casar nem ter filhos se eu ficasse. Nunca retornaria ao trabalho, nem compraria uma casa no centro. Eu ficaria presa ali para sempre.

Eu odiava as opções que ele colocou na minha frente, mas não havia dúvida do que eu deveria escolher. Aquilo me faria perder ainda mais o respeito, mas eu sabia o que eu tinha que fazer. Eu precisava fazer tudo o que fosse necessário para sobreviver.

E eu nunca pediria perdão por isso.

Demorei uma semana para pensar bem nas coisas. Eu não queria falar com o Crow antes de ter uma resposta. Ele respeitou meu espaço e não veio até mim. Não me perguntou se eu já tinha tomado uma decisão. Também não mandou o Lars me perguntar. Ele esperou pacientemente. Depois do jantar, eu sabia que ele estaria no seu estúdio. Trabalhando ou fazendo outras coisas. O único momento que ele entrava no seu quarto era para dormir. Fui até a porta e bati na madeira com os dedos.

—Entra.

Eu entrei e o vi sentado em uma poltrona vermelha diante do fogo. Ele usava calças de moletom cinza e uma camiseta preta. Foi a única vez que eu vi o Crow usando uma roupa normal, além da noite em que ele me tirou da casa do Bones. A camisa se ajustava contra seu peitoral. Também marcando os ombros, além dos músculos dos braços, impressionante. Ele estava com um livro de capa dura no seu colo e o colocou de lado quando eu entrei.

— Podemos conversar?

Ele apontou levemente com cabeça para a cadeira ao lado da sua.

Eu interpretei isso como um convite e sentei.

Havia um copo de uísque na mesa que estava ao lado da sua poltrona. Cubos de gelo quadrados se desfaziam lentamente no copo. O Crow bebia o café pela manhã, o vinho no jantar e, normalmente, whisky mais a noite. Aquele era um ritual que cheguei a conhecer.

Ele se recusou a falar e se manteve com os olhos fixos nas chamas da lareira. Quando não nos víamos por algum tempo o Crow se

fechava em si mesmo, levantando as defesas e se recusando a me deixar entrar. Sempre que voltávamos a nos encontrar, tínhamos que começar tudo de novo.

— Estive pensando na sua proposta.

Ele virou o rosto em minha direção, atento a cada uma das minhas palavras.

—Tenho perguntas.

Ele apoiou cotovelo sobre o braço da cadeira e passou os dedos pela mandíbula. Ele voltou a acenar ligeiramente.

— Você pode me fazer o que quiser em troca de um botão ou eu tenho o direito opinar sobre o assunto?

Ele tirou a mão do queixo e a colocou no braço da cadeira.

— Claro que você pode opinar a respeito. Desde que chegou aqui, você teve voz e voto. Eu esperava que, a essas alturas você já teria se dado conta.

Qualquer coisa poderia desencadear a raiva dele, até mesmo as palavras mais inofensivas.

— Então eu posso dizer que não?

—Você disse que não, todas as vezes que quis antes. Por que mudaria agora? —Então, segundo esse acordo, eu posso dizer que não?

--Sim.

— Portanto nunca faremos nada que eu não queira fazer?

—Correto —ele respondeu entediado.

— Você vai me machucar? — Aquilo certamente faria parte do acordo. Embora ele não tivesse me ferido até no momento, eu sabia que ele queria. ---Sim.

— E eu tenho voz e voto nisso? Ele assentiu.

Agora que minha curiosidade estava sanada, eu compreendia no que estava me metendo. O fato de ter alguns direitos naquela situação, para ter algum controle, me facilitava muito as coisas. Eu poderia fazer. Poderia fazer trezentos sessenta e cinco vezes, se aquilo me permitisse voltar para casa.

— Eu aceito

Ele olhou na minha direção, com fogo crepitante refletindo em seus olhos. O quarto escureceu significativamente, embora as chamas queimavam com mais força. Seu corpo se tencionou de desejo, suas mãos ansiavam para me agarrar agora que tinham permissão.

— Nós temos um acordo?

Eu me recusei permitir pensar muito sobre o assunto. Eu precisava fazer o que fosse necessário para sair de lá. Eu poderia superar indo a um psicólogo quando voltasse para casa.

---Sim.

ENTRAMOS no meu quarto, o lugar onde eu dormia cada noite. No momento em que eu disse que sim, imediatamente o Crow quis colocar as mãos à obra. Ele esperou pela minha resposta ansioso, embora não demonstrasse em nenhum momento. Naquele momento, ele não conseguia conter mais sua impaciência. Estava pronto para começar.

— Posso fazer um pedido? —Eu cheguei a amar aquele quarto. Amava a minha pequena janela com vista para o campo. O sofá estava descansando perto do fogo, o lugar onde eu lia em paz.

Ele nem tinha me tocado, mas seus braços estavam pendurados dos lados com impaciência. Ele me deu um olhar sombrio, irritado porque eu tinha algo a dizer.

— Eu amo esse quarto. Podemos fazer isto em qualquer outro lugar? —O quarto era o meu porto seguro, a coisa mais próxima de uma casa. O Bones costumava me violar na cama onde eu dormia, então eu nunca me senti segura. Mas aquele pequeno quarto significava muito para mim. Não queria estragar aquilo com tudo o que íamos fazer. Cada vez que fechasse a porta, eu queria saber que estava no meu espaço, e que ninguém poderia me tirar aquilo.

Crow deve ter compreendido, porque não pediu mais explicações. Ele aceitou minhas palavras sem questioná-las e saiu, andando pelo corredor até um quarto desocupado. Era semelhante ao meu, com uma cama grande e uma linda janela. Era um pouco maior, com uma mesa no canto. Embora estivesse limpa, parecia não ter sido utilizada em uma década.

— Este está bom? ---Sim.

Crow fechou a porta e entrou no quarto com passos largos. Enfiou a mão no bolso e tirou um botão. O manteve levantado para que eu

pudesse vê-lo antes de jogá-lo na cama. Foi o meu primeiro pagamento, da minha conta gigantesca.

Me senti como uma prostituta.

Mas, pelo menos não me senti como uma escrava.

Eu me aproximei dele, não tinha certeza do que ele queria fazer, ou se queria que eu fizesse algo. O quarto estava escuro, porque ele não acendeu nenhuma luz. Ele estava de pé diante de mim, superando-me com a sua altura. Sua respiração estava normal. Ele estava calmo, como se tivesse feito aquilo centenas de vezes.

Eu sabia que deveria tomar a iniciativa e acabar com aquela situação o mais rápido possível, mas não consegui. Eu fiquei congelada no lugar, assustada. Ele já tinha me beijado e eu gostei. Já tinha me tocado, e eu também havia gostado. Mesmo assim, fui incapaz de me mover.

Crow percebeu meu desconforto e enterrou a mão no meu cabelo. Ele se aproximou de mim, nossos rostos se tocando. O contato foi tão suave que parecia familiar, como se ele me tocasse daquela forma há anos. Foi muito relaxante, apenas ficar em seus braços.

— Estou querendo te foder desde o dia que te capturei. — Suas palavras foram duras, pouco românticas, mas ele as suavizou. Tenho pensado sobre isso cada momento, a cada dia. Eu contemplava seus lábios, a forma como se mexiam.

— Você vai me machucar?

Ele encostou seus lábios nos meus.

—Não. Nós iremos com calma

Eu me sentia inundada por um sentimento de gratidão.

—Não é mais do que um botão. Vou usar os outros com mais juízo. E só restavam apenas trezentos e sessenta e quatro.

— Sua palavra de segurança será fogo.

— Palavra de segurança? —sussurrei.

--Caso você queira parar, é só falar a palavra que e eu paro. Eu tinha a opção de parar?

—Mas se você a usar, não te darei o botão pela noite. Ele será cancelado.

Senti uma imensa gratidão pelo simples fato dele me permitir ter uma palavra de segurança. O

Bones me fazia coisas horríveis, indescritíveis. Ele não teria sido capaz de me dar uma palavra de segurança, mesmo se quisesse. Mas, eu também não deveria sentir lealdade pelo Crow. Afinal, foi ele que me manipulou para fazer aquilo, para início de questão.

—De acordo.

Ele voltou a tocar os meus lábios com os seus, e me deu um beijo lento. Foi doce e suave e até guardava a ternura do primeiro amor. Ele me beijou com fragilidade, me retornando lentamente à vida.

Com cada toque dos seus lábios, eu sentia um calor inundando meu corpo. Não parecia um acordo. Parecia real.

Ele respirou com força na minha boca antes de tirar a parte de cima da minha roupa. Olhou para mim com olhos bem abertos, valorizando meu corpo como um baú cheio de ouro. Meu corpo ainda estava marcado pelas velhas cicatrizes fruto dos abusos do Bones, mas para o Crow aquilo parecia não ter importância.

Ele pressionou a boca contra meu pescoço e me deu uma mordida ardida, foi forte o suficiente para me causar uma careta, mas não o suficiente para me fazer sangrar. Soltou meu sutiã exatamente ao mesmo tempo, escorregando pelos meus braços.

Meus mamilos endureceram enquanto ele mordida meu pescoço. Ele me dava pequenos beijos antes de chupar minha pele com agressividade, me deixando vermelha com a sua paixão. Minhas mãos se moviam automaticamente pelos seus braços, onde cresciam seus bíceps. Eu sentia os seus músculos sob os meus dedos, adorando como eles pareciam fortes sob meu toque.

Sua boca foi até a minha orelha e ele me mordiscou no lóbulo, respirando no meu ouvido. Sua excitação foi aumentando. Eu podia sentir o quanto ele me queria. Eu conseguia sentir o desespero nos seus gemidos.

As suas mãos foram até os meus quadris, desabotoando minha calça jeans antes de baixá-la de uma vez. Ele se ajoelhou para me ajudar a tirá-la. Minhas mãos estavam apoiadas sobre os seus ombros para que eu pudesse manter o equilíbrio, e eu senti seus os músculos se movendo sob a pele perfeita.

Crow também retirou a minha calcinha, passando pelo meus tornozelos antes de jogá-la para o lado. Quando ele se levantou, me olhou possessivamente. Eu era toda sua porque ele pagou por mim, para ficar comigo por toda a noite. Ele poderia olhar para mim e usufruir de tudo o que quisesse. Crow moveu a mão pela minha perna e tocou uma cicatriz antiga, trabalho do Cane. A tocou delicadamente com os dedos, desculpando-se silenciosamente por ela.

—Não tem importância —sussurrei.

Minhas palavras o trouxeram para a realidade e ele removeu a camisa pela cabeça, revelando seu corpo perfeitamente esculpido. Ele corria todas as manhãs e comia apenas proteínas, mas ainda parecia bom demais para ser verdade. Ele possuía o corpo tonificado e musculoso, com feixes de músculos se juntando a outros feixes de músculos. Se tivéssemos nos conhecido em uma realidade diferente, talvez no metrô na hora do rush da manhã, me sentiria muito diferentemente. Não teria pensado duas vezes em convidá-lo para sair, na esperança de que já não estivesse com alguém.

Em seguida, tirou a calça de moletom e as boxers, deixando seu pau exposto com orgulho. Ele tinha o pau mais longo e mais grosso do que o Bones. E eu já não tinha mais certeza se aquilo era bom ou ruim.

Eu estava olhando fixamente para ele, incapaz de acreditar se eu conseguiria colocar tudo aquilo dentro de mim.

Seus dedos subiram até o meu queixo e levantaram o meu rosto, me forçando a olhá-lo nos olhos.

—De joelhos. — Sua voz destilava poder. Ele tinha o com o controle absoluto da noite. Exercia um domínio completo, e eu estava submetida inteiramente. Ele tinha ganhado o jogo doentio que estávamos jogando.— Agora.

Ajoelhei apesar da dor que me causou o piso de parquet e esperei que ele colocasse sua ereção na minha garganta.

Ele Atravessou a distância que nos separava e colocou o seu pau ereto no meu rosto. Sua mão agarrou o meu cabelo com força.

—Chupa. —Seus olhos escureceram enquanto ele esperava eu obedecer .

Afastei meus pensamentos e fiz apenas o que me pediu. Agarrei a base do seu pau e coloquei a glândula na boca. Assim que estava dentro da minha boca, pude sentir o pré-ejaculatório. Tinha um sabor

salgado, masculino. Percorri a base com a língua, sentindo a veia saliente. Fechei os olhos e o coloquei até o fundo da garganta. Eu já havia feito centenas de boquetes para o Bones. Embora o Crow fosse maior, aquilo era muito melhor. Estava maravilhoso.

Crow deixou escapar um gemido abafado de satisfação quando eu peguei o ritmo. Seus dedos apertaram meu cabelo, arranhando um pouco meu pescoço. Ele aproximou os quadris em direção a minha boca, movendo-se comigo.

—Você chupa bem. —Que belo elogio.

Eu o molhei com minha saliva quente e continuei, desejando que ele simplesmente gozasse na minha boca, e que valesse um botão. Pensei que seria mais justo se eu recebesse os botões por orgasmos, ao invés de por uma noite.

Os minutos passavam e eu sentia como ele ficava tenso na minha boca. Eu apertei as coxas e senti o calor entre as minhas pernas. Foi a mesma sensação que tive da última vez que estivemos juntos, e eu me odiava por isso. Odiava o fato de estar excitada por ter seu pau na minha boca. Odiava o fato de eu ficar ainda mais excitada quando ele sentia prazer. Sempre que o Bones me estuprava, eu só sentia desprezo. Não queria que o Crow soubesse que o meu corpo respondia ao seu. Era humilhante, e aquilo só faria que seu ego ficasse ainda maior do que já era.

Ele me pegou pelo pescoço e tirou o pau da minha boca. O desejo brilhava em seus olhos com muito mais força. Sua ereção estava gotejando minha saliva e estava pronto para me penetrar.

—Para a cama.

Meus joelhos doeram ao levantar, e subi na cama, assumindo que ele me queria de quatro. Assim era como o Bones gostava. Ele nunca queria olhar para o meu rosto.

Crow se aproximou de mim por trás e agarrou meu quadril. Me virou, até me deixar de costas. Ele tinha um pedaço de fita na mão. Era uma fita amarela. Eu não tinha certeza porque um criminoso possuía um pedaço de fita amarela. Ele amarrou meus pulsos juntos na cabeceira da cama. Meu corpo estava exposto para sua apreciação, e eu não era capaz de mexer as mãos, embora teria gostado.

Ele ficou sobre mim e abriu as minhas coxas com as suas. Sua ereção se movia impaciente, querendo deslizar para dentro de mim. Eu já estava mais de um mês sem ter um homem e não tinha certeza de como meu corpo responderia. Eu preferia a abstinência.

Crow aproximou seu rosto ao meu, e me dê um beijo completamente diferente do que tinha me dado antes. O beijo foi duro e agressivo. Ele esmagou sua boca contra a minha, quase me ferindo com sua insistência. Ao mesmo tempo seus dedos foram até o meu clitóris e começou a massageá-lo, causando as mesmas sensações que da última vez. Eu me odiava por gostar .

Ele enfiou dois dedos dentro de mim, sem aviso prévio.

E eu estava encharcada. —Merda.

Ele soltou um gemido contra meus lábios quando sentiu como eu estava molhada. Quando ele tirou os dedos, eles estavam encharcados pela minha umidade. Um fio se formou entre os dedos dele quando ele os separou.

— Você me quer tanto quanto eu quero você.

Minha resposta automática foi negar, mas eu não podia dizer que não. Era uma mentira que estava evidente para ambos.

Ele esfregou os dedos molhados contra meu clitóris, criando sons de fricção devido à umidade.

Eu tremia de prazer. Meu quadril começou a balançar automaticamente pelas emoções incontroláveis que aquilo causava. Eu adorava quando ele me tocava daquela forma. Ele me tocava melhor do que eu.

Ele me beijou lentamente.

— Você gosta disso.

Eu respirei na sua boca, sentindo como eu perdia o controle antes de despertar o meu lado mais carnal.

Crow segurou seu pau pela base e bateu no meu clitóris, me causando um pouco de dor e um prazer imenso. Então ele o esfregou contra mim, deslizando por minha umidade e aplicando, ao mesmo tempo, a pressão do seu sexo latejante.

Colocou os braços atrás dos meus joelhos e manteve seu rosto sobre o meu. Lentamente, ele pressionou para colocar a ponta, me penetrando só até onde chegamos da última vez. Ele observava a minha expressão cuidadosamente.

Assim que eu o senti entrar, minha emoção apagou. Seu pau me lembrou de todas as coisas horríveis que o Bones me fez. Nada do que o Bones tinha feito me deu prazer. Sempre foi uma tortura. E a julgar

pelo imenso tamanho do Crow, aquilo não seria diferente.

—Não. Para. —Senti como ele afundava dentro de mim. Eu estava encharcada e ele escorregou com facilidade, mesmo assim eu não queria fazer aquilo. Não queria sentir aquela dor novamente. Eu pensei que eu poderia com ele, mas eu não conseguiria.

—Não vou parar a menos que você diga a palavra de segurança. — Ele introduziu mais dentro de mim, esticando-me com metade do seu pau.

Era verdade, eu tinha esquecido a palavra de segurança.

—Fog...

— Eu não sou ele. —Crow seguiu meus pensamentos assim que eles saíram do quarto e regressaram para o Bones.—Eu sou seu dono, não ele. Você irá gostar. Eu prometo. —Ele pressionou o seu rosto contra o meu e enfiou seu pau completamente, até o testículos.— Fique comigo.

Eu não queria ficar. Eu queria fugir.

—Botão. — Ele colocou a mão no meu rosto e me olhou nos olhos— Não me deixe. — Disse beijando o canto da minha boca.

Ele nunca tinha me chamado de botão antes e eu não esperava que aquele seria meu o apelido. Mas era. Por alguma razão, aquilo me tranquilizou. Ele estava com toda a sua ereção dentro de mim, mas não lutei contra ele. Eu estava com o corpo relaxado, sentindo como ele me alargava.

Crow moveu suavemente dentro de mim, tirando sua ereção, até deixar apenas ponta no meu interior. Então voltava a me penetrar, deslizando no meu interior escorregadio. Nossos corpos produziam sons com os nossos movimentos, com a minha umidade, exercendo uma suave fricção.

—Porra. Que gostoso. — Seus quadris queriam ir mais rápido, mas ele manteve o controle.

Seu corpo era lindo e o seu rosto ainda mais perfeito. Ele foi o homem das minhas fantasia quando eu me masturbava. Eu tentei fingir que aquilo não era real. Que era apenas um sonho. Eu o desejava. E não estava sendo obrigada.

Ele levou a mão até meu clitóris e esfregou como tinha feito antes. Girava em círculos, aplicando a pressão certa para me manter presa naquele momento.

Crow soltou um gemido, quando sentiu que eu estava mais molhada.

—Merda.

Eu tentava me controlar, não queria me soltar, mas minha coluna se curvava. Queria mais dele. Seu sexo latejante parecia imenso dentro de mim, me provocando um imenso prazer. Ele não foi abrupto e nem agressivo como o Bones, provavelmente porque com aquele monstro eu sempre estava mais seca do que o deserto. Mas com o Crow, nos movíamos juntos, era a perfeição. Comecei a gostar de verdade.

Crow pressionou o rosto contra o meu e chupou meu lábio inferior. Ele moveu a mão até os meus seios e os cobriu com força, apertando o mamilo. Doía, mas de uma forma prazerosa. A dor fazia com que o sexo fosse ainda melhor. Minha boceta ficou ainda mais molhada. Eu sentia como a umidade escorria pela minha bunda e molhava os lençóis.

Crow começou a me penetrar com mais força e velocidade, fazendo com que a cabeceira batesse na parede cada vez que ele entrava em mim. O suor brilhava no seu peito, e o esforço lhe dava um aspecto tremendamente sensual. Ele parecia um Deus do submundo, escuro e poderoso.

Abri mais as pernas, porque queria tudo o que pudesse suportar. Desejava até o último centímetro do seu pau. Eu queria que ele me penetrasse mais forte. Ele retirou a mão dos meus peitos e utilizou todo seu corpo para entrar em mim com mais força.

Eu ia gozar. Podia sentir o meu orgasmo se aproximando no horizonte. Me aprisionaria e me levaria. Minhas coxas tremiam enquanto o calor começava a borbulhar e apertar meu estômago em antecipação ao impacto. Odiei a mim mesma pelo que estava sentindo, mas também desejava que acontecesse mais do que qualquer coisa no mundo.

Crow sabia que eu estava prestes a explodir. Ele me olhava, como se me possuísse e fosse totalmente ciente disso.

— Vou te inundar. —Ele empurrou sua enorme ereção com força, me esticando por dentro e esfregando meu clitóris.

Suas palavras não deveriam ter me excitado, mas me excitaram. Minha coluna ficou tensa, curvando-se enquanto a euforia me inundava. O prazer foi incandescente e ofuscante. Eu não podia fazer nada, a não ser sentir aquela sensação poderosa me levando com ela.

Fechei a boca tão forte quanto podia, porque não queria fazer qualquer som. Recusei a lhe dizer que eu iria gozar com seu pau dentro de mim. O homem que me capturou e se recusou a me deixar ir, acabava de me dar um orgasmo.

E eu o odiava .

Merda, e como o odiava.

Crow separou meus lábios com os dele enquanto me penetrava. Seus testículos macios batiam em minha bunda a cada impulso. Ele enterrou a língua na minha boca, então eu não pude evitar que os sons saíssem.

Soltei um gemido, alto e claro.

—Foda-se.

Ele sorriu contra meus lábios, desfrutando de sua vitória.

— Você tem uma boceta tão apertada. Não vejo a hora de preenchê-la.

Eu puxei o laço de fita, porque eu queria me libertar. Eu queria pegar aqueles braços fortes e não soltá-los. Eu queria afundar as unhas na sua pele e fazê-lo sangrar. Meu orgasmo ainda estava queimando vigorosamente, até que lentamente começou a se acalmar. Deixei escapar um gemido de prazer porque senti ainda as últimas ondas de prazer na minha virilha.

Ele gemia enquanto continuava me penetrando, dando alguns empurrões até que me inundou como havia falado. Crow pressionou a testa contra a minha quando começou a gozar. Ele arqueou sobre mim, com uma ereção ainda mais dura ao esvaziar dentro de mim com um gemido.

— Pegue tudo.

Abri mais as pernas, porque eu queria encher-me com ele. Ainda estava eufórica por meu orgasmo e em um estado emocional diferente. Outro gemido cruzou meus lábios, porque me senti ainda mais satisfeita por ter todo o seu sêmen dentro de mim.

Seus olhos escureceram ao gozar, com seu sêmen ainda derramando dentro de mim. Eu podia sentir o seu peso e o seu calor. Um suspiro de prazer escapou dos seus lábios, profundo e masculino. O suspiro saiu do fundo da sua garganta.

Ele ficou permaneceu dentro de mim, como se nunca quisesse

sair. Seu pau foi amolecendo lentamente após o clímax. Sua boca buscou a minha com suaves beijos que eu achei que ele não seria capaz de dar.

— Eu prometi que você gostaria.

Minhas bochechas ficaram vermelhas de vergonha. Não conseguia esconder o quanto eu gostei. O homem estava me mantendo em cativeiro contra a minha vontade. Eu implorei para que me deixasse ir embora, mas ele se recusou. E agora eu transava com ele... e gostava. Ele tinha me dado o primeiro orgasmo em meses. Foi uma traição horrível.

Ele Beijou o vinco entre meus seios antes de remover seu pau flácido da minha boceta. Estava menor do que antes, mas o tamanho ainda era impressionante. Não acreditei que aquilo caberia dentro de mim. E não podia acreditar o quanto eu havia gostado.

Crow se inclinou e beijou meu clitóris, me dando um beijo com a língua.

Eu enrijei, porque era ainda mais prazeroso do que quando ele usava os dedos. Ele se afastou, com lábios brilhantes pela minha umidade.

—Um botão a menos.

Capítulo 21

Crow

Ela gostou.

Tentou esconder o orgasmo que a sacudiu fechando sua boca bonita, mas foi inútil. Sua boceta apertava meu pau como uma Anaconda. Implorando pelo meu sêmen, tentando tirá-lo com apertões. Ela manteve as pernas mais abertas, porque queria mais do meu pau . Sua patética tentativa de me enganar foi uma perda de tempo.

Ela gostou tanto quanto eu.

Depois de finalmente conquistá-la, eu esperava recuperar minha concentração no trabalho. Com a mente cheia de preocupação, eu não conseguia progredir. Me atrasei na papelada, transferência e contratação dos novos funcionários para a fábrica. Minha escrava estava monopolizando toda a minha atenção com seu cabelo castanho e lábios grossos.

Mas eu fiquei mais distraído do que antes.

Tinha transado com ela uma vez e estava imensamente satisfeito. Mas eu a queria de novo. Sua boceta era muito apertada e úmida. Meu pau ficou no céu feminino deslizando dentro e fora dela. Ela ficou encharcada por minha causa, pela química gerada entre nós.

Quando coloquei os olhos nela pela primeira vez, não me impressionei. Ela era bonita, claro. Igual a tantas outras mulheres. Não havia nada de espetacular, nada que me obrigava sujeitá-la contra a cama para poder possuí-la.

Mas quando vislumbrei seu fogo interior, suas chamas me atraíram. Pearl não era submissa, nem um pouco. Ela era um desafio, uma mulher que poderia lutar suas próprias batalhas. Após perceber aquilo, fiquei desesperado para prendê-la, dominá-la e torná-la minha. E eu adorava cada segundo.

Quando voltei para casa do trabalho na tarde seguinte, eu tomei um banho e em seguida, sentei para jantar. Ela não havia descido para tomar o café da manhã comigo, mas para o jantar ela desceu. Estava usando um dos vestidos que Lars escolheu para ela. Sem alças rosa e solto em torno dos quadris. Pearl possuía a elegância de uma rainha e a graça de uma deusa.

Ela sentou na mesa à minha frente sem estabelecer contato com os meus olhos. A garrafa de vinho já estava sobre a mesa, então ela se

serviu de uma taça e pegou um pedaço de pão francês da cesta.

Eu assistia a cada um dos seus movimentos.

Lars trouxe os pratos e colocou a nossa frente. Havia um jarro com água e duas taças junto com a cesta de pão. Sentindo a tensão que estava na sala de jantar, ele saiu sem dizer uma palavra.

Provavelmente ele ouviu nossa transa a noite anterior. Seu quarto ficava no andar de baixo. Eu interrompi o silêncio.

— Como foi seu dia?

Seus olhos estavam fixos no prato.

—Muito bem. E o seu?

Eu sabia por que ela não queria olhar para mim. Estava envergonhada por tudo o que senti na noite anterior. Estava com vergonha, por ter se entregado a mim, e ter gostado. Ela havia perdido a batalha e se rendido, e aquilo não deixou um sabor agradável na sua boca.

—Muito bem. Eu tinha muito trabalho para fazer.

Ela nunca me fazia perguntas sobre o meu trabalho. Presumindo que eu não responderia, ou ela também não se importava com o que eu fazia fora de casa.

— O que você está lendo?

— Um dicionário e um livro em italiano.

Eu segurei o garfo com a mão mas não toquei a comida.

— Você está aprendendo italiano sozinha?

Ela assentiu.

—Eu estou tentando, pelo menos.

Mesmo sabendo que você vai embora dentro de um ano?

—É uma bela língua — Pearl respondeu minha pergunta, embora eu não tenha lhe perguntado sobre a beleza do idioma.— Gosto de ouvi-la.

—Eu posso te ensinar.

—Você parece muito ocupado...

— Quando falarmos, posso falar em italiano.

—Mas eu não entenderia o que você está me dizendo.

— Mas pode imaginar. —Por fim provei minha comida. Lars trabalhou como chef em Viena por um longo tempo e dominava a cozinha com a mesma habilidade que dominava o resto da casa. Ele era um membro da minha equipe pessoal, insubstituível. Se algum dia ele quisesse partir, eu teria que me esforçar muito para deixá-lo ir .

Ela comeu um pouco, antes de olhar para mim. Seus olhos eram azuis límpidos, mais claros que as margens de uma praia de uma ilha paradisíaca.

— Seu nome verdadeiro é Crow?

Pergunta interessante.

—Sim.

—Não é muito comum...

Eu sempre pensei que combinava perfeitamente com o minha escuridão exterior, a minha raiva e minha insensibilidade.

—Pearl não é muito comum.

Ela estava prestes a tomar seu copo de vinho quando parou.

— Você sabe meu nome? Eu não perdi o ritmo.

—Eu sei tudo sobre você. —Mas você nunca mencionou.

—Se você quisesse que eu te chamasse pelo seu nome, teria me dito há muito tempo. Além disso, eu prefiro Botão. —Não queria chamá-la por um nome que todos haviam usado. Ela era minha propriedade. Era minha em todos os sentidos da palavra. Então eu precisava de um nome novo, algo que só eu a chamasse.

Ela não pode evitar a surpresa em sua expressão. Ela pensava que os seus segredos estavam tolamente seguros.

—Engenheira Mecânica. Isso me impressionou bastante.

Desta vez, ela não pareceu surpreendida. Manteve uma expressão tranquila, escondendo seus pensamentos.

—Amo o que faço. Cada projeto é novo e desafiador.

— Poucas mulheres escolhem uma profissão relacionada

à Ciência e a matemática.

—Supostamente.

— O que te fez escolher esta profissão? Ela encolheu os ombros.

—Gosto de construir coisas. Gosto de trabalhar a partir do zero. De fazer coisas que sobrevivem a mim. Não existe dois projetos iguais. É algo novo a cada dia.

Minha mão parou de mexer o garfo, e eu me concentrei no rosto dela. Senti a minha atração por ela crescer e o meu respeito aumentar. Pearl era tão diferente de todas as outras mulheres que eu conhecia, que eu não seria nem capaz de imaginar. Quando as outras estavam na minha presença, elas se anulavam. Me obedeciam imediatamente se sentiam intimidadas ou submetidas a mim. Pearl era diferente. Se movia ao ritmo de seu próprio relógio interno. Ela não permitia que ninguém a controlasse ou a manipulasse.

Foi precisamente por essa razão que eu queria controlá-la e manipulá-la. Ela era como um garanhão mais selvagem, o último cavalo livre do pasto. Não poderia ser submetido nem treinado. Era muito teimoso e feroz.

Eu Adorava o desafio.

—Talvez eu tenha algum trabalho para você, se você estiver interessada.

—Depende o que você tem em mente.

— Na vinícola estamos sempre procurando maneiras de agilizar o processo de fermentação.

— Então é assim que você ganha a vida? — Ela nunca fez perguntas pessoais antes. Não parecia se importar. Eu não era mais do que seu captor, a pessoa de quem ela queria fugir.

—Sim.

—Em parte.

— É o que você faz com o Cane?

—Não. As vinícolas são exclusivamente minhas.

Ela era uma mulher inteligente e em sua cabeça as engrenagens estavam girando incessantemente. Provavelmente seus pensamentos estavam dando voltas na sua cabeça e deliberando sobre a

possibilidade de me fazer a próxima pergunta. Finalmente ela se decidiu. — O que você faz com o Cane?

—Tráfico de armas. Fazemos armas e vendemos ao melhor lance.

Ela estreitou os olhos, a mente trabalhando trabalhando intensamente.

—Bones faz a mesma coisa.

—Sim. Ele era o meu maior concorrente, meu principal adversário. Nossa rivalidade foi herdada de outra geração, quando meu pai e o seu estavam em guerra um com o outro. Nós herdamos essa batalha e continuaríamos com ela até que um de nós esteja morto.

—Por isso estão se enfrentando. —Ela falou em voz alta, mas pareceu falar aquilo mais para ela do que para mim.

—Basicamente.

—E me roubar era uma forma de manipulá-lo. Agora ela estava errando o tiro.

—Não .

— Não? —Ela perguntou. —Para que então você me quer?

—Vingança. —Eu precisava vingar a Vanessa, minha irmã mais nova. Ela não era só a minha família, era também minha amiga. Quando nossos pais morreram, eu fiquei à frente da família. Eu me tornei seu pai.

— Vingança de quê? —perguntou.— O que ele fez?

Segurei seu olhar, e apertei os lábios. Eu não falava sobre a Vanessa. Sempre que pensava nela, imediatamente afastava esses pensamentos. Era muito doloroso, até para mim. Se os ignorasse por tempo suficiente, talvez a dor acabasse desaparecendo.

—Já foram perguntas demais para esta noite.

Seus olhos queimavam de irritação .

—Então você sabe tudo sobre mim, mas eu não posso saber nada sobre você ? —Você sabe muito sobre mim.

—Mais do que a maioria.

—Mas você não respondeu a nenhuma das minhas perguntas.

— Você responderia as minhas?

Eu observei a expressão dela e como ela mudou a sua feição. Se eu não vasculhasse a vida pessoal da Pearl ela não me contaria nada. Eu tinha certeza. Mas felizmente, eu já sabia de tudo o que importava.

Na ausência de resposta, ela olhou para o prato e terminou de comer. Estava chateada porque eu havia vencido a discussão. Seus ombros estavam tensos e ela estava com uma careta. No pouco tempo que passou desde que a conheci, aprendi seus hábitos. Aprendi a ler seus pensamentos.

Aprendi o que ela gostava e o que não gostava, sem precisar fazer uma única pergunta.

E ela odiava.

Depois de desfrutar da solidão no meu estúdio, eu fui para o seu quarto. Eu sabia o que ela estaria fazendo antes de eu chegar. Passava todo o seu tempo livre lendo. No seu quarto tinha centenas de livros encadernados, principalmente em inglês. Sempre tinha algo para fazer quando eu não era sua diversão .

Minha reação natural seria abrir a porta e entrar. Ela era minha propriedade, e eu poderia fazer tudo o que quisesse. Mas por alguma razão, eu a respeitava mais do que qualquer um. Levantei os dedos até a porta e bati levemente.

—Entra. —Sua linda voz subiu pela minha coluna, causando-me uma sensação de formigamento.

Entrei e a vi sentada no sofá, exatamente onde a tinha imaginado. Eu estava usando minha calça de moletom e uma camiseta, as roupas que sempre usava antes de ir para a cama. Só Lars e parte da minha equipe me viram vestido dessa forma. E agora a Pearl.

Ela fechou o livro que estava lendo e olhou para mim, sabendo exatamente o que eu queria, sem esperar que eu dissesse.

Sentei no sofá ao lado dela e peguei um botão do bolso. Era marrom com as bordas bege. Eu o segurei no alto para que ela pudesse vê-lo e brinquei com ele entre meus dedos antes de colocá-lo dentro do frasco que estava sobre a mesa. O primeiro botão descansava na parte inferior e agora tinha um amigo.

O poder corria pelas minhas veias. A ânsia de domínio se

apoderou de mim, possuindo-me inteiramente. Gostava de entrar naquele quarto e dar uma ordem sem ter que pronunciar uma única palavra. Eu adorava fazê-la minha por sua própria escolha, em vez de pela força. Essa era minha maior conquista.

Ela olhou para o botão e então se virou para mim. A ansiedade que existia na noite anterior agora estava ausente. Seus lábios estavam abertos e a respiração acelerada. Minha mão automaticamente envolveu em torno do seu pulso. Ela pensou que era um inocente contato, mas estava sentindo seu pulso. Ele acelerou imediatamente a uma velocidade perigosa.

Esses eram sintomas de excitação, em vez de medo. Meu pau ganhou vida.

A puxei para fora, para ir para o quarto que estava do outro lado do corredor. Aquele quarto se tornou o nosso quarto de foder, nossos aposentos privados, onde fazíamos coisas “más”. Eu possuía uma sala especial que dava vida a minhas fantasias mais escuras, mas eu sabia que ela ainda não estava pronta para aquilo. Investiria alguns botões em sua preparação para o que eu realmente queria.

Quando estávamos sozinhos e com a porta trancada, eu coloquei as mãos nas suas bochechas e a beijei, assim como eu gostava. Quando eu estava sentado na minha mesa, naquela tarde, era nisso que eu pensava. Em seus lábios grossos e deliciosos contra os meus. Também pensava neles firmemente em torno do meu pau.

Ela devolveu o beijo imediatamente, como se também passasse o dia inteiro pensando nisso. Colocou as mãos na minha cintura, seus dedos pressionando-me dos lados. Eles moveram para sentir meu peito poderoso. Sua respiração acelerou ao aumentar a nossa paixão.

Minha língua encontrou a dela e as duas dançaram como se tivessem feito aquilo um milhão de vezes. Sua boca pequena era deliciosa. Eu gostava de prová-la, cheirá-la e tocá-la. Minhas mãos desceram pelas suas costas, até sentir a curva íngreme que levava até a sua bunda. As curvas do seu corpo eram perfeitas. Valia cada centavo que eu havia pago por ela.

Eu tirei minha roupa e depois o vestido dela, expondo seus seios voluptuosos. Eles não eram grandes, mas feminino. Eu adorava apertá-los entre as palmas das mãos. Belisquei seus mamilos, torcendo-os, causando um pouco dor, mas também um suspiro de prazer ao mesmo tempo.

Os músculos do meu corpo se tencionaram quando o tesão me inundou. Pearl me deixava louco, me fazia afundar ainda mais na

escuridão. Eu queria bater na sua bunda até deixá-la vermelha e machucada. Queria apertar seus peitos um milhão de vezes mais fortes, até que gemesse de dor.

Queria que chorasse por mim, que rogasse que a soltasse. Mas aquilo teria que esperar.

Afastei a minha boca, mesmo que desejasse continuar lhe beijando. Eu queria continuar lhe beijando para sempre. Mas meu pau queria a sua boca ainda mais. E quando eu o enfrentava, sempre perdia.

Sentei na borda da cama, com a ereção contra o estômago. Contemplei o seu corpo nu, queimando de calor.

—Fique de joelhos.

Vi o desafio em seus olhos. Ela odiava as minhas ordens. Odiava que eu ordenasse o que fazer. Por um momento, parecia que ela iria me desafiar. Ela queria me mandar para o inferno. Mas conteve sua língua, sabendo que teria que trabalhar pelo botão que a levaria em direção a liberdade. Caiu de joelhos.

Meu pau deu um salto. Ele venceu mais uma batalha. Submetê-la me deixava cheio de tesão.

—Chupa meu pau. —Minha mão foi até o seu cabelo e agarrei um pouco. Peguei a base do meu pau e esfreguei a ponta contra seus lábios úmidos.

Ela obedeceu aquela ordem com muito menos resistência. Colocou a glândula em sua boca e o chupou. A língua acolchoava o fundo e a textura aveludada causava uma sensação sensual contra minha ereção latejante.

Soltei um gemido, imediatamente.

Ela colocou as mãos nas minhas bolas e brincou um pouco com elas, acariciando-as com sensualidade e me causando calafrios na coluna.

"Nem precisei lhe pedir para fazer aquilo."

Pearl enfiou meu pau profundamente na garganta, ao ponto de ficar com ânsias e precisar retirá-lo. Continuou me massageando com os dedos, banhando-me com a sua saliva enquanto me chupava com a boca.

Meus olhos se deleitavam com a imagem que estava diante de mim. Eu a dominava, forçava a ficar de joelhos e colocar o meu pau

na sua boca quente. Coloquei a mão na sua nuca e a guiei para cima e para baixo, mostrando a ela exatamente o que eu queria e como queria. Ela chupava meu pau melhor do que ninguém.

Eu a olhava com atenção, assistia sua boca alargar antes de colocar meu pau na garganta. Em vez de fechar os olhos, ela os manteve totalmente abertos. Contemplava minha ereção enquanto a colocava e retirava da boca. Um fogo ardia lentamente na parte inferior dos seus olhos. Seus olhos ganhavam um brilho e uma intensidade, e seu prazer refletia o meu. Ela estava gostando.

Eu queria sentir sua boceta molhada. Queria lavar o meu pau com a sua umidade. Eu queria sentir como ela estava excitada. Ela gostava de ter a minha ereção na sua boca e no seu sexo. E em breve, também gostaria de tê-la na sua bunda.

Eu queria aproveitar um pouco mais daqueles lábios molhados, mas não podia me segurar. Queria lançar um jato da minha semente no fundo de sua garganta e ver como ela engolia. Minha boca queria fazer outras coisas com ela, mas primeiro eu precisava gozar.

— Engole e me mostre. — meus dedos afundaram no seu pescoço e eu meti com força na sua garganta. Meu peito queimava de prazer enquanto uma onda de calor me percorria. Chamas de fogo surgiam dentro de mim e explodiu nas minhas bolas. Um orgasmo poderoso, do tipo que me fez gemer, percorreu meu corpo e abaixo do meu pau. Senti como inchava ao gozar na sua boca.

Ela abriu a boca automaticamente para que eu pudesse me ver ejacular na sua língua. Moveu a mão para cima e pra baixo no meu pau, me causando um orgasmo prolongado que durou por quase um minuto.

—Porra. —Meus dedos apertaram com tanta força o seu pescoço que eu pensei que iria sufocá-la. Terminei de ejacular até a última gota antes de me acalmar-me — Deixe-me ver.

Ela mostrou a língua, com o sêmen branco cobrindo-a quase toda. Era uma quantidade impressionante e eu não tinha vergonha de admitir que eu me sentia um pouco orgulhoso. Minha mão estava enrolada no seu pescoço, e lhe dei outro apertão ameaçador.

—Engole.

Em vez de pânico quando eu a peguei pelo pescoço, seus olhos se iluminaram em resposta. Ela fechou a boca e engoliu drasticamente, com os músculos do pescoço se movendo para aceitar minha porra.

Aquilo me excitou ainda mais .

—Boa garota.

A frase lhe incomodou imediatamente, e ela me deu um olhar furioso. Eu preferia ela com raiva. Achava muito sexy.

—Sobre cama. Agora.

Ele obedeceu a minha ordem, ficando de quatro.

Eu me aproximei por trás, já duro. Meu pau queria descansar depois do orgasmo que tive, mas ao ver sua bunda no alto, minha ereção voltou. Olhei atentamente para sua boceta, e estava brilhando com sua umidade. Estava molhada e escorregadia, exatamente como eu esperava que estivesse. Sorri vitorioso e em seguida, enfiei dois dedos na sua boceta.

— Como você está molhada. —Minha respiração acelerou ao sentir a umidade quente que ela tinha entre as pernas— Você adora chupar meu pau. —Sabia que ela gostava, apesar de suas tentativas de tentar esconder— É o sabor do meu pau? É o tamanho? Ou é o fato de que eu gosto como você chupa bem? — Eu a penetrava com os dedos, banhando-os em seu calor.

Ela não me respondeu, mas o seu corpo respondia. A curva da suas costas se acentuava, e ela respirava com dificuldade.

—Responda .

Ela continuava em silêncio, me desafiando.

Eu ajoelhei no chão e puxei os seus quadris para a borda da cama. Enterrei meu rosto na sua virilha e a suguei com força, fazendo círculos com a língua no seu clitóris antes de chupá-lo com violência.

Um gemido reprimido escapou dos seus lábios. Ela se esforçou para esconder seu prazer com o meu contato. Pearl se recusava me a dar a satisfação de agradá-la. Mas era uma causa inútil, porque sua boceta encharcada dizia toda a verdade.

Continuei rodeando seu clitóris com a língua, fazendo ela se arquear mais para aumentar o contato com a minha boca de qualquer forma possível. Me afastei de repente.

—Responda.

Sua respiração estava forte, profunda e bem alta.

—Responda, Botão . — Chupei seu clitóris com força,

empurrando-a para a beira do orgasmo, e me afastei novamente.

Ela rosnou em frustração.

Eu soprei de leve sua abertura e então lhe deu um beijo suave.

Ela pulou, como eu sabia que faria.

—Gosto muito quando desfruta... —Ela falava com uma voz cheia de ódio por si mesma, ódio por ceder. Ela suspirou ao ser derrotada, sua coluna parou de se mover.— E eu adoro o seu sabor... e eu amo como seu pau é grande.

Minha posição dominante foi reforçada, e me senti como um verdadeiro rei. Eu estava no topo do mundo, e ela estava abaixo de mim. Eu a tinha conquistado novamente. Tinha tirado tudo dela e a tornei uma humilde serva.

Coloquei meu rosto entre as pernas dela e dei-lhe a recompensa pelo que tinha sacrificado. Eu chupei seu clitóris com força e em seguida, movi minha língua em círculos, com mais precisão do que poderia ter feito com meus dedos.

Ela gemeu imediatamente, sem reprimir os descontrolados gritos de prazer .Ela arqueou mais as costas e apertou sua bunda contra o meu rosto, querendo provar mais da minha língua experta .

Pearl explodiu em um orgasmo quase tão poderoso como o meu. Suas palavras se transformaram em gritos enquanto estava perdida em êxtase.

—Oh, Deus... — agarrou o lençol e se derreteu— Ah, Deus... —Pressionou o rosto contra o colchão, enquanto seu corpo cedia ao calor que a percorria de dentro para fora.

Quando seus gritos extinguiram, eu sabia que ela tinha acabado. Ela estava ofegante sobre cama, totalmente exausta após a chupada que eu acabava de lhe dar. Então eu soube que ela era minha. E ela também sabia disso.

Fiquei atrás dela e coloquei meu pau na sua abertura. Após aquela performance, ele estava cem por cento pronto para a ação. Me enterrei violentamente dentro dela com o meu pau, me deleitando com a sensação da sua umidade misturada com a minha saliva.

E então eu a fodi, até que ela voltou a gritar.

Capítulo 22

Pearl

A culpa pesava no meu peito como uma rocha. Estava me afogando no meu sofrimento, odiando por ter cedido diante ao meu captor implacável. O acordo com os botões não foi nada mais do que negócios. Eu só aceitei sua oferta porque não havia nenhuma outra opção. Mas com o passar do tempo, eu desejava que noite chegasse. Eu esperava que ele atravessasse a porta, com um botão no bolso.

Eu não deveria gostar do sexo, mas eu gostava. Quando sua boca estava entre as minhas pernas, eu acendia como fogos de artifício. O Jacob quase nunca me chupava, e quando fazia, não era bom. Eu tinha a sensação de ter um lagarto lambendo minha boceta com uma língua fina, mal se movendo e fazendo um trabalho medíocre. O Crow me chupava como se ele estivesse morrendo de fome.

Eu nunca tinha gozado tão forte em toda minha vida.

Quando fiquei sozinha com os meus pensamentos, o ódio veio à tona. Quando me separaram do Jacob, tentei não pensar nisso. Sentia pena dele, imaginando-o em casa e preocupado comigo. Quando eu pensava nele, a solidão acumulava dentro de mim. Ele era a única família que eu tinha no mundo. Meus pais eram ambos alcoólicos e viciados, e eu fui separada deles, quando tinha apenas dez anos de idade. Eu não tinha nenhum outro parente. Estava sozinha no mundo, literalmente.

Me sentia incrivelmente atraída pelo Crow. Tivemos o tipo de sexo que pensei que não fosse real. Ele me proporcionava um prazer imenso e parecia gostar tanto de ter como de me dar orgasmos. Eu estava tentando fingir que não gostava de ter seu pau dentro de mim, mas já não conseguia mais continuar fingindo. Crow me manipulou para me ter bem onde ele queria. E eu desmoronei .

Eu trai o Jacob. Quando o Bones me estuprava, eu não podia evitar. Mas eu poderia parar o que estava fazendo com o Crow. Simplesmente escolhi não parar. A que ponto isso quebraria o coração do Jacob? Eu Estava gostando de fazer sexo com outro homem. Na verdade, fiquei encantada.

Em um certo sentido, o Crow era pior que o Bones. Ele me fazia até querer ficar. Ele me ofereceu um lugar maravilhoso para viver, com a liberdade de ir sair do lado de fora. Ele respeitava minha privacidade e nunca me forçou a fazer nada que eu não quisesse. Me fazia sentir segura, quando eu não deveria me sentir a salvo. E essas coisas me faziam querer ficar.

Por todas essas razões, ele era muito mais perigoso. E eu o odiava.

Detestava sua arrogância. Eu odiava sua inteligência. Odiava o fato dele ser implacável. Aquilo só era um jogo doentio para ele. O que ele realmente queria era me dominar, porque isso lhe excitava.

Ele era um dominante no relacionamento, e adorava quando eu me submetia. Eu o desprezava.

Ele tirou minhas armas e minha armadura. Eu estava vulnerável e suscetível a um ataque. De alguma forma, ele me convenceu de que o acordo com os botões era uma boa ideia. Ele me enganou para me fazer abrir as pernas e dar-lhe exatamente o que ele queria.

E eu me odiava. E o evitava como uma doença.

Quando o Crow estava em casa, eu me assegurava para ficar fora. A casa tinha uma bela piscina no terraço, então, eu passava o tempo relaxando com meu biquíni e óculos de sol. Sempre que ele saía para me dizer algo, eu entrava na piscina, e ele não me seguia.

Quando ele fazia as refeições, eu não o acompanhava. Lars trazia minha comida no quarto, ou onde eu estava escondida. Parece que ele percebeu que eu estava evitando o seu chefe, mas nunca me fez perguntas a este respeito.

Crow costumava querer sexo à noite, então eu me certificava de estar na piscina, naquela hora. Era tarde para eu estar fora de casa, mas aquilo era uma alternativa melhor do que ficar debaixo dele.

Sentei na banheira de hidromassagem e apoiei a cabeça em uma toalha enrolada. Eu podia ver todas as estrelas no céu. Onde eu estava elas brilhavam com mais intensidade do que na América, provavelmente porque estávamos longe da cidade. Olhei para elas e tentei identificar as várias estrelas e planetas. Quando eu concentrei minha mente naquela tarefa, todos os outros pensamentos cessaram. Aquela era a única paz que eu poderia encontrar.

— Você se importaria se eu te acompanhasse?

Como sempre, eu não escutei ele se aproximando. Meu coração quase parou ao ouvir suas palavras. Levantei a cabeça do meu travesseiro improvisado e o vi de pé, com uma calça de academia e uma camiseta preta, que ele sempre usava.

—Gostaria ficar sozinha.

—Você fica sozinha o dia todo.

—E ainda não é suficiente.

Ele se aproximou mais . Estava com as mãos nos bolsos e olhava para as colinas. Elas estavam rodeadas pela escuridão, mas, no entanto, ainda estavam presentes. A brisa penetrava nos meus cabelos, fazendo cócegas no meu pescoço ainda carregado de umidade.

Eu apoiei a cabeça novamente esperando que ele saísse . Só veio ao meu encontro porque queria sexo. Me recusava a me entregar aquela noite.

—Boa noite, Crow.

Em vez de sair, ele se despiu e entrou na jacuzzi comigo.

—Eu fiz alguma coisa, não fiz?

Eu mantive meus olhos no céu.

—Não... simplesmente eu não gosto de você .

Ele riu.

—A noite passada não parecia isso.

Eu queria lhe dar um chute nas bolas.

—Botão. —Sua jovialidade evaporou como vapor que saía da água. Sua voz ecoava comando, me dizendo para obedecer. Me recusei a obedecer.

Crow atravessou a jacuzzi até ficar ao meu lado, com a mão na minha coxa. Os dedos dele deslizavam em direção a vértice das minhas coxas. Meu corpo se tencionou em antecipação, desejando imediatamente que ele tocasse o meu clitóris. Mas em seguida, novamente a minha sanidade voltou.

— O que?

Ele voltou a colocar a mão na minha coxa, mantendo-o a uma distância adequada.

—Me diga alguma coisa.

—Esta noite não aceitarei nenhum botão. Vai embora.

Crow mostrou sua decepção, removendo a mão ao entender que ele não iria conseguir me seduzir.

—Não sou só seu amo. Também sou seu amigo.

—Você não é meu amo. — O veneno saiu da minha boca, junto

com algumas gotas de saliva. —Você não me possui, nem nunca possuirá.

Todos os vestígios de paciência e compreensão desapareceram. Seu interior se rompeu, mostrando o homem implacável..

—Eu possuo você. —Ele agarrou meu pulso e torceu, segurando-o em uma posição desconfortável. Se eu forçasse mais, poderia quebrá-lo..

Apesar do desconforto, eu não respondi. Eu não lhe dei nenhuma pista de que ele estava me machucando. Eu apenas absorvi, me recusando a me curvar diante dele.

Ele puxou violentamente meu braço, me puxando para o seu peito contra a minha vontade. Agarrando meu queixo na velocidade de um relâmpago, me manteve imóvel. Me forçando a olhar para ele.

—Você. É. Minha. —Crow me apertou com força, obrigando-me a ficar tensa.— Quanto mais cedo você perceber isso, tudo será mais fácil. —Ele colocou a mão no meu pescoço, apertando em forma de ameaça—. Agora diga.

—Jamais. —Nunca me inclinaria para ele. Talvez eu lhe entregasse o meu corpo, mas jamais entregaria a minha mente. Meu corpo reagia ao dele, gostava da sensação do seu pau no meu interior. Minha boca reagia a pressão de seus lábios contra os meus. Mas nunca lhe daria minha mente. Se o Bones não conseguiu, ele também não conseguiria.

—Só porque eu fui tolerante com você antes, não significa que irei ser agora. Não me ponha à prova. —Ele fechou os dedos até que eu mal conseguia respirar.

— Prefiro morrer antes dizer isso. —Crow podia me afogar no jacuzzi, mas eu não falaria.— Eu não me inclino diante dos meus captores. Não me inclinei para o Bones, e tão certo como existe um inferno eu não me inclinarei para você. —Segurei seu olhar sem vacilar. Não iria retroceder nem naquele momento, nem nunca.

Ele aproximou seu rosto ao meu, com a ereção dura sob a água. Quanto mais o desafiava, mais ele me desejava. Seus olhos escureceram, como se aquela fosse a resposta que ele queria ouvir. Cada vez que o desafiava, sua obsessão aumentava. Crow apertou minha garganta tão forte que me impedia respirar.

—Já veremos.

Já era suficiente.

Não aguentava mais ficar naquele isolamento. Eu só havia pagado dois botões da minha dívida, e já tinha sacrificado muito só por aqueles dois. Será que eu seria capaz de sacrificar mais?

Uma parte de mim respeitava o Crow. Ele não me machucou quando podia ter feito. Ele poderia simplesmente ter aberto minhas pernas a força e ter pegado o que queria. Quando o Cane quis me fazer mal, ele poderia ter deixado aquilo acontecer. Mas eu o odiava.

Eu odiava o fato de que na verdade eu me importava com ele. Eu odiava o fato dele ter conseguido se infiltrar nas profundezas do meu ser. Eu realmente gostava da sua presença, mesmo durante as conversas enigmáticas que tivemos. Não era como se supunha que deveria ser.

E não deveria estar encantada pelo meu captor. Eu tinha que sair dali.

Eu andei em silêncio pela casa e entrei na cozinha. O lugar estava escuro só brilhava a luz da lua.

Ela ofereceu iluminação suficiente para eu encontrar as facas que estavam em cima da bancada.

Elas foram inseridas dentro de uma caixa de metal, ao lado da pia.

Eu peguei o maior que poderia encontrar.

O quarto do Crow ficava no andar de cima. Eu nunca tinha entrado naquele quarto, mas percebi que ficava ao lado do seu estúdio. Subi dois lances de escadas sem fazer um único barulho e me aventurei no corredor escuro. Na minha mesa de cabeceira, eu tinha encontrado um clipe de papel e usei para abrir a fechadura.

Eu trabalhava em silêncio, escutando o clique esquerdo da fechadura aberta. Meu coração batia rapidamente, mas eu me absteve de respirar, com medo de emitir qualquer som.

Quando a porta se abriu, entrei bem devagar. Estava tão escuro como no resto da casa, mas era a maior cômoda da mansão. Ele tinha um salão privado com uma televisão de tela plana, um bar completo e uma mesa contra a parede.

Eu fechei a porta atrás de mim e entrei na ponta dos pés na sala. Minha mão segurava o cabo da faca com firmeza: eu estava disposta a assassinar o homem que tinha me capturado. Estava pronta para cortar sua garganta e deixá-lo sangrar até a morte. Não encontrariam seu corpo até que fosse dia e eu pegaria as chaves do carro e dirigiria

até o aeroporto com o seu dinheiro no meu bolso. Eu estaria no próximo voo de volta para minha casa antes do meio-dia. Minha casa.

Saí da sala e encontrei o corredor que deveria levar ao seu quarto. Meus pés estavam se movendo lentamente no chão. Eu estava descalça e usava só uma blusa até os joelhos. Se me encontrassem, eu poderia mentir alegando que estava procurando por algo.

A porta do quarto estava aberta. Vislumbrei a cama de casal no meio da sala. Os lençóis eram brancos, e as paredes eram cinza. A mobília era de mogno, desenhada por artesãos italianos. Sobre a cama estava pendurado mais uma das suas fotos particulares, feitas sobre botões.

Calmamente fui até a cama, respirando em silêncio. Crow estava deitado, perfeitamente quieto, de costas, e seu rosto estava virado para o teto. Seus olhos estavam fechados, e sua mandíbula estava coberta com uma camada grossa de barba. Mesmo dormindo ele era tão bonito, talvez até mais. As linhas ao redor dos seus olhos não estavam visíveis e a careta que ele as vezes fazia também não estava lá.. Enquanto estava dormindo, ele era apenas um homem.

Segurei a faca com firmeza enquanto eu me inclinava sobre ele. Eu Já tinha matado um homem e iria matar outra vez. Nada impediria que eu escapasse daquela prisão. Qualquer homem que não queria ser morto enquanto dormia deveria evitar confusão comigo. Era muito simples.

Movi o joelho em direção a cama e me inclinei sobre ele, colocando a lâmina diretamente contra sua garganta. A única coisa que eu precisava fazer era deslizar a lâmina, e Crow Barsetti deixaria de existir.

E finalmente deixaria de atormentar.

Minha mão permaneceu firme antes de fazer o movimento. Eu contemplava seu rosto por mais um segundo, recordando da sensação de seus lábios contra os meus enquanto ele docemente me abraçava. O simples fato de eu esperar alguns minutos para saborear uma lembrança, já dizia quanto dano havia sido feito. Crow já brincou bastante com a minha mente.

De repente, ele abriu os olhos. Mas não moveu um fio de cabelo. Ele me encarou como se esperasse que eu fosse ao seu quarto. Seu olhos transmitiam calma. Ele podia sentir a frio da lâmina da faca contra a pele, mas ficou completamente imóvel. Ele me olhava da mesma forma quando sentávamos para jantar.

Contive minha respiração, apavorada porque eu tinha sido pega.

—Vamos. Como?

—Faça. — Crow colocou uma mão atrás da cabeça, relaxando ainda mais. —Estaria me fazendo um favor. Eu sou muito covarde para fazer.

Pela primeira vez, a minha mão tremeu. Eu Já não estava segurando o cabo da faca com firmeza. Meus dedos estavam enfraquecidos, e minha determinação desapareceu. Seus olhos estavam colados nos meus.

—Vamos, Botão. — Ele pegou na minha mão e apertou mais a lâmina contra a sua garganta, desenhando um ligeiro traço de sangue.

Automaticamente, eu tirei a mão, com uma dor no coração pelo sangue que saía pelo corte que eu fiz..

Crow envolveu minha cintura com um braço, e me colocou sobre ele, afastando o lençol da cintura.

—Depois de tudo que eu fiz, você teria todo o direito do mundo. —Ele pegou minha calcinha e colocou para o lado, com sua ereção dura pressionada contra a minha bunda.

Minha determinação desapareceu depois de olhar para aqueles olhos castanhos. Às vezes eles pareciam inofensivas, cheio de bondade e promessas. Às vezes, podia me perder neles se olhasse por muito tempo.

Ele sentou lentamente, com a faca ainda contra a garganta.

—Se você queria tanto me matar, então faça. Esta é a sua única chance. —Encostou seu rosto junto ao meu e a ponta da faca ainda estava pressionada contra a sua garganta. —Vem. Faça.

Eu já não estava segurando a faca com força. Eu só segurava a faca. Eu só conseguia pensar no dano que eu já havia causado. Gotas de sangue caíam pelo seu pescoço acima do seu peito. A última coisa que eu queria fazer naquele momento era matá-lo.

Eu só queria ajudá-lo.

Inferno, o que estava acontecendo?

Crow enfiou a ponta do seu pau na minha boceta, e não parou até entrar tudo. Ele deixou escapar um leve gemido ao sentir que a minha

umidade havia aparecido tão rápido. Ele apertou seus lábios na minha orelha, respirando profundamente.

—Botão, sua boceta foi feita para o meu pau. — Colocou seus braços debaixo das minhas coxas e me fez subir e descer em cima dele.

Ele me esticava da forma mais deliciosa possível. Cada impulso dava mais prazer do que o anterior. Esqueci do motivo que me levou até lá. Nada mais importava, apenas montar na sua ereção. Quando ele estava dentro de mim, eu não conseguia pensar em mais nada além dos nossos corpos se movendo juntos. A fricção escorregadia que dividíamos, nos deixavam loucos. Fiquei ainda mais molhada para ele, desfrutando como ela me esticava, o que nenhum homem tinha feito antes. Envolvi meus braços no seu pescoço e balancei meus quadris para a frente e para trás, até levar seu pau até o fundo.

Ele pegou a faca da minha mão e fez um suave corte no meu pescoço.

Aconteceu tão rápido que eu nem percebi. Não doeu, mas eu senti ardor depois que recebi o corte.

Ele colocou a boca no meu pescoço e limpou as gotas de sangue com beijos, bebendo meu sangue como um animal.

Aquilo deveria ter me dado náuseas. Eu deveria ter ficado horrorizada. Mas ele me fez queimar com um desejo agressivo.

Crow se afastou e me ofereceu seu pescoço, querendo que eu fizesse o mesmo.

Sem pensar duas vezes, eu lambi seu sangue. Senti o gosto metálico na minha boca. Aquele ato íntimo nos aproximou mais. Todo o meu ódio morreu, e abaixei minhas defesas. Deixei ele entrar pela primeira vez.

Crow aproximou meu rosto do dele, enquanto ele mexia dentro de mim. Olhou para os meus lábios e viu os restos do seu próprio sangue. Então me beijou, nossas línguas se saboreando.

Enterrei as unhas nas suas costas, segurando firme enquanto movia sobre seu sexo. Movi mais rápido e mais forte, fodendo muito mais agressivamente do que ele fez comigo.

—Crow... —Foi a primeira vez que eu falei seu nome. E eu gostei de como soava, como se fosse meu.— Crow.

Ele gemeu contra minha boca e seu pau se contraiu em resposta. Ele Agarrou minha bunda apertando e massageando com força.

— Sua boceta sempre está tão molhada para mim Botão.
Só para mim.

— Sim... Meu corpo nunca tinha reagido bem com ninguém. Nunca esteve tão excitado. Nem quando eu perdi minha virgindade fiquei tão excitada. Crow me causava as emoções mais intensas, do ódio à paixão. Todas eram tão extremas que pareciam a mesma emoção.

—Estou ansioso para te encher... com todo o meu esperma...

A área delicada entre as minhas pernas arderam. Nunca tinha desejado o sêmen de um homem tanto quanto eu queria o dele. Pressionei ainda mais forte contra o seu pênis, sentindo meu próprio orgasmo se aproximando.

—Quero que você goze comigo.

Ele chupou o meu lábio inferior e então começou a morder. Empurrou com mais força, abrindo minhas pernas com o seu peso. Sua ereção grossa esfregando contra meu clitóris com cada impulso, trazendo-me mais para o final.

Não seria capaz de suportar muito mais.

— Goze para mim.

Eu agarrei seus ombros buscando equilíbrio e minha boceta apertou firmemente ao seu redor. Todo o meu corpo ficou rígido, enquanto uma onda de prazer percorria por ele. Começou nas profundezas do meu interior e depois se espalhou como fogo selvagem por todo o resto. Eu estava completamente exausta e encharcada de suor, mas não queria parar. Era um prazer muito intenso.

Seu pau endureceu dentro de mim enquanto ele gozava. Eu podia sentir os jatos de sêmen me enchendo profundamente, era abundante e estava indo parar, onde deveria estar. Estava quente e grosso. Eu nunca permiti, por livre e espontânea vontade que um homem gozasse dentro de mim. Ele foi o primeiro e foi a coisa mais sensual que eu já fiz.

Os olhos do Crow perderam sua escuridão quando o calor dissipou. Seu pau amoleceu dentro de mim, mas ainda continuava me esticando com sua espessura natural. Ele colocou o braço em torno da minha cintura, me colocando na cama. A faca estava na mesinha de cabeceira, fora do nosso alcance.

Como se nada tivesse acontecido, ele se aconchegou ao meu lado

e fechou os olhos. Eu estava com uma perna na sua cintura, e ele ainda tinha o braço em torno de minhas costas. No momento em que a diversão acabou, ele não estava preocupado se eu atentaria novamente contra a sua vida. Ele Não tinha uma única preocupação, era como se nada pudesse tocá-lo. Ele adormeceu quase que instantaneamente, seu corpo quente, me mantendo confortável.

Eu contemplei seu rosto até fechar meus olhos. Sua expressão se tornou mais tranquila, e seus olhos haviam suavizaram. Ele não possuía a tensão de um criminoso. Crow voltou a ser um homem. Um homem que eu nunca tinha conhecido.

Fazia muito tempo que eu não dormia tão bem a noite, a última vez foi quando dormi na minha própria cama. Não tive nenhum pesadelo que me obrigou a me levantar em um salto da cama. Não havia sonhos que me faziam chorar silenciosamente, enquanto dormia. A única coisa que eu senti foi paz. Crow me abraçou apertado toda a noite. Foi a primeira vez que me sentia segura.

Na manhã seguinte o alarme tocou e ele saiu da cama. No momento em que seu corpo desapareceu, a cama ficou um pouco mais fria. Ele entrou no banheiro e tomou banho para se preparar para o dia que estava pela frente.

Me Envolvi mais nos lençóis para combater o frio e voltei a dormir. Pareceu que passou apenas alguns segundos e ele já estava saindo do banho, colocando um dos seus ternos sob medida. Crow vestiu o paletó e colocou um chamativo relógio no pulso. Olhou no espelho, procurando marcas na sua roupa. Ele parecia um modelo Armani pronto para desfilr na passarela. Sua confiança enchia o ar, cortando-o como uma faca.

Sentei na cama e levei os lençóis até o meu peito para me manter aquecida. Eu adorava vê-lo se mover. Ele tinha o tipo de elegância que conservava uma masculinidade inata. Seu jeito pretensioso dava um caráter régio aos seus movimentos. Crow possuía tudo assim que pisava em um lugar. Esse tipo de poder era muito sexy... mesmo que eu recuse admitir .

Ele me viu pelo reflexo do vidro. Ajustou a gravata, deixando-a digna de ser exposta em um manequim.

—Bom dia.

— Bom dia. — A faca ainda estava na mesa de cabeceira. O aço brilhava à luz da lâmpada. Lembrei da noite anterior. Eu fui para

matá-lo, mas em vez disso, eu transei com ele como se aquilo fosse tudo o que eu precisasse.

Ele veio até a cama e se inclinou para me beijar. Ele parecia não se importar com meu hálito matinal. Ele me beijou igual fazia durante nossas noites juntos.

Eu derreti com o seu contato, igual manteiga no pão quente. Minhas mãos seguraram os braços dele, porque eu não queria ele fosse embora. Queria arrancar aquela roupa de grife e forçá-lo a ficar em cima de mim.

Ele afastou os lábios, mas os manteve perto dos meus.

—Devolva esta faca ao Lars. Ele a está procurando. —Havia uma ameaça escondida em seus olhos. Ele não estava feliz com meu comportamento da noite anterior.— Vou te castigar quando chegar em casa.

— Vai me castigar?

— Sim. Ele agarrou o meu cabelo, próximo a minha nuca e me segurou. Fiquei imóvel, feito de ferro. — Um atentado contra a vida de seu amo não pode passar despercebido. Sugiro que você descanse até eu voltar.

Sua ameaça não me preocupava. Ele podia tentar me causar algum dano, eu o enfrentaria. Não era porque eu não tinha armas, que não era capaz de dar um soco. Crescer em certos bairros me deu nervos de aço. Era difícil me intimidar. Muito difícil.

Ele voltou para a casa na mesma hora de costume e foi para seu quarto tomar um banho e trocar de roupa. Ele não foi até o meu quarto para dizer oi . Sem me dizer uma palavra, eu sabia que ele esperava que eu descesse para jantar vestida com algo lindo.

Se não obedecesse, teríamos uma briga, e eu preferia poupar minha energia para tudo o que ele tinha planejado para mim. Quando se tratava do Crow, eu deveria escolher as minhas batalhas. Talvez eu fosse uma adversária altura, mas ele não ficava abaixo.

Sentei na frente dele na mesa de jantar, vestida com o que eu achei no armário. A maioria do meu guarda-roupa consistia em vestidos. Crow preferia classe, uma mulher vestida com elegância, mostrando os ombros e as pernas.

Ele tomou um gole de vinho e então começou a comer. Não conversou comigo. Nenhuma menção do que tinha acontecido na noite anterior. Às vezes, estava de bom humor e comunicativo e outras

vezes não. Seus estados de humor eram imprevisíveis. Ser sua prisioneira por mais de um mês não foi tempo suficiente para desvendar suas rotinas.

—Bom, quando você irá me castigar? —Provavelmente eu não deveria provocar, mas não podia evitar. Eu gostava de colocar obstáculos, lembrá-lo que não podia me dominar tão facilmente.

— Assim que terminarmos de jantar. -- Crow continuou comendo com seus modos impecáveis. Seus movimentos elegantes contradiziam a escuridão dos seus olhos. Ele era um cavalheiro, mas ao mesmo tempo, era o próprio diabo.

— E exatamente o que pretende fazer comigo?

—Você pode esperar até depois do jantar. —Ele sempre tinha que dominar a conversa. Fazia movimentos sutis para me rebaixar e ele ficar por cima. Continuei provocando.

—Não, não posso.

—Não quero que você perda o apetite.

—Nunca tenho apetite quando eu tenho que olhar para você. — Lhe dei um olhar frio, eu o odiava e o adorava ao mesmo tempo. Eu gostava quando ele me beijava e me fodia com tanta paixão. Nenhum homem nunca me pegou assim, como se precisasse me ter imediatamente naquele exato momento. Era o tipo de atração que eu só tinha ouvido falar. Mas também o desprezava por me manter prisioneira. Ele me tratava como um peão em um jogo, como um brinquedo que ele gostava de jogar.

Minhas palavras não o alteraram. Ele parecia não se importar.

— A única coisa que eu preciso fazer é enfiar meus dois dedos. Então veremos como está seu apetite. —Ele manteve seus olhos nos meus com um olhar frio.

Minhas coxas apertaram automaticamente, sabendo que ele estava certo. Meu corpo ficaria perigosamente desidratado porque toda vez que ele estava diante de mim, eu ficava encharcada.

Ficamos em um silêncio desconfortável até o jantar terminar. Esperava que ele me contasse seus planos para a noite, mas ele não o fez. Bebeu um copo de vinho, igual a todas as noites quando ia jantar. Crow jogou fora o resto, nunca guardava uma garrafa que já havia sido aberta.

— Já terminei. —Deixei o guardanapo na mesa e me levantei.

—Sente. —Sua ordem saiu do fundo da garganta. Ele nunca elevava a voz, mas soava poderoso de qualquer jeito.

Eu não queria obedecer. Queria ficar ali de pé, lhe desafiando. Mas eu também queria saber quais eram os seus planos para mim. A garrafa de vinho estava em cima da mesa, eu poderia jogá-la na sua cabeça. Voltei a sentar na cadeira.

—Suas ações me afetaram muito. — Crow estava sentado em sua cadeira como se fosse um rei e eu uma súdita prestes a ser executada.— Nunca senti tanto tédio em toda minha vida. Essa última parte me confundiu.

—Mas você deve ser punida por suas ações. Então eu vou te amarrar, vou te bater com o meu cinto e depois vou te foder. Este é um castigo digno de seu comportamento, Botão.

Já haviam me batido com um cinto. Não parecia doloroso, mas era. As picadas do couro sempre marcavam a pele, deixando-a vermelha e machucada. A dor persistia por dias, e as cicatrizes levavam semanas para desaparecer.

— Você acha que eu faria isso em troca de um botão?

—Sim, será em troca de um botão. — Ele manteve o olhar, me informando que se eu o desafiasse não iria me ajudar naquela situação. Ele iria conseguir o que queria, sem se importar se eu colocasse resistência.

—Não. —Eu não permitiria que ele me movesse como uma boneca de pano. Aquilo não era novidade para mim.

---Sim. Suas ações são indefensáveis.

—Talvez eu não estivesse tentando te matar se você não tivesse tentado me asfixiar à noite.

—E talvez, eu não tivesse feito isso se você simplesmente admitisse que é minha.

Eu cruzei meus braços sobre o peito.

—Prefiro morrer antes que isso aconteça.

—Então eu te matarei e depois trarei você de volta à vida. —Aquilo não era uma ameaça vazia. Crow me olhava como se levasse

cada palavra a sério.

Às vezes eu esquecia que ele era um verdadeiro psicopata. Não do tipo demente como o Bones, mas também não menos instável mentalmente.

—Não vou deixar você me dar uma surra. Que fique claro para você.

—Não vou te dar uma surra. —Foi o que você disse.

—Eu falei que vou bater em você. Vai doer um pouco, mas te dará tanto prazer que você não vai nem notar.

—Já me bateram com um cinto. Não proporciona nenhum prazer. Talvez você devesse me deixar bater em você, vamos ver se você gosta. Ele não respondeu ao sarcasmo.

— Você vai gostar.

— Já disse que não .

—Comigo você vai gostar, eu prometo.

—Não .

Ele se inclinou sobre a mesa, com os cotovelos repousando sobre a superfície.

—Botão.

Olhei para ele sem pestanejar.

—Crow.

Ele odiava que eu o desafiasse, mas, ao mesmo tempo adorava. Era óbvio que pela intensidade do seu olhar. Seus braços tremiam de frustração. Ele Levantou dois dedos.

—Dois botões.

Levantei uma sobrancelha.

— O que isso quer dizer?

---Em vez de um, vou te dar dois.

Eu não tinha me dado conta que o custo das minhas ações seria negociável.

—Cinco, no mínimo .

Ele ficou me olhando, com um olhar calculista.

Eu não iria passar por aquilo sem uma recompensa que valesse a pena. Cinco botões para uma sessão era algo razoável. Isso me salvava de cinco dias de escravidão. Seria cinco dias mais próxima da liberdade.

—Cinco é demais.

---Se fosse você ,pensaria ao contrário.

—Não vou te machucar, Botão.

---Muito fácil para você dizer isso.— São cinco. —Eu não tinha a intenção de ceder. Eu valia mais do que dois botões.

Crow apertou a mandíbula enquanto ele considerava a oferta. Seu pau estava duro como uma pedra dentro da calça, só de imaginar a violência que iria me causar. Ele não queria desperdiçar tempo naquela discussão. Queria ir direto para a parte boa.

—Quatro.

—Cinco.

Ele agarrou a borda da mesa antes de ceder.

—Cinco.

Crow me empurrou em cima da cama e amarrou meus tornozelos com uma fita de renda amarela que ele tirou do bolso. Eu estava nua e de bruços. Ele juntou meus pulsos e os amarrou junto as minhas costas, para evitar que eu me mexesse.

Ele subiu em cima de mim e tirou meu o cabelo da nuca. Beijou suavemente meu pescoço, seguindo a minha coluna, até chegar na minha bunda. Seus lábios encontraram minha abertura e ele me beijou levemente, fazendo-me arquear para trás de prazer.

Eu esqueci que estava amarrada como um boi, e me limitei a desfrutar. Ele era um Deus com a língua e sabia como me reanimar. Ele introduziu a língua na minha abertura e depois esfregou meu clitóris vigorosamente.

Meu ódio por ele desapareceu, foi substituído pelo fogo do desejo no meu abdômen. No auge da paixão, existia apenas nós dois. Não havia dúvida, nem mudança de opinião. Estávamos juntos, e naquele momento, sempre estaríamos juntos.

Ele subiu nas minhas costas, encostando seu peito em mim. Beijou os meus ombros, antes de virar o meu rosto em direção a ele e beijar minha boca. Eu pude sentir o meu sabor, e aquilo me fez ficar ainda

mais excitada.

Ele manteve sua boca contra a minha, mas parou de me beijar.

— Sua palavra de segurança é renda .

A palavra de segurança me assustou, porque desta vez seria necessário. Mas também me fez queimar com mais intensidade, por ter uma opção. A única coisa que eu precisava fazer era dizer a palavra e ele pararia na hora. Ele me dava o poder, do tipo que eu nunca tive com o Bones. —Repita .

—Renda.

Ele se levantou e agarrou o cinto preto em cima da mesa. Ele usava apenas boxer pretas , expondo suas coxas musculosas, grossas e fortes. Seu estômago era forte e definido, eu podia ver sua barriga definida mesmo no escuro. Seu peito se expandia com cada respiração excitada. A escuridão tinha se estabelecido em seus olhos.

—Você tentou me matar na minha própria cama. —Ele levantou o cinto.

Eu fechei meus olhos e me preparei para o golpe. Já haviam me batido antes com um cinto e embora não fosse uma dor agonizante, era óbvio que doía . Mas a antecipação da dor era pior do que a própria dor.

Ele bateu o cinto contra a minha bunda do lado esquerdo, causando um baque assim que o cinto tocou minha pele.

Soltei um grito involuntário.

Ele respirou profundamente, como se tivesse gostado da minha reação.

—Você merece ser punida pelo que fez. —Ele me bateu outra vez com o com o cinto, do lado direito da minha bunda.

Eu apertei o maxilar e tentei não fazer qualquer som. Eu já tinha deixado escapar um grito e estava envergonhada.

Ele voltou a me bater com o cinto.

Meu corpo se contraía com o impacto. A minha pele queimava e eu podia sentir como ficava vermelha. Em vez de ficar seca, a minha boceta ficava ainda mais molhada. Para meu espanto, eu estava realmente gostando. Gostava muito do ardor do couro contra minha pele.

Doía, mas era agradável ao mesmo tempo.

Ele voltou a me bater.

---Se você tentar me matar outra vez, verá o que vai te acontecer.
—Me bateu três vezes seguidas, batendo no mesmo lugar com agressividade.

As lágrimas queimavam nos meus olhos, mas não as deixei cair. O que não pude evitar eram os gritos que estavam tentando sair da minha garganta.

—Para. Por favor. — minha bunda inteira doía, eu sabia que não seria capaz de sentar por semanas.

— Você quer que eu pare? — Crow voltou a bater na minha bunda— Vou parar quando você aprender a lição.

As lágrimas inundaram meus olhos até emergir à superfície. Caíam pelo meu rosto e meu nariz estava escorrendo. Meu corpo reagia, sentindo dor, mas minha boceta se contraía de desejo. A dor me fazia sentir prazer.

Eu estava doente.

Ele jogou o cinto no chão e rasgou a fita dos meus tornozelos com um único puxão. Me colocou de costas, com as mãos debaixo do meu corpo. O fogo nos olhos dele havia se tornado um Inferno em chamas. Queimando tudo em seu caminho. Ele me desejava. Ele separou as minhas pernas e se inclinou sobre mim, enfiando de uma vez seu pau duro como uma pedra. Ele contemplava as lagrimas que caíam pelo meu rosto , seu pau estava mais grosso e mais duro do que nunca. A visão das minhas lágrimas o deixou mais excitado ainda. Minha dor era sua fantasia.

Ele enterrou seu pau dentro de mim, sem preâmbulos e escorregou pela umidade que estava entre as minhas pernas. Ele gemia enquanto me fodia, com as bolas batendo na minha bunda enquanto saltava com violência.

Senti o sal nos meus lábios e lágrimas pararam de brotar. Contemplei seu peito poderoso enquanto ele se movia dentro de mim. Ele brilhava de suor e força. Eu queria me esticar e tocá-lo, mas ele tinha as minhas mãos atadas.

Crow pegou minhas pernas e as colocou acima dos seus ombros, me comprimindo com força contra a cama. Ele me penetrou com agressividade, utilizando o colchão de molas para rebater minha bunda contra o pau dele. Ele me fodia com mais força do que nunca.

— Você está mais molhada do que as outras vezes.

Eu devia sentir nojo por ter concordado com aquilo. Sua obsessão por me fazer mal deveria me dar nojo. Mas eu estava sendo arrastada para a escuridão junto com ele. Eu era um animal, como ele. Meu cativo com o Bones era um pesadelo feito realidade, mas ser a prisioneira do Crow era a experiência mais erótica da minha vida.

—Sua boceta é minha. —Ele pressionou sua testa contra a minha e me penetrou de uma vez só. — Diga.

Minha boceta aceitava seu pau uma e outra vez, ficando cada vez mais úmida com um orgasmo que estava se aproximando no horizonte. Eu senti ele começar nas profundezas do meu ser e se espalhando lentamente pelo resto do meu corpo. No interior das montanhas havia começado uma avalanche, e a neve estava caindo lentamente em minha direção.

Ele pressionava a minha boceta enquanto empurrava, esfregando meu clitóris com violência.

—Diga.

Eu não era sua, nem nunca seria. Mas ele havia tomado o meu corpo. Possuía minha reação. Era dono da maneira em que eu gozada ao redor do seu pau.

— Minha boceta é sua.

Minha rendição o fez emitir um gemido profundo, saindo do fundo da sua garganta.

—Toda minha. —Ele queria gozar, mas se conteve, me fodendo com mais força, para que eu alcançasse o orgasmo ao mesmo tempo que ele.

O Orgasmo começou lentamente dentro de mim, mas uma vez que estava perto, chegou na velocidade da luz. Me despedaçou em um número infinito de pedaços. Eu desmoronei, quebrando peça a peça, até não sobrar nada. Só uma sensação abrasadora entre minhas pernas. Um prazer louco se espalhava por mim, me mandando para as estrelas e me trazendo de volta para onde estava. —Oh, Deus... —Foi o orgasmo mais poderoso que eu já tive. Senti tanto prazer que doía. Durou uma eternidade, combinando orgasmos múltiplos em uma única e ensurdecadora explosão —. Crow... —mantive meus olhos no seus e eu caí nas suas profundezas, mais unida a ele do que nunca desejaria estar.

—Botão. — Ele introduziu completamente dentro de mim,

enquanto gozava, gemendo de prazer enquanto preenchia meu interior com seu sêmen.— Foda-se. —Ele Pegou minha nuca e me imobilizou enquanto estava dentro de mim, querendo ter a certeza de que me dava até a última gota.

Eu me contorcia sob ele, me agarrando a euforia enquanto ele desaparecia. Queria que aquela sensação não terminasse nunca. Foi fantástico, a melhor transa esquisita do mundo. Era melhor do que a liberdade.

E foi então que a culpa me invadiu. Eu estava gostando muito daquilo. Eu Tinha um namorado em casa preocupado comigo, e eu estava fazendo sexo gostoso em um país estrangeiro. Aquilo não só me transformava em uma puta. Eu também era uma péssima pessoa.

Crow notou a mudança nos meus olhos. Viu como a luz se apagava para sempre.

— Onde você foi?

Não queria falar sobre o assunto com ele. Eu havia acabado de confessar que a minha boceta era dele. O Jacob não passou pela minha cabeça nem uma vez. Eu havia me libertado sem pensar nas consequências.

—A lugar nenhum.

Depois de tomar um banho, Crow entrou no meu quarto. Ele colocou uma pomada na minha bunda, para aliviar a dor. Minha bunda estava vermelhas e cobertas de hematomas. Embora doesse, eu ainda desfrutava com ela. Lembrava da maneira feroz em que ele me possuiu. E aquilo fazia com que a área entre as minhas pernas suspirasse por ele .

Crow foi até o pote que repousava sobre a prateleira, com dois botões na parte inferior. Pegou cinco botões do bolso e os deixou cair dentro do bote, o que me resultou e um total impressionante de sete botões.

Sentou ao meu lado na cama, com um olhar carinhoso. O calor e a escuridão desapareceram assim que terminarmos.

— Você estava gostando. E de repente você desapareceu. O que aconteceu?

Ele se tornava duas pessoas diferentes, dependendo da hora do dia. Naquele momento, estava sendo o homem doce e protetor, que aparecia de vez em aquele homem não tinha interesse em me causar nenhum dano, e me protegeria de qualquer coisa. Se interessava pelos

meus sentimentos e meus pensamentos. Eu adorava aquela faceta dele. Mas também gostava da parte selvagem.

—Não quero falar sobre isso.

Crow afastou o cabelo do meu rosto e passou seus dedos entre os fios. Ele me tranquilizava em silêncio, me levando a um lugar seguro. Ele se inclinou e beijou minha bochecha e depois meu ombro, me tratando como uma deusa que ele adorava.

— Eu fiz alguma coisa?

—Não. —Quero dizer, sim. Eu estava naquela situação porque ele não queria me deixar ir. Não parava de me foder, e fazer que eu gostasse daquilo

—Estou aqui se mudar de ideia.

— Eu sei... — Meu coração amoleceu com a sua oferta.

Ele Colocou meu rosto entre suas mãos e me deu um beijo.

—Boa noite.

—Boa noite. —Não queria que ele fosse. Quando eu dormi com ele na noite anterior, foi a noite em que dormi melhor. Ninguém podia me tocar quando eu estava nos braços dele. Bones não poderia me pegar. Ninguém poderia.

Ele deixou meu quarto e fechou a porta.

Meus olhos moveram para o pote que estava na prateleira e vi sete botões diferentes que estavam dentro. Todos eram de cores diferentes e vieram de diferentes lugares. Cada um era único, especial. Era a moeda mais estranha que eu tinha ouvido falar.

Deitei na cama e me senti sozinha. O quarto era muito grande e eu era muito pequena. Meu passado me perseguia e eu não podia escapar. Continuei a pensar no Bones e como ele tinha me machucado. Mas depois pensei no Crow fazendo a mesma coisa comigo e o quanto eu gostava. Não fazia qualquer sentido. Nada se encaixava.

Finalmente peguei no sono, mas eu não dormi nada. Em vez disso, tive pesadelos. Sonhei com o Jacob, tentando me encontrar quando eu desapareci. Imaginei a tristeza em seus olhos quando ele não sabia para onde ir. Ele estava perdido sem mim, morando no apartamento que vivíamos junto. Ele foi a polícia e tentou de tudo o que podia para me encontrar, mas a pista tinha esfriado. Ele tinha me

perdido para sempre.

Então o sonho passava para o Bones. Seu rosto grotesco contemplava o meu, antes de me bater com toda a força que podia. Um taco de baseball aparecia do nada e ele me perseguia pela casa, preparado para partir minha cabeça.

Crow aparecia e o afastava com um empurrão, quebrando o taco sobre a coxa antes de enfiar as duas partes no estômago do Bones. Em seguida o Bones caía, morto no local. Crow vinha até mim, me envolvendo em seus braços protetores.

—Botão, ninguém lhe fará mal. Minha palavra é a lei.

—Sua voz estava vaga, confusa pelo sono. Eu o abracei e finalmente me senti segura.

De repente o Bones voltava a vida e retirava os pedaços de madeira do seu estômago. Ele então corria até o Crow, e atravessava o pedaço de madeira nas costas dele, a madeira perfurou as costas do Crow chegando até o meu peito. Estávamos presos, empalados juntos. Bones ria enquanto a luz deixa os olhos do Crow.

—Para.

—Desperta.

"Vamos, Pearl". —Levante.

Finalmente consegui despertar e sentei na cama. O meu corpo estava coberto de suor e eu não conseguia estabilizar a minha respiração. Peguei o lençol e era possível sentir a umidade que molhava o tecido. Precisava de algo para confirmar que eu estava realmente acordada: que estava segura.

Meu coração estava a um milhão de batimentos por minuto e meu estômago estava dando voltas. Diante dos meus olhos estavam se desenvolvendo as visões do sonho, se dissipando lentamente como fumaça ao vento. Mesmo quando eu tentava banir imagens da minha cabeça, o medo ainda agarrava o meu coração.

Levantei da cama e deixei que meus pés tomassem a iniciativa. Sai do quarto e subi as escadas até o terceiro andar. Seu quarto ficava no final do corredor, e eu andei o mais rápido que eu podia, sem correr.

Eu estendi a mão, agarrei a maçaneta e girei, mas estava fechado. Não se movia. Bati meus punhos contra a porta e desejei que ele pudesse me ouvir do quarto. Quando minhas mãos cansaram, eu

apoiei a testa contra a porta e tentei manter a calma. Era só um pesadelo. O Bones não poderia me pegar naquele momento.

A porta se abriu e o Crow olhou para mim com o rosto inexpressivo. Suas sobrancelhas estavam franzidas e o cabelo ligeiramente despenteado por dar voltas na cama. Ele usava somente um cueca preta.

— O que está acontecendo, Botão?

Eu pulei contra o seu peito e coloquei a bochecha contra seu coração, que batia lentamente.

—Um pesadelo.

Ele me envolveu em seus braços e suavemente esfregou minhas costas. Seu queixo descansando na minha cabeça, ele me consolou em silêncio, deixando o seu carinho fazer a maior parte do trabalho.

Quando eu estava nos braços dele, eu me sentia melhor imediatamente. Me sentia tranquila, como quando dormi com ele. Eu amava meu quarto, mas não queria ficar sozinha. Queria dormir ao lado de meu guardião dos sonhos. Me afastei dos seus braços e fui para o quarto dele. Ele agarrou minha mão e me parou.

— O que você está fazendo?

—Indo dormir. — Puxei minha mão para me liberar.

—Você não pode dormir aqui.

Eu virei para ele, pensando que eu tinha ouvido errado.

— O que você disse?

—Você não pode dormir aqui —Crow repetiu— Este quarto é meu, não seu.

—Noite passada eu dormi aqui.

—Aquelas foram circunstâncias especiais. O que ele estava falando?

—Você me bate, me fode, mas você não quer dormir comigo? —Não podia evitar a raiva que subia pela minha garganta. —Eu tive um pesadelo e eu não quero ficar sozinha, mas você vai me rejeitar de qualquer maneira? —Doía me abrir para ele e mostrar a minha vulnerabilidade e ele não se importar nem um pouco.

—Eu te acompanharei até o seu quarto e ficarei deitado até você dormir. Isso só agravava o problema.

— Então você vai me acompanhar porque sente pena?
Seus olhos escureceram de irritação.

— Não sei o que você espera de mim. Eu sou seu amo e você é minha escrava. Eu não sou seu namorado. Eu não sou nem seu amante. E eu não te devo nada.

Aquilo foi como um tapa na cara.

— Foda-se, Crow .

Ele ficou parado, em silêncio, como uma estátua.

— Deveria ter te matado quando eu tive a chance. — Saí como furacão batendo a porta a trás de mim. Eu estava tão irritada que não conseguia ver as coisas claramente. Meu coração tinha começado a apreciá-lo, a confiar nele, ao me rejeitar com aquela crueldade, Crow me fez sentir estúpida. Me fez sentir muito mais do que estúpida. Me fez sentir uma maldita idiota.

Cega de raiva sem ver por onde eu ia, praticamente corri pelo corredor até a escada. Tropecei no degrau e caí rolando até o último degrau. Meu corpo se chocou contra o piso, e fiquei ali, com o corpo todo dolorido, especialmente meu tornozelo.

Não levantei porque não sentia motivação. Não havia motivo. Acabava de chegar no fundo do poço e eu sabia disso. Olhei para o quarto e vi a entrada do outro lado. Toda a minha vida eu levantei logo depois de cair. A derrota era algo que eu nunca havia aceitado. Mas naquele momento, ela era bem vinda.

Alguns passos rápidos soaram atrás de mim e pararam ao meu lado. Mãos fortes me pegaram e me levantaram no ar.

Não precisava olhar para saber quem era.

Crow me levou até meu quarto e me colocou em cima da cama. Me olhou rapidamente, examinando para verificar se eu não estava ferida. Ele tocou meu tornozelo com as pontas dos dedos para se certificar de que não foi deslocado.

Como poderia me rejeitar tão friamente e cuidar de mim como se eu importasse?

— Estou perfeitamente bem, vai embora. — Dei um pontapé na sua mão e arrastei minha cabeça até o travesseiro. O suor tinha evaporado do lençol e já não estava tão molhado.

Seu corpo afundou o colchão ao meu lado e ele passou seu braço

ao redor da minha cintura. Seu peito pressionando contra as minhas costas, e eu podia sentir sua respiração no meu pescoço.

— Eu vou ficar aqui até você dormir.

—Estou muito bem. Você pode ir embora.

Crow ficou onde estava, me apertando com força contra seu peito.

Assim que ficamos calados, meus olhos começaram a fechar. O esgotamento começou apoderar do meu corpo. Lentamente, me deixei ir, até que terminaram meus pensamentos. Dormi sem sonhar. Graças a ele.

Capítulo 23

Crow

Estava sentado no meu estúdio com minha garrafa de Whisky. Estava revendo as margens do mês dos Vinhedos e fiquei feliz de ver que o novo centro de distribuição era um sucesso. Gerando receitas que compensavam as despesas.

A voz do Lars surgiu pelo interfone.

—Excelência, Cane acaba de se aproximar do portão.

Meu sangue congelou quando percebi o que ele disse.

—Obrigado.

— Devo deixá-lo entrar?

—Aguarde alguns minutos.

—Claro, senhor.

Deixei meu escritório e desci as escadas para o quarto dela. Provavelmente Pearl estava lendo no sofá. Ela não falou comigo desde ontem à noite. E não conseguiu esconder o seu ódio por mim. Na verdade, naquele momento ela me odiava. Mas isso iria mudar na próxima vez que eu estivesse entre suas pernas.

Não a chamei como normalmente fazia. Atravessei a porta com pressa.

Ela estava sentada no sofá, exatamente onde eu esperava que estivesse.

—Um, você sabe o que é bater na porta?

—Vem comigo. Agora. — Estalei os dedos e aponte para a porta.

Seus olhos abriram ofendidos. Ela abriu a boca para me responder.

—Cane está aqui. —Não precisava dizer mais nada.

Ela deixou o livro e veio para o meu lado, com pânico em seus olhos.

—Sei que ele virá aqui te procurar. Siga-me. —Subi as escadas até o terceiro andar, com ela pisando nós meus calcanhares. Entrei pelo corredor a direita, me afastando do corredor o qual estava localizado o meu dormitório. Peguei uma chave do bolso e abri a grande porta

verde. Ela estava ao meu lado, olhando hesitante para a porta.

— Que quarto é este?

— É um em que ele não entrará. — Entramos e fechei a porta.

Ela engasgou ao ver correias de couro pendurada no teto, uma cama de casal, uma prateleiras cheias de brinquedos sexuais e alguns chicotes.

— Meu Deus...

Eu não a convidei para o meu quarto de jogos porque sabia que ela não estava preparada. Mas naquele momento eu não tinha escolha.

— Simplesmente fique aqui até que eu venha lhe buscar. Fique à vontade.

— E eu tenho que ficar aqui? — Ela perguntou com descrença.

— A não ser que você queira descer comigo? — ameacei.

Pearl me fulminou com os olhos, antes de se aproximar da cama. Sentou e levou os joelhos até o peito.

— Voltarei em uma hora mais ou menos.

— Está bem.

Deixei o quarto e fechei a porta. A porta de aço manteria o Cane do lado de fora. Eu não queria que ele colocasse as mãos na minha escrava. Não queria que ele tocasse na minha posse.

Percorri a mansão até a entrada, onde encontrei o Cane. Ele estava usando um dos seus melhores ternos e tinha a aparência de um cidadão proeminente. Sua barba estava feita com perfeição e o seu cabelo estava bem penteado. — Olá, irmão. Quanto tempo não te vejo.

— Olá, Cane. — Ocultei minha irritação o melhor que pude. Quando ele sabia que estava me incomodando, ele passava a me irritar ainda mais. — Miguel me disse que eles receberam o primeiro carregamento. Eles adoraram o produto.

— Como deveria ser. — Cabe ficou parado com as mãos nos bolsos — É o melhor armamento que o mundo já viu. Nem se comprara com o do Bones.

— O Bones não pode ser comparado com nada. — Falar sobre negócios era o único assunto que eu e o Cane conseguíamos tratar de

forma civilizada. Nós tínhamos os mesmos interesses em mente, e trabalhávamos bem juntos. Quando passávamos para os assuntos pessoais, entrávamos em conflito. Desde a morte da Vanessa, as coisas se agravaram entre nós. Ela era a cola que nos mantinha juntos. Ela impunha disciplina e nos mantinha na linha, talvez porque ela se parecia muito a nossa mãe.

Quando eu pensava muito nela, uma dor se acumulava dentro de mim. Sentia a pena se infiltrando na minha pele. A agonia era muito intensa para suportar, então eu fui empurrando para os cantos mais obscuros da minha mente.

—Bom, onde está o seu brinquedo?

—Amarrada por aí.

Ele sorriu como uma criança animada.

— Então você finalmente encontrou coragem para lhe dar uma boa surra?

O única coisa que eu havia feito foi bater nela com o cinto... e isso me deixou duro como uma pedra. Sua pele ficava vermelha toda vez que o couro a tocava, eu pensei que gozaria nas calças , só de lembrar.

—Pode-se dizer que sim.

— Como foi? — Cane perguntou. — Ela é das que choram? Das que gritam?

Aquela pergunta era muito pessoal. O que o Botão e eu tínhamos era algo íntimo. Ela era minha e não a dividiria com mais ninguém. Eu nem queria compartilhar histórias sobre ela.

— Você veio por algum motivo? Ele me olhou inexpressivo.

—Você é um idiota.

Esperei ele responder minha pergunta, não me importava com seu insulto.

— Quero experimentá-la. Esse era o acordo.

Não deixaria que ele se aproximasse da minha escrava. Pearl pertencia a mim. —Está fora dos limites. Fim da discussão.

— Mas que inferno? —Respondeu. —Eu também mereço a minha

vingança. Quero causar dano ao Bones igual ele fez comigo.

—Teremos nossa vingança. Não se preocupe.

—Ótimo, porque estamos ficando sem tempo. Teremos que enviar o cadáver dela em breve . O que ele tinha acabado de dizer?

— O Que você quer dizer?

—Bones enviou uma mensagem.

Seu longo silêncio indicava que o plano principal do Bones seria tomar represálias imediatamente. Ele queria nos golpear com força. Mas ele não podia seguir nosso rastro. Nós estávamos espalhados por todo o país e pela França. Era mais fácil encontrar uma agulha num palheiro.

—O que ele quer?

—Disse que pagará vinte milhões de dólares por ela.

Eu mantive uma expressão estoica, mas o meu coração estava acelerado. Sentia um ódio porque ele estava disposto a pagar tanto para recuperá-la. Ela era minha. Não poderia comprá-la novamente. Ela não estava à venda.

— Você acredita? —Cane perguntou.—Porra, vinte milhões de dólares. É uma loucura. Tem a boceta mágica, ou algo assim? —Fecha. A. Porra. Dessa. Boca. — falei com um olhar ameaçador. Ninguém falava assim dela...

somente eu.

Ele arqueou uma sobrancelha.

—Merda. Agora você também está obcecado por ela. O que essa mulher tem? Admito que é muito bonita, mas não é uma Top Model.

—Não aceitarei a oferta. —Fim da história.

— Está brincando? —Perguntou.— O caramba que não vamos aceitar o dinheiro. Você tem ideia de quanto é? Sei que somos ricos, mas merda, isso é mais do que a maioria dos países têm na tesouraria.

—Não. —Ela valia mais do que qualquer homem poderia pagar.

—Estou pensando no seguinte —Cane esfregou as mãos —Nós aceitamos o dinheiro e transferimos para a nossa conta. Depois devolvemos a mulher, mas colocamos uma cápsula com veneno nas

veias do braço dela . Quando ela estiver com ele, detonamos a cápsula, e a matamos bem na frente dele. Ele sorriu de orelha a orelha, orgulhoso de seu plano.— Isso sim é uma doce vingança.

Eu não tinha a intenção de deixá-la ir. E claro, não iria matá-la. Eu havia feito um trato com ela, e cumpro com a minha palavra. Quando terminasse de pagar sua dívida comigo, iria deixá-la partir. Mas eu não podia dizer aquilo para o Cane, não sem que ele perdesse as estribeiras.

—Pensarei sobre isso.

— No que você tem que pensar?

—Se nós rejeitamos a oferta do Bones e ficamos com ela, isso o deixará com muita raiva. Essa vingança é ainda mais doce, na minha opinião.

—Não concordo com você.

—Se nos recusarmos a entregá-la a qualquer preço, ferraremos ainda mais com ele. Não há nada mais que um homem odeie do que ficar de mãos atadas. Bones não terá nenhuma maneira de recuperá-la, e ainda saberá que nós a estamos violando e mutilando diariamente. Acho que essa vingança é muito mais doce.

—Talvez —Respondeu.— Mas acho que ainda podemos melhorar a situação.

— Vamos aguardar um pouco e pensar sobre o assunto. —Eu não tinha certeza como faria para corrigir a situação. Se eu a deixasse a Pearl partir, Cane iria interpretar como uma declaração de guerra. Ele amava a Vanessa tanto quanto eu. Se eu negasse sua vingança, ele nunca me perdoaria. Nossos negócios seriam divididos no meio, bem como nosso vínculo familiar. Eu não seria capaz de aceitar esse tipo de rejeição, não do único membro vivo da família.

—Enquanto isso, eu a obrigarei a se ajoelhar e chupar meu pau. Isso é inofensivo. Seus lábios só se fechariam ao redor do meu pau: ambos os lábios.

—Já te falei que ela é minha.

—Já compartilhamos antes. Por que essa é diferente?

—É diferente porque é. —Eu não tinha uma resposta definitiva para lhe dar. E eu não tinha nenhuma justificativa para o meu comportamento. A única coisa que eu sabia era que não permitiria que o Cane chegasse mais perto dela. Nem qualquer outro homem—

Agora, será assim.

—E por que diabos ela ficará com você? Você está monopolizando ela a um mês. Eu pensei que você já estaria cansado dela.

—Bom, pois não é o caso. —Não estava nem um pouco cansado.— Portanto pare com isso agora . Você sabe onde encontrar entretenimento.

—Pagar uma pessoa para lhe dar prazer é uma coisa. Mas violar a escrava de alguém... isso é algo que um homem não pode renunciar.

Seu entusiasmo pela minha propriedade era desconcertante. Nunca havíamos discutido por causa de uma mulher. Sempre existiu mulher de sobra para ambos, éramos homens atraentes. Aquela obsessão era um desafio direto contra mim. E eu não estava gostando.

— Mas você terá que pagar por uma. Agora vá embora. Eu tenho coisas para fazer.

—Você quer dizer é que vai se divertir. Quando Cane virou, bateu seu ombro com violência contra o meu. O ato foi acompanhado com um olhar ameaçador. — Vou colocar as minhas mãos nela Crow, de uma forma ou de outra. Você me conhece. — Ele caminhou até a porta e o meu mordomo imediatamente abriu a porta para ele.

Ele saiu e se aproximou de seu carro esportivo, que estava estacionado próximo a calçada. Colocou os óculos de sol e entrou no carro, ligando o poderoso motor apertando um botão. Ele se virou para mim e me deu o olhar mais frio que eu já tinha visto, mesmo com os olhos escondidos pelo óculos de sol.

Meu mordomo fechou a porta antes que ele saísse com o carro, interrompendo nosso contato visual. Reconhecia quando me faziam uma ameaça e eu não gostava nem um pouco. Ninguém me ameaçava a menos que fosse um suicida. Ninguém. Abri a porta e entrei no quarto de jogos.

Ela estava deitada na cama com os joelhos flexionados. Olhando para o teto e inspecionando as cintas de couro, que estavam pendurados em ganchos. — Foi rápido .

—Não tínhamos muito o que falar. — Meu mau humor se agravou no meu percurso até chegar ao quarto. Eu estava com o maxilar apertado e uma enxaqueca latejante atrás dos meus olhos. Me aproximei até a cama e fiquei de pé com as mãos nos bolsos.

— Te deixaram nervoso. — Ela não estava contente comigo

depois de como a tratei na noite anterior. Ela foi ao meu quarto na esperança de encontrar consolo. Interrompi aquele pensamento rapidamente.

—Ele quer te foder. — Olhei os chicotes e as correntes que estavam em cima da mesa. Eu usei meus brinquedos com um punhado de garotas, mas nunca me diverti tanto. Elas sempre pediam para eu parar assim que começávamos. Outras recebiam dinheiro para desempenhar um papel. Não era emocionante.

Ela sentou na cama, aquilo chamou sua atenção.

— E você vai permitir?

—Ninguém, exceto eu irá te foder.

Ela suspirou aliviada. Não se incomodando em esconder sua reação. Pearl amava ter meu pau dentro dela e não queria o de mais ninguém. Quando nós fodíamos, ela se afundava na escuridão comigo como se estivesse destinada a fazer aquilo. Ela se acostumou rápido a intensidade, com seus nervos de aço e seu coração imprudente. Ela escondia dentro de si um animal tanto quanto eu, embora ela ainda não tivesse percebido aquilo.

—É bom saber isso. Então, por que você está tão... irritado?

—Porque ele não vai esquecer o assunto.

—Mais cedo ou mais tarde ele vai perder o interesse. Eu não tenho nada de especial. —Cruzou as pernas e agarrou os tornozelos.

Foi a primeira vez que eu sorri no dia. Fiquei surpreso com as coisas estranhas que ela dizia.

— O que é engraçado? —perguntou friamente.

—Você.

— E o que eu tenho de engraçado? —Ela respondeu na defensiva, preocupada de que eu soubesse algo que ela desconhecia.

—Você é muito especial. É a mulher mais especial que eu conheci... e eu conheci muitas. — Antes dela eu não tinha conhecido uma mulher que poderia lutar tão ferozmente. Não conhecia nenhuma mulher que não se dobrasse sob pressão. Nunca conheci uma mulher tão forte. Ficava excitado só de pensar.

Ela apertou os lábios com força, como se estivesse pensando no

que dizer em seguida. Uma pergunta se aproximava. O cérebro dela funcionava a todo vapor.

—Vem aqui. —Ela deu alguns tapinhas no edredom em que estava sentada.

Eu não gostava que me dissessem o que fazer, mas não iria rejeitar um convite. Minha obsessão estava sentado na minha sala de jogos e não fazia ideia do perigo que corria. Eu queria amarrar seus pulsos com tiras de couro e pendurá-la no teto.

Tirei meus sapatos com um chute antes de me sentar ao lado dela, apenas alguns centímetros da sua boca. Quando cheguei perto, o meu sangue começou a gritar por liberação. Eu queria dar uma bofetada forte na sua cara, e depois beijá-la com mais força.

— Posso te fazer uma pergunta?

Minha mão pousou em sua coxa, sentindo o músculo sob sua pele bonita.

—Depende.

— Do quê?

— Se você irá fazer várias perguntas que eu não quero responder, quero algo em troca.

—Você sempre quer algo em troca.

—Sim. Não tinha vergonha daquilo. Eu era um homem de negócios. Não fazia nada por caridade—Não queremos todos?

— O que você quer?

—O que eu quero sempre. — Apertei suavemente sua coxa.

— Vou receber um botão?

—Sim. Mas você terá que me dar um botão se você quer respostas. Ela estreitou os olhos.

— Eu tenho que pagar para obter algo de você?

—Exatamente.

Ela me olhou inexpressiva. —Você é um homem dos diabos.

—Esse é o nosso mundo, Botão. É o nosso lema. Se você quer algo

de mim, terá que pagar por isso. Quando eu quero algo de você, eu também tenho que pagar. Essa é a relação mais justa do mundo, na verdade.

Ela olhou para minha mão enquanto eu a massageava.

—Então, o que será?

Ela permaneceu em silêncio, enquanto pensava. Colocou uma mecha de cabelo atrás da orelha, e voltou a removê-lo.

—Quero fazer minhas perguntas.

— E eu quero te foder. Parece que temos um acordo.

—Então, posso perguntar o que eu quiser?

— Posso te foder como eu quiser? — desafiei.

O medo apareceu nos seus olhos quando ela entendeu o que eu queria dizer.

—Não.

—Então seja seletiva.

Ela ficou em silêncio enquanto tentava decidir o que queria dizer. Finalmente, falou.

— Por que você gosta de me fazer mal? Era uma pergunta justa.

—Não sei. Por que você gosta quando eu te causo dano?

—Sou eu que faço as perguntas aqui. Então responda.

—É uma questão de domínio. De força. Somente aqueles que são realmente fortes podem descobrir algo bom no lado mau. Quando você aprecia o prazer em meio a dor, te faz mais forte. Me excita ver uma mulher chorar e ainda assim desfrutar. Se você pode suportar isso, significa que é uma lutadora. — Olhei para ela, com os meus lábios desesperado pelos seus— É por isso que estou tão obcecado por você. Não é como as outras. Você respira fogo. Você é forte. Nada pode te quebrar, nem eu.

Em vez de se ofender com minha resposta, ela parecia um pouco comovida. Aquela não era a resposta que ela estava esperando.

— Você causa dano a todas as mulheres que estão com você?

—Não. Eu faço sexo normal. Simplesmente, não me agrada tanto.

— Você já violou alguém antes?

Até aquele momento ela já havia feito três perguntas.

—Continuarei respondendo suas perguntas, mas você vai ter que pagar por elas.

— Quanto? —Outro botão.

Ela apertou os lábios conforme considerava seu próximo movimento. Havia somente seis botões no pote. Quantos ela gastaria?

—Responda à minha pergunta.

—Você já me perguntou isso semanas atrás.

—E agora eu quero saber se a sua resposta ainda é a mesma.

Ela precisava ter certeza de que eu não era um mentiroso. Quando me fez a pergunta pela primeira vez, não me conhecia tão bem como naquele momento.

—Não, nunca.

— E você iria me estuprar alguma vez?

Eu tentei isso duas vezes, e falhei em ambas.

—Não foi por não tentar. Quando entrei no seu quarto pela primeira vez, eu tinha a intenção de fazer. Mas não consegui.

— Por que não?

Aquela era uma pergunta complicada.

—Não gosto de fazer uma mulher chorar. Não gosto de infligir dor. O medo que você mostrou e as lágrimas que você derramou... eram de medo. Isso não me excita. Eu gosto quando uma mulher me deseja... e que também deseje que eu lhe inflija dor.

—Então, por que você propôs este acordo dos botões?

—Porque percebi que você me desejava. Você precisava de uma desculpa para ficar comigo. Você é orgulhosa demais para se render ante seu captor, mesmo que você se sinta atraída por ele. Tinha que lhe dar uma razão. E a liberdade foi a única maneira de fazer isso acontecer. Eu estava disposto a te perder para sempre para poder te ter

antes que o momento chegasse.

—Então você realmente me deixará partir? Ela já havia feito perguntas suficientes .

—Você passou para o próximo nível. Custará três botões se você continuar. Ela suspirou irritada.

—Isso não é justo. Você não precisa fazer perguntas sobre mim, porque já sabe de tudo. Mas eu não sei nada sobre você.

— Quem disse que a vida é justa? —respondi. Ela olhou com raiva.

—Não deveria pagar para ter suas respostas. Dei de ombros.

—Assim é como a vida é.

Ela me deu um olhar fulminante.

— O que você acha disso? Vou continuar respondendo às perguntas até alcançar o número de botões que você está disposta a pagar. E esta noite os ganhará outra vez. —Estávamos na sala perfeita para eu atingir o meu objetivo.— Nós ficaremos em paz.

—Mas você me obrigará a fazer alguma loucura.

—Nunca te pedirei algo que você não está disposta a fazer. —Ela já me conhecia melhor. E nunca foi forçada a fazer nada contra a sua vontade. Nem seria agora, nem nunca. Bem... exceto ser minha prisioneira.

—Ok. Você realmente me deixará ir embora?

— Quando você pagar sua dívida?

—Sim.

—Sou um homem de palavra, do início ao fim. Seus olhos se encheram de alívio .

—Tenho debatido sobre se eu devo confiar em você ou não.

—Você sabe que eu sou um cara honrado, um criminoso honrado. —Eu não sabia que existia algo desse tipo.

—Pois agora você já sabe. Mais alguma coisa?

—Se você é um cara bom, por que vende armas para os criminosos? Eu nunca disse algo do tipo.

— O que te faz pensar que vendo para os criminosos?

—Você é um traficante de armas. Para quem mais você venderia?

—Nossa empresa cria armas para vender para o governo, para sua defesa. Quando o Bones cria um novo protótipo, nós projetamos algo para confrontá-lo. Então os países sempre estarão preparados para o que virá .

Ela me olhava com uma expressão confusa, notando que tinha assumido o pior. Normalmente Pearl era uma perita em esconder suas debilidades, mas daquela vez não conseguiu esconder seu passo em falso.

— Sério?

— Quando menti para você?—Só pensei que... Estou confusa.

—É evidente.

— Por que fazer isso? Por que vendem armas aos governantes em vez de vender a quem paga mais?

—A vezes os do bem são os que pagam melhor . —Ali estava a minha resposta, mas apenas em parte.— Eu não sei você, mas gosto de me sentir seguro no meu país. Tenho amigos em todo o mundo, e também quero que eles estejam a salvo. Bones é o tipo de inimigo que vai tentar dominar o mundo. Se ele conseguir, ninguém sairá beneficiado. Além disso, o deixa irritado. E eu gosto de irritá-lo.

Ela ainda estava me olhando confusa, incapaz de processar a verdade.

—Então... realmente, você não é um criminoso.

—Também não diria isso. —Havia feito um monte de coisas terríveis. Eu possuía mais características de uma pessoa ruim do que características de uma pessoa boa. —Não se esqueça que você está sendo mantida contra a sua vontade. Você trabalha para pagar a sua liberdade... com sexo. Definitivamente, eu sou um criminoso.

Ela tocava os lençóis com as pontas dos dedos, perdida em seus pensamentos.

—Me pergunto...

—Você tem cinco botões. Vou continuar se você estiver disposta a pagar o preço. Ela estreitou os olhos.

—Suas respostas não valem tanto.

—Não concordo. —Ela sabia muito sobre mim.

—Mas eu tenho mais perguntas...

—Adiante. Mas você vai ter que pagar por elas. — Adorava manipulá-la em troca de sexo. Eu gostava de fazê-la pagar com aquela boca linda e sua boceta estreita.

— Essa é a única coisa que realmente te importa? O sexo? Não respondi à pergunta porque eu não havia entendido.

— Alguma vez você já teve um relacionamento?

—Isso parece outra pergunta.

Ela me olhou de forma inexpressiva .

—Você sabe que pode fazer sexo comigo, é só pedir. Você realmente precisa receber botões em troca?

—Sim. — Sustentei seu olhar sem um pinga de compaixão. — Quanto mais botões você conseguir, mais sexo eu obterei antes de deixar você partir. Não é diferente do saldo de uma conta corrente. Deve-se gastar com prudência.

Quando ela não me fez mais perguntas, eu sabia que ela realmente havia chegado no seu limite. Ela não queria realizar qualquer ato sexual que custasse mais de cinco botões, porque sabia exatamente o quanto valiam... porque eu já tinha feito uma vez antes.

—De acordo. Eu terminei.

—Muito bem. Agora vamos ao que interessa. —Saí da cama e peguei o instrumento no qual eu tinha pensado. Enquanto fazia suas perguntas, eu estava pensando em como eu queria possuí-la. Ver ela sentada na cama de meu quarto de jogos me deixou excitado e com uma ereção daquelas. Minha mente estava indo para lugares sujos... lugares muito sujos.

Eu voltei e deixei o cilindro em cima da cama. Minha boca estava se aproximando da sua para começar com as preliminares. Esquentar uma mulher era a parte que eu menos gostava. Meu pau já estava duro e eu já queria foder. Mas com o Botão, não me importava. Eu adorava beijá-la e tocá-la. Amava os gemidos suaves que faziam seus

lábios se separarem. Ela se contorcia em meus braços, porque me desejava, e eu podia sentir como apertava suas coxas por causa do desejo.

—Eh... o que é isso?

Olhei para os seus lábios, irritados porque eu tive que parar.

— Um Plug anal —Esmaguei minha boca contra a dela novamente e a guiei para deitá-la de costas. Arranquei o meu paletó e o joguei no chão. O fato do meu irmão querer fodê-la me fez desejá-la ainda mais. Ela era minha, e eu nunca compartilhava o que era meu.

—Eh, hein, o que? — Empurrou meu peito com as mãos, me jogando para atrás— Um plug anal?

—Sim. —Uma joia roxa brilhava na extremidade, para quando estivesse na sua bunda, eu pudesse vê-lo brilhar na luz. Ficaria muito sexy entre suas nádegas .—Agora pare de falar. —Agarrei sua nuca e aproximei seus lábios do meu. Ela me empurrou de novo .

—Não vou colocar isso na minha bunda. Esquece.

Pearl também ficou apreensiva antes de eu usar o cinto nela , mas depois que eu usei ela gostou . Eu tinha certeza que também gostaria do plug.

—Confia em mim.

—Não .

—Você vai gostar. — Eu estava em um dilema. Me irritava que ela discutisse comigo, mas ao mesmo tempo, eu gostava mais do que qualquer outra coisa. Era uma companheira que disputava a força comigo. Tinha uma companheira bocuda, teimosa e obstinada—Você gostou quando eu te bati, e vai gostar disso.

—Só tem uma coisa que eu não faço, e isso é o sexo anal. Está fora de qualquer discussão.

O meu pau endureceu ainda mais com o seu desacordo. Naquele momento a bunda dela parecia ser ainda mais desejável. O fato de não poder tê-la, ou pelo menos ela achava que eu não podia, me fazia querer mais.

—Botão. — Minha mão enrolou entre seus cabelos, e me mantive sobre ela. Quando eu fiz algo que não te deu prazer? — A tratava com dureza, mas nunca fazia nada que ela não podia suportar. Aquilo era

muito ponderado.

Ela suavizou sob meu toque, adorando meu lado doce, porque era muito incomum.

—Bones me fez isso um monte de vezes, e foi a experiência mais dolorosa da minha vida. Mais doloroso do que ser golpeada com um bastão. Mais doloroso do que ser cortado com uma faca. Crow, não quero fazer.

Foi a primeira vez que senti algo parecido com empatia. Imaginá-la sendo caçada e golpeada, me fez sentir uma raiva que me percorria a coluna. O fato de que dela ter sofrido sozinha, sem qualquer consolo, destruía o meu coração. Era uma sensação que eu pensava que não fosse capaz de sentir. Mas de alguma forma, eu sentia.

—Deixemos uma coisa clara. Eu não sou ele. Não me pareço em nada com ele. Se você me comparar com ele outra vez, eu te darei uma bofetada tão forte, que você ficará dias fora de combate. Entendeu? —Meu momento de fraqueza me tornou frio como gelo. Não queria ser carinhoso nem compassivo. Não queria me preocupar com nada nem ninguém. Sempre que eu me preocupava, eles desapareciam.

Ela viu as chamas nos meus olhos e assentiu com a cabeça imediatamente.

—Vamos fazer isso. Eu sei que você pode. —Ela era feita de uma fibra mais grossa do que o resto de nós. Nada poderia vencê-la. Ela era como uma super mulher, só que sexy. —Crow...

—Botão. —Mantive os olhos e ordenei a cooperar.

—Sete botões.

Estreitei os olhos ao ouvir sua oferta.

—Cinco. Esse foi o acordo.

—Não vou fazer isso por menos de sete botões .

—Não .

—Então não há um acordo. —Me desafiou com fogo nos olhos. Ela não tinha medo de mim e não via nenhum problema em me enfrentar. Sabia que podia conseguir o que quisesse se me pressionasse com força suficiente.

Chupeí seu lábio inferior até inseri-lo na minha boca e dei uma mordida suave. — Vou dizer o que faremos. Aceitarei os sete. Mas se

você gostar, voltaremos aos cinco. É o justo.

Ela me olhou com surpresa. — Como sabe que não vou mentir? Beije o canto da sua boca.

—Porque nós não nos dizemos mentiras.

A peguei por trás e enfiei lentamente meu pau na sua estreita boceta. Estava quente e molhada, igual as outras vezes que eu senti. Pearl possuía a melhor boceta do mundo. Se ajustava ao redor do meu pau sempre que ele estava dentro. Eu podia sentir ela tremendo de prazer.

Ela estava tão molhada que a umidade escorria pelas minhas bolas. Minha ereção não caberia nela, se não estivesse tão molhada. Ela estava tão carnalmente desesperada por mim, quanto eu estava por ela.

Eu contemplava seu minúsculo ânus e senti meu pau inchar. Não podia esperar para foder aquele pequeno buraco. A esticaria toda, Pearl gritaria de dor e prazer.

Quando senti ela apertar em volta de mim, lentamente se aproximando do clímax, diminuí o ritmo. Não queria que ela gozasse ainda. Queria estar profundamente dentro da sua bunda, quando aquilo acontecesse.

Ela me olhou por cima do ombro e soltou um gemido misturado com um grunhido.

O olhar de necessidade no seu rosto, a súplica para que eu a fizesse gozar, quase me fez explodir. Eu inclinei sobre suas costas e lhe dei um beijo na boca com força, devorando-a como queria fazer com o meu pau.

Eu sabia que estava pronta, então saí dela e apliquei um lubrificante quente na sua bunda. Ela se assustou no mesmo instante em que sentiu o líquido, temendo o que viria depois .

Eu coloquei meus dois dedos na sua bunda e movi lentamente, ainda com a minha ereção, movendo-se dentro dela. Eu queria que ela gostasse tanto quanto eu gostava. Minha mão foi até o seu clitóris, e esfreguei com força, tentando excitá-la como antes.

Quando se acostumou, voltou a pressionar sua bunda contra mim , querendo ter dentro dela até a último centímetro do meu pau. Ela gemeu baixinho, apreciando o despertar de todas as terminações nervosas do seu corpo.

Eu mal podia me conter. Eu estava com uma linda mulher pressionando sua bunda contra mim desesperadamente. A minha virilha estava molhada ao redor do meu pau e meus dedos adoravam como sua bunda era apertada. Não podia esperar para entrar nela, para sentir seu estreito canal.

Lentamente tirei meus dedos e agarrei o plug anal. Enfiei a ponta curva na sua bunda e empurrei suavemente até enfiá-lo por inteiro. O plug quase escorregou, devido a sua excitação.

Minha mão continuou trabalhando no seu clitóris, e eu não conseguia tirar os olhos da joia que apontava para mim. Nunca tive problemas para conter meu orgasmo até o final, mas ela me enfraquecia. Eu tive um monte de sexo selvagem na minha vida, mas foder o Botão era o melhor. Ela possuía o corpo perfeito, a alma perfeita era o tudo perfeito... tudo.

Eu a fodi por alguns minutos, diminuindo o ritmo quando ela estava à beira de gozar, e depois eu voltava a excitá-la. Eu poderia lhe causar orgasmos múltiplos, mas queria guardar para o final. Eu queria que ela entendesse como era prazeroso fazer sexo anal.

Quando ela estava dilatada e pronta para mim, tirei o plug e rapidamente enfiei meu pau, antes que ela se contraísse. Deslizei a ponta e depois empurrei lentamente.

Ela ficou tensa sob mim, desconfortável com a minha espessura e meu comprimento.

—Relaxe.

— Porque você não tenta relaxar quando estiverem colocando uma bola de futebol na sua bunda.

A maneira como ela respondeu me deixou ainda mais excitado. Enfiei o resto até o fundo, para tocar sua bunda com as minhas bolas.

Ela soltou um grito ante a invasão. Não se afastou, mas se arqueou debaixo de mim.

—Dói...

—Você pode usar a palavra de segurança em qualquer momento. A palavra desta noite é gelo. —Sempre a lembrava, no caso de ter esquecido. Queria que se ela fizesse, fosse porque estava disposta, e não porque estava sendo obrigada a fazer. — Mas eu espero que você não a use. —Agarrei seu pescoço e a coloquei contra o colchão. Coloquei um pé na cama e dobrei o joelho para obter o melhor ângulo.

E então fodi a sua bunda.

Ela gemeu de dor ao sentir meu pau entrando e saindo. Havia muito para enfiar e era normal sentir desconforto.

—Deus... que delícia. Sua bunda era ainda mais apertada do que boceta. Se ajustava em torno do meu pau com uma pressão que quase me machucava. Enterrei meu pau dentro dela e senti como meu peito doía de prazer. Seus gritos silenciosos me excitavam ainda mais. Adorava saber que ela sentia dor por causa da minha ereção.

Eu esfregava o seu clitóris enquanto eu movia em seu interior, desejando que ela começasse a gostar da sensação na sua bunda. Pearl relaxou imediatamente para mim, estava visivelmente mais solta. —Botão, massageia seu clitóris para mim. —Apartei minha mão e vi como ela foi substituída pelo sua.

Ela esfregava o clitóris com as pontas dos dedos. Eu podia ver seus dedos por baixo da sua bunda.

Eu aumentei a intensidade das minhas investidas e fodi mais forte. Soube o momento em que ela começou a apreciar, porque os gritos se transformaram em gemidos. Ficavam mais fortes a medida que o tempo passava. Ela parou de tocar o clitóris e se dedicou simplesmente a desfrutar.

—Oh, meu Deus...

Eu sabia o que viria depois. Eu podia sentir enquanto seu corpo arqueava.

—Eu vou gozar... Não posso acreditar. Eu a fodi mais forte.

—Botão, goze para mim.

Ela gritou mais do que nunca. Explodiu como fogos de artifício e gritou quando o orgasmo a inundou. Se retorcia debaixo de mim, os quadris se movendo em resposta. Seus gemidos duraram uma eternidade, desfrutando de um orgasmo longo que não teria sido possível sem um pouco de dor.

Quando Pearl terminou, finalmente me deixei ir. Me dediquei a sua bunda com entusiasmo, e a fodi como um animal. Sua bunda se contraía com cada impulso, e minhas bolas batiam na sua pele quando ela se mexia comigo. Seus gemidos se transformaram novamente em gritos pela dureza dos meus movimentos.

Então eu gozei.

—Merda. — Agarrei seus o quadris enquanto eu esvaziava dentro, preenchendo-a com ondas de sêmen branco. Toda minha ereção estava enviada na sua bunda, e lhe dei até a última gota, querendo estar dentro dela mais tempo possível. Eu adorava saber que ela andaria pela minha propriedade com a minha porra ainda no seu interior, na bunda, boceta e na garganta—Botão, sua bunda é maravilhosa.

Ela separou as nádegas enquanto eu tirava meu pau. Fez uma careta quando terminei de tirar, porque a bunda dela teve que se ajustar. Então soltou são as nádegas e suspirou em cima da cama, ao mesmo tempo esgotada e satisfeita.

Eu deitei ao seu lado, com as pálpebras pesadas por causa do orgasmo que quase me dividiu em dois. Botão me dava tanto prazer que não sabia como aceitá-lo. Era melhor com ela do que com qualquer outra mulher que tive.

—Cinco.

Eu virei para ela quando a ouvi falar. Não tinha certeza do que ela disse, então continuei olhando.

—Cinco botões.

Sorri e depois olhei para o teto, sabendo que ela falaria aquilo antes de eu mesmo ter a oportunidade falar.

Capítulo 24

Pearl

Mas que merda estava acontecendo comigo?

Estava encarcerada em uma bela mansão no meio de um vinhedo, e estava fazendo sexo deslumbrante... do qual eu estava desfrutando completamente. Quando o Crow, estava dentro de mim, não pensava em ninguém exceto ele. Não pensava no namorado que eu havia deixado para trás, o homem que ainda sofria pela minha ausência. Nossa relação estava começando a se estabilizar quando eles me levaram.

Eu era uma pessoa horrível. Malvada.

Quanto mais tempo passava ali, menos eu pensava no Jacob e ao perceber aquilo eu me odiava ainda mais. Estava me esquecendo dele lentamente, aceitando a minha nova vida por completo. A Itália era a minha casa.

Que tipo de pessoa eu era?

A culpa pesava como uma rocha e quase não me deixava respirar. Eu estava me afogando no meu próprio egoísmo. Enquanto o Jacob estava sofrendo em casa por minha causa, eu estava trocando botões com um homem possessivo que só estava disposto a vender a minha liberdade... em troca de favores sexuais. E eu gostava.

Não poderia continuar vivendo daquela forma por mais tempo. Quando eu parava de pensar no Jacob, me sentia melhor. Mas quando eu percebia que tinha parado de pensar nele, me sentia ainda pior. Precisava fazer alguma coisa.

Crow veio naquela noite ao meu quarto. Eu não desci para o café da manhã, nem para o jantar, e ele não me exigiu. Ele me dava espaço quando entendia que eu precisava. Mas quando o silêncio era prolongado, Crow tomava a iniciativa.

Ele sentou ao meu lado no sofá, com sua calça de moletom e camiseta. O tecido, realçando os músculos do seu corpo. Seu corpo exalava uma sensualidade. Era o homem mais bonito que eu conhecia

.

— O que está acontecendo, Botão?

Eu não tinha certeza se deveria falar, mas não tinha escolha. Crow era o único amigo que eu tinha feito desde o sequestro. Apesar de sua escuridão, eu podia confiar. Poderia contar coisas que eu não

contaria a mais ninguém. —Me sinto culpada, e não consigo me livrar da culpa.

— Por que você se sente culpada? — Colocou o braço sobre o encosto do sofá, e senti sua pele quente contra o meu pescoço.

—Por nós dois.

Ele inclinou seu rosto na minha direção, esperando por uma explicação.

—Você me sequestrou, mas nem por isso paro de gostar de transar com você. Você me mantém aqui contra a minha vontade, mas eu confio em você. Já me deu uma bofetada e me bateu com o cinto, mas eu me sinto segura com você.

—Isso não é motivo para você se sentir culpada. Estamos atraídos um pelo outro. Ele não entendia. —Tenho namorado... —Crow sabia de sua existência. Ele pesquisou sobre a minha vida. —E eu me sinto mal por desfrutar com você quando ele está em casa doente de preocupação por mim. Não sabe o que aconteceu comigo. Provavelmente, não consegue nem dormir, nem pensar...

Crow ficou tenso ao meu lado, claramente irritado pelo assunto. —Agora você é minha, Botão. Esqueça dele.

—Mas não posso. Nós morávamos juntos. Estava juntos há um ano. Tivemos momentos difíceis, mas eu sei que eles não alteraram os nossos sentimentos. Eu sei que ele está tentando sobreviver a cada dia, rezando para que eu não esteja morta em uma vala qualquer.

Crow desviou os olhos, com as bochechas vermelhas e as narinas dilatadas. A ira estava acumulando em seu interior, atingindo um ponto de ruptura. Então a violência o sacudiu, lhe transformando em um homem que eu não reconhecia.

—Não fique ciumento.

Ele apertou a mandíbula e se conteve, para não falar.

—Por favor, me deixe chamá-lo. Dizer que eu estou bem, e que estarei de volta em um ano. —Aquilo aliviaria parcialmente meu sentimento de culpa. Jacob, saberia que eu estava viva e bem cuidada. Que não estava sendo drogada em um bordel em qualquer parte do Oriente Médio. Estava vivendo em um lugar de luxo, com um homem que me protegia.

—Você não fará essa chamada. —Crow Apartou meu

braço e se afastou para a borda do sofá.

Colocou seus braços sobre os joelhos, com a cabeça inclinada, olhando para o chão.— Não se sinta culpada por nada. Nem, sequer pense nele. Finja que ele não existe. — A raiva estava fervendo em sua voz—Ele é um pedaço de merda. Nem ouse pensar nele.

Eu sabia que o Crow era possessivo no que se referia a mim, mas nunca suspeitei que ele era do tipo ciumento. Eu era sua escrava, seu brinquedo. Em nenhum momento seria sua namorada. Nunca seria sua amante. Ele tinha deixado aquilo bem claro.

—Por favor, deixe-me chamá-lo. Apenas dois minutos. Ele se levantou, seus braços tremiam.

—Não.

—Não vou dizer onde estou, está bem?

Ele se virou, me dando um olhar que me assustou muito.

—Não. E acabou.

—Crow...

—Você está proibida de pensar sobre isso. Fim da história.

— Proibida? —Perguntei— Crow, não existe motivo para você ter ciúmes.

—Não estou com ciúmes —Gritou.— Odeio aquele imbecil com todas as fibras do meu ser. Me escute e ponto. Não pense nele. Esquece que você o conheceu algum dia.

Havia algo na conversa que não se encaixava. Crow declarou que não sentia ciúmes, mas estava com muita raiva, mais irritado do que nunca .

— O que você não está me contando?

Ele evitou meus olhos, desviando a visão para a lareira apagada.

— Crow?

Sua mandíbula se apertou ainda mais, se recusando a falar.

Fiquei de pé, enquanto minhas suspeitas aumentavam. Eu já havia

passado muito tempo perto do Crow para entendê-lo. Seu humor não se parecia com aquele. Sua raiva não aparecia por nada. Ele tinha um motivo para cada uma das suas ações. Havia uma explicação para sua irrigação.

— Me diga. Agora. —Ele só respondia à força. Quanto mais eu pressionava, mais ele falava. Ele não cedia por fraqueza, mas por respeito.

Ele olhou para mim, seus olhos castanhos se debatendo.

—Eu sou capaz de suportar.

Ele continuou em silêncio por mais alguns segundos antes de falar. —Eu não queria te contar. Não vejo de que serviria contar.

— Contar o quê? —Mas não permitirei que você se sinta culpada por desfrutar comigo, um homem de verdade. Não vou permitir que você pense que ele está em casa procurando por você. Não vou permitir que você pense que aquele filho da puta te quer.

Suas palavras estavam me assustando. Eu fiquei realmente assustada.

Ele desviou o olhar por um momento, olhando para o chão antes de voltar a olhar para mim.

—Foi ele que te vendeu. —Suas palavras sacudiram o ar como bombas atômicas. Cada uma explodiu com força suficiente para derrubar montanhas.

Eu ouvi o que ele disse. Eu entendi perfeitamente. Mas meu cérebro rejeitava, porque era inconcebível.

—O que você disse?

—Te levou para o porto, porque era o local no qual eles haviam combinado de se encontrarem. Ele deveria te entregar e ir embora. —Mas ... ele foi jogado no chão.

—Era parte do plano. Ele não queria que você soubesse que ele era o responsável. — A ferocidade ainda queimava nos olhos Crow. Sua raiva aumentou com cada segundo que se passou, se espalhando por todos os cantos do quarto.

—Ele não faria isso. —Me recusava a acreditar. Nossa relação foi turbulenta por meses, mas foi devido ao fato de que, ele precisava obter dinheiro rápido. —Não.

—Ele tinha sérias dívidas de jogo. Se não devolvesse o dinheiro, ele seria morto. Ele conseguiu cem mil dólares por você, porque você é americana e bonita.

Meu estômago contraiu, como se fosse apunhalado. Lembrei do homem nojento que foi ao nosso apartamento à procura do Jacob. Ele disse que o Jacob lhe devia dinheiro. Eu não dei importância naquela época, supondo que era algum engano, ou que o Jacob tinha perdido cem dólares em uma rodada de pôquer. Mas depois da confissão do Crow tudo fazia sentido. Tudo começava a se encaixar.

Cruzei meus braços sobre o peito e sentia a humilhação aderindo à minha pele como se fosse umidade. Durante todo o tempo, eu lutei contra o sentimento de culpa pelo meu relacionamento com o Crow. Aceitei o nosso acordo só para conseguir voltar para a casa, para a minha vida. Mas naquele momento eu entendi que não existia nenhuma vida me esperando em casa. Jacob nunca conseguiu outro emprego. Ele usou o dinheiro que recebeu para me levar as Bahamas com a intenção de me deixar lá.

Ah, Deus.

Eu cobri minha boca enquanto as lágrimas estavam queimando nas profundezas do meu coração. Elas não surgiram por trás dos meus olhos como acontecia normalmente. Eles se infiltraram da minha alma quebrada.

Crow me olhava. A raiva desapareceu e foi substituída pela tristeza.

—Não queria te contar.

Eu não queria sua piedade. Estava escrito em seu rosto. Para ele, eu não era mais do que uma garota estúpida que acreditava em coisas estúpidas. Meu namorado me traiu em troca de um pouco de dinheiro. Quando ele estava no fundo do poço, eu fiquei ao seu lado. Mas quando ele se meteu em problemas, imediatamente se virou contra mim. Me vendeu para uma gangue de traficantes, sabendo exatamente o que iria acontecer comigo.

E ele me vendeu de todas maneiras.

O que eu estava sentindo não poderia ser descrito como um coração partido. Tampouco como uma traição.

Não havia nada em qualquer língua humana capaz de descrever a agonia que me partia por dentro. Quem me olhasse naquele momento, simplesmente acharia que eu estava calma. Mas por dentro eu estava

rompendo em pedaços. Todas as minhas forças para sobreviver e voltar para casa tinham desaparecido. Jacob era a única família que eu tinha. Então eu não tinha motivo para voltar para minha casa. Não havia ninguém esperando por mim.

Me virei para a porta, porque eu precisava sair dali. Não podia suportar a compaixão do Crow nem por mais um segundo. Eu odiava o reflexo da minha dor em seus olhos. A única coisa que eu queria fazer era sair... e nunca mais voltar.

—Botão. —Sua voz soou amável me tranquilizando, mas foi só por um momento.

Deixei o quarto sem olhar para trás. Meus pés me levaram até a entrada e saí pela porta da frente. Meu corpo era incapaz de suportar a dor que me afligia nas profundezas do estômago. Eu não sabia como digerir aquele tipo de agonia. Foi pior do que qualquer coisa que eu tinha experimentado com o Bones. Preferia estar presa àquilo.

Eu não enxergava bem na escuridão, então entrei cambaleando pela noite. Soube que eu havia chegado nos vinhedos quando senti as folhas roçando minhas pernas. Segui o caminho de terra que percorria as fileiras, caminhando em linha reta. Quando estava longe o suficiente de casa, e por fim completamente sozinha, senti as lágrimas brotando dos meus olhos.

Cai de joelhos no meio do campo e soluzei onde ninguém podia me ouvir. Me rendi ao meu coração quebrado e deixei que saísse tudo. Eu soube que havia chegado no fundo do poço quando me dei conta que não havia ninguém me esperando em casa. Meus pais estavam muito ocupados com as drogas e o álcool para se preocuparem em ir a polícia. Meu próprio namorado, me vendeu por um cheque. Eu não tinha ninguém. Não era ninguém.

Os regadores ligaram, espirrando água gelada no meu rosto. Meus olhos se abriram imediatamente, enquanto minha roupa e meu cabelo estavam sendo encharcados. Sentei e deixei que as gotas deslizassem pelo meu nariz.

O sol acabava de sair sobre as colinas, banhando o vale com uma luz laranja. A noite tinha passado, mas a escuridão havia ficado. Chorei até dormir e senti que meus olhos secaram, enquanto a agonia continuava aninhada no meu coração.

Nunca me senti tão devastada, não da maneira em que estava. Quando acordei, eu queria que o ocorrido na noite anterior não tivesse

passado de um pesadelo. Mas olhando os campos ao meu redor, soube que aquela era a mais crua realidade.

Fiquei de pé, e fui seguindo a fileira, que estava húmida por causa dos regadores. Minha roupa estava encharcada e grudada ao meu corpo. Meu cabelo estava grudado na nuca. Eu estava descalça, e a tinha terra entre meus dedos.

Voltei caminhando para casa, sabendo que quando eu chegasse o Crow já teria saído para o trabalho. Não precisaria falar com ele, nem ver seus patéticos olhares de compaixão. Seria possível que o Lars me olhasse com desdém quando eu espalhasse barro pela casa. Mas naquele momento nada me importava.

Eu fui direto para o meu quarto no segundo andar e fiz uma careta quando encontrei o Crow sentado ali. Ele não usava um terno, nem seu cabelo estava penteado. Ele estava com a mesma roupa da noite anterior. Estava claro que ele não havia saído dali a noite toda.

Sobre a cama, havia uma bandeja de café da manhã com ovos mexidos, tomate e fatias de bacon. Em um vaso tinha uma rosa, vermelha, a mesma que havia no dia em que cheguei.

Ele levantou o rosto e olhou para mim, ainda com ar compassivo. Não me fez nenhuma pergunta, o que foi um alívio. A preocupação dançava no seus olhos, como se ele estivesse passado a noite toda preocupado comigo.

Eu não sabia o que dizer, então falei a primeira coisa que me veio à cabeça.

— Vou tomar um banho. — Eu parecia um gato molhado que ficou preso na lama. Cheirava como um animal de fazenda.

Ele assentiu.

Entrei no chuveiro e fiquei debaixo da água quente. O barro encheu o ralo e desapareceu pelos buraquinhos. Meu cabelo estava cheio dele, e meus pés estavam ainda piores.

A porta abriu e o Crow se aproximou das minhas costas, totalmente nu em toda sua glória. A água deslizava pelos seus músculos e pelas suas poderosas coxas. A água jogava o seu cabelo para trás, e a sua barba ficou mais espessa com o passar da noite.

Mas eu não senti absolutamente nada.

Ele ensaboou as mãos esfregou as palmas contra a minha pele. Me

limpou com suas mãos, massageando meu pescoço e meus ombros para eliminar toda sujeira que havia se penetrado nos meus poros. Inclusive ele limpou minhas mãos, esfregando o barro que estava debaixo das minhas unhas. Me lavou com doçura, tomando seu tempo. Seu pau não ficou duro enquanto ele me tocava. Mas é claro, como poderia? Eu não era nada mais do que uma garota tonta e suja debaixo do chuveiro.

Em seguida, lavou meu cabelo, esfregando para remover a sujeira das mechas. Seu dedos fortes massageavam meu couro cabeludo, confortando-me da única maneira que podia. Levantou meu queixo e colocou as mãos no meu rosto. Seus olhos estavam carregados de pena, foi primeiro sinal de compaixão verdadeiro que eu já havia visto em rosto. Depois se inclinou, e me deu um beijo suave nos lábios.

—Eu o farei pagar por te ferir desta forma. É uma promessa.

Ele era a única pessoa que se importava com o que acontecia comigo. Quando algum homem tentou me violar, ele me protegeu. Quando alguém me olhava, ele saltava. Havia me dado um lar onde eu me sentia segura. Me respeitava, inclusive me adorava. Apesar da sua escuridão, era o melhor homem que eu havia conhecido.

—Eu sei.

Crow trabalhou de casa por toda a semana. Ele entendia que eu necessitava do meu espaço, mas ficou próximo, para o caso de eu mudar de opinião. Ele vinha até o meu quarto a cada hora para verificar como eu estava.

Eu passei a maior parte do tempo sozinha. Passeava pelos campos durante o dia, acompanhada pelo vento e pelas uvas. O sol queimava meus ombros, mas o seu calor me fazia sentir viva.

Nadava na piscina e fingia que estava morta na superfície, deixando meu corpo flutuar. Observava o céu e tentava dormir. Queria deslizar debaixo da água e me afogar. Antes eu tinha terror de morrer, mas com o passar do tempo o terror desapareceu. Entrar naquela escuridão parecia melhor do que viver pesadelo em que eu estava.

Eu fui vendida por um monstro a outro monstro. Depois um animal me capturou. O mundo era mais escuro e aterrorizante do que eu jamais poderia imaginar. O mundo era egoísta, movido pela ganância e poder. Eu não era nada mais do que um peão no jogo, como todos os outros. Mas eu era uma das sortudas. Poderiam ter me

drogado e me colocado em um bordel no México. Eu não saberia o que me aconteceu até que tivesse passado o efeito das drogas. Mas então eu seria drogada de novo... e de novo.

Era um pensamento triste, considerar que eu tive sorte.

Eu passava todas as noites sozinha no meu quarto. A maior parte do tempo não dormia. Só ficava olhando para a parede e pensando o que o Jacob estaria fazendo naquele momento. Será que ele já tinha me esquecido e estava com outra mulher? Alguma vez se sentiu culpado pelo que tinha feito?

Ou simplesmente estava aliviado porque sua dívida estava paga?

Alguma vez signifiquei algo para ele?

Ele se forçou a chorar ao contar para todo mundo o que havia acontecido? Enganou as pessoas fazendo-as acreditar que realmente estava triste por me perder? Já não falava sobre mim? Eu Já tinha passado seis meses fora de casa. Aquilo era muito tempo.

Minhas noites sempre estavam cheias de pesadelos. Às vezes incluía Bones. Outros a Jacob. E quase sempre estavam ambos incluídos. Jacob estava rodeado com montanhas de dinheiro, enquanto Bones me apunhalava com um a faca e me fodia ao mesmo tempo. Sempre acordava molhada, de tanto suar frio.

Aquela noite era como todas as outras. Sentei na cama e meus olhos foram até o pote sobre a mesinha. Dentro havia sete botões, brilhando sob a luz da lua.

Fiquei olhando para eles, e pensei o que deveria fazer. Crow me disse que essa era nossa moeda de cambio que compartilhávamos. Ele pagava pelo que queria, e eu pagava por coisas que queria. Naquela momento, eu queria algo.

Ele já tinha me negado antes, mas talvez um botão o faria mudar de ideia. Peguei um dos botões do pote e subi ao meu quarto. A porta estava fechada como de costume, então eu bati.

Ele respondeu um segundo mais tarde, sem camisa com ar de cansaço. Seus cabelos despenteados e os olhos expressaram o seu esgotamento. Não olhou para mim com irritação, como normalmente fazia. Agora ele estava preocupado.

Segurei o botão no alto e depois coloquei na palma da sua mão.

— Posso dormir com você? —Um botão em troca de uma noite de descanso parecia justo. Mas daria dois botões, se ele realmente quisesse negociar. Não me importava o preço. Só queria estar na mesma cama com ele, permitindo que ele espantasse meus pesadelos.

Ele olhou para o botão que tinha na palma e passou polegar pelas ranhuras. Depois virou do outro lado, sentindo os buraquinhos no meio. Apertou o botão entre o indicador e o polegar, antes de pegar minha mão e colocá-lo dentro da palma. —Dobrou meus os dedos, fechando minha mão.

—Pode ficar com o botão... desta vez.

Levei a mão ao peito, valorizando o pagamento que não tive que fazer. Ficar com o botão não me importava. Tampouco me importava minha liberdade. Mas o gesto, a bondade, significou um mundo para mim.

Crow beijou a canto da minha boca antes de me dirigir até seu quarto. Deitou junto a mim na cama e me rodeou com seus braços, dormindo comigo, como eu gostava.

Coloquei o botão na mesa de cabeceira, ao lado de sua lâmpada, onde eu pudesse pegá-lo na manhã seguinte. Ele brilhava à luz do seu alarme de relógio, imaculado e brilhante.

Crow me abraçou junto ao seu peito e depositou um beijo no lado do meu pescoço. — Boa noite, Botão.

Eu me agarrei ao seu braço ao redor do meu peito, utilizando como âncora.

Peguei seu braço em volta do meu peito, usando-o como uma âncora. É o que fiz.



Notas

[←1]

"all inclusive" tudo incluído. Típico em resorts no Caribe.

**Downton Abbey*—série de tv que seguia a vida da família Crawley e dos funcionários deles na virada do sec, 20.

Table of Contents

1

2

←1

←2